



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Mwewa Lumbwe

**Tradução comentada da versão swahili para o português brasileiro do livro *Vraiment Congo, une tribu!* de Yaya Asani: histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo**

Florianópolis  
2023

Mwewa Lumbwe

**Tradução comentada da versão swahili para o português brasileiro do livro *Vraiment Congo, une tribu!* de Yaya Asani: histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa  
Coorientador: Prof. Dr. Phinéés Yumba Musoya Banza

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lumbwe, Mwewa

Tradução comentada da versão swahili para o português brasileiro do livro *Vraiment Congo, une tribu!* de Yaya Asani : histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo / Mwewa Lumbwe ; orientador, Walter Carlos Costa, coorientador, Phinéés Yumba Musoya Banza, 2023.

201 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução comentada. 3. República Democrática do Congo. 4. Histórias incomuns e intensas. I. Costa, Walter Carlos . II. Banza, Phinéés Yumba Musoya . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Mwewa Lumbwe

**Tradução comentada da versão swahili para o português brasileiro do livro *Vraiment Congo, une tribu! de Yaya Asani*: histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 20 de abril de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Walter Carlos Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Phinéés Yumba Musoya Banza  
Universidade de Kamina (RDC)  
Profa. Dra. Yeda Antonita Pessoa de Castro  
Universidade Federal da Bahia  
Prof. Dr. Kabengele Munanga  
Universidade de São Paulo  
Profa. Dra. Dirce Waltrick do Amarante  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof. Dr. Walter Carlos Costa  
Orientador

Florianópolis, 2023.

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é o fruto da plantinha que vocês dois plantaram na noite 07 de junho de 2018, às 23 horas, quando eu quase desisti de fazer a inscrição para a seleção do doutorado na PGET uma hora antes de fechar o sistema para inscrição. A partir daquele momento, eu fiquei obedecendo a sua voz, **Roberta Lira**, (artista que eu conheci pela recomendação de um dos meus filhos, o artista François Muleka, e que me apresentou este programa de pós-graduação dizendo que seria o meu lugar) que dizia: “Escreva Mwewa, uma hora é muito tempo, você vai conseguir terminar!”. Ao mesmo tempo, sentindo a sua empatia no olhar carinhoso e fortalecedor, **Muleka Ditoka wa Kalenga** (meu marido, pai da minha família, companheiro há 50 anos e professor, que sempre está ao meu lado.). Por isso, essa dedicatória lhes pertence e eu a faço com muito amor no coração e agradecimentos ao nosso pai celestial, nossos ancestrais africanos e congolese e a vocês dois, minha madrinha e minha glória!

## AGRADECIMENTOS

À força divina e criadora de Deus, pela minha vida, pela enorme família e pelos(as) numerosos(as) amigos(as) que eu tenho.

À Héléne Lumbwe Kitungulu, minha mãe, que acompanhou a minha volta aos estudos de 2000 a 2014 e agora está com 93 anos.

Às minhas irmãs Agathe B. Mwewa e Yolande N. Mwewa, minha sobrinha Patricia Ngoie Yokali pelo apoio incondicional, assim como toda minha família por existirem na minha vida.

A Elvis Muleka Kimba, Christian Muleka Mwewa, Alpha Petulay Muleka Kalenga Mushimbi, Francisco Modesto Muleka Ngoy (François Muleka) e Jacqueline Marissol Omega Muleka Mwewa Mwaba (Marissol Mwaba), meus/minhas filhos(as), pelo carinho e participação em todas as minhas atividades.

A Françoise Petulay Ngoy Kinzanza Santana Maia, Vinicius dos Santos Muleka, Malaika Gomis, Isadora Mwewa, Sophia Helena dos Santos Muleka, Evelin Luana Muleka, Mateus E. dos Santos Muleka e Luiz Fortunato Rocha El Assal Muleka, meus/minhas netos(as) queridos(as), pelo amor incondicional que sempre me transmitem.

A Peguy Mukidi, Linden Kinko Mabamba e todos(as) os/as meus/minhas filhos(as), netos e netas de coração, pelo carinho e afeto recebidos dia a dia.

Ao Prof. Dr. Walter Carlos Costa, meu orientador e amigo, que me aceitou como orientanda e está comigo na caminhada de pesquisa e elaboração deste trabalho desde 2018.

Ao Prof. Dr. Phinéés Yumba Musoya Banza, meu coorientador, por ter aceitado este desafio de poder coorientar uma pesquisa de tese a ser escrita numa língua estrangeira.

À Universidade de Kamina e ao seu reitor, Prof. Dr. Banza Kikwike Paulin pelo apoio durante a pesquisa de campo.

Aos professores e professoras da PGET, pelas disciplinas e orientações recebidas ao longo dos 4 anos do meu doutorado.

Às Profas. Dras. Andreia Guerini e Marie-Hélène Catherine Torres por terem me aceito como estagiária.

À professora Dirce Waltrick do Amarante, pela amizade.

Aos membros das minhas bancas de qualificação e defesa, Profas. Dras. Yeda Antonita Pessoa de Castro, Dirce Waltrick do Amarante e Marie-Hélène Catherine Torres, assim como ao Prof. Dr. Kabengele Munanga pelas orientações e bibliografia recebida.

Aos meus/minhas colegas da PGET, que compartilharam comigo trabalhos e amizade. A vontade que eu tenho é de escrever o nome de cada um(a) de vocês, mas sei que cada um(a) sabe do apreço e carinho que eu tenho.

À secretaria do PGET reservo uma imensa gratidão às pessoas que com dedicação me ajudaram a resolver meus problemas estudantis.

À Hilaire Inabanza Lupela, Maguy Kilufya Sumi e toda a família Kabengele, pelo amparo familiar que estou recebendo aqui no Brasil.

À Maria José Estevan dos Santos, Alice Rocha El Assal, pelo apoio logístico que sempre me proporcionam.

À Maria de Lourdes Teodoro e família; Hernani Henrique F. França e família; Milen Viegas Amorim e família; Izabel Figueiredo e família; Ivone Gonçalves Nery e família; Esther Sá e família; Washington Santos; Isabel Ferreira e família, pela amizade e confiança.

Agradecimentos especiais reservados para Ana Carolina de Freitas que está sempre do meu lado junto como Brenda Bressan Thomé e Vanda Bastos, que eu chamo carinhosamente de Anjas da minha vida.

Ao Embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Democrática do Congo Mutombo Bakafwa Nsenda e toda equipe da Embaixada da RDC no Brasil pela assistência e apoio de sempre.

Por fim, agradeço à CAPES, pela bolsa recebida durante 4 anos e 6 meses para permitir a minha dedicação exclusiva aos estudos e pesquisa.

À Associação de Tradutores e Intérpretes Profissionais do Congo pelo apoio e compartilhamento de conhecimento.

Ao professor emérito Crispin Maalu-Bungi, diretor do Centro Congolês de Terminologia e Lexicografia “CECOTEL”, na Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Kinshasa, na RDC, pelo apoio e compartilhamento de conhecimento em línguas bantos da RDC.

Este trabalho só foi possível com a colaboração do autor da obra utilizada como corpus desta tese, Yaya Asani/Marcel Yabili, a quem agradeço de todo coração.

“Bendita seja a música a música, que sabe abraçar quando abraço é o que se precisa. Bendita seja quando a solidão grita quando o porquê se esconde, quando o corpo descola ou quando a voz nos abandona. Bendito seja o som, agora e para sempre.

AMÉM”.

(MWABA, 2018, n.p)



## RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é traduzir e comentar a versão swahili da obra *Vraiment Congo, une tribu!* de Yaya Asani (2015) para o português brasileiro. Os objetivos específicos são: preencher a lacuna de traduções de línguas bantos da República Democrática do Congo para o português brasileiro; trazer a língua swahili da RDC para o repertório de tese da PGET/UFSC e contribuir para o cumprimento da Lei 10.639/03. Yaya Asani, como assinou nesta obra ou Marcel Willy Asani Yabili nasceu em 01/05/1945 na cidade de Lubumbashi, província de Katanga, atual Haut Katanga. Formado em Direito, trabalhou como advogado durante 45 anos e hoje é escritor e formador de opinião nacional e internacional na mesma cidade.. A obra foi publicada em livro impresso, Kindle e audiolivro nas três línguas. Com a preocupação de identificar a língua de partida, emitimos três hipóteses: o autor escreveu em francês e depois traduziu/adaptou para as duas outras línguas; o autor escreveu paralelamente as três versões baseado nos temas enunciados em francês; a língua de partida é uma das línguas bantos, swahili ou lingala. Para resolver este problema, nos embasamos nas teorias de Yves Gambier (1992) que nos levou a reflexão da relação entre "tradução" e "adaptação", Anthony Cordingley (2013) que nos fez refletir sobre a intermedialidade do autotradutor em algumas vezes interpretando também para o seu próprio "eu". Além disso, analisamos a quantidade das informações de cada língua, para então descartar a terceira hipótese e manter as duas primeiras. Quanto ao nosso processo de tradução da versão swahili para o português brasileiro, seguimos as teorias de Antoine Berman (2013) sobre uma perspectiva da articulação consciente da experiência da tradução que pode se abrir e se (re) encontrar na reflexão. Reflexão esta que nos levou a traduzir as legendas das imagens e as notas, que estão escritos somente em francês, mas que farão a diferença para o leitor entender melhor as histórias contadas pelo autor, mas entendendo também a história e culturas da República Democrática do Congo. Os comentários da nossa tradução foram baseados nas decisões tradutórias de algumas expressões culturais próprias ao povo da RDC e que tivemos que interpretar para a cultura brasileira. Para isso, seguimos a orientação de Marie- Hélène Torres na obra *Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução*. (2017). Por fim, consideramos que a primeira hipótese pode se confirmar pela análise quantitativa dos textos, legendas e notas escritos somente em francês; a segunda hipótese pode também se confirmar mas, se o francês não é a língua de partida, ela é essencialmente a língua principal de “*Vraiment Congo, une tribu!*”.

**Palavras-chave:** Línguas bantos da República Democrática do Congo; Swahili; Tradução comentada; Português brasileiro; Yaya Asani.

## RESUMÉ

L'objectif principal de cette recherche est de traduire et commenter la version swahili de l'ouvrage *Vraiment Congo, une tribu !* de Yaya Asani (2015) en portugais brésilien. Les objectifs spécifiques sont les suivants : combler le déficit de traduction des langues bantoues de la République Démocratique du Congo vers le portugais brésilien ; apporter la langue swahili de la RDC au répertoire de thèses du PGET/UFSC et contribuer à l'accomplissement de la loi 10.639/03. Yaya Asani, tel que signé dans cet ouvrage ou Marcel Willy Asani Yabili est né le 01/05/1945 dans la ville de Lubumbashi, province du Katanga, actuel Haut Katanga. Diplômé en droit, il a travaillé comme avocat pendant 45 ans et est aujourd'hui écrivain et formateur d'opinion national et international dans la même ville. L'ouvrage a été publié en version imprimée, Kindle et livre audio en trois langues. Soucieux d'identifier la langue source, nous avons trois hypothèses : l'auteur a écrit en français puis il a traduit/adapté dans les deux autres langues ; l'auteur a écrit les trois versions en parallèle à partir des thèmes énoncés en français ; la langue source est l'une des langues bantu, swahili ou lingala. Pour résoudre ce problème, nous nous appuyons sur les théories d'Yves Gambier (1992) qui nous a amené à réfléchir sur la relation entre "traduction" et "adaptation", d'Anthony Cordingley (2013) qui nous a fait réfléchir sur l'intermédialité de l'auto-traducteur, interprétant parfois aussi pour soit même. De plus, nous avons analysé la quantité d'informations pour chaque langue, afin d'écartier la troisième hypothèse et de maintenir les deux premières. Quant à notre processus de traduction de la version swahili vers le portugais brésilien, nous suivons les théories d'Antoine Berman (2013) sur une perspective d'articulation consciente de l'expérience de traduction qui peut s'ouvrir et se (re)trouver dans la réflexion. Cette réflexion nous a amené à traduire les légendes des images et les notes, qui sont écrites uniquement en français, mais qui feront la différence pour que le lecteur brésilien comprenne mieux les histoires racontées par l'auteur, mais aussi la compréhension de l'histoire et des cultures de la République Démocratique du Congo. Les commentaires de notre traduction se sont basés sur les décisions de traduction de certaines expressions culturelles typiques du peuple de la RDC et que nous avons dû interpréter pour la culture brésilienne. Pour cela, nous suivons les indications de Marie-Hélène Torres dans l'ouvrage *Littérature traduite : traduction commentée et commentaires de traduction*. (2017). Enfin, nous considérons que la première hypothèse peut être confirmée par l'analyse quantitative des textes, sous-titres et notes rédigés uniquement en français ; la deuxième hypothèse peut également être confirmée mais, si le français n'est pas la langue source, il est essentiellement la langue principale de « *Vraiment Congo, une tribu !* ».

Mots clés : Langues bantoues de la République Démocratique du Congo; Swahili; Traduction commentée; Portugais brésilien; Yaya Asani.

## ABSTRACT

The main objective of this research was to translate and comment on the Swahili version of the work *Vraiment Congo, une tribu!* by Yaya Asani (2015) into Brazilian Portuguese. The specific objectives were to fill the gap in translations from DRC Bantu languages into Brazilian Portuguese; bring the Swahili language of the DRC to the thesis repertoire of PGET/UFSC and contribute to the fulfillment of Law 10.639/03. Yaya Asani, as signed in this work or Marcel Willy Asani Yabili was born on 01/05/1945 in the city of Lubumbashi, province of Katanga, present-day Haut Katanga. Graduated in Law, he worked as a lawyer for 45 years and today he is a writer with a global influence. He studied at two colleges run by Benedictine priests and one run by Salesians. In an interview given and published on the web by the commission of memories of the DRC, he declares that he had never known colonization, since the DRC obtained its independence when he was only 15 years old, in 1960. Before working as a lawyer, he was a freelance journalist. The work was published in three languages, French, Swahili and Lingala. The last two are Bantu languages spoken in the Democratic Republic of Congo. The work was published in printed book, Kindle, and audiobook in the three languages. Concerned with identifying the source language, we made three hypotheses: the author wrote in French and then translated/adapted it into two other languages; the author wrote the three versions in parallel based on the themes enunciated in French; the source language is one of the bantus, Swahili or lingala languages. To solve this problem, we base ourselves on theories, from Yves Gambier (1992, p.421) that led us to reflect on the relationship between "translation" and "adaptation", Anthony Cordingley (2013, p.1) that made us reflect on the intermediality of the self-translator sometimes also interpreting for his own "I". In addition, we analyzed the amount of information for each language, to discard the third hypothesis and maintain the first two. As for our process of translating the Swahili version into Brazilian Portuguese, we follow the theories of Antoine Berman (2013, p. 15) about a perspective of conscious articulation of the translation experience that can open and (re)find itself in reflection. Reflection that led us to translate the captions of the images and the notes, which are written only in French, but which will make the difference for the reader to better understand the stories told by the author, but also understanding the history and cultures of the Democratic Republic of Congo. The comments in our translation were based on the translation decisions of some cultural expressions typical of the people of the DRC and that we had to interpret for the Brazilian culture. For this, we followed the advice of Marie-Hélène Torres "Why and how to research the commented translation" In: *Translated Literature: Commented Translation and Translation Comments*. (2017, p. 15 - 35). Finally, we consider that the first hypothesis can be confirmed by the quantitative analysis of the texts, subtitles and notes written only in French; the second hypothesis can also be confirmed but if French is not the source language, it is essentially the main language of *Vraiment Congo, une tribu!*.

Keywords: Bantu languages of the Democratic Republic of Congo; Swahili; Commented translation; Brazilian Portuguese; Yaya Asani.

## MUHTASARI

Lengo kuu la utafiti huu ni kutafsiri na kutoa maoni kuhusu toleo la Kiswahili la kitabu *Vraiment Congo, une tribu!* Yenye kwandikiwa na Yaya Asani (2015) kwa Kireno cha Brazili. Malengo mahususi ni kama ifuatavyo: kujaza pengo la tafsiri kutoka lugha za Kibantu za Jamhuri ya Kidemokrasia ya Kongo hadi Kireno cha Brazili; kuleta lugha ya Kiswahili ya DRC kwenye mkusanyiko wa nadharia za PGET/UFSC na kuchangia katika utimilifu wa sheria 10.639/03. Yaya Asani, kama ilivyotiwa saini katika kazi hii wala Marcel Willy Asani Yabili alizaliwa tarehe 05/01/1945 katika jiji la Lubumbashi, jimbo la Katanga, Haut Katanga la sasa. Mhitimu wa sheria, alifanya kazi kama wakili kwa miaka 45 na sasa ni mwandishi na maoni ya kitaifa na kimataifa katika jiji hilo hilo. Kazi hiyo imechapishwa kwa kuchapishwa, Kindle na audiobook katika lugha tatu. Tukiwa na shauku ya kubainisha lugha chanzi, tuna dhahania tatu: mwandishi aliandika kwa Kifaransa kisha akatafsiri/kutumika katika lugha nyingine mbili; mwandishi aliandika matoleo matatu kwa sambamba kutoka kwa mada zilizotajwa kwa Kifaransa; lugha chanzi ni mojawapo ya lugha za Kibantu, Kiswahili wala Kilingala. Ili kutatua tatizo hili, tunategemea nadharia za Yves Gambier (1992) ambaye alituingoza kutafakari juu ya uhusiano kati ya "tafsiri" na "adaptation", ya Anthony Cordingley (2013) ambaye alitufanya tutafakari juu ya 'Intermediarity of the self. -mtafsiri, wakati mwingine pia kujifasiria mwenyewe. Kwa kuongezea, tulichanganua idadi ya habari kwa kila lugha, ili kuondoa nadharia ya tatu na kudumisha mbili za kwanza. Kuhusu mchakato wetu wa kutafsiri kutoka katika toleo la Kiswahili hadi Kireno cha Brazili, tunafuata nadharia za Antoine Berman (2013) katika mtazamo wa uelezaji makini wa tajriba ya utafsiri ambayo inaweza kufunguka na (re) kupata katika kutafakari. Tafakari hii ilitufanya kutafsiri maelezo mafupi ya picha na maelezo, ambayo yameandikwa kwa Kifaransa tu, lakini ambayo yataleta tofauti kwa msomaji wa Brazil kuelewa vizuri hadithi zilizosimuliwa na mwandishi, lakini pia uelewa wa hadithi. na tamaduni za Jamhuri ya Kidemokrasia ya Kongo. Maoni ya tafsiri yetu yalitokana na maamuzi ya tafsiri ya misemo fulani ya kitamaduni ya kawaida ya watu wa DRC na ambayo ilitubidi kutafsiri kwa ajili ya utamaduni wa Brazili. Kwa hili, tunafuata dalili za Marie-Hélène Torres katika kazi ya Fasihi iliyotafsiriwa: tafsiri ya maoni na maoni ya tafsiri. (2017). Hatimaye, tunaona kwamba hypothesis ya kwanza inaweza kuthibitishwa na uchambuzi wa kiasi cha maandiko, subtitles na maelezo yaliyoandikwa kwa Kifaransa tu; dhana ya pili pia inaweza kuthibitishwa lakini, ikiwa Kifaransa sio lugha chanzi, kimsingi ndiyo lugha kuu ya "Vraiment Congo, une tribu! ".

**Maneno muhimu:** Lugha za Kibantu za Jamhuri ya Kidemokrasia ya Kongo; Kiswahili; Masomo ya Tafsiri; Kireno cha Brazil; Yaya Asani.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro .....	22
Figura 2 - Mapa da República Democrática do Congo .....	32
Figura 3 - Mapa linguístico da RDC .....	34
Figura 4 - O autor Yaya Asani .....	44
Figura 5 - Capas dos livros de Yaya Asani .....	44
Figura 6 - Capa de <i>Le géant d’Afrique, le géant d’Asie : histoire d’un combat</i> .....	48
Figura 7 - Capa do livro <i>État de droit: les contrôles de constitutionnalité par la Cour Constitutionnelle, les Cours et les Tribunaux</i> .....	49
Figura 8 - Capa de <i>Les Juridictions Judiciaires : organisation, fonctionnement, compétences en RDC en 2013</i> .....	50
Figura 9 - Capa do livro <i>Je crois en droit</i> .....	51
Figura 10 - Capa de <i>Vraiment Congo une tribu !</i> .....	52
Figura 11 - Imagem do disco.....	53
Figura 12 - Aldrin na Lua.....	54
Figura 13 - Selo postal astronautas.....	54
Figura 14 - Mobutu.....	55
Figura 15 - Mobutu e De Gaulle .....	55
Figura 16 - Mobutu usando boina .....	56
Figura 17 - Envelopes filatélicos.....	56
Figura 18 - Baobá de Stanley .....	57
Figura 19 - Detalhe do mapa .....	57
Figura 20 - Selo postal ferroviária.....	58
Figura 21 - Monumento dos pioneiros .....	58
Figura 22 - Mapa de 1748 .....	59
Figura 23 - Mapa localização do cobre .....	59
Figura 24 - Rede ferroviária.....	60
Figura 25 - Rodovias comerciais.....	60
Figura 26 - Reino de M'siri .....	61
Figura 27 - Reino de M'siri em 1870.....	61
Figura 28 - A bota do Katanga .....	62
Figura 29 - O osso de Ichango.....	62
Figura 30 - Enclave de Lado .....	63

Figura 31 - Mimi e Tutu.....	63
Figura 32 - Colocado para flutuar .....	64
Figura 33 - Mimi e Tutu transportados .....	64
Figura 34 - Mapa das conquistas.....	64
Figura 35 - Retorno triunfante.....	65
Figura 36 - Colônias de 1885 a 1908 .....	65
Figura 37 - Mapa da grande Ruanda .....	66
Figura 38 - "Ruanda fone".....	66
Figura 39 - Rei Masala .....	67
Figura 40 - As 7 sepulturas.....	67
Figura 41 - Cemitério Ngiri Ngiri .....	68
Figura 42 - Amputados de uma mão .....	68
Figura 43 - Duas mãos amputadas .....	69
Figura 44 - Estatísticas demográficas.....	69
Figura 45 - Densidade populacional.....	70
Figura 46 - Crimes contra a humanidade .....	70
Figura 47 - Capa do livro <i>Je connais mon visage: chroniques numériques</i> .....	79
Figura 48 - Capa de <i>50.000 taxes</i> .....	82
Figura 49 - Capa de <i>Really? Congo, a tribe</i> .....	82
Figura 50 - Capa de République Démocratique du Congo: deux saisons sans la troisième République.....	83
Figura 51 - Capa de <i>Un arbre sur Lubumbashi</i> .....	83
Figura 52 - Capa de <i>La fiscalité réglementaire</i> .....	84
Figura 53 - Capa de <i>175 millions en 2045</i> .....	85
Figura 54 - Nossa foto que figura no livro <i>175 millions en 2045</i> .....	86
Figura 55 - Nossa outra foto que figura no livro <i>175 millions en 2045</i> .....	86
Figura 56 - Capa do livro <i>Ikyupo</i> .....	87
Figura 57 - Lubumbashi, carte architecturale du patrimoine .....	88
Figura 58 - Capa do livro <i>Chine – RD Congo: Chronique d’une colonisation choisie</i> .....	88
Figura 59 - Capa de <i>Le roi génial et bâtisseur de Lumumba, un exercice de "critique historique" sur la plus grande Fake News</i> .....	89
Figura 60 - Capa do livro <i>Le roi génial et bâtisseur de Lumumba, Tome 2. Ici maintenant, lui et son caoutchouc</i> .....	90

Figura 61 - Bandeira da República Democrática do Congo.....	91
Figura 62 - Mapa linguístico do Congo Belga .....	100
Figura 63 - O número 8 em swahili.....	104
Figura 64 - A palavra “estrada de ferro” em swahili.....	104
Figura 65 - A palavra “aranha” em swahili.....	104
Figura 66 - A palavra “vassoura” em swahili.....	105
Figura 67 - A expressão “lavar roupa” em swahili .....	105
Figura 68 - A palavra “cadeira” em swahili .....	105
Figura 69 - A palavra “sapato” em swahili .....	106
Figura 70 - As frases “É um ovo, aquele é um ovo. É um ovo de pato. Não é ovo de galinha” em swahili .....	106
Figura 71 - As frases “Arroz, Arroz é para duas crianças. Os dois estão comendo arroz, você também vai comer arroz. Deixem-nos comerem o seu arroz.” em swahili. ....	106
Figura 72 - Prefácio do livro <i>Vraiment Congo une Tribu!</i> .....	120
Figura 73 - Eventos PGET .....	128

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das línguas nas páginas do livro.....	24
Quadro 2 - página 8, versão em francês .....	39
Quadro 3 - página 9, versões em swahili e lingala.....	40
Quadro 4 - Exemplo de estrutura da tradução .....	41
Quadro 5 - Palavras emprestadas .....	94
Quadro 6 - Palavras entre línguas que domino.....	95
Quadro 7 - Entrevista Maalu-Bungi .....	107
Quadro 8 - Vraiment Congo Une Tribu ! (Tradução) .....	160
Quadro 9 - Exemplo Capítulo 1 .....	180
Quadro 10 - Exemplo página 13.....	182
Quadro 11 - Capítulo2: exemplo .....	183
Quadro 12 - Exemplos da tradução .....	183
Quadro 13 - Tradução página 41 .....	184
Quadro 14 - Tradução página 45 .....	185
Quadro 15 - Tradução página 55 .....	186
Quadro 16 - Tradução página 63 .....	187
Quadro 17 - Tradução página 67 .....	188
Quadro 18 - Tradução página 93 .....	189



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ANPOLL Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
- ADUSP Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo
- CECOTEL Centro Congolês de Terminologia e Lexicografia CDF Franco congolês
- CEPAS Centro de Estudos para a Ação Social
- CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico FTC Faculdade de Tecnologia e Ciências
- IDH Índice de Desenvolvimento Humano
- IPE Investimento e Participações do Estado
- LINELIT Liga Nacional para Eleições Livres e Transparentes MAM Museu de Arte Moderna de São Paulo
- MEC Ministério da Educação
- OCD Observatório da Competitividade Sustentável
- PIB Produto Interno Bruto
- PCN Parâmetros Curriculares Nacionais
- PGET Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
- PUC Pontifícia Universidade Católica
- PUL Presses Universitaires de Lubumbashi [Imprensa Universitária de Lubumbashi]
- RDC República Democrática do Congo
- UNEB Universidade do Estado da Bahia
- UFSC Universidade Federal de Santa Catarina
- UNICEF United International Children's Emergency Fund [Fundo Internacional de emergência das Nações Unidas para a Infância]
- UNIKAM Université de Kamina [Universidade de Kamina]
- UNILU Université de Lubumbashi [Universidade de Lubumbashi]
- VCT Vraiment Congo une Tribu

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
1.1 POR QUE TRADUZIR A VERSÃO SWAHILI DESTA OBRA?.....	42
<b>2.O AUTOR YAYA ASANI: SUA OBRA E AS LÍNGUAS-CULTURAS DA RDC .....</b>	<b>43</b>
2.1 YAYA ASANI, BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR.....	44
2.2 ENTREVISTA DE 28/07/2020 .....	45
2.3 ENTREVISTA DE 04/08/2020 .....	46
2.4 ENTREVISTA DE 06/08/2020 .....	46
2.5 ENTREVISTA DE 24 /01/2021 .....	47
2.6 ALGUMAS OBRAS PUBLICADAS DE 2012 A 2020 .....	47
2.7 LÍNGUAS E CULTURAS DA RDC.....	91
2.8 LÍNGUAS E CULTURAS DOS BANTOS .....	96
2.9 MAPA LINGUÍSTICO DO CONGO BELGA .....	99
2.10 A LÍNGUA SWAHILI NA RDC.....	101
2.11 ALGUNS AUTORES QUE ESCREVERAM SOBRE AS LÍNGUAS BANTOS DA RDC	107
<b>3. DA TRADUÇÃO AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....</b>	<b>114</b>
3.1 CONCEITOS DE TRADUÇÃO.....	114
<b>3.1.1 Tradução.....</b>	<b>114</b>
<b>3.1.2 Tradução comentada .....</b>	<b>116</b>
<b>3.1.3 Autotradução.....</b>	<b>118</b>
<b>3.1.4 Adaptação .....</b>	<b>119</b>
<b>3.1.5 Estudos da tradução .....</b>	<b>124</b>
3.2 ALGUNS TEÓRICOS DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	129
<b>3.1.1 Anthony Pym .....</b>	<b>129</b>
<b>3.1.2 Edwin Genzler.....</b>	<b>133</b>
<b>3.1.3 Haroldo de Campos .....</b>	<b>135</b>
<b>3.1.4 José Lambert .....</b>	<b>137</b>
3.3 OS TRAÇOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO .....	141
<b>4A TRADUÇÃO DE REALMENTE: CONGO, UMA TRIBU! .....</b>	<b>160</b>
<b>5COMENTÁRIOS ACERCA DA TRADUÇÃO.....</b>	<b>180</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>190</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>194</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“A woman is not just church, kitchen and child”.*

(PETULAY, 2001)

Sou uma mulher nascida em 1953 na República Democrática do Congo, casada e mãe de 5 filhos, avó de 3 netos e 5 netas. Cheguei no Brasil em 7 de setembro de 1982 para encontrar meu marido que veio pelo Programa de Intercâmbio de Pós-Graduação na Universidade de São Paulo. Minha primeira formação no meu país foi como assistente social, mas na vinda para o Brasil, perdi meus documentos escolares assim como álbuns de fotos importantes, que supostamente estavam em alguns livros que eu tive que deixar com uma amiga para diminuir o peso da minha bagagem no aeroporto na hora do embarque. Minha amiga se divorciou do marido que desapareceu com os pertences da esposa, e, conseqüentemente com meus documentos. De repente, encontrei-me sem comprovação dos estudos feitos. Mesmo assim, comecei a fazer cursos de extensão que a universidade de São Paulo oferecia para a comunidade enquanto procurava as segundas vias de meus documentos em meu país. A espera foi tão demorada até que perdi a esperança de um dia comprovar o conhecimento que eu tinha, não podia comprovar nem mesmo que fiz o primeiro grau. Em 1985 fui convidada pelo embaixador do meu país à época a trabalhar na secretaria da embaixada em Brasília, onde atuei durante mais de 15 anos como recepcionista, tradutora, secretária nos serviços consulares, secretária do embaixador e relações públicas. Quando eu fui exonerada injustamente das minhas funções na embaixada, senti a necessidade de comprovar meu conhecimento, e, assim, fiz os supletivos de primeiro e segundo grau, e, em seguida, o vestibular de 1999, no qual passei sem dificuldade para o curso de Administração de empresas. O restante está no meu Currículo lattes.

Depois de morar mais de quarenta anos no Brasil e de pesquisar nas comunidades afrodescendentes, decidi trabalhar com as traduções das línguas bantos da República Democrática do Congo para o português brasileiro para assim facilitar o trânsito entre as minhas culturas de origem e a cultura brasileira, na qual estou desenvolvendo minhas atividades sociais, mentais, espirituais e de estudos.

Efetivamente, em 2006, fiz um estudo de opinião pública nas comunidades afrodescendentes, orientado pelo Prof. Muleka Ditoka wa Kalenga, para a elaboração da minha monografia de especialização em Gestão Estratégica da Comunicação na Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), de Vitória da Conquista, Bahia. A pesquisa de campo foi efetuada na Comunidade Quilombola Castainho, no município de Garanhuns, em Pernambuco. Essa comunidade tinha, na época, uma população estimada em 825 habitantes, numa área de 183,6

hectares. Ela existe desde 1692, quando o quilombo foi formado por negros ainda presos a ferros, fugidos da Serra da Barriga, em Alagoas.

O objetivo geral de minha pesquisa foi analisar a relação entre a expressão da opinião pública e a realidade comunitária. Os objetivos específicos foram verificar as necessidades da comunidade de Castainho, observar a relação entre o líder da comunidade e os moradores do quilombo e observar em que medida alguns aspectos da cultura africana (como o parentesco, o respeito aos mais velhos) condicionam o relacionamento das pessoas na expressão das suas opiniões. Esses objetivos foram atingidos com sucesso. As hipóteses elaboradas foram confirmadas, tais como: a opinião pública do líder corresponde à opinião pública da comunidade e a pressão da opinião pública força o poder público que, até então levava vantagem política, a ter interesse em resolver os problemas da população e em satisfazer as necessidades da comunidade (LUMBWE, 2006, pp. 1-2).

Em 2014, defendi minha dissertação para a obtenção de título de mestre em Crítica Cultural no Programa de pós-graduação nessa área da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, campus de Alagoinha), sob a orientação do prof. Arivaldo de Lima Alves. A pesquisa teve como tema a organização social e a subsistência na Fazenda Cangula, comunidade remanescente dos quilombos e situada no Distrito de Boa União, em Alagoinhas, Bahia. A linha de pesquisa foi “Narrativas, testemunhos e modos de vida”. Com a preocupação de entender o cotidiano dessa comunidade, foi preciso mapear seus meios de subsistência e dos núcleos familiares de membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Cangula; diagnosticar como são administradas as relações entre os membros da comunidade e os governos federal, estadual e municipal nos assuntos de subsistência material, mental, espiritual e de continuidade antes e depois do autorreconhecimento como remanescentes dos quilombos; e verificar como o modelo de organização social na comunidade se expressa no cotidiano.

O universo da investigação foram os núcleos familiares dos membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Cangula. Convém salientar que os objetivos dessa pesquisa foram alcançados e os resultados permitiram observar que todas as formas de subsistência, sejam elas materiais, mentais, espirituais ou de continuidade na organização social da comunidade de Cangula, são interligadas e, na maioria das vezes, dependem da vontade política dos governos federal, estadual ou municipal. Essa constatação me levou a promover o primeiro encontro entre os quilombos de Alagoinhas e os governos citados, que aconteceu em 15 de maio de 2013 (LUMBWE, 2014). O resultado dessa pesquisa beneficiou muitos outros pesquisadores e a própria comunidade. Desde então, passei a fazer palestras sobre o assunto em vários eventos no Brasil e na RDC (República Democrática do Congo). A dissertação foi publicada pela editora EdiLivres, de Saint-Denis, França, em maio de 2018.

Nessas pesquisas, observei que há semelhanças entre as comunidades pesquisadas e as comunidades africanas, em geral, e, especificamente, da RDC, nos fenótipos, nas formas de expressão corporal, nos relacionamentos familiares e sociais. Culturalmente, essas comunidades foram invadidas por igrejas pentecostais, que impedem o desenvolvimento da religiosidade africana onde são faladas algumas línguas africanas, principalmente o iorubá e, um pouco de quicongo. Esse fato me levou a pensar na necessidade de traduzir o livro *Organização Social e subsistência na Fazenda Cangula* para uma língua falada por pessoas de culturas parecidas, que são as comunidades da República Democrática do Congo. Essa reflexão me levou a participar da seleção para entrar no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

O projeto apresentado na seleção foi “O legado banto no uso das linguagens em cânticos e narrativas do povo dos quilombos”, com o objetivo geral de identificar traduções/interpretações das línguas swahili, lingala, luba e quicongo nos cânticos e narrativas ou palavras nas comunidades quilombolas, com a especificação de mapear os cânticos e narrativas culturais usados frequentemente nas comunidades quilombolas.

Por mais que o projeto sobre o “legado banto no uso das linguagens em cânticos e narrativas do povo dos quilombolas” seja útil, junto com meu orientador, chegamos à conclusão que, em um primeiro momento, traduzir uma obra escrita em uma língua banto da República Democrática do Congo para o português brasileiro será prioritário para as comunidades afrodescendentes do Brasil para favorecer um espaço de intercâmbio entre os dois países. Assim, o primeiro projeto fica para uma próxima oportunidade.

Assim, escolhemos como objeto a obra *Realmente: Congo uma tribu!*, de Yaya Asani, que foi publicada em 2015 por Marcel Yabili Editor: Mediaspaul em três línguas, francês, swahili e lingala, com áudio livro em cada uma das três línguas; as duas últimas são línguas bantos faladas na República Democrática do Congo.

Figura 1 - Capa do livro



Fonte: ASANI, 2015.

Para esta tese, apresentamos a tradução comentada da versão swahili para o português brasileiro. Com a problemática de saber qual o texto fonte das três línguas usadas para descrever as histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo, emitimos as hipóteses seguintes: 1. As três línguas são originais; 2. O francês foi a língua de partida; 3. Uma das duas línguas bantos foi de partida.

Apesar de ter usado um espaço maior para o texto em francês, não sabemos se esse foi o texto fonte, pois o autor afirma que não traduziu, mas escreveu cada texto. De fato, o francês ocupa as páginas à esquerda da obra enquanto as duas outras línguas dividem as páginas à direita, começando pelo swahili, que ocupa dois terços da página, seguido do lingala, com somente um terço da página. Este fato não confirma a autotradução, por isso decidimos considerar os três textos independentes um do outros apesar de os títulos de capítulos serem os mesmos em francês.

*Vraiment: Congo une tribu!*<sup>1</sup> é uma obra de 104 páginas, com um prefácio em francês assinado pelo autor, no qual ele critica o fato de que apesar de cada família se preocupar com os estudos dos filhos, estes, depois de formados, não se interessam pela leitura. Mesmo que a cultura oral seja considerada importante na RDC, Yaya Asani prefere acreditar que a população deve se reconciliar com o livro, que é um veículo do saber e da ação. Ao mesmo tempo, ele produz o áudio livro de sua obra. Ele, então, convida os leitores a descobrirem as histórias incomuns e intensas que oferece em uma escrita que ele acredita ser simples e agradável. Por fim, ele cita Denise Maheho como autora da adaptação para o swahili, Ernestine Sungu Yabili como autora da adaptação para o lingala com revisão do professor Ipo Abelela Edouard. Os mapas geográficos e

<sup>1</sup> Atualmente há um consenso entre os estudiosos na preferência do uso do termo "etnia e não "tribo" vista como uma denominação preconceituosa em relação a certos povos. No caso do Brasil, o correto é falar Povo Indígena. O que existem são etnias, povos e nações. O termo "tribo" surge de uma ideia estereotipada assim como a palavra "índio". Saiba mais em: <https://cultura.rs.gov.br/e-correto-falar-tribo-indigena>.

históricos foram elaborados por Yann Mandey (ASANI, 2015). Ainda que o autor cite os adaptadores do livro em swahili e lingala, Yaya Asani afirmou durante entrevista que foi ele mesmo quem escreveu em cada língua e que os textos não foram traduzidos. Esse fato nos permite considerar o texto em swahili como sendo original e não tradução. Porém, não elimina a nossa preocupação de querer descobrir qual foi o texto fonte (se houver) ou se os três são efetivamente originais.

No sumário, são apresentados cinco capítulos, que descrevemos em resenha publicada na revista *Qorpus* de julho/outubro de 2019:

No primeiro capítulo, ele descreve uma situação que explica sobre a sua trajetória de escritor até escrever este volume. A história começa por descrever a personalidade mais importante do país que é o Presidente da República, na época Mobutu Sese Seko Wa Zabanga. Descreve o local de nascimento dele e explica como este entende o mundo a partir da cidade onde nasceu, que fica na província do Equador, onde o céu representa um símbolo de grandeza por estar perto de Deus. Foi isso que o levou a considerar-se um Deus quando os astronautas americanos trouxeram um pedaço de pedra da lua para ele, como lembrança. Assim, para Mobutu, O céu está na mão dele. Por isso, ele se considerou o maior de todos e todas. No decorrer da ditadura dele, ele rejeitou Israel para escolher os árabes para receber presentes de petróleo.

No capítulo dois, ele começa por constatar que os congolesees leem muito a Bíblia; então, não se pode dizer que eles não gostam da leitura, pois a Bíblia é um livro volumoso e com letras pequenas; só quem gosta de ler é que se consagra a esta leitura. Em seguida, ele descreve o conflito de cultura entre Henri Morton Stanley e um dos chefes das diversas etnias, quando este recebeu o europeu com felicidade e deu alimentos para a tripulação dele, declarando que agora eles eram irmãos. Logo depois, este chefe manda um mensageiro avisar o europeu que já que eram irmãos, este deverá dar para o irmão africano roupas e muita coisa do país dele. Não gostando da proposta, o europeu devolveu os presentes e disse que colocou fim à irmandade.

No capítulo 3, o autor explica como Stanley, que era britânico, passou a servir o Rei da Bélgica no que diz respeito ao Congo. Neste capítulo, o autor se debruça sobre a tribo kongolese, os que saíram do solo “Batoka chini”. Explica a questão de gostar ou não da carne, depois relata a situação de um inglês que fez com que um tanzaniano fosse morto, ele explica que o Rei da Itália traçou os limites das terras; neste capítulo, o autor revela seu conhecimento sobre o osso de Ishango.

No capítulo 4, ele relata a vitória dos congolesees contra Ruanda. O Congo foi o único estado não colonizado em 1885; em 1960, a restituição da independência a Ruanda, que o Congo, em um certo momento, tinha invadido para salvar. Para o autor, a fronteira do leste é um absurdo.

No capítulo 5, o autor fala de uma pequena barbárie. Ele comenta várias coisas, fala de uma barbárie que era universal. Dentro do texto, relata histórias insólitas, sabendo que atrairia leitores pela curiosidade de querer saber mais sobre os bastidores da história da República Democrática do Congo. (TORRES e LUMBWE, 2019, pp. 126-129)

Nesta citação do artigo publicado na revista *Qorpus* junto com a professora Marie-Hélène Torres em 2019, nós descrevemos textualmente o que está na obra *Vraiment Congo une Tribu!*. Portanto, não sabemos com qual dos numerosos chefes étnicos Stanley teve desentendimento cultural, mas este relato é contado na obra. Sendo o *corpus* um “Hadisi njo” ou seja, um conto, suponhamos que deve haver algumas narrativas que não refletem a realidade. Mas, colegas da área de História poderão verificar o fato e assim verificar se essa briga aconteceu e, então, citar qual foi o chefe e de qual comunidade que se desentendeu culturalmente com Stanley.

Escolhemos o texto em swahili para traduzir para o português brasileiro e acrescentamos alguns detalhes importantes que estão em francês, mas que acreditamos serem necessários, como os créditos de imagens.

A estrutura das páginas do livro escrito em três línguas é descrita como segue neste quadro:

Quadro 1 - Distribuição das línguas nas páginas do livro

Páginas esquerdas/pares	Páginas direitas/ímpares
FRANCÊS	SWAHILI
	LINGALA

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

As histórias incomuns relatadas nesta obra são fatos supostamente acontecidos na atual República Democrática do Congo (RDC), que como muitos países africanos atuais, é uma invenção colonial, como confirma Jean Stengers no seu livro *Congo: Mitos e realidades 100 anos de história*<sup>2</sup>:

O Congo é o tipo perfeito de entidade política nascida no solo da África por vontade exclusiva do europeu. Procuraria-se em vão a este Estado que surge no final do século XIX, de algumas Fundações africanas, em qualquer base nativa. Ele não tem nada em comum, além do nome, com o antigo reino do Congo, que tinha sido, dois ou três séculos

<sup>2</sup> Título original: *Congo : Mythes et réalités 100 ans d'histoire*.



antes, um reino africano bastante importante. Suas origens estão ligadas inteiramente à vontade de um homem: Leopoldo II. Em 1884-1885, Leopoldo II corajosamente traçou no mapa da África desde os seus limites até o coração do continente negro, abrangendo regiões em grande parte ainda inexploradas. Essas fronteiras são reconhecidas pelos poderes; e assim, nasceu o Congo.

De 1885 a 1908, ele se constituiu em Estado independente, seu nome oficial foi Estado Independente do Congo e mais tarde, em inglês, Congo Free State -, colocado sob o governo pessoal de Leopoldo II. Em 1908, anexado pela Bélgica, tornou-se uma colônia belga, e manteve esse status colonial até 1960, quando conquistou sua independência (STENGERS, 1989, p. 91).<sup>3</sup>

O historiador congolês Isidore Ndaywel è Nziem confirma essas afirmações no seu livro *Congo, da herança antiga à República Democrática*<sup>4</sup>:

Sabe-se que a existência jurídica do Estado não é anterior a 1885, a sua independência interveio em 1960 e o seu arranque real é a partir da sua Segunda República. Até 1971, o país chamava-se Congo (República Democrática do Congo, República do Congo, Congo Belga, Estado Independente do Congo) a partir do nome do antigo reino que se estendia ao norte da Angola e às duas repúblicas congolezas, como veremos adiante. Já no período colonial, sabia-se sobre a existência de dois Congos que se distinguiam pela diferença de identidade de seus colonizadores. Falamos do “Congo Belga” que se destacou do “Congo Francês”, o Congo Médio, subconjunto da AEF (África Equatorial Francesa). Na época da independência, para evitar confusão entre as duas repúblicas, fazia-se referência às capitais. Congo-Leo (polville) não deve ser confundido com Congo-Brazza (cidade). Quando o antigo Congo Belga se tornou o Zaire, em outubro de 1971, essa decisão unilateral do marechal Mobutu permitiu pelo menos uma feliz distinção entre o Congo e o Zaire. O termo "Zaire" vem de um mal-entendido da palavra “nzadi”, designando qualquer rio. A deformação é antiga, pois data do século XV e assumiu um significado particular para qualificar “o rio Zaire”. O termo é também portador de exotismo pela deformação de uma palavra local. Embora seja de origem local, não é reivindicado por nenhuma herança étnica específica. Poderia, portanto, ter simbolizado o estado-nação, uma nova realidade que quer estar fora do espaço de etnicidade. No entanto, para assinalar a vontade de romper com a era do mobutismo com o seu cortejo de “zaienses ruins”, pareceu útil reencontrar o antigo nome de “Congo” e

---

<sup>3</sup> Todas as traduções de citações em outras línguas são feitas por mim, exceto as com menção de tradutor. Os textos-fonte, junto com suas referências, virão em nota de rodapé. Tradução nossa do texto : « Le Congo est le type parfait de l'entité politique née sur le sol de l'Afrique de par la seule volonté de l'Européen. O chercherait en vain à cet Etat qui apparaît à la fin du XIXe siècle, de quelconques soubassements africains, une quelconque base autochtone. Il n'a rien de commun, hormis le nom, avec l'ancien royaume de Congo qui avait été, deux ou trois siècles auparavant, un assez important royaume africain. Ses origines se trouvent tout entières dans la volonté d'un homme : de Léopold II. En 1884 - 1885, Léopold II trace hardiment sur la carte de l'Afrique des limites qu'il porte jusqu'au coeur du continent noir, en englobant des régions en grande partie encore inexplorées. Ces frontières sont reconnues par les puissances; le Congo est né. De 1885 à 1908, il constitua un Etat indépendant, - de son nom officiel l'Etat Indépendant du Congo, et après en anglais Congo Free State -, placé sous le gouvernement personnel de Léopold II. En 1908, annexé par la Belgique, il devint une colonie belge, et conserva ce statut colonial jusqu'en 1960, date de l'indépendance» (STENGERS, 1989, p. 91).

<sup>4</sup> Título original : « Congo, de l'héritage ancien à la République Démocratique »

recuperar assim, na consciência coletiva, uma anterioridade que parecia ter sido evacuada. (NZIEM, 1998, p. 23)<sup>5</sup>

Sem poder encontrar fontes seguras ou completas em sites da RDC, preferimos consultar o repertório do Banco mundial (BANQUE MONDIALE, 2023), que nos fornece informações atualizadas sobre esse país que tem 2.345.410 km<sup>2</sup>. Em 2021, a população total era de 95.894.118 habitantes. Seu crescimento demográfico, no mesmo ano apresentava 3.2 % por ano, a densidade foi de 41 habitantes por quilômetro quadrado (2020). O Produto Interno Bruto (PIB) da RDC em 2021 foi de 55,35 bilhões de dólares e seu PIB por habitante foi de 577,2 dólares no mesmo ano. O crescimento do PIB foi de 6,2 % em 2021. A expectativa de vida em 2020 foi de 58 anos para homens e 62 anos para mulheres. A taxa de natalidade em 2020 foi de 42 (por 1000 pessoas). O índice de fecundidade em 2014 foi de 5,7 crianças por mulher. A taxa de mortalidade adulta em 2020 foi de 249 (por 1000) e a da mortalidade infantil no mesmo ano foi de 81 (por 1000). A taxa de alfabetização total em 2021 foi de 80%, com 71% de mulheres adultas e 89% homens adultos (15 anos e mais); 91% de homens jovens e 85% de mulheres jovens (15 a 24 anos). A moeda do país é o franco congolês (CDF). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi de 0,4 (escala entre 0 e 1) em 2020.<sup>6</sup>

Para confirmação desses dados, consultamos também o site da Enciclopédia Britânica que é uma fonte confiável que foca a pesquisa (CORDELL *et al*, 2023). Um dos principais colaboradores desse artigo é Dennis D. Cordell: vice-reitor associado para educação geral e professor de História na Southern Methodist University em Dallas, Texas. Também é professor adjunto de Demografia na Universidade de Montreal e co-autor de *Hoe and Wage: A Social History of a Circular Migration System in West Africa*.

Outro colaborador para elaboração deste conteúdo foi René Lemarchand, professor emérito de Ciência Política na Universidade da Flórida, em Gainesville. Autor de *Ruanda e*

---

<sup>5</sup> Tradução nossa do texto : « On sait que l'existence juridique de l'Etat ne date pas d'avant 1885, son indépendance intervient en 1960 et son véritable envol se situe à partir de sa Deuxième République. Jusqu'en 1971, le pays était qualifié de Congo (République Démocratique du Congo, République du Congo, Congo Belge, Etat Indépendant du Congo) du nom de l'ancien royaume qui s'est étendu au nord de l'Angola et dans les deux républiques congolaises comme on le verra plus loin. Déjà pendant la période coloniale, on connaissait l'existence de deux Congo qui se distinguaient par la différence d'identité de leur colonisateur. On parlait du "Congo Belge" qui se démarquait du "Congo-Français", le Moyen-Congo, sous-ensemble de l'AEF 9Afrique Equatoriale Françaises). A l'heure des indépendances, pour éviter la confusion entre les deux républiques, on fit alors référence aux capitales. Le Congo-Léo(polville) n'était pas à confondre avec le Congo- Brazza(ville). Quand l'ancien Congo Belge est devenu, en octobre 1971, le Zaïre, cette décision unilatérale du maréchal Mobutu permit au moins une distinction heureuse entre Congo et Zaïre. Le terme "Zaïre" relève d'une mauvaise audition du mot 'nzadi" désignant un fleuve quelconque. La déformation est ancienne puisqu'elle date du XVe siècle et prit un sens particulier pour qualifier "le fleuve Zaïre"(6) Le terme est également porteur d'exotisme du fait de la déformation d'un mot du terroir. Tout en étant d'origine locale, il n'est revendiqué par aucun patrimoine ethnique précis. il aurait donc pu symboliser bien l'etat nation, réalité nouvelle qui se veut en dehors de l'espace de l'ethnicité. Toutefois, pour marquer la volonté de rupture avec l'ère du mobutisme avec son cortège de "mal zaïrois", il a paru utile de renouer avec l'ancienne appellation de " Congo et récupérer par là , dans la conscience collective, une antériorité qui semblait avoir été évacuée. » (NZIEM, 1998, p. 23).

*Burundi* e outros. Também contribuiu para o verbete Bernd Michael Wiese, professor de Geografia da Universidade de Colônia e autor de *Zaire* e outros. Por fim, o último colaborador listado para este conteúdo foi Pascal Ntsomo Payanzo, congolês, ex-professor assistente de Sociologia na Universidade Nacional do Zaire, em Lubumbashi. Desde 2011 ele está como Professor na Universidade de Kinshasa, capital da RDC. Essas biografias reforçam a nossa confiança nas informações expostas no *site*. O *site* é atualizado com muita frequência, a última atualização foi neste dia 6 de fevereiro de 2023, onde ele fornece informações convergentes com as do site do Banco Mundial e com atualizações recentes, tal como o índice da população que em 2023 está estimada em 111.860.000. A Enciclopédia Britânica afirma que a forma de governo na RDC é república multipartidária unitária com duas casas legislativas (Senado e Assembleia Nacional). Também apresenta a projeção populacional para 2030: 138.749.000 pessoas. A densidade populacional por mil metros quadrados em 2023 é de 123,5 pessoas por quilômetro quadrado.

Em resumo, o *site* explica que:

A República Democrática do Congo, também chamada de Congo (Kinshasa), anteriormente (1971–97) República do Zaire, é um país da África central com área de 905.410 milhas quadradas (2.345.000 quilômetros quadrados). Sua população estimada em 2023 é de 111.860.000 pessoas e a capital é Kinshasa. Os falantes de banto, incluindo o mongó, o congo e o luba, formam a maioria da população do país; entre os falantes não-banto estão os grupos sudaneses do Norte. Os idiomas são francês (oficial), lingala, swahili, kongo, tshiluba (todos nacionais) e muitos outros. As religiões são: cristianismo (católico romano, protestante, outros cristãos), crenças tradicionais e islamismo. A moeda é o franco congolês. O país, com a terceira maior área terrestre da África, ocupa o coração da bacia do rio Congo e é amplamente cercado por planaltos. Em sua estreita faixa de costa atlântica, o rio Congo deságua no mar. O país atravessa a Linha do Equador; seu clima é úmido e tropical. Está entre os países mais pobres do mundo. Sua economia é baseada na mineração e na agricultura. As exportações incluem diamantes, petróleo e café; a mineração produz cobre, cobalto e diamantes industriais. O país é uma república multipartidária unitária com uma legislatura bicameral; o chefe de estado é o presidente e o chefe de governo é o primeiro-ministro. Antes da colonização europeia, vários reinos surgiram na região, incluindo o reino Luba do século XVI e a federação Kuba, que atingiu seu auge no século XVIII. O desenvolvimento europeu começou no final do século 19, quando o rei Leopoldo II da Bélgica financiou a exploração do rio Congo por Henry Morton Stanley. A Conferência da África Ocidental de Berlim de 1884 a 1885 reconheceu o Estado Livre do Congo com Leopoldo como seu soberano. A crescente demanda por borracha ajudou a financiar a exploração do Congo, mas os abusos contra os povos locais ultrajaram as nações ocidentais e forçaram Leopoldo a conceder ao Estado Livre uma carta colonial como o Congo Belga (1908). A independência foi concedida em 1960. O período pós-independência foi marcado por agitação, culminando em um golpe militar que levou o general Mobutu Sese Seko ao poder em 1965. Ele mudou o nome do país para Zaire em 1971. Má administração, corrupção e violência crescente devastaram o país, sua infraestrutura e economia. Mobutu foi deposto em 1997 e o nome do país foi restaurado para Congo. A instabilidade nos países vizinhos, o influxo de refugiados de Ruanda e o desejo pelas riquezas minerais do Congo levaram ao envolvimento militar de vários países africanos, o que alimentou o conflito civil existente no Congo. Embora a agitação continuasse no início do século 21, foi um pouco atenuada pela promulgação em 2003 de uma Constituição de transição e pela formação de um governo de unidade de transição que incluía a maioria dos grupos rebeldes; uma nova Constituição foi promulgada e um governo formal eleito em 2006. (CORDELL *et al*, 2023).

Este resumo da história da RDC coincide com as narrativas das histórias intensas do VCT (*Vraiment Congo une tribu!*), pois Yaya Asani, no seu relato, fala das aventuras do

pesquisador Henry Morton Stanley.

Afinal, quem é Henry Morton Stanley? O site da enciclopédia Larousse (LAROUSSE, 2023) nos informa que o jornalista e viajante britânico John Rowlands, que depois passou a ser chamado de sir Henry Morton Stanley, nasceu no país de Gales em 1841 e faleceu em Londres em 1904:

Nascido em uma família muito modesta, ele foi adotado por um comerciante de Nova Orleans que lhe deu seu nome. Participou da Guerra Civil no exército confederado, depois acompanhou como jornalista a tropa de Sir Robert Napier na Etiópia (1868). Encarregado (outubro de 1869) pelo diretor do New York Herald Tribune de encontrar Livingstone na África Central, Stanley chega a Zanzibar (janeiro de 1871), de onde entra no interior; ele encontra Livingstone em Ujiji, na margem leste do Lago Tanganica, em 3 de novembro de 1871.

De volta à Europa, ele continua como correspondente do mesmo jornal na guerra dos Achantis e presenciou a captura de Koumassi (1873). Após os funerais de Livingstone em Westminster, ele retornou à África Oriental para continuar a obra de exploração deste último. Patrocinado pelo New York Herald Tribune e pelo → Daily Telegraph, ele foi de Zanzibar (12 de novembro de 1874) a Boma (9 a 11 de agosto de 1877), explorando o lago Vitória e a Uganda, descobrindo os montes Ruwenzori (situados na fronteira de Uganda e da RDC) e o lago Albert, visitando o lago Tanganica e navegando no rio Congo até a sua foz.

Irritado com o desinteresse da Grã-Bretanha pela África Central, ele se aliou pouco depois, ao serviço da Associação Internacional Africana (AIA), fundada pelo rei dos belgas, Leopoldo II; liderando uma forte expedição, volta a subir o rio Congo (1879 - 1884) até ao "Stanley Pool", descobre o lago Leopoldo II, e conclui com os chefes (reis) de populações ribeirinhas do rio, tratados garantindo a "AIA" a posse da margem esquerda, criando o Estado independente do Congo (1885). (LAROUSSE, 2023).<sup>7</sup>

Na rubrica Terra, a Enciclopédia Britannica lembra que as fronteiras da RDC são com 9 países: República Centro-Africana e Sudão do Sul no Norte, Uganda, Ruanda, Burundi e Tanzânia no Leste; Zâmbia no Sudeste; e Angola no Sudoeste; no Oeste, Cabinda (enclave angolano) e Congo Brazzaville. Em seguida, vem a descrição do relevo com suas principais características, incluindo uma grande bacia hidrográfica, um grande vale, planaltos elevados, três cadeias de montanhas e uma baixa planície costeira. O *site* descreve a drenagem e solos

---

<sup>7</sup> Tradução nossa do original : « Né dans un milieu très modeste, mousse à bord d'un navire, il est adopté par un commerçant de La Nouvelle-Orléans qui lui donne son nom. Il prend part à la guerre de Sécession dans l'armée confédérée, puis accompagne comme journaliste la colonne de sir Robert Napier en Éthiopie (1868). Chargé (octobre 1869) par le directeur du New York Herald Tribune de retrouver Livingstone en Afrique centrale, Stanley gagne Zanzibar (janvier 1871), d'où il pénètre dans l'intérieur ; il rencontre Livingstone à Ujiji sur la rive est du lac Tanganyika le 3 novembre 1871.

De retour en Europe, il suit comme correspondant du même journal la guerre des Achantis et assiste à la prise de Koumassi (1873). Après les funérailles de Livingstone à Westminster, il repart en Afrique orientale pour continuer l'œuvre d'exploration de ce dernier. Patronné par le New York Herald Tribune et le → Daily Telegraph, il va de Zanzibar (12 novembre 1874) à Boma (9-11 août 1877), explorant le lac Victoria et l'Ouganda, découvrant le Ruwenzori et le lac Albert, visitant le Tanganyika, et naviguant sur le Congo jusqu'à l'embouchure.

Irrité par le peu d'intérêt porté par la Grande-Bretagne à l'Afrique centrale, il entre, un peu plus tard, au service de l'Association internationale africaine (AIA), fondée par le roi des Belges, Léopold II ; à la tête d'une forte expédition, il remonte le Congo (1879-1884) jusqu'au Stanley Pool, découvre le lac Léopold II, et conclut avec les chefs des populations riveraines du fleuve des traités assurant à l'AIA la possession de la rive gauche, créant l'État indépendant du Congo (1885) ».

da RDC pela descrição do rio Congo, incluindo a sua bacia de 3.460.000 quilômetros quadrados, que é o principal sistema de drenagem do país. Ele também descreve os dois tipos de solos, os das áreas equatoriais que ocorrem nas planícies quentes e úmidas da bacia central e os das regiões mais secas de savana/campo. A maior parte do Congo fica dentro da região climática tropical úmida interna ou equatorial (CORDELL *et al.*, 2023).

Para a vida vegetal e animal, é descrito o seguinte:

A vida vegetal é exuberante e varia entre as zonas climáticas. O coração da bacia do Congo é coberto por um intrincado sistema florestal comumente conhecido como floresta equatorial. Ali as árvores atingem alturas de 40 a 50 metros, e proliferam numerosas variedades e espécies de plantas. Pradarias e bosques são característicos da zona de clima tropical, enquanto os manguezais dominam os pântanos costeiros e a foz do Congo. Os planaltos orientais são cobertos por pastagens, e florestas montanhosas, matagais de bambu e vegetação afro-alpina ocorrem nas montanhas mais altas.[...].

A vida animal também é rica e diversificada. Os chimpanzés são encontrados principalmente na floresta equatorial, e os gorilas vivem nas montanhas orientais ao redor do Lago Kivu. Os bonobos também estão presentes, embora sejam encontrados apenas nas florestas tropicais de terras baixas ao longo da margem sul do rio Congo. Elefantes e várias espécies de macacos e babuínos são encontrados em florestas e savanas; os elefantes africanos da floresta (uma espécie distinta e menor de elefante) estão limitados à floresta. (CORDELL *et al.*, 2023).

Esta descrição da terra RDC pela Enciclopédia Britannica não é diferente da introdução do nosso *corpus* quando anuncia o personagem principal dos seus relatos.

Devemos mencionar que além de diamantes, cobre, cobalto e outros tantos minérios que o subsolo da RDC possui, há o Coltan e o Lítio que fazem parte dos minerais mais rentáveis na economia da RDC.

O que é o Coltan e o qual a sua utilidade? Popularmente, como cidadã da RDC, a esta pergunta, eu responderia que “O coltan é a causa de muita morte no meu país”. Efetivamente, muitas pessoas da RDC costumam responder desta forma para qualquer pergunta sobre o coltan, que familiarmente chamamos de mineiro de sangue, às vezes sem saber que os *smartphones* que gostamos tanto de usar, são fabricados com esse mineiro. Para responder objetivamente a esta pergunta, então, fui procurar a obra de Mutabazi Ngaboyeka (do Instituto Superior de Desenvolvimento Rural de Bukavu, Sul-Kivu, RD Congo) e Nyassa Sanganyi (economista contribuidora da SARW - Southern Africa Resource Watch): *L'exploitation du coltan en République Démocratique du Congo: Trafic et Guerre* (A Exploração do coltan na RDC: Tráfico e guerra), publicada pelo Observatório de recursos para a África Austral (Southern Africa Resource Watch - SARW) em Johannesburgo, 2017. Na sua introdução, eles explicam que desde o genocídio em Ruanda (1994), a região oriental da RDC se transformou em um palco de conflitos armados e agressões com consequências humanitárias, ecológicas e ambientais (NGABOYEKA e SANGANYI, 2017, p.11). No capítulo 3, eles explicam em quais cidades se encontra o mineral coltan na província do Kivu na RDC, citando as zonas mineiras tradicionais tais como as de Mwenga (Mwanza, Kamitunga, Kitutu), Shabunda (Shabunda, Lulingu), Walikale e Punia, assim

como as localidades de Kalima, Lugushwa, Masisis, Kalehe, Lubero e outras daquela província. Em seguida, o autor responde à pergunta “o que é o coltan”, explicando que:

O nome Coltan é uma abreviatura de "Colombo-Tantalite", um mineral a partir do qual são extraídos metais raros: O Tântalo (Ta) e o Columbium (Cd), muitas vezes chamado de Nióbio (Nb). O Coltan é um metal radioativo que também contém urânio em “pequenas” doses<sup>8</sup>. (NGABOYEKA e SANGANYI, 2017, p.18)

Quanto à utilização do coltan, os autores relatam que:

O tântalo tem várias qualidades únicas que o tornam essencial para alguns usos que encareçam o seu preço. Ele oferece a mesma resistência à corrosão que a maioria dos ácidos e o vidro. Além disso, o tântalo pode ser manipulado dobrando-o, rolando-o e soldando-o. A ductilidade e a densidade do tântalo torná-los muito atraentes para as indústrias de armas para penetrar armadura protetora. Também é procurado como um material para fabricação de recipientes de elementos radioativos devido à sua densidade e sua estabilidade nuclear<sup>9</sup>. (NGABOYEKA e SANGANYI, 2017, p.19)

Atualmente o assunto empresarial, comercial e industrial na RDC, principalmente nas províncias do Haut Lomami e do Tanganyika, é a exploração do **lítio**, que está atraindo muitos investidores para comprar o minério conhecido como o da fabricação de baterias. Procuramos então saber o que é o lítio e qual é a sua utilidade. Infelizmente, as informações que encontramos nos *sites* dos ministérios e governos das duas províncias são de promoções das palestras dos governadores ou da ministra de Minas e Energia do país, sem conteúdo explicativo sobre os achados. Consultamos, então, alguns *sites* com palavras-chaves e depois de analisá-los, escolhemos o *site* “Futura – Sciences”, que contém informações mais relevantes sobre o minério tão falado e não explicado no meu país. Pode-se encontrar o lítio em alguns países como o Brasil. O *site* nos informa que o lítio é um metal mais leve. Na tabela periódica dos elementos, ele é igualmente o primeiro alcalino. Em seguida, ele oferece informações sobre o histórico do lítio :

O lítio foi descoberto em 1817 por Johan August Arfwedson. Este fez, de fato, a descoberta de um novo sal minerais de lepidotita, petalita e spodumênio. O elemento foi posteriormente isolado por William Thomas Brande e Humphry Davy. Recebeu o nome de lítion, do grego “Lithos”, “pedra”, porque foi descoberto em minerais. (FUTURA SCIENCES, 2023)<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Le nom Coltan est une abréviation de ‘Colombo-Tantalite’, un minerai à partir duquel on extrait les métaux rares: le tantale (Ta) et le columbium (Cd) souvent appelé le Nobium (Nb)<sup>12</sup>. Le Coltan est un métal radioactif, qui contient aussi de l’uranium en ‘petites’ doses.

<sup>9</sup> Tradução nossa do texto: « Le tantale a plusieurs qualités uniques qui le rendent essentiel à certaines utilisations qui font qu’il vaut bien son prix élevé<sup>17</sup>. Il offre la même résistance à la corrosion autant que la plupart d’acides et des caustiques que le verre.

En plus, le tantale est manipulable en le pliant, en le roulant et en le soudant. La ductilité et la densité du tantale le rendent très attractif auprès des industries d’armements pour pénétrer les armures de protection. Il est aussi recherché comme matériel de fabrication des conteneurs des éléments radio actifs à cause de sa densité et de sa stabilité nucléaire. »

<sup>10</sup> Tradução nossa do texto: « Le lithium a été découvert en 1817 par Johan August Arfwedson. Celui-ci fit en effet la découverte d’un nouveau sel dans des minéraux de lepidotite, de pétalite et de spodumène. L’élément fut par la suite isolé par William Thomas Brande et Humphry Davy. On lui donna le nom de lithium, d’après le grec « lithos », « pierre », car il a été découvert dans des minéraux ».

### O site Futura-Sciences apresenta as propriedades do lítio:

O lítio metálico é branco prateado. É um metal muito reativo que reage em particular com nitrogênio. Sua reação com a água é violenta e perigosa. É inflamável. A faixa de temperatura em que se encontra no estado líquido é excepcionalmente ampla. Este metal é moderadamente abundante na crosta terrestre, menos que o níquel e o cobre. Muitas de suas propriedades físicas e químicas são mais semelhantes às dos metais alcalino-terrosos do que às de seu próprio grupo. É caracterizado por calor específico muito alto e condutividade térmica, baixa viscosidade e baixa densidade. O lítio metálico é solúvel em aminas alifáticas de cadeia curta, como a etilamina. Além disso, é insolúvel com hidrocarbonetos. (FUTURA SCIENCES, 2023)<sup>11</sup>

### O lítio é utilizado industrialmente e na saúde:

Como alcalino, o lítio tem muitas aplicações industriais. É usado, por exemplo, para polir porcelana. Em baterias alcalinas, é usado como aditivo para prolongar a vida útil da bateria. Algumas formas de soldagem também o utilizam, como a soldagem de latão. É também um dos principais componentes das baterias de íon-lítio (ânodo), especialmente em eletrônicos móveis.

Na área de saúde, o lítio tem uma longa história de uso no tratamento do transtorno bipolar. É o tratamento de referência com o qual outros estabilizadores de humor são comparados. O íon  $\text{Li}^+$  é o princípio ativo dos sais de lítio utilizados, mas os mecanismos precisos de ação ainda são objeto de debate. (FUTURA SCIENCES, 2023)<sup>12</sup>

### O lítio tem sua relação com o meio ambiente descrita da seguinte forma:

O lítio metálico reage com nitrogênio, oxigênio e vapor de água no ar. Nesse caso, a superfície do lítio torna-se uma mistura de hidróxido de lítio ( $\text{LiOH}$ ), carbonato de lítio ( $\text{Li}_2\text{CO}_3$ ) e nitrato de lítio ( $\text{Li}_3\text{N}$ ). O hidróxido de lítio apresenta um risco potencial significativo porque é um composto extremamente corrosivo que pode ser prejudicial em particular para os organismos aquáticos. (FUTURA SCIENCES, 2023)<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Tradução nossa do texto: « Le lithium métallique est blanc argenté. C'est un métal très réactif qui réagit notamment avec l'azote. Sa réaction avec l'eau est violente et dangereuse. Il est inflammable. La plage de températures où il se trouve à l'état liquide est exceptionnellement large. Ce métal est moyennement abondant dans la croûte terrestre, moins que le nickel et le cuivre. Plusieurs de ses propriétés physiques et chimiques sont plus semblables à ceux des métaux de terre alcaline qu'à ceux de son propre groupe. Il est caractérisé par une chaleur spécifique et une conductivité thermique très élevées, une basse viscosité ainsi qu'une faible densité. Le lithium métallique est soluble dans les amines aliphatiques à chaînes courtes, comme l'éthylamine. En outre, il est insoluble avec les hydrocarbures. »

<sup>12</sup> Tradução nossa do texto: « En tant qu'alcalin, le lithium possède de nombreuses applications industrielles. Il est par exemple utilisé pour le lustrage des porcelaines. Dans les piles alcalines, on l'emploie comme additif pour allonger la durée de vie de la pile. Certaines formes de soudage l'emploient aussi, comme le soudage au laiton. Il est également l'un des composants principaux des batteries lithium-ion (anode), notamment dans l'électronique mobile.

Dans le domaine de la santé, le lithium est utilisé depuis longtemps dans le traitement des troubles bipolaires. C'est le traitement de référence avec lequel les autres thymorégulateurs sont comparés. L'ion  $\text{Li}^+$  est le principe actif des sels de lithium utilisés mais les mécanismes d'actions précis sont encore sujets à débat. »

<sup>13</sup> Tradução nossa do texto: « Le lithium métallique réagit avec l'azote, l'oxygène et la vapeur d'eau dans l'air. Dans ce cas, la surface du lithium devient une mixture d'hydroxyde de lithium ( $\text{LiOH}$ ), de carbonate de lithium ( $\text{Li}_2\text{CO}_3$ ) et de nitrure de lithium ( $\text{Li}_3\text{N}$ ). L'hydroxyde de lithium présente un risque potentiel significatif car il s'agit d'un composé extrêmement corrosif qui peut s'avérer nocif notamment pour les organismes aquatiques ».

No mapa a seguir, as águas são marcadas pela cor azul. Percebe-se o quanto o país é rico em água doce, mas somente se beneficia de 43 km de costa marítima do Oceano Atlântico.

Figura 2 - Mapa da República Democrática do Congo



Fonte: Enciclopédia Britannica, 2023.

A importância da presença dos afrodescendentes no Brasil fez com que o movimento negro do Brasil conquistasse a Lei 10.639/03, que exige a obrigatoriedade do ensino da história e das culturas africanas e afro-brasileiras. Ora, não há cultura sem comunicação, e não há comunicação sem linguagem e, sobretudo, sem as línguas faladas. Apesar de as culturas das comunidades da RDC e das comunidades afrodescendentes do Brasil serem parecidas, há uma barreira linguística que impede o trânsito entre as duas partes. A nossa preocupação social ou problema social é descobrir como transmitir as culturas, línguas e história da RDC para as comunidades afrodescendentes brasileiras e, assim, preencher a falta de bibliografia sobre a tradução de línguas bantos da RDC para o português brasileiro. Assim, trazemos a língua swahili da RDC para o repositório de teses da PGET (Pós-Graduação em Estudos da Tradução), contribuindo, assim, para o cumprimento da Lei 10.639/03.

Este trabalho se justifica por vários motivos, começando pelo fato de que a tradução é um elemento necessário para o entendimento das diferentes culturas e línguas. Esta pesquisa vai permitir o resgate de valores culturais dentro da história da África, em geral, e da República Democrática do Congo, especificamente. O aprendizado do swahili no Brasil e do português na RDC poderá incentivar e facilitar a convivência entre as comunidades afrodescendentes do Brasil e as comunidades da RDC, seja no espaço congolês, brasileiro ou virtual. A obra escolhida permitirá também ao brasileiro conhecer a história e as culturas da RDC, apesar de a abordagem da obra ser um conto, há a apresentação da cultura congolês. A escolha de traduzir



a versão swahili da obra para o português brasileiro se deve ao fato de que, além de ser minha língua nativa, o swahili é falado em vários países africanos.

Georges Mertens, professor de swahili na Katholieke Universiteit de Louvain e autor do *Dictionnaire kiswahili-français et français-kiswahili*, publicado pela editora Karthala em 2006, começou este trabalho na ocasião da sua estadia no Kenya, como cooperante da região de Flandres, na Bélgica, e revisor de francês na Universidade de Nairóbi. Este dicionário é também o resultado da cooperação entre a França e a Tanzânia, dirigida pelo Instituto francês de pesquisas sobre a África. Na sua introdução, ele declara que:

O swahili é sem dúvida a língua africana mais falada no mundo. É um clichê repetir, mas na Europa não se percebe o suficiente. Sem dúvida, ela é falada por 80 milhões de cidadãos do leste da África e, esta estimativa é mínima. Não devemos esquecer que no Quênia, Uganda e Congo (RDC), assim como nas principais instituições africanas e internacionais, a importância do swahili continua crescendo<sup>14</sup>. (MERTENS, 2006, p. 7)

O *corpus* desta tese foi escrito por um autor que nasceu e se criou na antiga província do Katanga, República Democrática do Congo.

O objetivo principal desta tese é traduzir e comentar a versão swahili do corpus para o português brasileiro.

Os objetivos específicos são:

- a. Preencher a lacuna de traduções de línguas bantos da RDC para o português brasileiro;
- b. Trazer a língua swahili da RDC para o repertório de teses da PGET;
- c. Contribuir para o cumprimento da Lei 10.639/03.

Os objetivos específicos acima foram formulados a partir das seguintes constatações:

- a. O livro *Vraiment Congo une Tribu!* não tem tradução em português brasileiro;
- b. Faltam traduções de línguas bantos da RDC para o português brasileiro;
- c. Há ausência da língua swahili da RDC no repertório de teses da PGET;

De acordo com Hulstaert (1950, p.4) é importante afirmar a existência das línguas: “Negar a existência de línguas é, em nossa opinião, negar a existência de espécies e gêneros, ou afirmar que não existem florestas, apenas árvores.”<sup>15</sup>. G. Hulstaert foi membro associado do

<sup>14</sup> Tradução nossa do texto : « Le kiswahili est sans conteste la langue africaine la plus parlée au monde. C'est un cliché de le répéter, mais en Europe on ne s'en rend pas assez compte. Elle est sans doute parlée par 80 millions de citoyens de l'Afrique de l'Est et cette estimation est minimale. N'oublions pas qu'au Kenya, en Ouganda et au Congo (RDC) ainsi que dans les grandes institutions africaines et internationales, l'importance du kiswahili s'accroît encore. » (MERTENS, 2006, p. 7)

<sup>15</sup> Tradução nossa do texto « Nier l'existence de langues équivaut, à notre avis, à nier l'existence d'espèces et des genres, ou à prétendre qu'il n'existe pas de forêts, mais uniquement des arbres. » (HULSTAERT, p. 4, 1950)

Instituto Royal Colonial Belga em 1950 e foi autor de memórias sobre o mapa linguístico do Congo Belga, hoje RDC.

Quando decidi fazer doutorado em Estudos da Tradução, comecei por procurar alguns teóricos da área e analisar como seus textos poderiam me esclarecer sobre esta disciplina cuja prática eu usava desde pequena como arte, quando facilitava as conversas e transmitia as ordens dos meus avós aos meus irmãos e minhas irmãs menores. Fazia isso pois eles falavam em kiluba, uma língua banto da RDC, e eu traduzia para o swahili. Efetivamente, a RDC é um país multilinguístico. Apesar de todas as línguas nativas serem bantos, há quatro línguas reconhecidas como nacionais devido ao fato de serem as mais usadas nas quatro regiões do país. São elas: swahili, lingala, kikongo e tshiluba, como indica a Figura 3.

Figura 3 - Mapa linguístico da RDC



Fonte: JACQUERYE, 2005.

Concordando com Hulstaert, (1950, p. 4.) que, na sua publicação do mapa linguístico do Congo Belga, diz que não negar a existência de línguas significa também não negar a comunicação entre nativos nem entre eles e outras etnias, é preciso, então, estudar a tradução em geral para conseguir trazer uma tradução de uma dessas línguas para o português brasileiro, no caso o swahili. Em um primeiro momento, recorri aos textos de Antoine Berman em *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* (BERMAN, 1985), traduzida para o português como *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* por Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini; *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*, publicada originalmente pela editora Gallimard

em 1984 (Essais, 1984)<sup>16</sup> e traduzida em 2002 para o português por Maria Emília Pereira e publicada pela editora EDUSC.

Em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, o autor começa por uma crítica das teorias tradicionais, que concebem o ato de traduzir como uma “restituição embelezadora (estetizante) do sentido” (BERMAN, 2013, p. 15,). Na segunda parte, ele analisa algumas grandes traduções consideradas “literárias” para delimitar o trabalho sobre a letra, que ele considera inerente ao ato de traduzir, uma vez que ele recusa a sua figura canônica de servidor do sentido. Para Berman, a tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão (2013). Ele explica que a tradução é originalmente (e enquanto experiência) reflexão, que não é a descrição impressionista dos processos subjetivos do ato de traduzir, muito menos uma metodologia (BERMAN, 2013). Daí, ele propõe a “tradutologia” como sendo a articulação consciente da experiência da tradução, distinta de qualquer saber objetivante e exterior a ela, como elaboram a linguística, a literatura comparada, a poética. (2013, p. 18). Considero o fato de extrair o texto escrito em swahili do corpus para traduzi-lo para o português brasileiro como sendo uma perspectiva da articulação consciente da experiência da tradução proposta por Berman.

Sigo a abordagem de Berman por ele considerar que a tradução pode ser feita só com pensamento, sem conhecer as teorias (2013, p. 19). É o caso que se observa empiricamente na RDC, com sua multiplicidade de etnias e línguas bantos. Neste caso, a tradutologia de Berman permite que possamos analisar as traduções entre as línguas bantos ou de uma delas, o swahili, para o português brasileiro.

A coexistência dos povos bantos da RDC pode ser analisada pela tradutologia, pois eles se comunicam por um pensamento da tradução que os leva à reflexão e a uma experiência de comunicação entre as múltiplas expressões linguísticas. Por exemplo, em 2019, durante a minha pesquisa, fui convidada a assistir a uma sessão de conciliação no tribunal de paz na cidade de Kamina, província de Haut Lomami, RDC. Observei que o réu não falava francês nem swahili, somente o kiluba, que é a sua língua banto nativa. Não havia nenhum tradutor designado para o swahili, muito menos para o francês. O juiz, que parecia ciente dessa situação, perguntou se na sala havia alguém disposto a traduzir o “pensamento” do réu para o swahili ou o francês. Uma pessoa se levantou e disse:

Eu posso retransmitir o pensamento dele para o swahili, mas não para o francês, pois nas nossas línguas é possível refletir e pensar no que o outro está querendo dizer, mas para o francês não poderei transmitir exatamente o pensamento dele. (Fala na língua kiluba de um cidadão anônimo, junho de 2019. Sessão confidencial do Tribunal da Paz de Kamina, República Democrática do Congo. Tradução para o swahili por Nathan Ilunga Mwingidi, pastor)<sup>17</sup>

<sup>16</sup> BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger* : culture et traduction dans l'Allemagne romantique : Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emilia Pereira. Bauru : EDUSC.

<sup>17</sup> Informação colhida em pesquisa de campo. Tradução nossa da fala em swahili: “Bwanya kunena ino milangwe mu kiswaidi, inoko kibwanyapo kwi kilonga mu kilungu mwanda mu muneneno wetu ani mwisambilo wetu tu Bwanya kufwatakanya ne kumona byobya muntu wa kwetu bya saka kunena, inoko mu bulungu , ke kudipo muswelo wa

Acredito que esse fato nos permite ter uma observação das tradições não-ocidentais em geral e especificamente da congoleza sobre suas traduções, pois é o caso de dizer que:

Não existe a tradução (como postula a teoria da tradução), mas uma multiplicidade rica e desconcertante fora de qualquer tipologia, as traduções, o espaço das traduções que cobre o espaço do que existe em todo e qualquer lugar para traduzir. (BERMAN 1985, p. 24)

Podemos considerar, nesse caso, o etnocêntrico tal como Berman o define, trazendo tudo para a cultura banto da RDC, as suas normas e valores. Pode ser que o francês, que se encontra fora desta cultura, seja percebido como sendo negativo, como algo que obrigará a adaptar o pensamento a uma cultura estrangeira e diferente. Berman explica:

A tradução etnocêntrica nasce em Roma. Desde o princípio, a cultura romana é uma cultura-da-tradução. Após o período em que os autores latinos escrevem em grego, vem aquele no qual todo o corpus de textos gregos é traduzido: e este empreendimento de tradução massiva é o verdadeiro fundamento da literatura latina. Ela se efetua pela anexação sistemática dos textos, das formas, dos termos gregos, o todo sendo latinizado e, de certa maneira, tornando-se irreconhecível por esta mescla. (BERMAN 1985, p. 30)

Com a tradutologia, Berman traz a boa nova da traduzibilidade universal. Entendemos que isso pode se aplicar à facilitação das traduções entre línguas bantos da RDC e todas as etnias ou entre elas e as línguas ocidentais, neste caso, o português. Berman explica ainda que:

Aplicada às obras, a censura platônica sanciona um certo tipo de "translação", a do "sentido" considerado como um ser em si, como uma pura idealidade, como um certo "invariante" que a tradução faz passar de uma língua a outra deixando de lado sua casca sensível, seu "corpo": de sorte que o insignificante, aqui, é antes o significante. Do mesmo modo, todas as línguas são uma(s) pois nelas reina o logos, e é isso que, além das suas diferenças, funda a tradução. (BERMAN, 2013, p. 32).

Essa observação me fez voltar à disciplina “Metodologia de pesquisa em crítica cultural”, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, no Campus 2 da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), pelo professor Osmar Moreira e que me levou a reler *Mil Platôs I* de Gilles Deleuze e Félix Guattari com um olhar comparativo quando na capa do livro, eles explicam que:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, capa).

---

kunena, byoby bya saka kunena”. (Fala na língua kiluba de um cidadão anônimo, junho de 2019. Sessão confidencial do Tribunal da Paz de Kamina, República Democrática do Congo. Tradução para o swahili por Nathan Ilunga Mwingidi, pastor).

Poderia então dizer que a relação entre as línguas se encontra sempre no meio, entre as coisas inter-ser intermediada pela tradutologia? Neste caso, a tradução será comparada com uma árvore e a tradutologia com um rizoma que possuiria uma conjunção que tem uma força suficiente para sacudir e desenraizar a língua falada numa etnia congoleza? Para responder a essas duas perguntas, é preciso fazer uma pesquisa mais aprofundada.

Na metodologia, seguimos a abordagem teórica de Antônio Carlos Gil (2002) na classificação das pesquisas com base em seus objetivos. O objetivo geral do nosso trabalho é traduzir a versão swahili do livro *Vraiment Congo une Tribu!* Decidimos classificar esta pesquisa como qualitativa e exploratória, assumindo a forma de pesquisa bibliográfica, pois ela proporcionou uma maior familiaridade com os problemas que são : - de saber como transmitir as culturas, línguas e história da RDC para as comunidades afrodescendentes,- de descobrir qual foi o texto fonte do corpus a ser traduzido e analisado, preencher a falta de uma literatura sobre a tradução de línguas bantos para o português brasileiro, trazendo ao mesmo tempo a língua swahili da RDC para o repositório de teses da PGET e contribuindo para o cumprimento da Lei 10.639/03. O desenvolvimento da pesquisa foi feito com base em livros e artigos científicos publicados sobre a língua swahili da RDC.

Depois de explicar as vantagens da pesquisa bibliográfica que permite ao investigador cobrir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que se pesquisaria diretamente, Gil (2002, p.45) alerta que:

Essas vantagens da pesquisa bibliográfica têm, no entanto, uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa. Muitas vezes, as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar esses erros. Para reduzir essa possibilidade, convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente. (GIL, 2002, p. 45).

No nosso caso, reforçamos a nossa pesquisa com questionários, que foram respondidos pelo autor da obra, alguns responsáveis por faculdades de Letras das universidades e de colégios e livrarias de Lubumbashi e Kamina na RDC, nas províncias de Haut Katanga e de Haut Lomami.

Continuando as suas explicações sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2002) afirma:

A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser entendida como um processo que envolve as etapas:

- a) escolha do tema;
- b) levantamento bibliográfico preliminar;
- c) formulação do problema;
- d) elaboração do plano provisório do assunto;
- e) busca das fontes;
- f) leitura do material;
- g) fichamento;
- h) organização lógica do assunto; e
- i) redação do texto. (GIL, 2002, pp. 59-60).

Seguimos, então, este exemplo, para delinear a nossa pesquisa com as etapas seguintes:

a) Escolhemos o tema, que é a tradução comentada da versão swahili de uma obra escrita em três línguas: francês, swahili e lingala;

b) Fizemos um levantamento bibliográfico preliminar, de onde extraímos as abordagens que seguimos, fontes que nos passaram informações;

c) Formulamos a meta de transmitir as culturas, línguas e história da RDC para as comunidades afrodescendentes, preencher a falta de uma bibliografia sobre a tradução de línguas bantanas da RDC para o português brasileiro, trazendo, ao mesmo tempo, a língua swahili daquele país para a bibliografia da PGET, contribuindo. Assim, para o cumprimento da Lei 10639/03;

d) Elaboramos um plano provisório sobre o assunto, que foi apresentado anualmente no Seminário de Pesquisa em Andamento (SPA), da PGET. Esse seminário interno organizado por colegas discentes permite aos mestrandos e doutorandos apresentar e discutir sobre as etapas de pesquisas desenvolvidas a cada ano. No SPA/2018, apresentei o primeiro projeto de pesquisa: “O legado banto no uso das linguagens, cantos, e narrativas do povo dos quilombos no Brasil”, traçando o caminho metodológico pretendido. No SPA/2019, já com o novo projeto, desenvolvi um trabalho sobre algumas teorias da adaptação apresentando o trabalho “O desafio da noção de original e tradução/adaptação no livro de Yaya Asani: *Vraiment: Congo une tribu!* - histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo”. Em 2020, o SPA foi bem marcante, pois tivemos que fazer apresentações virtualmente por causa da pandemia, uma experiência que não foi muito proveitosa para mim, pois minha apresentação foi em um dia de muita chuva e tempestade no meu bairro, o que teve por consequência muita falha na comunicação. O meu trabalho foi sobre a língua swahili da RDC, pois é preciso informar que o swahili é uma língua falada em vários países africanos e o caso do swahili da RDC é específico e diferente dos outros países;

e) Buscamos as fontes nas bibliotecas físicas e virtuais da UFSC, UNILU, UNIKAM, entre outras;

f) Fizemos a leitura de cada material adquirido ou emprestado e, assim, escolhemos os textos e autores com os quais trabalhamos no desenvolvimento deste trabalho;

g) Fizemos o fichamento dos textos escolhidos para nos acompanhar na escrita.

Quanto ao método, recorreremos à revisão do curso de Metodologia de Pesquisa em Comunicação, disciplina administrada pelo professor Muleka Ditoka wa Kalenga no curso de especialização em Gestão Estratégica da Comunicação da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Vitória da Conquista na Bahia (2004), para escolher os dados que foram coletados, que são os textos escritos nas três línguas definidas na estrutura da obra, como já indicado no Quadro 1. Lemos as três versões (francês, swahili e lingala) das histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo. A obra foi publicada em três formatos: Kindle, no qual as páginas têm uma estrutura diferente da estrutura do livro impresso; impresso e audiolivro, que é separado em três

línguas, de modo que o ouvinte escolhe em que língua quer ouvir o conteúdo. No livro impresso, os capítulos e temas têm cada um o mesmo título em francês e nas duas línguas bantos (swahili e lingala). Nas páginas seguintes, vêm as ilustrações em imagens com explicações em francês, sem adaptação nem traduções dos enunciados. Para facilitar a observação, reproduzimos os quadros de cada capítulo aumentando uma coluna, onde colocamos as traduções para o português e não conseguimos confirmar se o livro foi escrito em francês e adaptado para o swahili e o lingala. Por exemplo:

Quadro 2 - página 8, versão em francês

**Página esquerda do livro**

<u>TEXTO ORIGINAL EM FRANCÊS</u>	<u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS</u>
<p>Le ciel dans la main. Quelle histoire !</p> <p>Il était né à Lisala. Déjà enfant, la forêt équatoriale le privait de la clarté du jour, alors que le soleil brillait au-dessus des hauts arbres, touffus et enlacés. Il rêvait de monter là-haut ; il raffolera du pilotage et de voyages en avion, et il affrètera le plus beau, le plus rapide : le Concorde<sup>3</sup>. Ses manuels de catéchisme illustraient l'Ascension du Christ et l'Assomption de Marie comme un décollage du sol, pour être placés au-dessus des nuages. Souvent il levait les yeux, vers le haut, vers le Paradis, la demeure de Dieu. Mais à 27 ans, le premier satellite fendit et parcourut le ciel. À 39 ans, le 21 juillet 1969, l'homme mit le pied sur la Lune et y déposa un disque contenant les messages de bonne volonté de 73 chefs d'État<sup>4</sup>. Dont le sien : lui, l'enfant de Lisala. Et deux mois plus tard, les trois astronautes Armstrong, Aldrin, Collins et leurs épouses accoururent pour trois jours à Kinshasa, en octobre 1969. L'accueil et le séjour furent grandioses<sup>5</sup>. Il les décora et ils lui remirent un morceau de roche lunaire<sup>6</sup>. Un morceau du ciel ! La télévision diffusa sa tête majestueuse, jaillissant des profondeurs du ciel et grossissant au milieu des nuages pour finir par occuper tout l'écran. Il choisit un nouveau nom pour le pays, interdit les prénoms chrétiens et noua avec le Diable de l'époque : la Chine communiste. Seul Dieu pouvait tenir l'univers dans le creux de sa main. Lui, le natif de la forêt, avait en main un morceau du ciel. Mobutu se prit pour un dieu.</p>	<p>O céu na mão. Que história!</p> <p>Ele tinha nascido em Lisala. Ainda criança, a floresta equatorial o impedia de ver a claridade do dia, quando o sol brilhava por cima das altas árvores, espessas e entrelaçadas. Ele sonhava subir lá em cima; ele almejava ser piloto e viajar de avião. Ele alugaria o mais bonito, o mais rápido: o modelo mais recente. Seus manuais de catecismo ilustravam a Ascensão do Cristo e a Assunção de Maria como uma decolagem do solo, para serem colocados acima das nuvens. Várias vezes, ele levantava os olhos em direção ao alto, o Paraíso, a morada de Deus. Mas, aos 27 anos, o primeiro satélite atravessou e percorreu o céu. Aos 39 anos, dia 21 de julho de 1969, o homem colocou o pé na lua e colocou lá um disco contendo as mensagens de boa vontade de 73 chefes de Estados. Entre elas, a dele: ele, o menino de Lisala. E depois de dois meses, os três astronautas Armstrong, Aldrin, Collins e suas esposas estiveram três dias em Kinshasa, no mês de outubro de 1969. A recepção e a jornada foram grandiosas. Ele os decorou e eles lhe deram um pedaço de rocha lunar. Um pedaço do céu! A televisão transmitiu sua majestosa cabeça, erguendo-se das profundezas do céu e ampliando-se no meio das nuvens até chegar a ocupar toda a tela. Ele escolheu um novo nome para o país, interditou os nomes cristãos e juntou-se ao diabo da época: a China comunista. Só Deus podia segurar o universo na palma da mão. Ele, nativo da floresta, tinha em mãos um pedaço do céu. Mobutu se achou um deus.</p>

Fonte: ASANI, 2016.

Quadro 3 - página 9, versões em swahili e lingala

<b>Página direita / ímpar</b>	
<u>TEXTO ORIGINAL EM SWAHILI</u>	<u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS</u>
<p>Hadisi njo!</p> <p>Alizaliwa Lisala, muji anuzungukiwa na miti mirefu sana. Naye alikomea na mawazo ya kama juu ya miti ni mawingu, na juu ya mawingu ni mbinguni nafasi Mungu anahishi kwa milele. Ni nafasi Yesu na bikira Maria walipanda. Alipopata myaka 27, Warussia walituma kyombo Sputnik juu ya mawingu pasipo kupata mbingu. Pia myaka 39, waamerikani watatu walisafiri mpaka mwezi. Walichukua mesali ya mariaisi wa dunia nzima, na</p>	<p>Era uma vez!</p> <p>Nasceu em Lisala, aldeia rodeada por árvores muito grandes. Ele cresceu pensando que em cima das árvores está o céu, e, em cima do céu, está o paraíso, lugar onde Deus vive eternamente. É o lugar para onde Jesus e a Virgem Maria subiram. Quando completou 27 anos, os russos enviaram seu aparelho <i>Sputnik</i> ao céu sem encontrar o paraíso. Com 39 anos, três americanos viajaram até a lua. Eles levaram mensagens de chefes de Estado do mundo inteiro, inclusive a dele, criança que</p>



<p>yake yeye muzaliwa wa Lisala. Waamerikani waliogota majiwe ya mwezi na walirudi pa dunia. Wao watatu na wake zao wakaenda Kinshasa kutolea muzaliwa wa Lisala sehemu ndogo ya jiwe waliogota juu ya mwezi. Tangu pale, muzaliwa wa Lisala akapata kiburi kikubwa. Tangu alikamata mikononi mwake jiwe ya mwezi, aliwaza alikuwa kama mungu anayekamata sehemu ya mbingu. Mobutu aliwaza naye alikua mungu wa dunia.</p>	<p>nasceu em Lisala. Os americanos trouxeram da lua algumas rochas. Os três, junto, com a suas esposas foram para Kinshasa oferecer ao nascido em Lisala um pedaço de rocha da lua. Desde então, o nascido em Lisala ficou muito orgulhoso. Desde que pegou nas suas mãos a rocha lunar, ele pensou que era como Deus, que tem poder no paraíso. Mobutu pensou que ele também era o deus da terra.</p>
<p style="text-align: center;"><b><u>TEXTO ORIGINAL EM LINGALA</u></b></p> <p style="text-align: center;">Lisapo Onge!</p> <p>Mobutu a botamaki na mboka ebengami Lisala. Na mobu 1969, azalaki na mibu ntuku misatu na libwa. Mobu oyo ba amerike misatu: Armstrong, Aldrin na Collins batambolaki na sanza. Bayaki na Kinshasa sima mobembo wana pe bapesaka Mobutu eteni ya libanga eyutaki na sanza. Lokola asimbaki libanga ya sanza, akanisaki akomi Nzambe.</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS</u></b></p> <p style="text-align: center;">Era uma vez!</p> <p>Mobutu nasceu numa cidade chamada Lisala. Em 1969, ele tinha 39 anos. Naquele ano, três americanos: Armstrong, Aldrin e Collins caminharam na lua. Vieram a Kinshasa e, nesta viagem, deram um pedaço da pedra que vinha da lua. Como ele pegou a pedra lunar, ele pensou que era Deus.</p>

Fonte: ASANI, 2016.

Neste trabalho, consideramos a interpretação dos dados como sendo a própria tradução comentada do texto em swahili para o português brasileiro. Para isso, organizamos o texto em quadros com três colunas divididos em linhas numeradas que contêm tópicos traduzidos para facilitar a sua localização nos comentários.

Quadro 4 - Exemplo de estrutura da tradução

1	<b><u>TEXTO ORIGINAL EM SWAHILI</u></b>	<b><u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUES</u></b>
2	<p style="text-align: center;">Hadisi njo!</p> <p>Alizaliwa Lisala, muji anuzungukiwa na miti mirefu sana. Naye alikomea na mawazo ya kama juu ya miti ni mawingu, na juu ya mawingu ni mbinguni nafasi Mungu anahishi kwa milele.</p>	<p style="text-align: center;">Era uma vez!</p> <p>Nasceu em Lisala, aldeia rodeada por árvores muito grandes. Ele cresceu pensando que em cima das árvores há o céu, e em cima do céu é o paraíso, lugar onde Deus vive eternamente.</p>
3	<p style="text-align: center;">Ni nafasi Yesu na bikira Maria walipanda. Alipopata myaka 27, Warussia walituma kyombo Sputnik juu ya mawingu pasipo kupata mbingu.</p>	<p style="text-align: center;">É onde Jesus e a virgem Maria subiram. Quando completou 27 anos, os russos enviaram seu aparelho “Sputnik” para o céu sem encontrar o paraíso.</p>
4	<p style="text-align: center;">Pia myaka 39, waamerikani watatu walisafiri mpaka mwezi. Walichukua mesali ya mariaisi wa dunia nzima, na yake yeye muzaliwa wa Lisala.</p>	<p style="text-align: center;">Com 39 anos, três americanos viajaram até a lua. Eles levaram mensagens de chefes de Estado do mundo inteiro, inclusive a dele, criança que nasceu em Lisala.</p>
5	<p style="text-align: center;">Waamerikani waliogota majiwe ya mwezi na walirudi pa dunia. Wao watatu na wake zao wakaenda Kinshasa kutolea muzaliwa wa Lisala sehemu ndogo ya jiwe waliogota juu ya mwezi.</p>	<p style="text-align: center;">Os americanos trouxeram da lua algumas pedras. Os três, juntos com a suas esposas, foram para Kinshasa oferecer ao nascido em Lisala um pedaço da pedra da lua.</p>

6	Tangu pale, muzaliwa wa Lisala akapata kiburi kikubwa. Tangu alikamata mikononi mwake jiwe ya mwezi, aliwaza alikuwa kama mungu anayekamata sehemu ya mbingu. Mobutu aliwaza naye alikua mungu wa dunia.	Desde então, o nascido em Lisala ficou muito orgulhoso. Desde que pegou nas suas mãos a pedra lunar, ele pensou que era como Deus, que tem poder no paraíso. Mobutu pensou que ele também era o deus da terra.
---	--	--

Fonte: ASANI, 2016.

### 2.2 1.1 POR QUE TRADUZIR A VERSÃO SWAHILI DESTA OBRA?

Antes de continuar, acredito que seja pertinente explicar o porquê da escolha desta obra que foi escrita em três línguas e escolher a versão swahili para traduzir para o português brasileiro. Efetivamente, o autor do corpus tem muitos livros publicados, como expomos nesta tese, mas todos estão escritos em francês. Acontece que o nosso objetivo principal foi de traduzir uma obra escrita em língua banto da RDC para o português brasileiro. Depois de pesquisar e não encontrar no prazo determinado uma obra publicada em swahili da RDC, decidimos pelo VCT que é um conto, mas com algumas informações importantes sobre a cultura congoleza.

O desenvolvimento desta tese está dividido em seis capítulos, esta introdução sendo o primeiro e as considerações finais o último capítulo. Também tem no anexo, uma lista com algumas palavras, verbos e expressões em swahili de Lubumbashi traduzidas para o português brasileiro, assim como a autorização de tradução do corpus assinada pelo autor da obra.

O segundo capítulo, “O autor Yaya Asani: sua obra e as línguas-culturas da RDC”, Apresenta uma breve biografia do autor, 4 entrevistas feitas com ele durante a pesquisa. Em seguida, são apresentadas algumas obras do autor publicadas de 2012 a 2020, uma descrição das línguas e culturas da RDC, a descrição das línguas e culturas dos bantos, uma apresentação dos mapas linguísticos do Congo Belga e da RDC, uma descrição da língua swahili na RDC e por fim, a apresentação de alguns autores que escreveram em línguas bantos da RDC ou sobre estas línguas.

O terceiro capítulo, “Da tradução aos estudos da tradução”, acolhe algumas teorias que nos deram a possibilidade de entender alguns conceitos sobre tradução e tradutologia.

O quarto capítulo, “A tradução de Realmente Congo , uma Tribu! Contém a própria tradução da versão swahili da obra “*Vraiment Congo, une tribu!*” apresentada em 3 colunas, a primeira contém o número da linha, a segunda, o texto fonte e a terceira a tradução do texto em português brasileiro

O quinto capítulo, “Comentários acerca da tradução” contém informações sobre as decisões tradutórias de algumas expressões culturais próprias ao povo da RDC e que tivemos que interpretar para a cultura brasileira.

No sexto e último capítulo, preferimos apresentar nossas considerações finais invés de uma conclusão, para permitir uma continuação da pesquisa por outros/as colegas ou por mim mesma se for necessário.

No final apresentamos as referências e o anexo que é, a autorização de tradução assinada pelo autor da obra.

## **2. O AUTOR YAYA ASANI: SUA OBRA E AS LÍNGUAS-CULTURAS DA RDC**

Observamos que Marcel Yabili ou Yaya Asani, como assina neste corpus, é um personagem importante da história de Lubumbashi, onde, como advogado, defendeu grandes casos na justiça. Por isso é sempre chamado de “Maître Yabili”.

Figura 4 - O autor Yaya Asani



Fonte: Radio Okapi.net (2015)

Figura 5 - Capas dos livros de Yaya Asani



Fonte: Amazon.com, 2021.

## 2.1 YAYA ASANI, BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR

Marcel Willy Asani Yabili nasceu em 01/05/1945 na cidade de Lubumbashi, província de Katanga, atual Haut Katanga. Formado em Direito, trabalhou como advogado durante 45 anos e hoje é escritor e formador de opinião nacional e internacional na mesma cidade. Ele estudou em dois colégios de padres beneditinos e um de salesianos. Em entrevista dada e publicada na web pela comissão de memórias da RDC, ele declara não ter conhecido a colonização, pois a RDC obteve sua independência quando ele só tinha 15 anos de idade, em 1960. Antes de trabalhar como advogado, ele era jornalista *freelance*.

Asani tinha confirmado que nos receberia em Lubumbashi para uma entrevista no mês de abril de 2020, quando nos explicaria, entre outras coisas, porque ele assinou a obra *Vraiment*

*Congo une Tribu!* como “Yaya Asani” e não com seu nome de registro. A pandemia do coronavírus nos impediu de viajar para a RDC, e esse fato fez com que ficássemos em contato por WhatsApp. Assim, ele aceitou responder às perguntas ao longo do ano via mensagens instantâneas, pois estava em confinamento voluntário escrevendo o segundo volume do ano de 2020: “Le roi génial et bâtisseur de Lumumba, tome 2. Ici maintenant, lui et son caoutchouc “ que foi publicado pela Editora Amazon. De fato, Marcel publica dois livros a cada ano desde 2012.

Neste capítulo, além das entrevistas concedidas por WhatsApp com suas respectivas traduções, vamos apresentar as obras e publicações do autor entre 2012 e 2020 dentro dos quais se encontra “Vraiment Congo, une tribu!” cujo vamos descrever e analisar assim como traduzir as legendas de imagens e notas do final da obra que estão em francês e não fazem parte do nosso objetivo principal, mas são necessários para a compreensão do leitor brasileiro. Em seguida, apresentaremos a RDC com suas línguas e culturas bantos.

### 2.3 ENTREVISTA DE 28/07/2020

Segue a transcrição da entrevista concedida em julho de 2020, sendo que Mwewa corresponde a **M** e Yabili (Asani) a **Y**.

N	<u>TEXTO-FONTE EM FRANCÊS</u>	<u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS</u>
1	<p><b>M</b> : <i>Une petite curiosité pour ma thèse: Pourquoi tu signes sur cette œuvre: " Yaya Asani" et non Marcel Yabili?</i></p> <p><b>Y</b> : J'avais envisagé d'écrire des récits populaires avec ce nom de plume... Mais j'ai poursuivi avec des essais et des études que je dois signer.</p>	<p><b>M</b>: <i>Uma pequena curiosidade para a minha tese: por que você assina nesta obra “Yaya Asani” e não Marcel Yabili?</i></p> <p><b>Y</b>: Eu pensava em escrever histórias populares com este pseudônimo... Mas continuei com ensaios e estudos que devo assinar com meu nome.</p>
2	<p><b>M</b>: <i>Au fait c'est l'unique récit populaire? Pourquoi as-tu opté pour les essais et études? Faut-il affirmer que la population en général n'a pas répondu à "VCT"? Ainsi tu as poursuivi comme tout le monde en laissant de côté nos langues pour n'écrire qu'en français?</i></p> <p><b>Y</b> : Non, je poursuis, mais sous mon nom. Dans VCT, j'explique dans l'introduction en note de bas de page que je m'appelle réellement Yabili...</p>	<p><b>M</b>: <i>De fato, é a única história popular? Por que optou por ensaios e estudos? Deve-se afirmar que a população em geral não respondeu a esta obra? Assim, você, como tudo mundo, continuou deixando de lado as nossas línguas para escrever só em francês?</i></p> <p><b>Y</b>: Não, eu continuo, mas assinando com meu nome. Nesta obra, é explicado na introdução em nota de rodapé que meu nome é Yabili...</p>

3	<p><b>M:</b> <i>Oui oui, mais j'ai observé que c'est l'unique œuvre en nos langues...</i></p> <p><b>Y :</b> La suite de VCT existe depuis 5 ans, dans les 3 langues. Il reste produire l'audiolivro. Car VCT est aussi en e-book et en audiobook. La suite est rédigée, mais pas encore publiée. Pourquoi? Par pudeur, avec 2 livres par an, j'en fais déjà trop ; cela viendra.</p>	<p><b>M:</b> <i>Sim, mas observei que é a única obra em nossas línguas...</i></p> <p><b>Y:</b> Há uma continuação desta obra que existe há 5 anos, nas 3 línguas. Falta produzir o audiolivro. Pois <i>Vraiment Congo une Tribu</i> é também publicado em e-book e em audiolivro. A continuação está redigida, mas ainda não publicada. Por quê? Por pudor, pois publicando 2 livros por ano já faço demais; um dia serão publicados.</p>
---	--	---

Fonte: Entrevista concedida à autora, 2020.

## 2.4 ENTREVISTA DE 04/08/2020

Segue a transcrição da entrevista concedida em 4 de agosto de 2020.

	<u>TEXTO-FONTE EM FRANCÊS</u>	<u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS</u>
1	<p><b>M :</b> <i>Dans quelle région et ville de la RDC êtes-vous né et quelle est votre langue native (tribu) en plus du swahili lingala et français? Quelle était la langue de communication familiale dans votre enfance?</i></p> <p><b>Y :</b> Né à Lubumbashi, ville nouvelle en dehors des localités traditionnelles et pour cela, elle a été classée comme "centre extra-coutumier". À la maison, on parlait kiswahili et français.</p>	<p><b>M:</b> <i>Em que região e cidade da RDC você nasceu e qual a sua língua nativa (tribu) além do swahili, lingala e francês? Qual foi a língua de comunicação na sua família durante sua infância?</i></p> <p><b>Y:</b> Nasci em Lubumbashi, cidade nova fora das localidades tradicionais e, por isso, ela foi classificada como "centro extra tradicional". Em casa, falava-se swahili e francês.</p>
2	<p><b>M :</b> <i>Quelle est votre formation de base à l'école avant de choisir le droit à l'université et quelle est votre historique académique?</i></p>	<p><b>M:</b> <i>Qual a sua formação de base na escola antes de escolher o Direito na universidade e qual seu histórico acadêmico?</i></p>
3	<p><b>Y :</b> Cycle secondaire littéraire (latin et grec); licencié en droit et maître de conférences en droit civil et droit fiscal.</p>	<p><b>Y:</b> Ensino médio literário (latim e grego); graduação em Direito e professor em direito civil e direito fiscal.</p>

Fonte: Entrevista concedida à autora, 2020.

## 2.5 ENTREVISTA DE 06/08/2020

Segue a transcrição da entrevista concedida em 6 de agosto de 2020.

	<u>TEXTO-FONTE EM FRANCÊS</u>	<u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS</u>
--	-------------------------------	----------------------------------

1	<p><b>M</b> : <i>Combien de temps avez-vous travaillé comme avocat et dans quel domaine du droit ?</i></p> <p><b>Y</b> : Je préfère parler de ma carrière de juriste comme avocat et conseiller juridique, pour un total de 45 ans.</p>	<p><b>M</b>: <i>Quanto tempo trabalhou como advogado e na área de Direito?</i></p> <p><b>Y</b>: Prefiro falar da minha carreira de jurista como advogado e conselheiro jurídico por um total de 45 anos.</p>
2	<p><b>M</b> : <i>Comment vous définissez vous en relation avec la population : un leader d'opinion? Un simple formateur d'opinion? Indifférent? Politicien ou homme d'affaires?</i></p> <p><b>Y</b> : C'est dans mon livre « Je crois en droit » sur Amazon.</p> <p>Plutôt un informateur que ce soit sur des matières de mes spécialités juridiques ou les expériences vécues ou simple témoin des événements dans ma ville et mon pays, car il y a beaucoup de migrations.</p>	<p><b>M</b>: <i>Como você se define com relação à população: Um líder de opinião? Um simples formador de opinião? Indiferente? Político ou Empresário?</i></p> <p><b>Y</b>: Está no meu livro <i>Creio no direito</i>, na Amazon.</p> <p>Considero-me um informante, quer seja no tratamento de matérias das minhas especialidades jurídicas ou nas experiências vividas ou no simples testemunho dos eventos na minha cidade e no meu país, pois há muitas migrações.</p>

## 2.6 ENTREVISTA DE 24 /01/2021

N	<u>TEXTO-FONTE EM FRANCÊS</u>	<u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUES</u>
1	<p><b>M</b> : <i>Parlant de VCT, juste pour savoir si les adaptations dans les deux langues bantoues ont été faites sur base de tes traductions littéraires ou bien les adaptateurs/trices se sont basés directement sur l'original français ?</i></p> <p><b>Y</b> : C'est moi-même qui ai fait les adaptations, donc ce ne sont pas des traductions, mais une écriture parallèle.</p>	<p><b>M</b>: <i>Gostaria de saber se na obra <i>Vraiment Congo une Tribu!</i>, as adaptações nas duas línguas bantos foram feitas com base em suas traduções literárias ou os adaptadores se basearam diretamente no original em francês?</i></p> <p><b>Y</b>: Fui eu mesmo que fiz as adaptações, então não são traduções, mas uma escrita paralela.</p>

## 2.7 ALGUMAS OBRAS PUBLICADAS DE 2012 A 2020

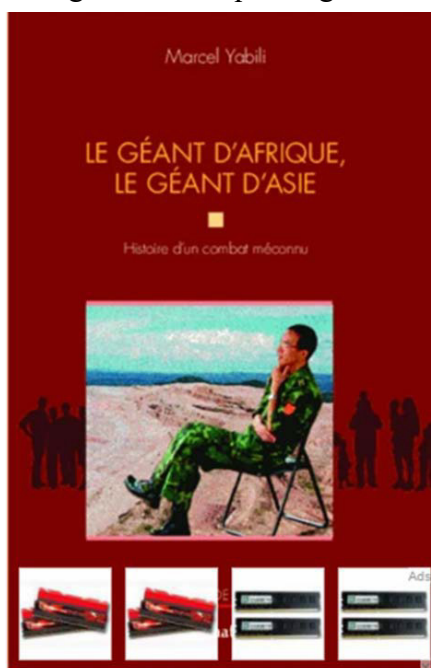
Na nossa percepção, as publicações do autor estão interligadas, independentemente das áreas e das abordagens. Além de livros, ele tem publicações em revistas, jornais de Lubumbashi ou do país. Em 1972, escreveu uma proposta de um método de pesquisa em direito tradicional positivo que foi publicado pela *Revista Jurídica do Zaire* (RJZ); em 1974, pela mesma revista, ele publicou um formulário de contrato do antigo fundo de adiantamento, que era um sistema financeiro instalado pela ditadura; em 1975, ele escreve sobre o direito à revolução, pela mesma revista, seguida de outra publicação sobre direito, revolução e vigilância revolucionária publicada

na revista da Universidade Nacional do Zaire, como era chamado o país naquela época. Em 2010, ele fez duas publicações, uma delas tratando de uma avaliação de um julgamento sobre alguns fundamentos da justiça congolês, outra se debruçando sobre a história do direito trabalhista congolês de 1885 a 2010. Em 2012, publica sobre o bom direito, que, segundo ele, depende da ética do jurista, e fala sobre a modernização do direito congolês.

Entre outras obras, Marcel Yabili publicou durante muito tempo ficções e crônicas na internet chamadas "Noir Métallisé", nas quais descrevia situações e momentos que a sociedade estava passando na época. Além disso, ele tem dois blogs: "Grand Beau et riche pays"<sup>18</sup>, que é um espaço para postar fotos ou eventos do dia a dia; e "Congo Reading"<sup>19</sup>, um espaço onde são postados temas e notícias jurídicos. Observamos que os dois blogs estão inativos desde 2015, o que coincide com o início das publicações de dois livros por ano.

Em todos os seus escritos, de uma forma clara, Marcel expressa o seu amor pela RDC, pela sua cidade Lubumbashi e pelo direito. A escrita dele é simples e de fácil leitura para qualquer pessoa interessada. Ele usa imagens coloridas nas capas de livros, não só para atrair leitores, mas porque Marcel ama as cores e a fotografia desde a juventude. Além de escrever, de orientar estudantes e liderar grupos da sociedade civil, ele tira fotografias de flores todas as manhãs e as encaminha a uma lista de WhatsApp para os amigos da terceira idade ou de pessoas que não têm possibilidade de sair da cama por motivo de doença. Isso se intensificou em 2020, devido à pandemia.

Figura 6 - Capa de *Le géant d’Afrique, le géant d’Asie : histoire d’un combat*



Fonte: YABILI, 2012(b).

<sup>18</sup>YABILI, Marcel. Au grand beau et riche pays. Disponível em: <http://congograndbeauetrichepays.over-blog.com/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

<sup>19</sup> YABILI, Marcel. Le blog juridique au quotidien (RDC) : Disponível em: <http://congoreading.over-blog.com>. Acesso em: 09 mar. 2021



A viagem pelas obras publicadas por Asani (Yabili) começa em 2012, quando toda a África está sendo invadida pelo fenômeno chinês, que hoje se generalizou. Yabili resolveu aprofundar a análise desse fato e publicar pela editora l'Harmattan, de Paris, em 2012, *Le géant d'Afrique, le géant d'Asie : histoire d'un combat méconnu* [O gigante da África, o gigante da Ásia: a história de uma luta desconhecida], falando da apropriação de matérias primas, bens e serviços do continente africano pelos chineses, em uma linguagem fácil de entender. O título do volume provoca a curiosidade do leitor em relação ao gigante que domina a África e a Ásia.

Figura 7 - Capa do livro *État de droit: les contrôles de constitutionnalité par la Cour Constitutionnelle, les Cours et les Tribunaux*



Fonte: YABILI, 2012(a).

No mesmo ano de 2012, o autor publicou na área de Direito uma obra sobre o Estado de Direito, tema que era discutido na época na RDC. Era preciso informar sobre as revisões constitucionais pelo Tribunal Constitucional, Cortes e Tribunais, pois o país tinha acabado de passar por uma eleição presidencial em 28 de novembro de 2011, com um segundo turno que era previsto para 26 de fevereiro de 2012 e que foi cancelado devido a mudanças na legislação eleitoral. Essa notícia provocou preocupações na população sobre a transparência dessas eleições; todos queriam compreender o que a Constituição previa nesse caso. Daí nasceu a obra *État de droit: les contrôles de constitutionnalité par la Cour Constitutionnelle, les Cours et les Tribunaux*<sup>20</sup>, pela editora PUL (Presses Universitaires de Lubumbashi), em 2012. Com 336 páginas, é um manual de Direito Judiciário Constitucional, que serve também como material didático no curso de Direito dessa e de outras universidades do país.

<sup>20</sup> “Estado de direito: revisões constitucionais pelo Tribunal Constitucional, Cortes e Tribunais”

Nos dois livros, ele fala sobre a situação da RDC, seu país, que em um momento é invadido pela China com a sua participação na reconstrução do país, que não era muito bem-vista, pois os chineses almejavam muito mais do que uma amizade entre dois países; num outro momento, este mesmo país tinha acabado de receber uma mudança na sua constituição, que por um lado não beneficiaria o povo. Nos dois livros, o autor tem a preocupação de informar aos leitores sobre um outro olhar nas relações China/RDC e nas revisões constitucionais.

Figura 8 - Capa de *Les Juridictions Judiciaires : organisation, fonctionnement, compétences en RDC en 2013*



Fonte: YABILI, 2013.

Em 2013, Yabili publicou *Les juridictions judiciaires*<sup>21</sup>, explicando o que são e como funcionam os tribunais judiciários. A população continuava discutindo sobre eleições passadas e criou-se um interesse geral de conhecer mais sobre o judiciário. O tempo era propício para produzir material didático para faculdades de Direito e manuais de informações jurídicas que pudessem ser consultados por qualquer cidadão. A obra foi publicada pela editora M. Yabili e está disponível só em versão impressa.

Em duzentas páginas, ele começa por descrever o poder judiciário de 1886 a 2013, comenta sobre as justiças alternativas e expõe os desafios do poder judiciário. Depois desses três esclarecimentos, Yabili (2013) trata da organização, funcionamento e competências do judiciário em texto integral e anotado, dando dicas de leitura. Em seguida, explica o que é e como funciona a organização judicial; quem é o pessoal judicial; o que são e quais são as jurisdições; o que são o fórum e o Ministério Público; o que é e qual é a competência judicial; o que são e quais são os

<sup>21</sup> Tribunais Judiciais (tradução nossa).

tribunais repressivos; o que são e quais são os tribunais cíveis; quais são as matérias comerciais e sociais e, por fim, quais são as disposições transitórias e finais.

Para terminar, Yabili (2013) especifica quais são as localizações e os desafios para salvar, alterar e melhorar a Lei Orgânica; os textos complementares à Lei Orgânica; o que é uma desobediência legal. Em conclusão, ele apresenta o palácio de justiça da RDC. Essa obra, como as outras já citadas, descreve a situação de um país em dificuldade e um povo à procura de seus direitos. Em 2013, também publicou a versão eletrônica de *O gigante da África, o gigante da Ásia: a história de uma luta desconhecida*.

Figura 9 - Capa do livro *Je crois en droit*



Fonte: YABILI, 2014.

Em 2014, baseado nas mesmas preocupações judiciais, ele publicou *Je crois en Droit*<sup>22</sup> pela editora Bahú-Bab, de Lubumbashi.

*Creio no direito* tem 239 páginas. A obra descreve 45 anos de análises jurídicas de eventos privados e públicos na RDC, que foram observados em tempo real com diversas circunstâncias políticas e socioeconômicas, apresentados com clareza em uma ou duas páginas, com o auxílio de notas, *newsletters*, blogs e publicações jurídicas. A obra tem um conteúdo científico claro, fácil e agradável de ler. Apesar dos erros da justiça e da ausência de vontade política para a criação de um Estado de Direito, a obra demonstra que o jurista pode manter a lucidez. Apesar da crise do Direito na RDC, o autor diz que crê no direito. A obra é dividida em duas partes. A primeira fala dos pioneiros dos 50 anos que vão de 1924 a 1974; a segunda parte fala de quarenta anos que vão de 1974 a 2014. O primeiro capítulo expõe os anos autoritários do Movimento Popular da Revolução (MPR) do ditador Mobutu Sese Seko Kuku Zendo wa Zabanga; o segundo

<sup>22</sup> [Eu creio no direito].

capítulo fala dos anos de universidade; o terceiro capítulo conta os anos de advocacia; o quarto capítulo apresenta o sonho de ser juiz, e o quinto capítulo apresenta as notas, *newsletters* e blogs jurídicos, antes da segunda parte, que expõe o Direito no cotidiano.

Figura 10 - Capa de *Vraiment Congo une tribu !*



Fonte: YABILI, 2013.

Como se continuasse a história do Congo nos bastidores, Marcel Yabili escreve o livro *Vraiment Congo une tribu!*, cuja tradução da versão swahili para o português brasileiro compõe o quarto capítulo desta tese. Assim, vamos usar este espaço para descrever, analisar e traduzir as legendas de imagens e notas do final da obra que estão em francês e não fazem parte do nosso objetivo principal, mas são necessários para a compreensão do leitor brasileiro.

A obra *Realmente Congo, uma tribo!* escrita em três línguas: Francês, Swahili e Lingala, foi publicada em três formatos: Kindle, no qual as páginas têm uma estrutura diferente da estrutura do livro impresso; impresso e audiolivro para cada uma das três línguas, de modo que o ouvinte escolhe em que língua quer ouvir o conteúdo.

No seu prefácio, Yaya Asani, informa que : “Meu texto é uma nova escrita, com um parágrafo por página e uma sucessão de instantâneos de informações e revelações, surpresas e polêmicas, sonhos e reviravoltas, enfim, uma amostra das delícias da leitura.”<sup>23</sup> (p. 5)

No livro impresso, os capítulos e temas são escrito em francês desenvolvidos nas três línguas citadas ou numa das línguas e traduzidos nas duas outras. Depois da dedicatória e do prefácio, escritos em francês. Nas páginas 6 e 7 estão, o quadro explicativo do plano do livro e o

<sup>23</sup> Tradução nossa do texto: « Mon texte est une écriture nouvelle, avec un paragraphe par page et une succession de clichés d'informations et de révélations, de surprises et de controverses, de rêves et de rebondissements, Bref, un échantillon des délices de la lecture. »

sumário, que contêm 5 capítulos e 31 subtítulos que ele chama de parágrafos. No final tem os créditos de imagens e as notas.

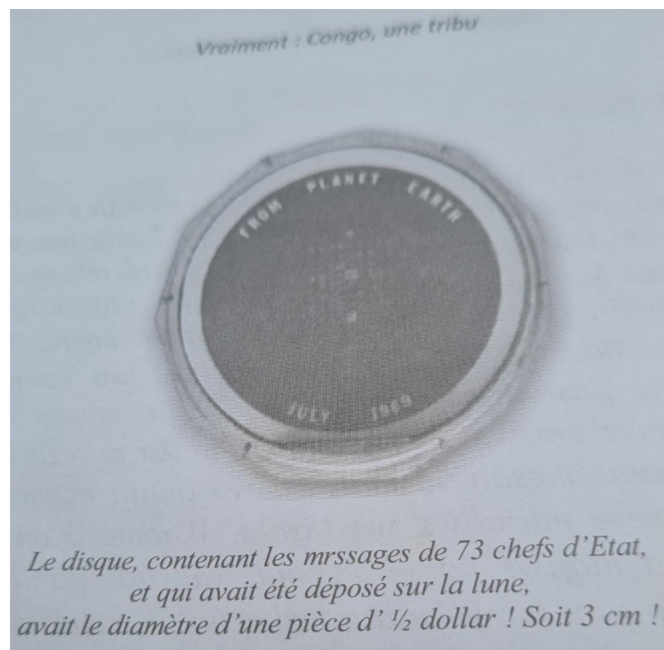
A seguir vamos detalhar algumas páginas do livro impresso para entendermos melhor a nova escrita que ele considera fácil.

Na página 8 encontra-se um título em francês "O céu nas mãos" (Le ciel dans la main) e um subtítulo na mesma língua *Que história!* (Quelle histoire!) em seguida vem o texto em francês.

Na página 9 consta em cima escrito em francês "Capítulo 1: Entre um irmão e um amigo..." (Chapître 1: entre un ami et un frère...) seguindo da exclamação de chamada de conto em swahili que quer dizer literalmente *Eis a história!* (Hadisi njo!) seguida do texto em swahili e logo depois, quase no final da página, vem a chamada de conto em Lingala *Uma lenda!* (Lisapo onge!) e depois vem o texto em lingala.

Na página 10 há uma imagem de disco com a legenda em francês: *O disco, que contém as mensagens de 73 chefes de Estados e que tinha sido deixado na lua, tinha o diâmetro de uma peça de 1/2 dólar! ou seja 3 cm!* <sup>24</sup>.

Figura 11 - Imagem do disco



Fonte: Asani, 2014.

Embaixo da legenda estão duas imagens, da mensagem do Congo assinado pelo presidente Mobutu, em inglês e em francês (não sabemos qual é o original, pois a língua oficial do país é o Francês, mas aparece em primeiro a foto da mensagem em inglês...).

<sup>24</sup> Tradução nossa do texto: « Le disque, contenant les messages de 73 chefs d'Etat, et qui avait été déposé sur la lune, avait le diamètre d'une pièce d'1/2 dollar ! soit 3 cm ! »

A página 11, com o título do capítulo 1 em francês, apresenta duas imagens com legendas em francês. A primeira é a imagem de um dos astronautas na Lua e a legenda diz: *Aldrin sobre a lua. Dois meses antes de pisar em Kinshasa com Armstrong, Collins e suas esposas.*<sup>25</sup>

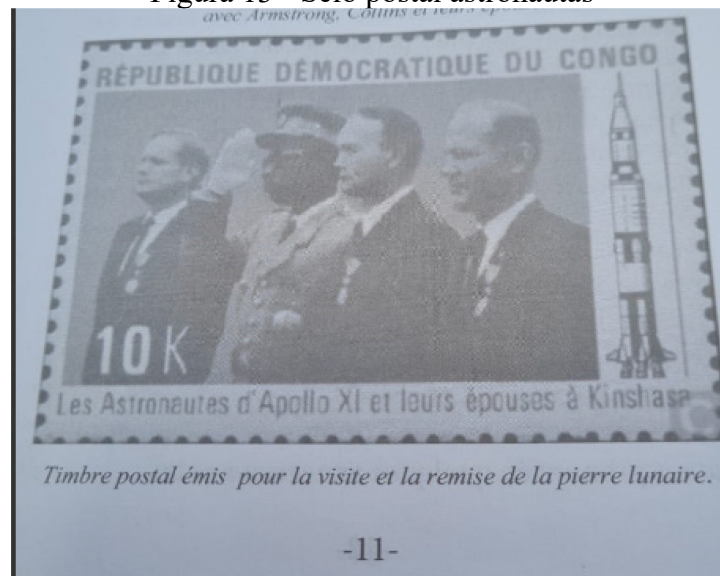
Figura 12 - Aldrin na Lua



Fonte: Asani, 2014.

A segunda imagem tem com legenda: Selo postal emitido para marcar a visita dos três astronautas em Kinshasa e a entrega da pedra lunar.<sup>26</sup>

Figura 13 - Selo postal astronautas



Fonte: Asani, 2014.

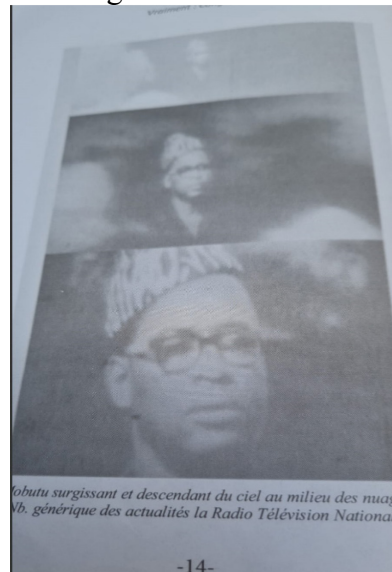
Na página 12, há um subtítulo em francês *O maior!* (Le plus grand!), em seguida o texto em francês. A página 13 acolhe as duas línguas bantos sem nenhum subtítulo.

<sup>25</sup> Aldrin sur la lune. Deux mois avant de poser les pieds à Kinshasa avec Armstrong, Collins et leurs épouses.

<sup>26</sup> Timbre postal émis pour la visite et la remise de la pierre lunaire.

Na página 14 aparecem duas imagens que descrevem: *Mobutu surgindo e descendo do céu no meio das nuvens* (Nb. Crédito das notícias da Rádio TV Nacional)<sup>27</sup>.

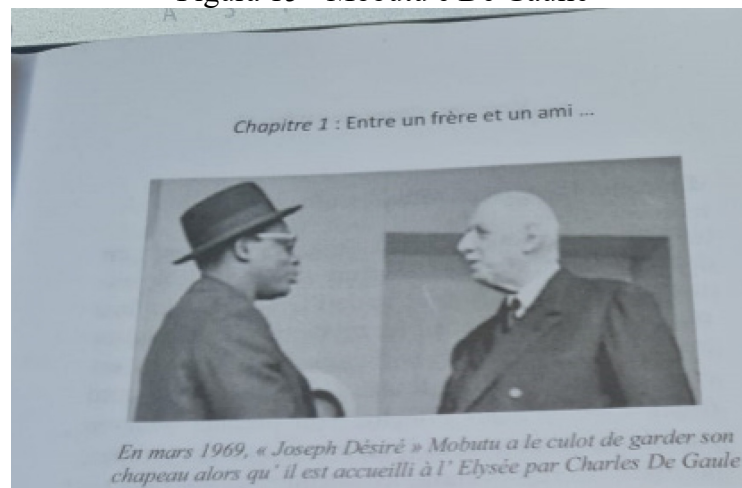
Figura 14 - Mobutu



Fonte: Asani, 2014.

A página 15 acolhe 4 imagens com legendas em francês também. A primeira diz que Em março de 1969, “Joseph Désiré” Mobutu tem o topete de guardar seu chapéu sendo que está sendo recebido no “Elysée” por Charles de Gaule.<sup>28</sup>

Figura 15 - Mobutu e De Gaulle



Fonte: Asani, 2014.

A segunda imagem da página 15 de VCT, tem a legenda: Mobutu “Sese Seko” com uma boina na tribuna da ONU em 1973.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> Mobutu surgissant et descendant du ciel au milieu des nuages ( Nb. Générique des actualités la Radio Télévision Nationale)

<sup>28</sup> En mars 1969, “Joseph Désiré” Mobutu a le culot de garder son chapeau alors qu’ il est accueilli à l’ Elysée par Charles De Gaule.

<sup>29</sup> Mobutu “Sese Seko” en toque à la tribune de l’ONU en 1973.

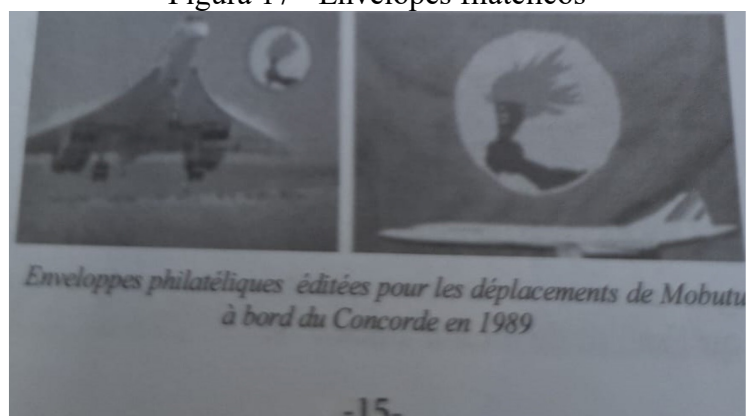
Figura 16 - Mobutu usando boina



Fonte: Asani, 2014.

As duas últimas imagens têm a mesma legenda: Envelopes filatélicos publicados para as viagens de Mobutu a bordo do Concorde em 1989.<sup>30</sup>

Figura 17 - Envelopes filatélicos



Fonte: Asani, 2014.

Da página 16 à página 27, está o texto de VCT nas três línguas continuando o mesmo esquema : francês nas páginas ímpares e com os títulos e subtítulos; swahili na parte de cima da página ímpar seguido pelo lingala na parte abaixo da mesma página ímpar.

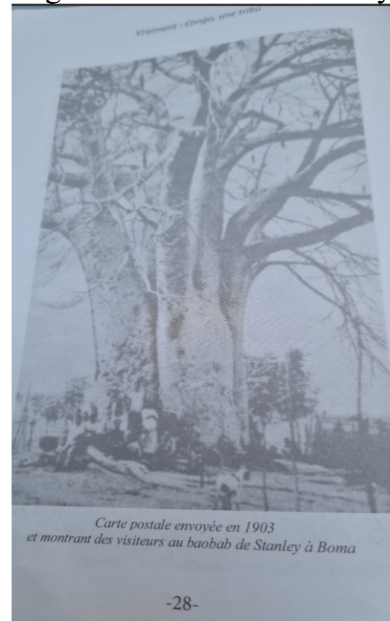
Na página 28, o livro está apresentando a imagem de uma árvore com a legenda em francês: *Cartão postal enviado em 1903 e mostrando visitantes no baobá de Stanley na cidade de Boma (RDC).*<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Envelopes Philatéliques éditées pour les déplacements de Mobutu à bord du Concorde en 1989.

<sup>31</sup> Carte postale envoyée en 1903 et montrant des visiteurs au baobab de Stanley à Boma.



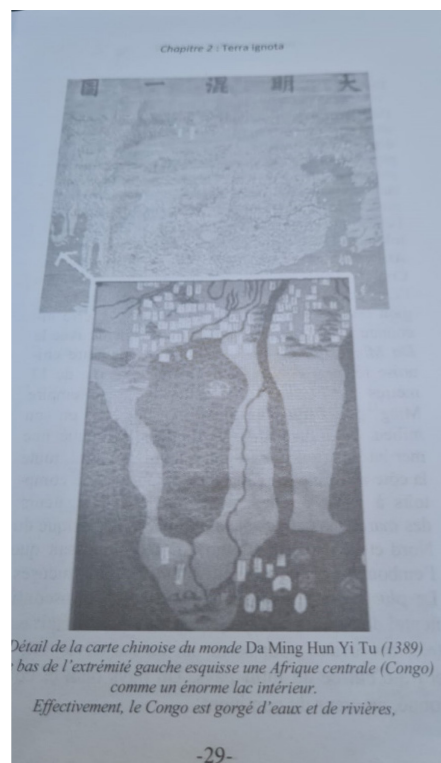
Figura 18 - Baobá de Stanley



Fonte: Asani, 2014.

Na página 29 há duas imagens com uma mesma legenda que diz : *Detalhe do mapa mundi chinês Da Ming Hun Yi Tu (1389) A parte inferior da extremidade esquerda esboça uma África central (Congo) como um enorme lago interior. De fato, o Congo está cheio de água e rios.*<sup>32</sup>

Figura 19 - Detalhe do mapa



Fonte: Asani, 2014.

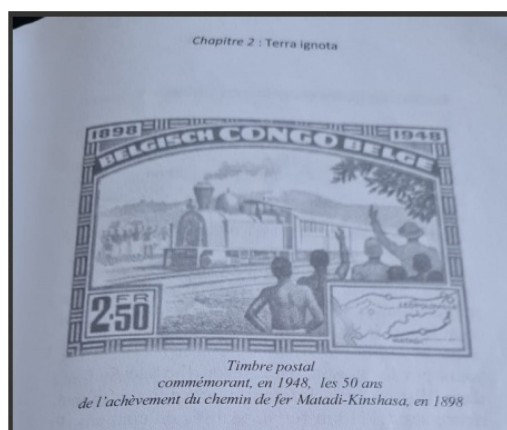
<sup>32</sup> Détail de la carte chinoise du monde Da Ming Hun Yi Tu ( 1389) Le bas de l'extrémité gauche esquisse une Afrique centrale ( Congo) comme un énorme lac intérieur. Effectivement, le Congo est gorgé d'eau et de rivières.

Da página 30 à página 35, continua o texto de VCT nas três línguas no mesmo esquema: francês nas páginas ímpares e com os títulos e subtítulos; swahili na parte de cima da página ímpar seguido pelo lingala na parte abaixo da mesma página ímpar.

Na página 36 há uma imagem do mapa da RDC que já temos apresentado acima.

Na página 37 tem duas imagens. A primeira, do selo comemorativo de 50 anos da ferrovia Matadi-Kinshasa, em 1898, com a legenda: *Selo postal comemorando, em 1948, os 50 anos do término da estrada de ferro Matadi-Kinshasa, em 1898.*<sup>33</sup>

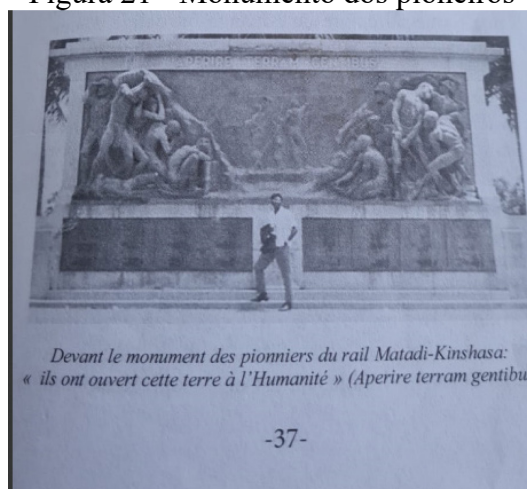
Figura 20 - Selo postal ferrovia



Fonte: Asani, 2014

A outra imagem é do autor frente ao monumento dos pioneiros da ferrovia Matadi-Kinshasa, com a legenda : *Frente ao monumento dos pioneiros da rede Matadi-Kinshasa: “ eles abriram esta terra para a humanidade” (Aperire terram gentibus).*<sup>34</sup>

Figura 21 - Monumento dos pioneiros



Fonte: Asani, 2014

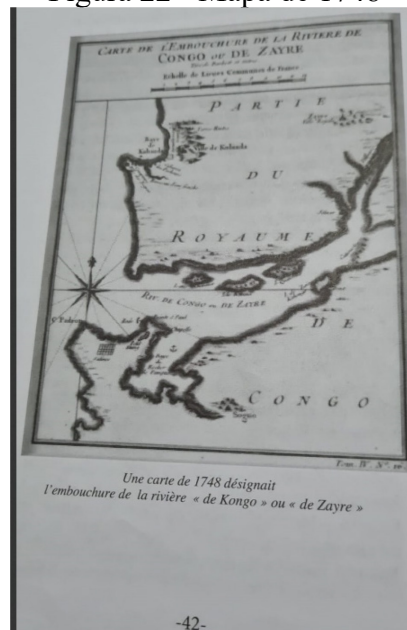
<sup>33</sup> Timbre postal commémorant, en 1948, les 50 ans de l'achèvement du chemin de fer Matadi-Kinshasa, en 1898.

<sup>34</sup> Devant le monument des pionniers du rail Matadi-Kinshasa : « ils ont ouvert cette terre à l'humanité » (Aperire terram gentibus)

Em seguida vêm as páginas 38 e 39, 40, 41 com o esquema dos três textos. Ao longo do livro, o autor intercala imagens com legendas em francês, títulos de capítulos e subtítulos, tudo em francês.

Já a página 42 apresenta: *Um mapa de 1748 designava a foz do rio "Kongo" ou "Zaire".*<sup>35</sup>

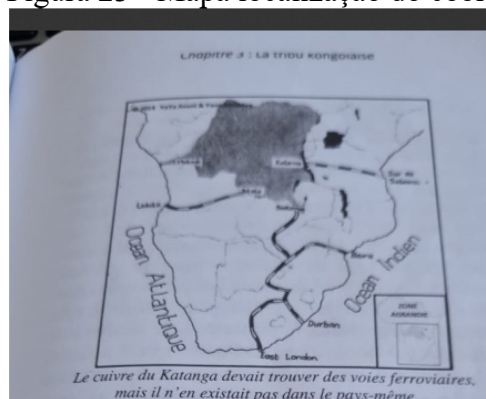
Figura 22 - Mapa de 1748



Fonte : Asani, 2014.

A página 43 apresenta 2 mapas, o primeiro mostra a localização do cobre do Katanga com a legenda : *O cobre do Katanga deveria encontrar meios ferroviários , mas não existiam no próprio país.*<sup>36</sup>

Figura 23 - Mapa localização do cobre



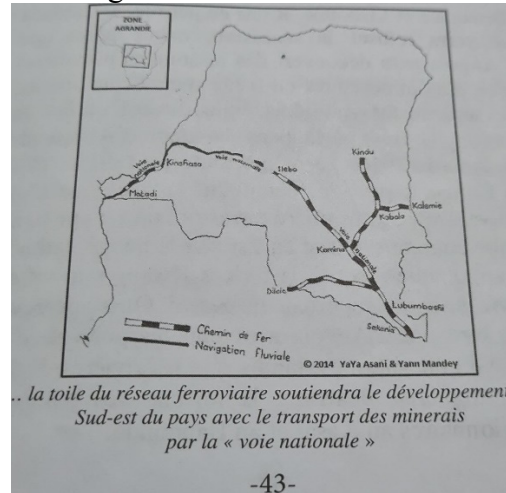
Fonte: Asani, 2014.

<sup>35</sup> Une carte de 1748 désignait l'embouchure de la rivière « Kongo » ou « Zaïre ».

<sup>36</sup> Le cuivre du Katanga devait trouver des voies ferroviaires, mais il n'en existait pas dans le pays-même...

O segundo mapa mostra: *a rede ferroviária que manterá o desenvolvimento do Sul-est do país com o transporte dos minerais para a “rede nacional”*.<sup>37</sup>

Figura 24 - Rede ferroviária

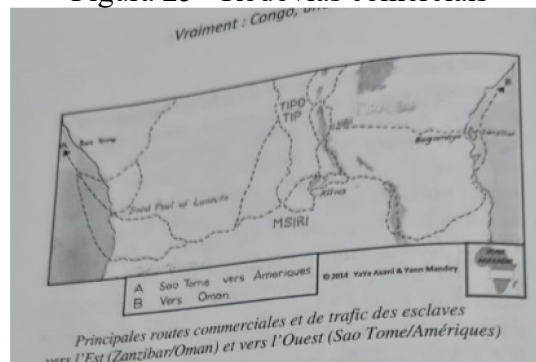


Fonte: Asani, 2014.

As páginas 44 até 47, contém os textos nas três línguas seguindo o formato citado acima.

A página 48 Apresenta 2 mapas, o primeiro representa: *as principais rodovias comerciais e de tráfico de escravos na direção Leste (Zanzibar/Oman) e direção Oeste (São Tomé/Américas)*.<sup>38</sup>

Figura 25 - Rodovias comerciais



Fonte: Asani, 2014.

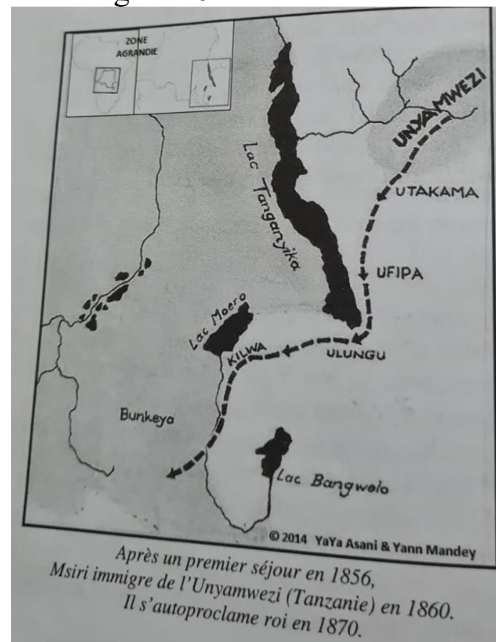
Quanto ao segundo mapa, ele apresenta a legenda seguinte : *Depois de uma primeira estadia em 1856, Msiri imigra da Unyamwezi (Tanzânia) em 1860. \ele se autoproclama rei em 1870*.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> ... la toile du réseau ferroviaire soutiendra le développement du Sud-est du pays avec le transport des minerais par la « voie nationale »

<sup>38</sup> Principales routes commerciales et de trafic des esclaves vers l'Est (Zanzibar/Oman) et vers l'Ouest (São Tomé/Amériques)

<sup>39</sup> Après un premier séjour en 1856, Msiri immigre de l'Unyamwezi (Tanzanie) en 1860. Il s'autoproclame roi en 1870.

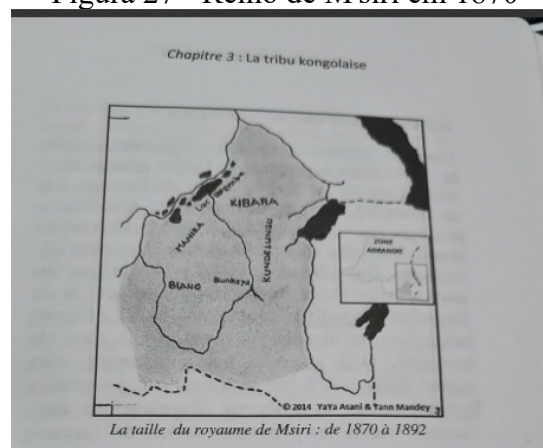
Figura 26 - Reino de M'siri



Fonte: Asani, 2014.

Os mapas da página 49 têm como legendas 1. *O tamanho do reino de Msiri: de 1870 a 1892.*<sup>40</sup>

Figura 27 - Reino de M'siri em 1870



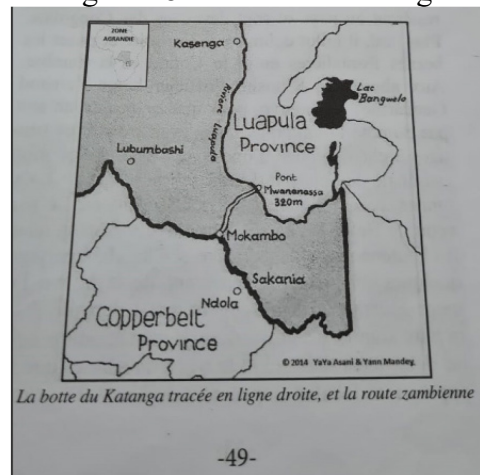
Fonte: Asani, 2014.

A legenda do segundo mapa diz : *A bota do Katanga desenhada em linha reta e a estrada da Zâmbia.*<sup>41</sup>

<sup>40</sup> La taille du royaume de Msiri : de 1870 à 1892.

<sup>41</sup> La botte du Katanga tracée en ligne droite, et la route zambienne.

Figura 28 - A bota do Katanga

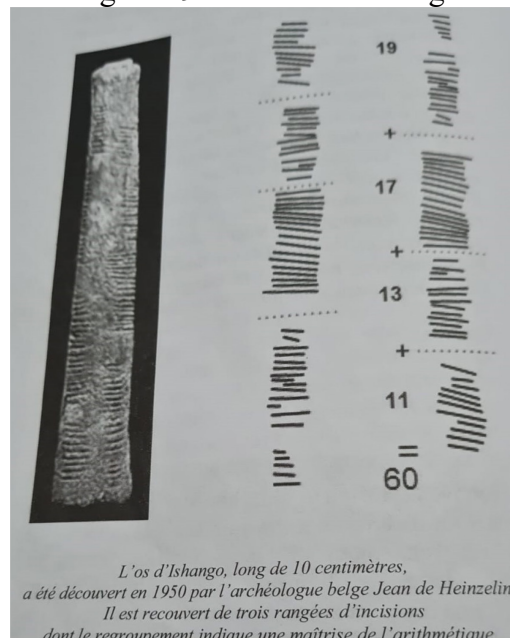


Fonte: Asani, 2014.

Da página 50 a 55, o texto traduzido em três línguas continua o seu curso.

A página 56 está mostrando a imagem do famoso osso de Ichango (cidade congolosa onde se cogita ter começado a matemática) com a legenda: *O osso Ishango, de 10 centímetros de comprimento, foi descoberto em 1950 pelo arqueólogo belga Jean de Heinzelin. É coberto com três fileiras de incisões, cujo agrupamento indica um domínio da aritmética.*<sup>42</sup>

Figura 29 - O osso de Ichango



*L'os d'Ishango, long de 10 centimètres, a été découvert en 1950 par l'archéologue belge Jean de Heinzelin. Il est recouvert de trois rangées d'incisions dont le regroupement indique une maîtrise de l'arithmétique*

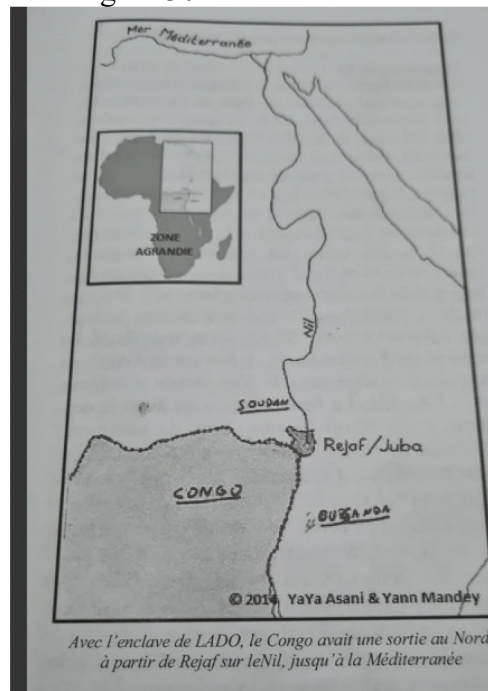
Fonte: Asani, 2014

Na página 57 tem a imagem de um mapa com a legenda: *Com o enclave de LADO, o Congo teve uma saída no norte, partindo de Rejaf no Nilo, até o Mediterrâneo.*<sup>43</sup>

<sup>42</sup> L'os d'Ishango, long de 10 centimètres, a été découvert en 1950 par l'archéologue belge Jean de Heinzelin. Il est recouvert de trois rangées d'incisions dont le regroupement indique une maîtrise de l'arithmétique.

<sup>43</sup> Avec l'enclave de LADO, le Congo avait une sortie au Nord, à partir de Rejaf sur le Nil, jusqu'à la Méditerranée.

Figura 30 - Enclave de Lado

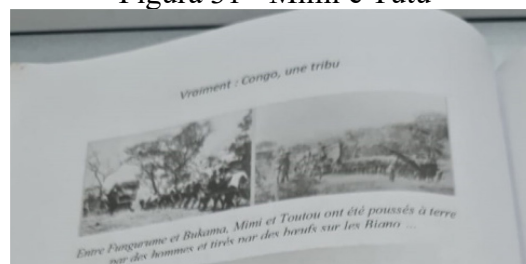


Fonte: VCT, p. 57

As páginas 58 a 59 apresenta o texto do subtítulo : “Rejaf” *Se César não tivesse sido esfaqueado.*

A página 60 apresenta em primeiro lugar, as imagens do relato do deslocamento dos barcos Mimi e Tutu: *Entre Fungurume e Bukama, Mimi e Tutu foram empurrados na terra por homens e puxados pelos bois ni Bianco.*<sup>44</sup>

Figura 31 - Mimi e Tutu



Fonte: Asani, 2014

Em segundo lugar vemos a imagem de um dos barcos com a legenda: ... *Colocado para flutuar em Bukama no Lualaba até Kabalo...*<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Entre Fungurume et Bukama, Mimi et Toutou ont été poussés à terre par des hommes et tiré par des bœufs sur le Bianco...

<sup>45</sup> ...mis à flots à Bukama sur le Lualaba jusque Kabalo...

Figura 32 - Colocado para flutuar



Fonte: Asani, 2014.

E a última imagem da página mostra a etapa de estrada de ferro da viagem de Mimi e Tutu! A legenda diz: *... e transportado de trem para um cais improvisado em Kalemie para ser colocado nas águas do Lago Tanganica.*<sup>46</sup>

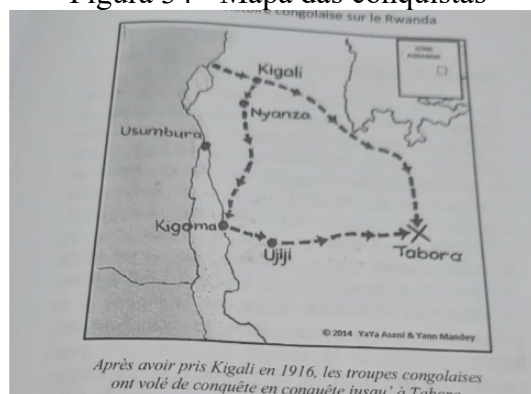
Figura 33 - Mimi e Tutu transportados



Fonte: Asani, 2014.

Na página 61 é mostrado um mapa com a legenda: *Depois de tomar Kigali em 1916, as tropas congolezas voaram de conquista em conquista até Tabora.*<sup>47</sup>

Figura 34 - Mapa das conquistas



Fonte: Asani, 2014.

Na mesma página, uma imagem da volta da tropa para Lubumbashi diz : *1919: retorno triunfante a Lubumbashi das tropas congolezas que lutaram em Ruanda, Burundi, Uganda e Tanzânia: "HONRA AOS CORAJOSOS".*<sup>48</sup>

<sup>46</sup> ...et transportés par train jusqu'à un quai de fortune à Kalemie pour être mis dans les eaux du lac Tanganyika

<sup>47</sup> Après avoir pris Kigali en 1916, les troupes congolaises ont volé de conquête en conquête jusqu'à Tabora.

<sup>48</sup> 1919: retour triomphal à Lubumbashi des troupes congolaises ayant combattu au Rwanda, Burundi Uganda et Tanzanie : "HONNEUR AUX BRAVES"



Figura 35 - Retorno triunfante

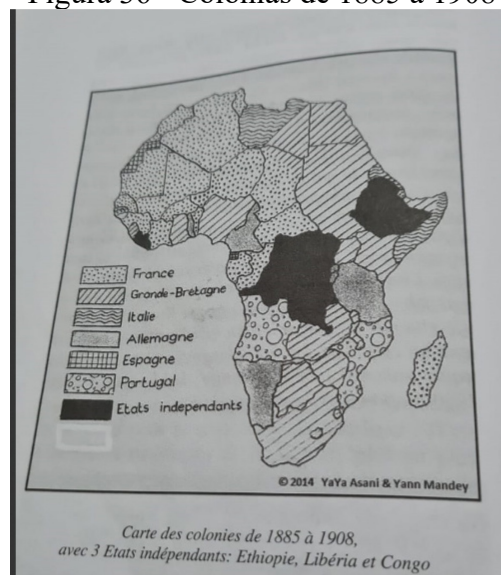


Fonte: Asani, 2014.

Da página 62 a 71, continua o relato de “Realmente congo, uma tribo!” nas três línguas e seguindo o mesmo esquema: páginas ímpares em Francês e páginas pares em swahili e lingala.

A página 72 nos faz descobrir o mapa das colônias na África com a legenda : *Mapa das colônias de 1885 a 1908, com 3 Estados independentes : Etiópia, Libéria e Congo.*<sup>49</sup>

Figura 36 - Colônias de 1885 a 1908



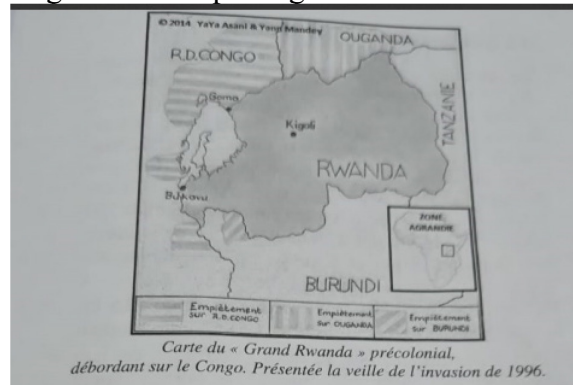
Fonte: Asani, 2014.

Na página 73 é mostrado dois mapas, o primeiro com a legenda que diz: *Mapa da "Grande Ruanda" pré-colonial, transbordando sobre o Congo. Apresentado um dia antes da invasão de 1996.*<sup>50</sup>

<sup>49</sup> Carte des colonies de 1885 à 1908, avec 3 Etats indépendants : Ethiopie, Libéria et Congo.

<sup>50</sup> Carte du "Grand Rwanda" précolonial, débordant sur le Congo. Présentée la veille de l'invasion de 1996.

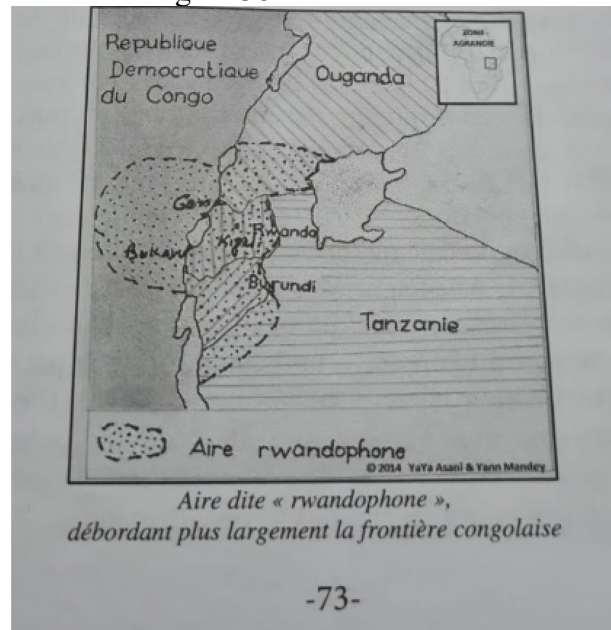
Figura 37 - Mapa da grande Ruanda



Fonte: Asani, 2014.

Quanto ao segundo mapa, ele tem a legenda que diz: *Área chamada "Ruanda fone" estendendo-se mais além da fronteira congoleza.*<sup>51</sup>

Figura 38 - "Ruanda fone"



Fonte: Asani, 2014.

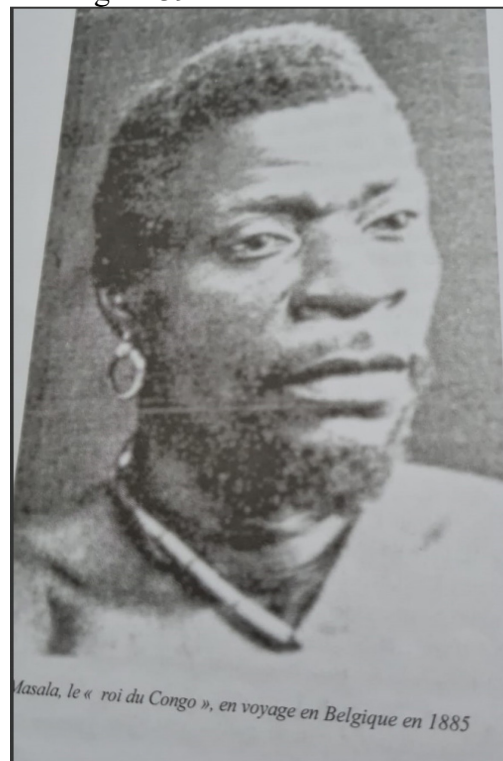
Da página 74 a 79, são relatados três subtítulos: A fronteira do Leste “ ab absurdo” (p.74 – 75); Masala, o rei do Congo(p. 76 - 77) e *Sepulturas preservadas há mais de 110 anos* (p. 78 - 79).

A página 80 apresenta a imagem do rei com a legenda: *Masala, o “rei do Congo”, em viagem na Bélgica em 1885.*<sup>52</sup>

<sup>51</sup> Aire dite "rwandophone" débordant plus largement la frontière congolaise.

<sup>52</sup> Masala, le « roi du Congo » en voyage en Belgique en 1885.

Figura 39 - Rei Masala



Fonte: Asani, 2014.

A página 81 abre a sequência de imagens tristes com uma imagem legendada assim: *As 7 sepulturas “centenárias”, na igreja São João Evangelista de Tervuren.*<sup>53</sup>

Figura 67: As 7 sepulturas

Figura 40 - As 7 sepulturas



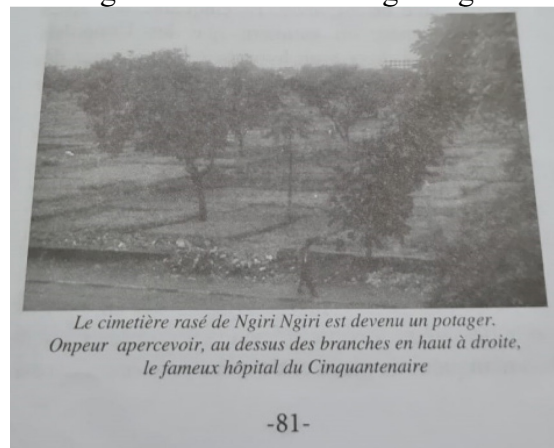
Fonte: Asani, 2014

A outra imagem descreve o cemitério que virou horta dizendo: *O cemitério destruído de Ngiri Ngiri tornou-se uma horta. Pode se perceber, acima dos galhos no canto superior direito, o famoso hospital Cinquentenário.*<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Les 7 tombes « centenaires » à l’église St Jean Evangeliste de Tervuren

<sup>54</sup> Le cimetière rasé de Ngiri Ngiri est devenu un potager. O peut apercevoir, au-dessus des branches en haut à droite, le fameux hôpital du Cinquentenaire.

Figura 41 - Cemitério Ngiri Ngiri



Fonte : Asani, 2014.

As páginas 82 e 83 contêm o texto em três línguas do subtítulo: *Mártires sem nomes nem sepulturas*. Enquanto as páginas 84 e 85 narram os detalhes do subtítulo: Não uma, mas duas mãos cortadas.

Na página 86 apresenta-se um quadro com várias pessoas de mãos amputadas com a legenda: *Foram os amputados de "uma mão" que fizeram o escândalo dos crimes contra a humanidade...*<sup>55</sup>

Figura 42 - Amputados de uma mão



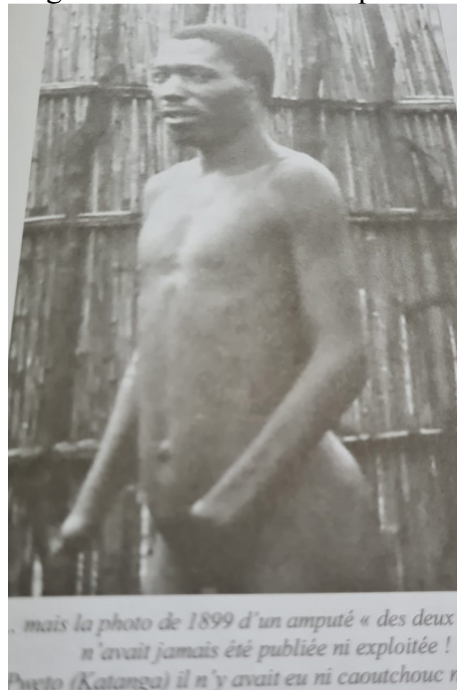
Fonte: Asani, 2014.

A página 87 apresenta uma imagem de uma pessoa com as duas mãos amputadas com a seguinte legenda: ... *mas a foto de 1899 de um amputado de "duas mãos" nunca foi publicada ou explorada! Em Pweto (Katanga) não havia nem borracha nem marfim...*<sup>56</sup>

<sup>55</sup> Ce sont les amputés d'une seule main" qui avaient fait le scandale de crimes contre l'humanité...

<sup>56</sup> ... mais la photo de 1899 d'un amputé "des deux mains" n'avait jamais été publiée ni exploitée! À Pweto (Katanga) il n'y avait eu ni caoutchouc ni ivoire...

Figura 43 - Duas mãos amputadas



Fonte: Asani, 2014.

A página 88 narra sobre um holocausto arbitrário em francês e na página 89 o mesmo texto em swahili e lingala.

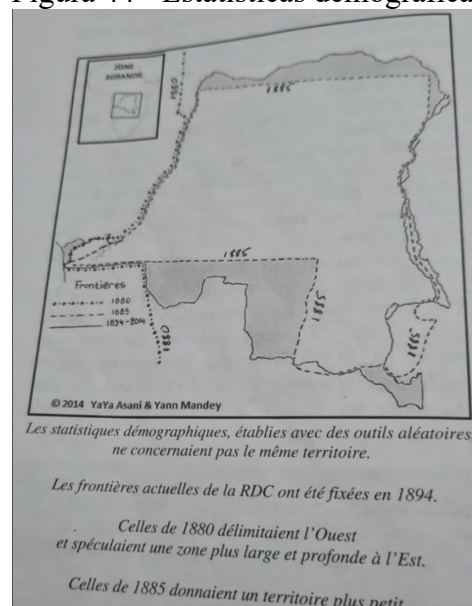
Na página 90 há um mapa com a seguinte legenda: *As estatísticas demográficas, estabelecidas com ferramentas aleatórias, não diziam respeito ao mesmo território.*

*As fronteiras atuais da RDC foram fixadas em 1894.*

*As de 1880 delimitavam o oeste e especulavam uma zona mais ampla e profunda no leste.*

*As de 1885 davam um território menor.<sup>57</sup>*

Figura 44 - Estatísticas demográficas

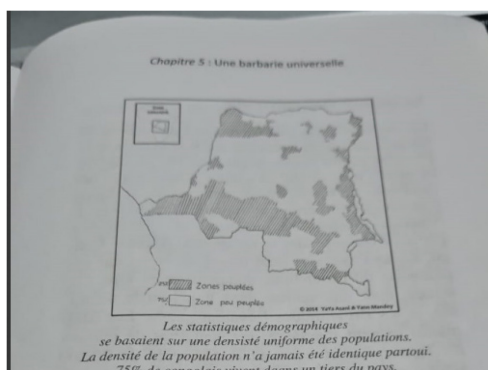


<sup>57</sup> Les statistiques démographiques, établies avec des outils aléatoires, ne concernaient pas le même territoire. Les frontières actuelles de la RDC ont été fixées en 1894. Celles de 1880 délimitaient l'Ouest et spéculaient une zone plus large et profonde à l'Est. Celles de 1885 donnaient un territoire plus petit.

Fonte: Asani, 2014.

A página 91 traz dois mapas, o primeiro tem a legenda que diz: *As estatísticas demográficas foram baseadas em uma densidade populacional uniforme. A densidade populacional nunca foi a mesma em todos os lugares. 75% dos congolese vivem em um terço do país.*<sup>58</sup>

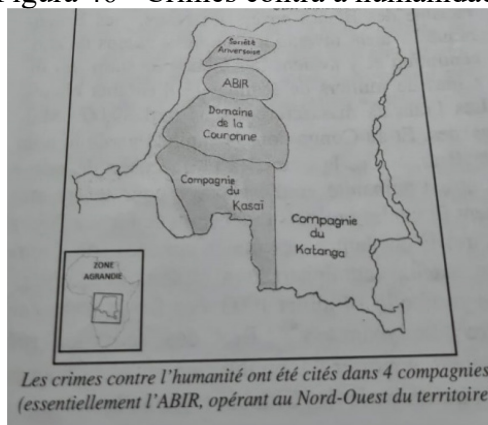
Figura 45 - Densidade populacional



Fonte: Asani, 2014.

O segundo mapa nos passa a legenda a seguir: *Crimes contra a humanidade foram citados em 4 empresas (principalmente ABIR, operando no noroeste do território).*<sup>59</sup>

Figura 46 - Crimes contra a humanidade



Fonte: Asani, 2014.

O último subcapítulo descreve a barbárie universal nas páginas 92 em francês e 93 em swahili e lingala.

Depois de reescrever com imagens e mapas todas as histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo somente em francês, o autor usou as páginas 95 e 96 para apresentar os créditos imagens, claro que estão todos em francês e não nas duas línguas bantos (swahili e lingala). Como acreditamos ser interessante traduzir a reescrita das imagens e mapas,

<sup>58</sup> Les statistiques démographiques se basaient sur une densité uniforme des populations. La densité de la population n'a jamais été identique partout. 75% de congolais vivent dans un tiers du pays.

<sup>59</sup> Les crimes contre l'humanité ont été cités dans 4 compagnies (essentiellement l'ABIR, opérant au Nord-Ouest du territoire).

cujas legendas estão em francês, nos vemos também obrigados a apresentar a seguir os créditos de imagens como consta em primeiro lugar, na página 95:

#### Créditos das imagens

Nb. Foi tomado um grande cuidado para verificar e identificar os titulares dos Direitos de Imagens e obter os direitos autorais quando é obrigatório ou possível.

P.8 -9 Os arquivos da NASA são livres de direitos autorais. O mesmo se aplica aos selos dos correios congolenses.

P. 12 Créditos da televisão pública. Captura de tela do filme “Mobutu Rei do Zaire” de Thierry Michel (1999).

P.13a Esta foto “atrevida” teve que ser censurada. Apesar das pesquisas, seu autor é desconhecido. Mas encontra-se imagens do mesmo dia com um Mobutu desgrenhado ao lado de De Gaulle ou Mobutu com o mesmo chapéu mas conversando com jornalistas.

P. 13b Mobutu na tribuna da ONU em 1973 © Foto da ONU/ Yutaka Nagata

P. 13c Miniaturas do Concorde © Coleção Concordescopia

[www.concordescopia.com](http://www.concordescopia.com) para a viagem de Mobutu em fevereiro de 1989 aos funerais do Imperador do Japão Showa.

P.26 Baobab Stanley ©cartão postal à venda no ebay

[http://www.ebay.fr/sch/Congo-/142375/i.html?\\_pgn=5&\\_skc=200&rt=nc](http://www.ebay.fr/sch/Congo-/142375/i.html?_pgn=5&_skc=200&rt=nc)

27 Mapa Da Ming ©Ryukoku University, Kyoto de acordo com uma cópia dada ao presidente sul-africano Thabo Mbeki durante sua visita ao Japão. Detalhes em <http://www.passion-histoire.net/viewtopic.php?f=64&t=8159&start=15>

P. 35a Selo à venda © captura de tela em

[http://www.hanmart.pl/fl/pokaz\\_szczegoly-4533.html](http://www.hanmart.pl/fl/pokaz_szczegoly-4533.html)

Pág. 35b © M. Yabili

P.40 © JN Bellin mapa de 1748 à venda em

<http://www.mazzaforte.com/WestAfrica2.html>

P.54 Osso Ishango © [http://fr.wikipedia.org/wiki/Os\\_d%27Ishango](http://fr.wikipedia.org/wiki/Os_d%27Ishango)

P. 58 Fotos de 1915 © Imperial War Museums London

<http://www.iwm.org.uk/collections>

P. 59 b©Elisabethville 1911-1961: Ed. L. Cuypers<sup>60</sup> (ASANI, 2014)

#### E na página 96:

P. 70 Masala ©Diário de viagem de um viajante congolês: Masala ...– Zana Aziza Eyambala - Afrika Focus, vol. 9, nº 3, 1993 e vol. 10, nº 1-2, 1994.

71a Sepulturas Tervueren © Prince Djungu Tambwe - <http://www.jambonews.net/>

71b Horta no cemitério de Ngiri Ngiri © M. Yabili

---

<sup>60</sup> Crédits des images

Nb. Le plus grand soin a été pris pour vérifier et identifier les titulaires des droits aux images et obtenir le copyright lorsque cela était requis ou possible.

P.8 -9 Les archives de la NASA sont exemptes de copyright. Il en est de même des timbres de la Poste congolaise.

P. 12 Générique de la télévision publique. Saisie d’écran du film « Mobutu Roi du Zaire » de Thierry Michel (1999).

P.13a Cette photo « insolente » a dû être censurée. Malgré des recherches, son auteur est inconnu. Mais on trouve des images du même jour avec un Mobutu décoiffé aux côtés de De Gaulle ou de Mobutu avec le même chapeau mais s’entretenant avec les journalistes.

P. 13b Mobutu à la tribune de l’ONU en 1973 © UN Photo/ Yutaka Nagata

P. 13c Vignettes du Concorde © collection Concordescopia [www.concordescopia.com](http://www.concordescopia.com) pour le voyage de Mobutu en Février 1989 aux funérailles de l’Empereur du Japon Showa.

P.26 Baobab Stanley ©carte postale en vente sur ebay [http://www.ebay.fr/sch/Congo-/142375/i.html?\\_pgn=5&\\_skc=200&rt=nc](http://www.ebay.fr/sch/Congo-/142375/i.html?_pgn=5&_skc=200&rt=nc)

27 Carte Da Ming ©Ryukoku University, Kyoto selon une copie remise au Président Sud-Africain Thabo Mbeki au cours de sa visite au Japon. Détail sur <http://www.passion-histoire.net/viewtopic.php?f=64&t=8159&start=15>

P. 35a Timbre en vente © saisie écran sur [http://www.hanmart.pl/fl/pokaz\\_szczegoly-14533.html](http://www.hanmart.pl/fl/pokaz_szczegoly-14533.html)

P. 35b © M. Yabili

P.40 © JN Bellin carte de 1748 en vente sur <http://www.mazzaforte.com/WestAfrica2.html>

P.54 Os Ishango © [http://fr.wikipedia.org/wiki/Os\\_d%27Ishango](http://fr.wikipedia.org/wiki/Os_d%27Ishango)

P. 58 Photos de 1915 ©Imperial War Museums London <http://www.iwm.org.uk/collections>

P. 59b©Elisabethville 1911-1961 : Ed. L. Cuypers

84 1909 Frontispício da edição inglesa do crime do Congo Belge – Arthur Conan Doyle (Nb. o autor das aventuras de Sherlock Holmes) ©Edição "les nuits rouges" 2005

85 1899 Homme mutilé en Pweto – François Michel © Collection RMCA AP. 0.1403 no extremo oeste do Congo

© Com exceção das páginas 11 e 15, todos os mapas foram desenhados por Yann Mandey: [yannxmandey@hotmail.com](mailto:yannxmandey@hotmail.com)<sup>61</sup> (ASANI, 2014)

Das página 97 a 104, em francês o autor adicionou Notas explicativas que estimamos serem importante para esta tradução, por isso vamos expor as notas em citação como estão em cada páginas.

#### NOTAS

1. O Concorde fez seu primeiro voo no início de março de 1967, algumas semanas antes de Mobutu ser recebido no “Elysée” por Charles De Gaulle. Os fretamentos do avião mítico foram acompanhados por um cardápio personalizado, como neste voo Gbadolite-Marselha de 30 de setembro de 1989 © Concorde no solo em Gbadolite em [www.panoramio.com](http://www.panoramio.com)



© Menu Gbadolite-Marseille : collection [www.concordescopa.com](http://www.concordescopa.com)

2. Mensagem retirada da página 15 de 38 páginas do Comunicado da Nasa Nr 89- em [http://history.nasa.gov/ap11-35ann/goodwill/Apollo\\_11\\_material.pdf](http://history.nasa.gov/ap11-35ann/goodwill/Apollo_11_material.pdf).

3. Para ler o blog do autor "A lua: quando Mobutu era congolês <http://congoreading.over-blog.com/article-34661112.html>

4. Em novembro de 1969, o presidente americano Nixon mandou fabricar e oferecer 250 mostruários lunares com a bandeira de 135 países, incluindo a República Democrática do Congo, e esta menção: "esta bandeira de sua nação deu as costas para a lua e este fragmento da superfície lunar foi trazido à Terra pela primeira tripulação a pousar na lua". Mas em 2009, descobriu-se que a pedra que os astronautas ofereceram à Holanda em 1969 era falsa, mas de madeira petrificada...

5. Título emprestado do boxeador Mohamed Ali, cuja autobiografia de época foi intitulada “O maior”

6. Gênesis. 25-29 na Bíblia de Jerusalém Ed “du Cerf”<sup>62</sup> (ASANI, 2014)

---

<sup>61</sup> P. 70 Masala ©Carnet de route d’un voyageur congolais : Masala ...– Zana Aziza Eyambala - Afrika Focus, Vol. 9, Nr. 3, 1993 et Vol. 10, Nr. 1-2, 1994.

71a Tombes Tervueren © Prince Djungu Tambwe - <http://www.jambonews.net/>

71b Potager sur le cimetière de Ngiri Ngiri © M. Yabili

84 1909 Frontispice de l’édition anglaise de Le crime du Congo Belge – Arthur Conan Doyle (Nb. l’auteur des aventures de Sherlock Holmes) ©Editions les nuits rouges 2005 85 1899 Homme mutilé à Pweto – François Michel © Collection MRAC AP.0.1403 in Congo Far West

© Exceptées les pages 11 et 15, toutes les cartes ont été dessinées par Yann Mandey : [yannxmandey@hotmail.com](mailto:yannxmandey@hotmail.com)

<sup>62</sup> NOTES

1. Le Concorde avait fait son premier vol début mars 1967, quelques semaines avant que Mobutu ne soit reçu à l’Élysée par Charles De Gaulle. Les affrètements de l’avion mythique étaient assortis d’une carte de menu personnalisée, comme pour ce vol Gbadolite-Marseille du 30 septembre 1989 © Concorde au sol à Gbadolite sur [www.panoramio.com](http://www.panoramio.com)

2. Message extrait de la page 15 sur les 38 pages du communiqué de la Nasa Nr 89-83 sur [http://history.nasa.gov/ap11-35ann/goodwill/Apollo\\_11\\_material.pdf](http://history.nasa.gov/ap11-35ann/goodwill/Apollo_11_material.pdf).

3. A lire blog de l’auteur « La lune : quand Mobutu était congolais <http://congoreading.over-blog.com/article-34661112.html>

4. En novembre 1969, le président américain Nixon a fait fabriquer et offrir 250 présentoirs d’échantillons lunaires avec le drapeau de 135 pays, dont la RDCongo, et cette mention : « ce drapeau de votre nation a effectué un aller-retour sur la lune et ce fragment de la surface lunaire a été amené sur terre par le premier équipage qui s’est posé



Na página 98 há as notas seguintes:

7. Tamanho/corpo dos caracteres impressos CORPO 14 (Nb. de funcionários, crianças e idosos) Este relato bíblico é extraordinário. Ele foi repetido há milênios, até o coração de todos os continentes. Esta história do prato de lentilhas é lida e relida pelos Congolês. Corpo 9 (Nb. textos da Bíblia) Este relato bíblico é extraordinário. Ele foi repetido há milênios, até o coração de todos os continentes. Esta história do prato de lentilhas é lida e relida pelos Congolês.
8. Como encontrei Livingstone - H.M. Stanley - Fayard
9. Título de *At the Bend of the River* de V.S. Naipaul, Nobel de Literatura – Albin Michel
10. Como encontrei Livingstone - H.M. Stanley - Fayard
11. O enorme mapa Da Ming Hun Yi Tu (Nb. amálgama do grande império Ming) está guardado na Ryukoku University, em Kyoto (Japão). Foi divulgado pela primeira vez ao público por uma cópia em tamanho real que foi dada ao presidente Thabo Mbeki durante sua viagem ao Japão e depois autorizada a ser exibida em 2002 na Cidade do Cabo, R.S.A.
12. É errado pensar que o Congo está exposto a uma “guerra da água”. Mas há uma guerra interna para proteger os rios da poluição.
13. Situação no Congo p. 463- Stanley 1882. Facsimile *Le Rail au Congo Belge* T.I. Blanchart & Cie 1993.
14. Esta avaliação foi custeada. “Para abrir o país, transportar pessoas e mercadorias, abastecer o comércio, o homem apareceu como o único animal de transporte disponível:”<sup>63</sup> (ASANI, 2014)

A continuação das notas na página 99:

este foi o “portagem”. Mas era uma solução inútil. Por volta de 1880, na “rota das caravanas” de (Kinshasa) para Matadi, a primeira brecha aberta na parede do isolamento da África Central, o preço do transporte foi estimado em 2.000 francos ouro. A carga normal não ultrapassava 25 kg e a etapa diária - 25 km. Ao longo dos 400 km do percurso, o transporte de uma única tonelada representava aproximadamente 640 dias de portagem! Dada a baixa densidade da população, podia-se, então razoavelmente afirmar que a capacidade de exportação do imenso Congo nunca poderia exceder 2.000 toneladas por ano...” In *A evolução dos meios de comunicação e meios de transporte na África Central* por Jacques Weulersse *Anais de Geográficos - 1931 Vol 227 pp. 545*

15. Extrato de *Gigante da África, Gigante da Ásia*. Adv. Yabili O Harmattan 2012
16. *A comedora de cobre* - Fernand Lekime- D.Hatier 1992

---

sur la lune ». Mais en 2009, il s’avéra que le caillou que les astronautes avaient offert à la Hollande en 1969 était faux, mais du bois pétrifié...

5. Titre emprunté au boxeur Mohamed Ali dont l’ autobiographie d’époque était intitulé « Le plus grand »

6. La Genèse. 25-29 in La Bible de Jérusalem Ed du Cerf

<sup>63</sup> 7. Taille/ corps des caractères imprimés CORPS 14(Nb.les officiels, enfants et vieillards) Ce récit biblique est extraordinaire. Il a été répété depuis des millénaires, jusqu’au cœur de tous les continents. Cette histoire du plat de lentilles est lue et relue par les Congolais Corps 9 (Nb. textes de la Bible) Ce récit biblique est extraordinaire. Il a été répété depuis des millénaires, jusqu’au cœur de tous les continents. Cette histoire du plat de lentilles est lue et relue par les Congolais.

8 Comment j’ai retrouvé Livingstone - H.M. Stanley - Fayard

9. Titre de *À la courbe du fleuve* de V.S. Naipaul, Nobel de littérature – Albin Michel

10. Comment j’ai retrouvé Livingstone - H.M. Stanley - Fayard

11. L’immense carte Da Ming Hun Yi Tu (Nb. amalgame du grand empire Ming) est conservée à Ryukoku University, à Kyoto (Japon). Elle a été divulguée pour la première fois au public par une copie grandeur nature qui avait été remise au président Thabo Mbeki lors de son voyage au Japon, puis autorisée à être exposée en 2002 à Capetown en R.S.A.

12. Il est faux de penser que le Congo est exposé à une « guerre de l’eau ». Mais il y a une guerre intérieure pour protéger les rivières de la pollution.

13. Condition of Affairs on the Congo p. 463- Stanley 1882. Fac-similé *Le Rail au Congo Belge* T.I. Blanchart & Cie 1993.

14. Cette évaluation a été chiffrée. « Pour ouvrir le pays, transporter hommes et biens, alimenter le commerce, l’homme apparut comme le seul animal de transport disponible :

17. Em Gigante da África, Gigante da Ásia. M. Yabili - L'Harmattan Leia mais: A Árvore Ferida Han Suyin – Estoque
18. A origem da palavra Zaire Abbé Paul Nzinga N'ditu em <http://nenzinga.info/Monographies/Zaire.pdf>
19. “Consciência nacional e identidades étnicas: Contribuição para uma cultura de paz” Léon de Saint Moulin 1993 in Congo-Afrique, n° 372, p. 93-128. “... Este estudo demonstra que o Congo não era uma fragmentação de 450 tribos, mas que incluiria apenas 250 delas agrupadas, segundo Malcolm Guthrie em oito famílias linguísticas. Além disso, este trabalho distingue apenas 212 línguas na RDC, incluindo 34 que não são bantu, ubangu ou nilo-sahariano” de acordo com <http://www.mbokamosika.com/article-l-inventário-des-ethnies-de-la-rdc-72662343.html>
20. *Ao serviço do Katanga 1904-1908*, René Grauwet, Harmattan 2012.<sup>64</sup>

A página 100 apresenta as notas de 21 a 27:

21. Seu nome verdadeiro era Ngelengwa. Ele havia se apelidado de Mushidi, que significa “Eu sou a terra, toda a terra”. Este apelido tornou-se um nome europeizado em M'siri. Ele havia feito uma primeira viagem em 1856, mas emigrou em 1860, para tomar o poder em 1870.
22. Fernand Paulin Elie Gendarme publicou em 1942 três volumes de “esboços congolezes” (Os pretos, Os brancos, animais e gentes) dos quais desenhou 232 ilustrações. Relatos pitorescos de caça, da vida social dos brancos e dos negros.
23. Confidências do Gendarme a Raoul Julien Monet, que as relatou ao autor.
24. As fronteiras do Congo Belga página 72 – P. Jentgen – *Memoirs - Royal Belgian Colonial Institute*, 1952
25. Estas reorganizações de fronteiras reapareceram após a independência do Congo em 1964 e da Zâmbia em 1964. Em 1965, o jornal *La Voix du Katanga* falou em anexação...



<sup>64</sup> ce fut le « portage ». Mais c'était une solution qui n'en était pas une. Vers 1880, sur la « route des caravanes » de (Kinshasa) à Matadi, la première brèche ouverte dans le mur d'isolement de l'Afrique Centrale, le prix du transport était évalué à 2.000 francs-or. La charge normale ne dépassait pas 25 kg, et l'étape journalière, 25 km. Sur les 400 km du parcours, le transport d'une seule tonne représentait environ 640 journées de portage ! Étant donné la faible densité de la population, on pouvait donc raisonnablement affirmer que la capacité d'exportation de l'immense Congo ne pourrait ainsi jamais dépasser 2.000 tonnes par an... » In L'évolution des voies de communication et des moyens de transport en Afrique Centrale par Jacques Weulersse Annales de Géographie - 1931 Vol 227 pp. 545

15. Extrait de Géant d'Afrique, géant d'Asie. M. Yabili L' Harmattan 2012
16. La mangeuse de cuivre - Fernand Lekime- D.Hatier 1992
17. In Géant d'Afrique, géant d'Asie. M. Yabili - L' Harmattan A lire davantage : L'Arbre blessé Han Suyin – Stock
18. L'origine du mot Zaire Abbé Paul Nzinga N'ditu sur <http://nenzinga.info/Monographies/Zaire.pdf>
19. " Conscience nationale et identités ethniques : Contribution à une culture de la paix" Léon de Saint Moulin 1993 in Congo-Afrique, n° 372, p. 93-128. « ... Cette étude démontre que le Congo n'était pas un émiettement de 450 tribus, mais qu'il n'en comprendrait que 250 seulement regroupées, d'après Malcolm Guthrie au sein de huit familles linguistiques. En outre ce travail distingue seulement 212 langues en RDC dont 34 non bantoues, oubanguiennes ou nilo-sahariennes » selon <http://www.mbokamosika.com/article-l-inventaire-des-ethnies-de-la-rdc-72662343.html>
- 20 Au service du Katanga 1904-1908, René Grauwet, Le Harmattan, 2012.

26. Uma ponte de 320 metros foi construída na Zâmbia para atravessar o rio Luapula, ue era atravessado por balsa.  
 27. Ishango está no território de Beni (Kivu do Norte - RDC).<sup>65</sup> (ASANI, 2014)

Na página 101, encontramos as notas de 28 a 35:

28. *Fábulas de la Fontaine de origem oriental* – Adnan Haddad – Sedes Paris 1984  
 29. “50 anos AC. DC, Júlio César estava prestes a se juntar às suas tropas no Egito, quando foi morto por conspiradores, incluindo seu filho adotivo Brutus. *Tu quoque mi fili*. Na época, o exército romano estava estacionado no Sudão do Sul, perto de Djuba, e a menos de 500 km do rio Congo! Ela estava se preparando para penetrar ainda mais no sul. E se César não tivesse morrido naquele momento preciso, é sem dúvida o rumo da história da África que teria mudado. » Extrato de *Gigante da África, Gigante da Ásia*- M. Yabili – L'Harmattan- 2012.  
 30. Segundo as pesquisas inéditas relatadas ao autor por Sevy Sleas (pseudônimo de Y.S.) – Bruxelas.  
 31. Durante o retorno a Lubumbashi das tropas congolezas vitoriosas sobre Ruanda, um Arco do Triunfo (ver foto na página 59) proclamando “HONRA AOS VALENTES”  
 32. *Mimi e Toutou Avançam: A Batalha Bizarra pelo Lago Tanganica* Giles Foden Michael Joseph 2004  
 33. *A participação do Congo na Primeira Guerra Mundial (1914-1918)* Jean-Marie Mutamba Makombo – www.lepotentielonline.com 2013.  
 34. Ferdinand Foch, Marechal da França, Grã-Bretanha e Polónia (1851-1929) disse muito bem que “*um homem sem memória é um homem sem vida, um povo sem memória é um povo sem futuro...*”  
 35. Um decreto de 27 de dezembro de 1892 organizou a nacionalidade congoleza para “*todos os nascidos no território de pais congolezes*”. A partir de 1904, a nacionalidade foi reconhecida a todo congolês nativo residente no território do Estado. Em seguida vieram as regras sobre uma nacionalidade étnica que retroativo a 1885. Depois disso era congolês "na data de 30 de junho de 1960, qualquer pessoa cujo um dos ascendentes é ou foi ou tenham sido membro de uma das tribos estabelecidas no território da república dentro dos limites do leiro de agosto de 1885, tais como modificados pelas convenções subsequentes”.<sup>66</sup> (ASANI, 2014)

---

<sup>65</sup> 21. Son nom véritable était Ngelengwa. Il s’était surnommé Mushidi qui signifie « je suis la terre, toute la terre ». Ce surnom est devenu un nom européenisé en M’siri. Il avait effectué un premier voyage en 1856, mais immigra en 1860, pour prendre le pouvoir en 1870.

22. Fernand Paulin Elie Gendarme a publié en 1942 trois tomes de « Croquis congolais » (Les Noirs, Les Blancs, Bêtes et Gens) dont il a dessiné les 232 illustrations. Des récits pittoresques de chasse, de la vie sociale des blancs et des Noirs.

23. Confidences de Gendarme à Raoul Julien Monet qui les a rapportées à l’auteur.

24. Les frontières du Congo Belge page 72 – P. Jentgen – Mémoires - Institut royal colonial belge, 1952

25. Ces réaménagements frontaliers ont ressurgi après l’Indépendance du Congo, en 1964 et de la Zambie, en 1964. En 1965, le journal La Voix du Katanga a parlé d’annexion...

26. Un pont de 320 mètres a été construit, en Zambie, pour enjamber la rivière Luapula qui était traversée en bac.

27. Ishango est en territoire de Beni (Nord-Kivu).  
 ne congolais résidant sur le te<sup>66</sup>

28. *Fables de la Fontaine d’origine orientale* – Adnan Haddad – Sedes Paris 1984

29. « 50 ans av. J.-C., Jules César s’était apprêté à rejoindre ses troupes en Égypte, lorsqu’il fut tué par des comploteurs, dont son fils adoptif Brutus. Tu quoque mi fili. À l’époque, l’armée romaine stationnait dans le Sud-Soudan du côté de Djuba, et à moins de 500 Km du fleuve Congo ! Elle se préparait à pénétrer davantage dans le Sud. Et si César n’était pas mort à ce moment précis, c’est sans doute le cours de l’histoire africaine qui aurait changé. » Extrait de *Géant d’Afrique, géant d’Asie*- M. Yabili – L’ Harmattan- 2012

30. D’ après les recherches inédites rapportées à l’auteur par Sevy Sleas (nom de plume de Y.S.) - Bruxelles

31. Lors du retour à Lubumbashi des troupes congolaises victorieuses sur le Rwanda, un Arc de Triomphe (voir photo en page 59) proclamant « HONNEUR AUX BRAVES »

32. *Mimi and Toutou Go Forth : The Bizarre Battle for Lake Tanganyika* Giles Foden - Michael Joseph 2004

33. *La participation du Congo à la première guerre mondiale (1914-1918)* Jean-Marie Mutamba Makombo – www.lepotentielonline.com 2013.

A página 102 apresenta a continuação da nota 35 e a nota 36:

Em seguida, a lei da nacionalidade de 2005, assim como a Constituição de 2006 definem que a nacionalidade é adquirida por "qualquer pessoa pertencente aos grupos étnicos cujo povo e território constituíam o Congo na independência". Esta evocação do território constituindo o Congo em 1960 é inexata, porque as fronteiras não tinham sido movidas desde 1894. Mas o simples deslocamento das datas, de 1885 a 1960, regularizou as populações imigrantes em 75 anos.

36. Calcula-se milhões de congolese mortos, vítimas dos conflitos gerados por Ruanda. Estatísticas demográficas, com apoio, do Comitê Internacional de Resgate (IRC) investigou entre janeiro de 2003 e abril de 2004 em 19.500 famílias e encontrou uma mortalidade cumulativa ao longo de 6 anos de 3,8 milhões de vítimas de guerra! Para conseguir isso, o IRC calculou não as mortes reais por violência de guerra, mas a mortalidade que excede a taxa normal. Enquanto a Unicef retinha para o Congo em 1997 uma taxa de mortalidade de 1,3 por 1.000, o IRC encontrou uma taxa de 3,5 por 1.000 nas regiões orientais e 2,0 por 1.000 nas regiões ocidentais, o que deu uma taxa de mortalidade nacional de 2,2 por 1.000. Quase o dobro do normal, e quase 2.000 mortes por dia entre agosto de 1998 e novembro de 2002. Desde então, reduziu para 1.000 vítimas de guerra por dia.

Mas em 2008, o estudo "excesso de mortalidade no Congo (RDC) durante as perturbações de 1998-2004 (adrass@skynet.be), dois demógrafos belgas André Lambert e Louis Lohlé-Tart basearam-se no censo eleitoral de 2006 e na expectativa de vida de 42 anos em vez de 60 anos, em províncias pacíficas. Segundo eles, o excesso de mortalidade é mais consequência do declínio do regime de Mobutu do que da guerra de Ruanda e suas consequências. Segundo eles, 183.000 pessoas "só" seriam mortos por causa da guerra de Ruanda. Mas este estudo não teve nenhum impacto, porque as mídias continuam a relatar as mortes congolese em milhões.<sup>67</sup> (ASANI, 2014)

Na página 103 encontramos notas de 37 a 43:

37. "Raciocínio pelo absurdo". Aqui, ele invalida a afirmação ruandesa

---

34. Ferdinand Foch, maréchal de France, de Grande-Bretagne et de Pologne (1851-1929) a très bien dit qu' « un homme sans mémoire est un homme sans vie, un peuple sans mémoire est un peuple sans avenir... »

35. Un décret du 27 décembre 1892 avait organisé une nationalité congolaise pour « tous ceux qui sont nés sur le territoire de parents congolais ». À partir du 21 juin 1904, la nationalité fut reconnue à tout indigène congolais résidant sur le territoire de l'État. Ensuite vinrent des règles sur une nationalité ethnique remontant à 1885. Par la suite était congolais « à la date du 30 juin 1960, toute personne dont un des ascendants est ou a été membre d'une des tribus établies sur le territoire de la république dans les limites du 1<sup>er</sup> août 1885, telles que modifiées par les conventions subséquentes ».

<sup>67</sup> Ensuite, la loi sur la nationalité de 2005, ainsi que la Constitution de 2006 définissent que la nationalité est acquise à « toute personne appartenant aux groupes ethniques dont les personnes et le territoire constituaient le Congo à l'indépendance ». Cette évocation du territoire constituant le Congo en 1960 est inexacte, car les frontières n'avaient plus bougé depuis 1894. Mais le simple déplacement des dates, de 1885 à 1960, a régularisé les populations immigrées en 75 ans.

36. On chiffre à plusieurs millions le nombre de morts congolaises, victims des conflits générés par le Rwanda. Statistiques démographiques, à l'appui, International Rescue Committee (IRC) a enquêté entre janvier 2003 et avril 2004 dans 19,500 familles et trouvé une mortalité cumulée sur 6 années de 3,8 millions de victimes de guerre ! Pour y parvenir, l'IRC a calculé, non pas les véritables morts de violence de guerre, mais la mortalité qui excède le taux habituel. Alors que l'Unicef avait retenu pour le Congo de 1997 un taux de mortalité de 1,3 pour 1000, l'IRC a trouvé un taux de 3,5 pour 1000 dans les régions de l'Est et de 2,0 pour 1000 dans les régions de l'Ouest, ce qui a donné un taux de mortalité nationale de 2,2 pour 1000. Soit pas loin du double de la normale, et près de 2000 morts par jour entre août 1998 et novembre 2002. Depuis, ramenés à 1000 victimes de guerre par jour.

Mais en 2008, l'étude " la surmortalité au Congo (RDC) durant les troubles de 1998-2004 (adrass@skynet.be), deux démographes belges André Lambert et Louis Lohlé-Tart se sont basé sur le recensement électoral de 2006 et l'espérance de vie de 42 ans au lieu de 60 ans, dans les provinces en paix. Selon eux, la surmortalité serait davantage la conséquence de la déliquescence du régime Mobutu que celle de la guerre rwandaise et ses conséquences. Selon eux, 183 000 personnes "seulement" auraient péri à cause de la guerre rwandaise. Mais cette étude n'a eu aucun impact, car les médias continuent à égrener les morts congolaises en millions.

- mostrando que ela leva a uma contradição.
38. *As fronteiras do Congo Belga* P. Jentgen – Memórias - Real Instituto Colonial Belga, 1952
  39. *Diário de bordo de um viajante congolês: Masala na Exposição Universal de "Anvers", em 1885* – Zana Aziza Eyambala - Afrika Focus, vol. 9, nº 3, 1993 e vol. 10, nº 1-2, 1994.
  40. Zoológicos humanos do tipo colonial ressurgiram. Na Noruega, Recriou – se o *Kongolandsbyen* (a aldeia congoleza) que tinha sido uma das principais atrações da Exposição Universal de Oslo em 1914,... mas com 80 figurantes senegaleses! Por sua vez, o sul-africano Brett Bailey apresentou o espetáculo *Exhibit B*, que foi proibido na Inglaterra, mas não em Paris...
  41. Este episódio, que não é específico do Congo, é amplamente explorado. Um documentário imitou a transferência para o país dos 7 mortos em caixas de cigarrilhas em forma de caixões enterrados no cemitério de Gombe em Kinshasa. Dois artigos recentes estão disponíveis na internet:
    - *1 de novembro de 2013: Homenagem ao congolês falecido durante a Exposição Universal de 189* - Príncipe Djungu Tambwe universelle- de-1897/
    - *267 congolezes em um zoológico humano em Bruxelas em 1897* François Duja - <https://afrochild.wordpress.com/2012/02/01/267-Congolês-em-um-zoo-humano-em-bruxelas-em-1897-por-francois-duja/>
  42. *Congo Far West* Sammy Baloji & Patrick Mudekereza – Silvana Editoriale e Africa Museum 2011.
  43. Mesmo esse número de 15 milhões estava incorreto. Os censos são realizados por estatísticas demográficas. As ferramentas de 1914 eram mais precisas que as de 1880, mas não confiáveis.<sup>68</sup> (ASANI, 2014)

A última página da obra, 104, complementa a nota 43 e expõe as notas 44, 45 e 46. Todas as notas foram escritas em francês e não para as outras línguas.

Como prova, fala-se de 13,5 milhões de habitantes em 1930 e 14,7 milhões de habitantes em 1960. Estes números levariam a mais uma perda de 1,5 milhões entre 1914 e 1930 e a uma perda adicional de 0,3 milhões nos 30 anos seguintes! No entanto, ninguém fala de genocídio! Não há relatos de nenhum evento que tenham dizimado populações em larga escala. Pelo contrário, a demografia tinha aumentado com uma

---

<sup>68</sup> 37. « Raisonement par l'absurde ». Ici, il invalide l'affirmation rwandaise en montrant qu'elle conduit à une contradiction.

38. Les frontières du Congo Belge P. Jentgen – Mémoires - Institut royal colonial belge, 1952

39. Carnet de route d'un voyageur congolais : Masala à l'exposition universelle d'Anvers, en 1885 – Zana Aziza Eyambala - Afrika Focus, Vol. 9, Nr. 3, 1993 et Vol. 10, Nr. 1-2, 1994.

40. Les zoos humains de type colonial ont refait surface. En Norvège, on a récréé le Kongolandsbyen (le village congolais) qui avait été l'une des principales attractions de l'exposition universelle d'Oslo en 1914, ... mais avec 80 figurants Sénégalais ! De son côté, le sud-africain Brett Bailey a monté le spectacle Exhibit B qui a été interdit en Angleterre, mais pas à Paris...

41. Cet épisode qui n'est pas particulier au Congo est très exploité. Un documentaire a mimé le transfert au pays des 7 morts dans des boîtes de cigarrillos en forme de cercueils réenterrés au cimetière de la Gombe à Kin. Deux articles récents sont accessibles sur internet :

- 1er novembre 2013 : Hommage aux Congolais morts pendant l'exposition universelle de 189 - Prince Djungu Tambwe [www.jambonews.net/actualites/20131104-1er-novembre-2013-hommage-aux-congolais-morts-pendant-l'exposition-universelle-de-1897/](http://www.jambonews.net/actualites/20131104-1er-novembre-2013-hommage-aux-congolais-morts-pendant-l'exposition-universelle-de-1897/)

- 267 Congolais dans un zoo humain à Bruxelles en 1897 - François Duja - <https://afrochild.wordpress.com/2012/02/01/267-congolais-dans-un-zoo-humain-a-bruxelles-en-1897-by-francois-duja/>

42. Congo Far West Sammy Baloji & Patrick Mudekereza – Silvana Editoriale et Africa Museum 2011.

43. Même ce chiffre de 15 millions était inexact. Les recensements se font par statistiques démographiques. Les outils de 1914 étaient plus précis que ceux de 1880, mais non fiables.

taxa de natalidade elevada e uma mortalidade em queda, particularmente graças à medicina colonial, que teria levado os especialistas da OMS a affirmer que "com a ascensão à indépendência, o Congo estava no plano medical, 20 ans à frente de outros países africains..."

44. A Wikipédia lista essas faltas de verdade. "Os historiadores estão ... diante de uma completa falta de números confiáveis para enumerar a população indígena do Congo. Alguns, baseando-se nos testemunhos de colonos ou missionários presentes em certas aldeias do Congo, permitem-se a dar números que variam muito: assim, o relatório do diplomata britânico Roger Casement em 1904 dá um número de 3 milhões de pessoas, Forbath fala de pelo menos 5 milhões, Adam Hochschild, de 10 milhões, Isidore Ndaywel È. Nziem, historiador congolês, em sua *História do Zaire: da herança antiga à era contemporânea* (2002), de 13 milhões, a Encyclopædia Britannica dá uma perda populacional de 8 a 30 milhões. O historiador e antropólogo Jan Vansina, autor de muitos livros acadêmicos sobre os povos do Congo, estima que a perda de população entre 1880 e 1920 foi de 50%". Em [http://fr.wikipedia.org/wiki/Les\\_Fantômes\\_du\\_roi\\_Léopold](http://fr.wikipedia.org/wiki/Les_Fantômes_du_roi_Léopold) 47
45. Um crime contra a humanidade continua repugnante e sem a necessidade de enumerar milhões de vítimas. O "holocausto esquecido" ocorreu em um terço do território congolês. Mas afirma-se sem piscar o olho, que ele fez tantos mortos que de soldados que morreram no campo de batalha da primeira guerra mundial.
46. *Stephen Smith No Rio Congo* - Le Monde 08/2002 e *O Rio Congo* – "Actes Sud" – 2003.<sup>69</sup> (ASANI, 2014)

Depois de apresentar o livro impresso, vamos apresentar o livro na versão Kindle.

O livro em Kindle apresenta um sumário diferente do livro impresso. Entre o prefácio e o sumário, na posição 41 ele apresenta opiniões dos primeiros leitores e críticas do livro (pos.41 - 49).

Para um crítico literário: "Em pequenos toques claros e concisos de uma página cada, fáceis de ler, espelhando a tradução em lingala e swahili, o autor refaz toda a história do Congo. Ele consegue a façanha de cativar, esclarecer, mas também desconstruir preconceitos e imagens pré-concebidas sobre o Congo."<sup>70</sup> (ASANI, 2015, pos. 41)

---

<sup>69</sup> Pour preuve, on parle de 13,5 millions d'habitants en 1930 et de 14,7 millions d'habitants en 1960. Ces chiffres induiraient une autre perte de 1,5 millions entre 1914 et 1930 et une perte additionnelle de 0,3 millions dans les 30 années qui ont suivi ! Pourtant personne ne parle de génocide ! On ne signale aucun événement qui aurait décimé les populations à grande échelle. Bien au contraire, la démographie avait accru avec un taux de natalité élevé et une mortalité en chute, notamment grâce à la médecine coloniale qui aurait fait dire à des experts de l'OMS qu' « à l'ascension à l'indépendance, le Congo avait, sur le plan médical, 20 ans d'avance sur les autres pays africains... »

44. Wikipedia énumère ces invraisemblances. «Les historiens sont ... confrontés à une absence totale de chiffres fiables pour dénombrer la population indigène du Congo. Certains, se basant sur les témoignages de colons ou de missionnaires présents dans certains villages du Congo, s'autorisent à lancer des chiffres qui varient fortement : ainsi, le rapport du diplomate britannique Roger Casement en 1904 donne un chiffre de 3 millions de personnes, Forbath parle d'au moins 5 millions, Adam Hochschild, de 10 millions, Isidore Ndaywel È. Nziem, historien congolais, dans son Histoire du Zaire: De l'héritage ancien à l'âge contemporain (2002), de 13 millions, l'Encyclopædia Britannica donne une perte de population de 8 à 30 millions. L'historien et anthropologue Jan Vansina, auteur de beaucoup de livres savants sur le sujet des peuples de Congo, estime que la perte de population entre 1880 et 1920 était de 50 %». Sur [http://fr.wikipedia.org/wiki/Les\\_Fantômes\\_du\\_roi\\_Léopold](http://fr.wikipedia.org/wiki/Les_Fantômes_du_roi_Léopold) 47

45. Un crime contre l'humanité reste repugnante, et sans besoin de millions de victimes. L' "holocauste oublié" a eu lieu sur un tiers du territoire congolais. Et on affirme, sans sourciller, qu' il a fait autant de morts que de soldats tombés sur les champs de bataille de la première guerre mondiale.

46. Stephen Smith Sur le Fleuve Congo - Le Monde 08/2002 et Le Fleuve Congo – Actes Sud - 2003

<sup>70</sup> Opinions des premiers lecteurs et critiques Pour un critique littéraire : « En petites touches claires et concises d'une page chacune, d'une lecture aisée, avec en miroir la traduction en Lingala et Swahili, l'auteur retrace

Na posição 58 do Kindle, é apresentado o áudio livro, começado com a explicação de como usar o livro eletrônico com audiolivro em MP3 . “Para ter acesso ao texto lido: 1. Verificar se está conectado a internet; 2. Escolher a língua; 3. Escolher ou a escuta em linha ou baixar”.<sup>71</sup>

Depois do modo de usar, Ele apresenta o sumário completo com capítulos e parágrafos para o **áudio livro** que apresenta um link para cada capítulo e qualquer uma das línguas escolhidas.

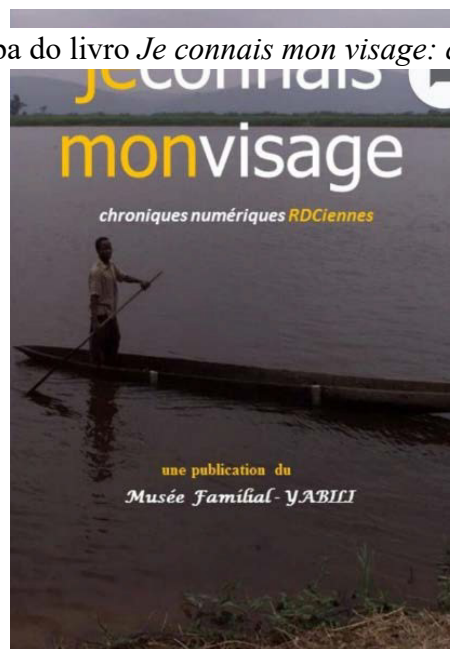
Depois do áudio livro, a sequência continua com os parágrafos seguindo como no livro impresso menos os títulos de capítulos. Há de observar que no kindle as páginas são marcadas como posições.

Para uma leitura contínua e completa: Texto em francês: clique AQUI  
 Texto em suaíli: clique em Chap1 Chap2 Chap3 Chap4 Chap5 Texto  
 em lingala: clique AQUI Para leitura seletiva, página a página, escolha  
 na coluna à direita do resumo: Texto em francês:  
 clique em FRxx Texto em suaíli:  
 clique em SWxx Lingala texto: clique em L1xx .<sup>72</sup>(ASANI, 2015, POS  
 59)

Essa diversidade de opções de leitura de VCT, faz com que este livro é procurado para muitos congoleses e estrangeiros nas livrarias virtuais e na editora que fica em Lubumbashi – RDC. É difícil saber qual das versões é mais vendida, mas observamos que ele é muito falado em palestras e encontros intelectuais em Lubumbashi em grupos de redes sociais.

Continuamos agora com a apresentação dos outros livros seguindo os anos até 2020.

Figura 47 - Capa do livro *Je connais mon visage: chroniques numériques*



toute l'histoire du Congo. Il réalise le tour de force de captiver, éclairer, mais aussi de démonter les préjugés et images préconçues sur le Congo » (ASANI Ed. Kdl.2015, pos.41)

<sup>71</sup> Pour accéder au texte lu : 1. Vérifier que vous êtes connecté à internet. 2. Choisir la langue 3. Choisir soit l'écoute en ligne soit le téléchargement.

<sup>72</sup> Pour une lecture continue et complète : Texte Français : cliquer ICI Texte Swahili : cliquer sur Chap1 Chap2 Chap3 Chap4 Chap5 Texte Lingala : cliquer ICI Pour une lecture sélective, page par page, choisir dans la colonne à droite du sommaire : Texte Français : cliquer sur FRxx Texte Swahili : cliquer sur SWxx Texte Lingala : cliquer sur L1xx. (ASANI, 2015, POS.59)

Fonte: YABILI, 2015.

Em 2015, assinando como Marcel Yabili, o autor publica<sup>73</sup> *Je connais mon visage : chroniques numériques RDCiennes* pela editora Mediaspaul, uma publicação do Museu Familiar Yabili, na qual ele apresenta crônicas digitais da RDC, começando pela memória de família para chegar à memória coletiva. Tivemos a oportunidade de visitar o Museu da Família Yabili na cidade de Lubumbashi. Um espaço que era a casa onde ele cresceu, e onde morava sua mãe, foi transformado em museu da história da família Yabili, misturada à história da criação da cidade, a relação entre colonizadores e colonizados. Pelos objetos e fotos, seguimos a história da família Yabili desde os antepassados até o tempo atual. Nas fotos, observa-se a evolução da família junto com a evolução da história da RDC em cada local retratado, ou onde foram resgatados os objetos ditos familiares, mas que acabam sendo objetos que formam a história da RDC. Assim, Yabili oferece esse espaço para as famílias interessadas em falar da sua história.

*Conheço meu rosto* (YABILI, 2015), começa por narrar uma situação que aconteceu em dezembro de 2000, apresentando um relato de uma jornalista belga que descrevia suas viagens desagradáveis entre algumas cidades da RDC. A jornalista descreve a pobreza encontrada nas cidades visitadas e as reclamações da população, que se sente abandonada pelos governantes, pois a vida era muito cara e não permitia ao cidadão sobreviver honestamente. Nessa narrativa, o autor usa uma linguagem bem popular, tal como “zotorités” invés de “autorités” que significa autoridades. Ele descreve uma situação em que sua família assistia a imagens tão repugnantes que isso trazia um cheiro ruim na imaginação de cada membro, daí o significado de “voir les mauvaises odeurs”<sup>74</sup>, título do texto introdutório da obra (YABILI, 2015). Em seguida, ele se debruça sobre um acontecimento dramático que resultou em 18 mortos no dia 16 de janeiro, seguindo cronologicamente as notícias lidas ou assistidas pela população sobre o acontecido e a vida social que foi limitada por confinamento e toques de recolher no país. Em outro capítulo, “L’appel à la jeunesse”<sup>75</sup>, o autor descreve a cerimônia de posse do novo presidente da RDC, Joseph Kabila, depois do assassinato do pai, Laurent Kabila. O autor conta aos leitores as notícias de bastidores depois do assassinato de um presidente e da posse do seu filho para continuar a dirigir a República. Depois, ele descreve o começo do uso da internet, como se fazia para ter acesso à comunicação mundial, explicando como as famílias recebiam as informações pela internet com o uso dos e-mails e como ele mesmo começou a publicar por e-mail a série “Noir Métallisé”, descrita acima. Então, Yabili (2015) apresenta crônicas numéricas da RDC de fevereiro a setembro de 2001. Primeiro ele descreve a situação de guerrilheiros que invadiram o país e que fazia falar de uma “primeira guerra mundial africana”, pois cada grupo desses guerrilheiros tinha apoio de grupos

<sup>73</sup> [Conheço o meu rosto].

<sup>74</sup> Ver maus cheiros.

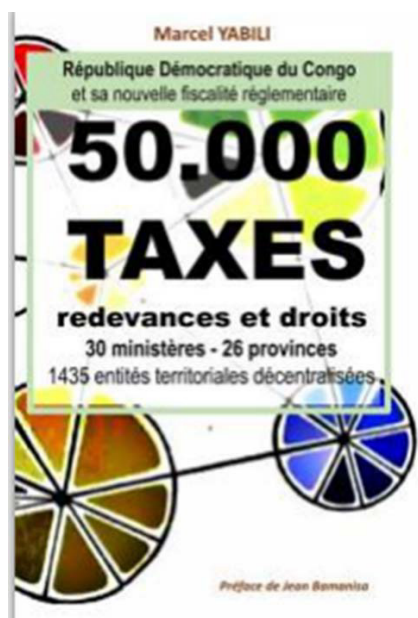
<sup>75</sup> Chamada para a juventude.



estrangeiros. Para interligar a obra às outras, o autor abordou um tema sobre um novo código de execução nas minerações que nasceu de uma conferência chamada “Investir na África” que aconteceu na África do Sul. Observamos que Yabili narra as situações dramáticas pelas quais passam o país e a população de uma forma que os leitores não precisam ter alguma especialidade ou conhecimento em uma área científica determinada para entender. Em um francês popular, ele cria situações que atraem qualquer leitor para então chegar ao seu objetivo de trazer a população para o mundo maravilhoso da leitura.

Na obra de 2015, da mesma forma que descreveu o ditador Mobutu em *Vraiment Congo une Tribu!* “Maître Yabili” descreve Joseph Kabila, o jovem presidente militar que herdou o governo do pai assassinado dois anos depois de ter salvado o país da ditadura de Mobutu. Ele apresenta a primeira entrevista que o novo empossado concedeu à jornalista belga Colette Braeckman. Em seguida, expõe as mudanças que o novo presidente começa a fazer, iniciando por desfazer alguns contratos, como o que dava o monopólio de mercado de diamante a uma indústria de Israel. Observamos que o autor, a cada capítulo, atrai o leitor com um tema do momento nas conversas sociais e políticas.

Usando tabelas e gráficos, ele apresenta os dados numéricos de saques feitos pela Uganda na RDC de 1997 a 2000 e por Ruanda de 1995 a 2000. No final, explica listado como são feitos esses saques. Para atrair ainda mais seus leitores, Yabili (2015) conta sua própria situação em uma cidade onde a energia elétrica se torna raridade. situações pelas quais passou, desde sua rotina de chegada em casa até alertar sobre o perigo de mexer nos fios de energia elétrica sem usar sapatos apropriados. Mesmo negando, Yabili é um dos líderes da cidade de Lubumbashi, pois ele sabe o que a população quer ler e como ela quer ter acesso ao conhecimento da história de seu país. A cada título ele entra na pele do leitor como um curioso com sede de saber o que aconteceu, o que acontece e o que vai acontecer na sua vida depois de algum acontecimento governamental ou popular na sua cidade, na sua província ou no seu país. Nessa obra, o autor enumerou todos os



problemas possíveis cronologicamente e detalhadamente, citando as fontes de publicações. Mesmo percurso que fez em *A volta da tuberculose*, artigo publicado dia 25 de junho de 2001 pela “Numerica” em Kinshasa.

Figura 48 - Capa de *50.000 taxes*

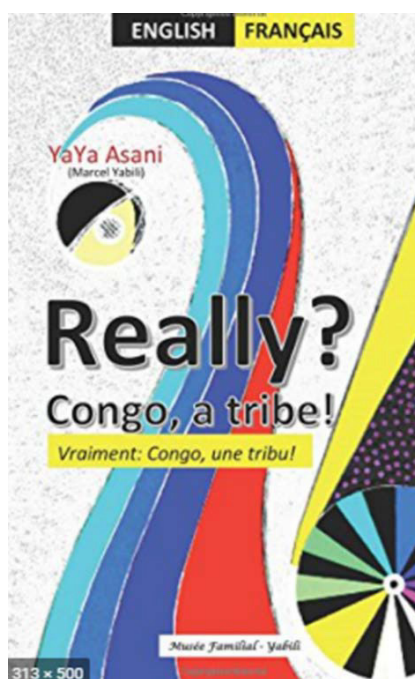
Fonte: YABILI, 2016.

Ainda com preocupação popular, pensando em tantos impostos cobrados pelo estado, ele resolver checar os 50.000 impostos de tributações regulatórias do país em 2016. Para isso, publica pela Mediaspaul, em Lubumbashi, um livro com o título *50.000 taxes*<sup>76</sup>. O volume tem duas partes bem detalhadas. A primeira parte explica a Tributação Regulatória e a segunda descreve a fiscalização e a fiscalização regulatória.

Em 240 páginas, o autor apresenta os diversos impostos, suas características e seu contexto. Os contribuintes só podem ter a informação como arma para se proteger se houver muitas análises sobre o assunto, assim podem ordenar e otimizar as retenções obrigatórias. Yabili (2016) comenta também sobre o contexto da RDC daquele ano, onde o Estado de Direito ainda faz falta. Trata-se do segundo maior país da África, mas, indiscutivelmente, o mais rico em recursos naturais, arrecadando menos impostos do que a pequena Faixa de Gaza. Daí o país embarcou na multiplicação e sobreposição de impostos regulatórios que oferecem mais de

50.000 variações. Como povo, como cidadão e como professor, Yabili detalha todas essas variantes com explicações acessíveis a qualquer leitor. O país na época tinha 30 ministérios, 26 províncias e 1.435 entidades territoriais descentralizadas.

Figura 49 - Capa de *Really? Congo, a tribe!*



Fonte: ASANI, 2016.

<sup>76</sup> *50.000 impostos.*

No mesmo ano de 2016, Yabili lança *Really! Congo, a tribe!*<sup>77</sup> pela editora Mediaspaul de Lubumbashi. Com o mesmo título do corpus deste trabalho, esta versão é escrita em duas línguas: francês e inglês. A estrutura é a mesma do corpus, o francês ocupa a parte direita, com números de páginas pares, e o inglês a parte esquerda, com números de páginas ímpares.

Figura 50 - Capa de *République Démocratique du Congo: deux saisons sans la troisième République*

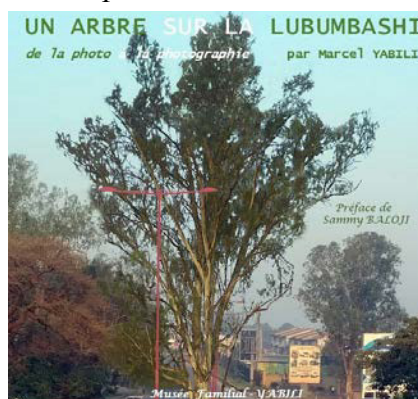


Fonte: YABILI, 2017.

Pela editora Les Impliqués, de Paris, em 2017, Marcel Yabili publica *République Démocratique du Congo: deux saisons sans la troisième République*<sup>78</sup>, obra em que continua à expor as suas preocupações como cidadão e professor de Direito Constitucional. Novamente, trata sobre o país ter tantas riquezas naturais e um PIB tão pequeno, pois é inaceitável que no século XXI um tão vasto território não registre nenhum progresso no desenvolvimento humano. A partir disso, faz a pergunta: o país escolheu o fracasso e o caos, ou está sofrendo uma barbárie?

Como nas outras obras, Yabili (2017) explica os resultados de sua pesquisa de forma simples, o que mostra sua com o ensino e com o letramento da população.

Figura 51 - Capa de *Un arbre sur Lubumbashi*



Fonte: YABILI, 2017.

<sup>77</sup> [Realmente Congo uma Tribo].

<sup>78</sup> [República Democrática do Congo: Duas temporadas sem a terceira República]

O livro *Un arbre sur la Lubumbashi*<sup>79</sup> foi publicado pela Editora Musée Familial Yabili em Lubumbashi, em 2017. Na obra, Marcel Yabili, de certa forma, luta pela sua cidade e reclama do descuido que a cidade e suas riquezas naturais sofrem, da falta de organização e de cuidados ecológicos. Mas, antes, mostra o progresso da fotografia. O livro é dividido em duas partes. A primeira tem como título "De la photo à la photographie". Nela, Yabili (2017) narra a evolução da fotografia partindo de sua própria experiência aos 7 anos de vida, quando conheceu a máquina fotográfica, e termina apresentando as fotos dos visitantes e das obras do Museu da família Yabili. Na segunda parte, Yabili (2017) fala de sua cidade, das atividades durante o dia e a noite, das ruas de Lubumbashi, dos lugares da cidade, dos moradores de rua, das filas de hospitais, das doenças, da falta de higiene. A árvore do título era um patrimônio da cidade que foi cortado sem piedade. Ele fala da árvore, da barragem e do lago, da situação da cidade em tempos de frio, da fonte do rio Lubumbashi, das árvores cortadas impiedosamente, dos encontros e dos sofrimentos das pessoas, dos espaços de leitura, das crianças que vão para a escola, dos pequenos empreendedores da cidade, dos escritórios e da descida pelo rio Lubumbashi.

Esse volume também é interligado com os outros pela expressão fácil e popular do autor, pelas narrativas sobre as preocupações do povo e pela sua visão próxima do cidadão comum.

Figura 52 - Capa de *La fiscalité réglementaire*



Fonte: YABILI, 2018. Foto de Rosemarie Warzee.

Voltando ao Direito, Yabili publica *La fiscalité réglementaire*<sup>80</sup> pela editora Imprensa Universitária de Lubumbashi em 2018. O prefácio desse volume foi escrito pelo reitor da Universidade de Lubumbashi, onde o autor lecionou direito durante muito tempo, também local onde estão seus leitores mais fervorosos. O livro é praticamente um curso de tributação regulatória dos ministérios, províncias e entidades territoriais descentralizados, seguindo as nomenclaturas

<sup>79</sup> [Uma árvore no rio Lubumbashi]

<sup>80</sup> Tributação regulamentar.

legais. A obra contém tabelas e gráficos sobre receitas não-fiscais, mesmo assunto da obra *50.000 taxes*. Então esse livro também tem ligação com outros livros publicados. Como diz o reitor no seu prefácio, é uma pesquisa à serviço da sociedade.

Figura 53 - Capa de *175 millions en 2045*



Fonte: YABILI, 2018.

Para colorir o ano de 2018 Yabili abandona cálculos de tributações regulamentar e procura (talvez) aliviar a mente dos leitores passando para um tema chocante: leva os leitores a refletirem sobre a possibilidade de ter 175 milhões de pessoas para dividir o espaço em 2045 com o livro intitulado *175 millions en 2045*, publicado pela editora Musée Familial Yabili, em Lubumbashi.

Na abertura da obra, Yabili (2018) informa sobre as características do livro, começando pelo fato de que todas as imagens foram tiradas com um smartphone, exceto as das páginas 105,110,111 e 141. Em seguida, explica que não é um livro de artes com fotos bem finalizadas, pois o conceito do livro é ter imagens que falam por si, que todo mundo pode ter visto, mas sem realmente vê-las, enxergá-las.

Com o smartphone sempre no meu bolso ou ao alcance da minha mão, logo que percebo um foco que possa inspirar, pego o aparelho, ligo a câmera, enquadro o foco... e tiro a foto! Em qualquer situações, mesmo desvantajosas. (YABILI, 2018)<sup>81</sup>

Todas as fotos foram tiradas em Lubumbashi, na RDC, menos as das páginas 15 e 17. As fotos não foram trabalhadas, mas foram ajustadas ao formato do livro. Os créditos das fotos são do próprio autor, do Museu Familiar Yabili (para as fotos em preto e branco) e dos participantes ao conceito da fotografia, acima descrita nas páginas 108, 150 a 159. Algumas pessoas puderam enviar fotos que acabaram por aparecer no livro.

<sup>81</sup> Tradução nossa do texto: « Avec le Smartphone toujours dans la poche ou à la portée de la main, aussitôt que j'aperçois une cible qui inspire, je dégaine, je déverrouille l'appareil, j'arme la caméra, je vise, je cadre... et je tire! Dans toutes les situations, même désavantageuses. » (YABILI, 2018)

Tivemos a honra de figurar entre estes participantes, duas fotos tiradas por nós foram sorteadas para participar desta publicação na página 287 (YABILI, 2018, p. 287).

Nossas fotos que estão na obra de Yabili (2018) foram tiradas na cidade de Malemba Nkulu, província de Haut Lomami, RDC, em julho de 2017. Estávamos andando saindo do restaurante para a Universidade de Malemba Nkulu quando observei uma mãe e dois meninos nu voltando para casa deles. Minha curiosidade era de saber se as crianças eram gêmeo ou não. Sem conhecer os costumes da cidade, preferi registrar com uma foto do que fazer qualquer pergunta a mãe dos meninos.

Figura 54 - Nossa foto que figura no livro *175 millions en 2045*



Fonte: YABILI, 2018.

A foto a seguir está na mesma página, foi tirada em um orfanato da cidade de Kamina, província de Haut Lomami, na RDC em agosto de 2017.

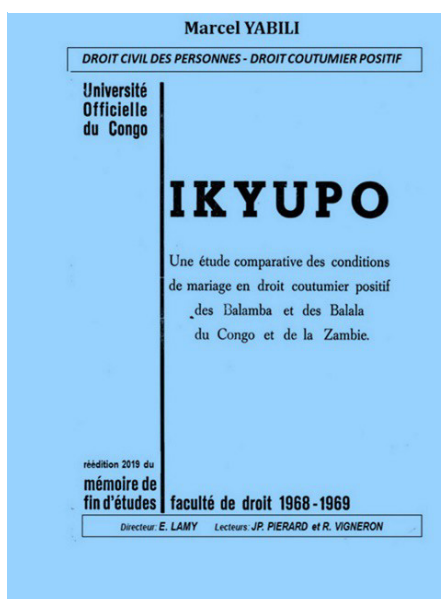
Figura 55 - Nossa outra foto que figura no livro *175 millions en 2045*



Fonte: YABILI, 2018.

Em 2019, o autor decidiu publicar o seu trabalho de final de curso de graduação na Universidade de Lubumbashi em formato de livro. O tema é o Direito Civil e o Direito Tradicional Positivo. O título da obra é *IKYUPO : Une étude comparative des conditions de mariage en droit coutumier positif des Babemba et des Balala du Congo et de la Zambie*"<sup>82</sup> publicado pela Imprensa da Universidade de Lubumbashi (PUL). Trata-se do trabalho defendido na Faculdade de Direito no período acadêmico entre 1968 e 1969 sob a orientação do Professor E. Lamy.

Figura 56 - Capa do livro *Ikyupo*



Fonte: YABILI, 2019.

Na primeira página da obra, já aparece a informação de que o texto é uma reedição da publicação de 1969 com alguns novos arranjos feitos pelo próprio autor em questões de formato, numeração, notas de rodapé, acrescentando regras e eventos posteriores, assim como dois posfácios.

O texto começa com a tradução do termo "Ikyupo" que significa casamento em duas línguas bantos da RDC e da Zâmbia: kilamba e kilala. Depois de estudar as organizações sociais das duas comunidades linguísticas, Yabili (2019) pesquisou sobre as condições existenciais e de validade dos casamentos, quais são os procedimentos especiais de casamento, as locuções e a jurisprudência. Então, chega às suas conclusões sobre as condições de casamento daquela época (1969) e a sua evolução.

<sup>82</sup> [IKYUPO: um estudo comparativo das condições de casamento em direito tradicional positivo dos Babemba e dos Balala do Congo e da Zâmbia.]

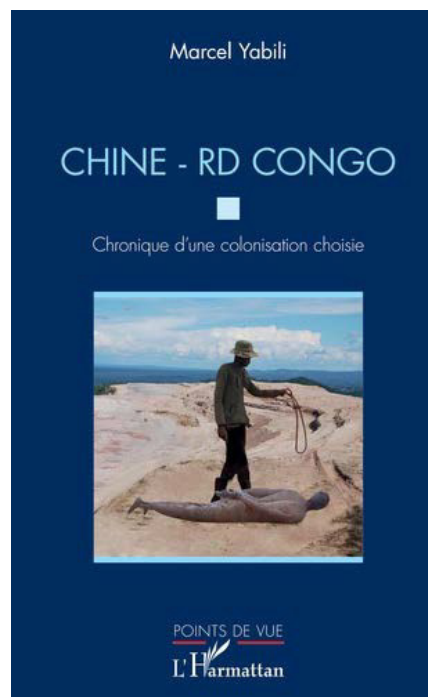
Figura 57 - Lubumbashi, carte architecturale du patrimoine



Fonte: LUBUMBASHI, 2019.

Este, mapa do patrimônio arquitetônico de Lubumbashi foi lançado pela ULB, em 2019. Nele, se manifesta o amor que o autor tem pela sua cidade, seu país. Yabili escolhe fazer algo mais popular ainda, que valoriza o patrimônio de Lubumbashi, elaborando um mapa com todos os pontos turísticos explicados detalhadamente.

Figura 58 - Capa do livro Chine – RD Congo: Chronique d'une colonisation choisie



Fonte: YABILI, 2020.

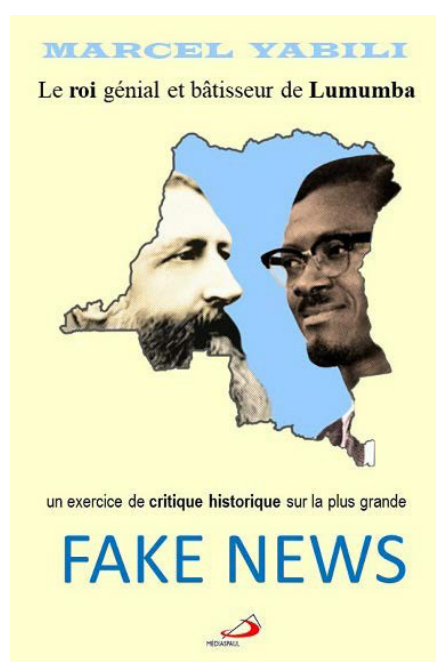
É claro que era preciso relembrar as relações China – RDC antes de começar uma nova década! Assim, Yabili voltou a publicar na editora l'Harmattan em 2020, com o livro *Chine- RD Congo: chronique d'une colonisation choisie*.<sup>83</sup>

<sup>83</sup> [China - RD Congo, crônica de uma colonização escolhida]



Entendemos que esse volume completa o primeiro livro sobre a China *O gigante da África e da Ásia* oito anos depois. Aqui, o autor observa que os ocidentais teriam renunciado aos interesses econômicos e daí os congolese estão preparando a reconstrução do país com os chineses. A constatação do autor é que a colonização foi "submetida" como um sistema econômico de apropriação de matérias primas e de saídas comerciais. Ele constata também que, no momento, a China visa toda a África depois de conseguir o que os ocidentais jamais conseguiram: arrancar da RDC o primeiro lugar de produtor mundial de cobalto refinado, necessário às baterias de carros elétricos.

Figura 59 - Capa de *Le roi génial et bâtisseur de Lumumba, un exercice de "critique historique" sur la plus grande Fake News*



Fonte: YABILI, 2020.

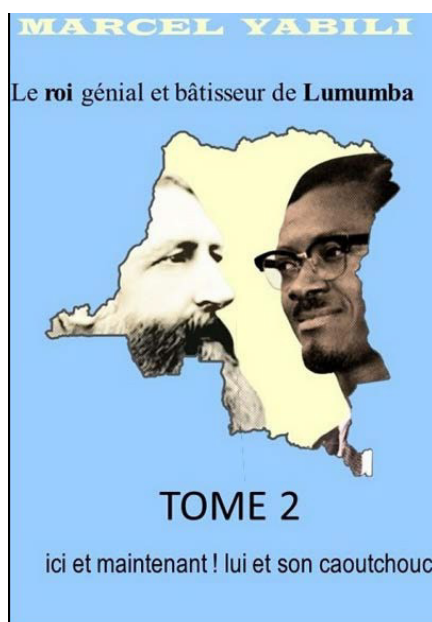
Ainda em 2020, o autor julgou que era preciso fazer um exercício de crítica histórica sobre o que ele qualifica de “grande Fake News”. Daí ele publica *Le roi génial et bâtisseur de Lumumba, un exercice de "critique historique" sur la plus grande Fake News* pela editora Mediaspaul de Lubumbashi.

O sumário dessa obra apresenta a capa, uma apresentação das publicações do autor, uma introdução e os seguintes títulos: “D’où je viens”, parte na qual Yabili (2020) fala da fundação, aqui e agora, de uma história ainda não contada, de uma intrusão insolente, dos historiadores, da violência colonial, das cruzadas da descolonização, da civilização odiada, da violência dos missionários, da paz odiada, da miséria com má fé, das fábricas de violências leopoldianas, do mosquito que pica o preto e dos não-belgas e não-congolese. No capítulo “Des divergences parallèles”, ele aponta um estado francófono, um percurso de 23 anos e a sugestão breve ao mesmo rei. EM seguida, em “Le Roi Génial et bâtisseur de Lumumba”, fala desse rei, do fantasma de Leopoldo II, ele pergunta: qual é o fantasma do Congo? Em seguida narra sobre o

mito dos brancos, então observa que tinha que classificar horrores. No capítulo “Critique historique de la Chicote”, fala do chicote de Leopoldo II, que tinha tirado o chicote fora da lei<sup>84</sup>

da sanção disciplinar dos militares, da falsificação dos primeiros "lançadores de alerta", do herói dissimulado do chicote, dos dois chicotes coloniais belgas, da crítica histórica, do umbigo e da cintura e de passar os relatos sobre o Congo a pente fino (YABILI, 2020).

Figura 60 - Capa do livro *Le roi génial et bâtisseur de Lumumba, Tome 2. Ici maintenant, lui et son caoutchouc*



Fonte: YABILI, 2020.

Continuando o tema sobre Lumumba, Yabili publica no final de 2020 *Le roi génial et bâtisseur de Lumumba, tome 2. Ici maintenant, lui et son caoutchouc*.

Depois da capa e da apresentação de outros títulos publicados, o autor lança um aviso informando que por ter qualificado de Fake News as mentiras sobre Leopold II, ele foi obrigado a inserir um aviso para proteger a juventude:

Como soberano autocrata do estado independente do Congo, Leopoldo II estava responsável de um regime fundado sobre uma violência massiva e estruturada, focando a exploração máxima dos recursos de sua colônia e tendo conduzido a uma diminuição de sua população - segundo os últimos cálculos demográficos/históricos- de um a cinco milhões de congoleses. Ele estava ciente dos erros perpetrados no terreno, mas praticamente nada fez para parar. Existe um grande acerto histórico sobre as questões. (YABILI, 2020, tradução nossa)

O autor disse que persiste e assina: há fakes news! Depois, ele narra sobre corrupção com o título: ninguém pode corromper a água...

<sup>84</sup> A lei colonial tinha estabelecido o chicote como um dos castigos aos colonizados que desobedeciam a certas regras.

Depois de ver essas outras publicações do autor, poderemos entender as preocupações que o movem e, sobretudo, identificar a forma simples pela qual ele se expressa. Então, convidamos vocês a conhecer a obra *Vraiment Congo une tribu!*

## 2.8 LÍNGUAS E CULTURAS DA RDC

Figura 61 - Bandeira da República Democrática do Congo



Fonte: Wikipedia, 2006.

O *corpus* desta tese fala de histórias que acontecem na RDC, por isso neste capítulo, examinaremos brevemente as culturas e línguas desse país, para podermos contextualizar o autor e suas publicações, assim como a história, culturas e línguas deste país de histórias intensas.

Antes de penetrar na RDC e conhecer toda a sua situação, acreditamos que seja necessário consultar os volumes da *História geral da África*,<sup>85</sup> publicado pela UNESCO gratuitamente para facilitar o ensino da história da África. No volume I, é descrita a metodologia utilizada para a escrita dos 8 volumes e a pré-história da África, conseqüentemente a da RDC que fica geograficamente no centro do mapa da África. O historiador de Burkina Fasso, Joseph Ki-Zerbo (1922 - 2006)<sup>86</sup> foi o editor deste primeiro volume que tem como título original da primeira edição publicada em inglês *General History of Africa, I: Methodology and African Prehistory*. Paris: UNESCO; Berkley, CA: University of California Press; London: Heinemann Educational Publishers Ltd., 1981.

No Brasil, foi publicada pela UNESCO em 2010 a versão em português com a Coordenação geral da edição e atualização de Prof. Valter Roberto Silvério<sup>87</sup>; preparação de texto

<sup>85</sup> *História geral da África*, editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

<sup>86</sup> Introdução J. Ki-Zerbo (Alto Volta). Especialista em metodologia da História da África; autor de várias obras sobre a África negra e sua história; professor de História no Centre d'Enseignement Supérieur.

<sup>87</sup> Valter Roberto Silvério é professor do Departamento de Sociologia da UFSCar. Possui graduação em Ciências Políticas e Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestrado (UNESP) e doutorado (UNICAMP) em Ciências Sociais. Desenvolveu pós-doutorado no Instituto Internacional de Sociologia Jurídica de Oñati, País Basco, e na Universidade de Londres. Atua na área de Sociologia, com ênfase em estudos pós-coloniais e relações raciais, focando nos temas de transnacionalismo negro, diáspora africana, educação, ação afirmativa e afro-brasileiros. É autor de diversos livros, como *As cotas para negros no tribunal* (EdUFSCar, 2012), *De preto a afrodescendente* (EdUFSCar, 2010) e *Educação, Diferença e Desenvolvimento Nacional* (EdUFSCar, 2010). ( [https://www.amazon.com.br/Cotas-Negros-Tribunal-Audi%C3%Aancia-P%C3%BAblica/dp/8576003007/ref=sr\\_1\\_1?qid=1676111498&refinements=p\\_27%3AValter+Roberto+Silverio&sr=books&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/Cotas-Negros-Tribunal-Audi%C3%Aancia-P%C3%BAblica/dp/8576003007/ref=sr_1_1?qid=1676111498&refinements=p_27%3AValter+Roberto+Silverio&sr=books&sr=1-1))

de Prof. Eduardo Roque dos Reis Falcão; Revisão técnica de Prof. Kabengele Munanga<sup>88</sup>; Revisão e atualização ortográfica de Profa. Cibele Elisa Viegas Aldrovandi<sup>89</sup> e o projeto gráfico e diagramação de : Marcia Marques/Casa de Ideias; Edson Fogaça e Paulo Selveira/UNESCO Brasil. Além da UNESCO, o Ministério da educação do Brasil e a universidade federal de São Carlos foram responsáveis pela publicação da versão portuguesa dos 8 volumes.

Além da apresentação, Nota dos tradutores, cronologia, lista de figuras, prefácio (por M. Amadou Mahtar M'Bow, diretor geral da UNESCO (1974-1987), apresentação do projeto (pelo Professor Bethwell Allan Ogot Presidente do Comitê Científico Internacional para a redação de uma História Geral da África) e a introdução geral, o sumário apresenta um rico conteúdo de 28 capítulos e conclusão, onde cada africano ou afrodescendente pode encontrar a história de seu país ou descendência. No caso da RDC e da nossa preocupação atual, visitamos em primeiro lugar o capítulo 7 “*A tradição oral e sua metodologia*” onde o autor, J. Vansina<sup>90</sup>, define a tradição oral como sendo “[... ]um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra.” (VANSINA, 2010, p.140). De fato, apesar da escrita existente na RDC a tradição oral é mecanizada pelas pessoas como sendo um hábito que se transmite de geração em geração, a tal ponto que durante a nossa pesquisa, nos departamentos das universidades de Kamina e de Lubumbashi, valia mais a minha fala do que os múltiplos *e-mails* enviados pedindo a autorização para pesquisa nas bibliotecas destas instituições de ensino superior na RDC. Nas pesquisas anteriores que eu fiz em comunidades quilombolas de Pernambuco e Bahia, percebi também que a tradição oral é muito importante e respeitada. Neste caso, para poder traduzir a literatura escrita ou oral do swahili para o português brasileiro e vice-versa, devemos considerar o estudo dos meios sociais dos dois lados assim como suas culturas, como debruça o autor:

As tradições são também obras literárias e deveriam ser estudadas como tal, assim como é necessário estudar o meio social que as cria e transmite e a visão de mundo que sustenta o conteúdo de qualquer expressão de uma determinada cultura. É por isso que nas seções seguintes trataremos respectivamente da crítica literária e da questão do ambiente social e cultural, antes de passarmos ao problema cronológico e à avaliação geral das tradições. (VANSINA, 2010, p. 142)

No subtítulo: “A tradição como obra literária”, J. Vansina explica o que segue :

Numa sociedade oral, a maioria das obras literárias são tradições, e todas as tradições conscientes são elocuições orais. Como em todas as elocuições, a forma e os critérios

<sup>88</sup> Kabengele Munanga nasceu em 1942, na República Democrática do Congo (antigo Zaire), naturalizando-se brasileiro aos 43 anos. Professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, onde se doutorou em 1977, realiza pesquisas nas áreas de Antropologia Africana e Antropologia da População Afro-Brasileira. Escreveu, entre outras obras, *Negritude: usos e sentidos* (1986) e *Estratégias e Políticas de combate à discriminação racial* (1996). Fonte: <https://gruopeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1448>.

<sup>89</sup> Cibele Elisa Viegas Aldrovandi fez graduação em Educação Artística e Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (1991), graduação em Fine Arts Major pela Ohio State University (1988), mestrado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (2002) e doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (2006). Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: budismo, arte asiática, história da arte, arqueologia e gandhara. Fonte: Currículo Lattes.

<sup>90</sup> J. Vansina (Bélgica). Especialista em história da África; autor de várias obras sobre a História da África Equatorial; professor de História na Universidade de Wisconsin (Estados Unidos da América (VANSINA, 2010, p. 856)

literários influenciam o conteúdo da mensagem. Essa é a principal razão das tradições serem colocadas no quadro geral de um estudo de estruturas literárias e serem avaliadas criticamente como tal. (VANSINA, 2010, p. 142)

Falando do contexto social da tradição, Vansina explica que, “Toda instituição social, e também todo grupo social, tem uma identidade própria que traz consigo, um passado inscrito nas representações coletivas de uma tradição, que o explica e o justifica.”(VANSINA, 2010, p. 146) Em seguida, Vansina continua explicando sobre a estrutura mental da tradição afirmando que “Uma explicação verdadeiramente satisfatória deveria, entretanto, revelar o sistema completo de valores e ideais relacionados a status e papéis sociais, que constituem a própria base de toda ação social e de todo sistema global” (VANSINA, 2010, p.153). Isso nos levou a consultar o filósofo congolês Bas’ Ilele Malomalo<sup>91</sup> no seu novo lançamento *Filosofia do Ntu : Direitos e deveres no despertar da consciência biocósmica*<sup>92</sup> onde ele afirma o que segue: “Os paradigmas ancestrais, que inspiram a minha filosofia de direitos biocósmicos, consideram o Ntu ou Vida como ponto de partida, a mediação e finalidade de todo discurso e prática sobre os direitos e deveres.” (MALOMALO, 2022, p. 42). À pergunta “ O que é Ntu e Ubu-Ntu?”, ele responde : “A resposta a essa pergunta tem que partir das bibliotecas africanas que nos informam que é um termo usado entre alguns povos da África central e austral que ocuparam igualmente o Vale do Nilo para traduzir a sua cosmopercepção.” (MALOMALO, 2022, p.42). A isso ele afirma que “O filósofo que tinha levantado essa discussão é o Bilolo (1986), que, fundamentando-se na egiptologia africana, identificou que a palavra da língua egípcia N.t deu origem à palavra grega *Ontos*, *ÓN* (Ser), de onde deriva a palavra Ontologia.” (MALOMALO, 2022, p.42).

Malomalo continua explicando sobre a sociedade e tradição africana descrevendo que:

O mundo visível, que é formado pelas Comunidades-Universo-Natureza-Terra e Comunidade-Banto e o Mundo invisível que é a Comunidade-Divindade-Ancestralidade interagem. O que permite a comunicação Entre esses dois Mundos é a Energia/Força Primordial. Portanto, o Ntu-Primordial está na base da ligação ontológica dos dois mundos, ou seja, das três Comunidades-Ntu-Particulares. (MALOMALO, 2022, p.48)

Podemos entender com isso que de alguma forma, Malomalo responde a Vansina sobre uma identidade própria que todo grupo social traz consigo, explicando o que a identidade do povo banto traz, além de:

---

<sup>91</sup> Bas’Ilele Malomalo, filósofo congolês, nascido na aldeia Idumbe, é docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e líder do Grupo de pesquisa África-Brasil, Núcleo de Extensão Latitudes Africanas, pesquisador, do centro dos Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN-Unesp), da Rede para o Constitucionalismo Democrático Latino-Americano/Brasil, membro do Comitê Internacional da Cadeira da UNESCO Educação Transformadora, Democracia e Cidadania Mundial, da UQO, Canadá, expert da plataforma Harmony with Nature/ONU e fundador da Per Ankh Ntu, Escola da Ciência da Espiritualidade Africana.

<sup>92</sup> Malomalo, Bas’Ilele. *Filosofia do NTU: direitos e deveres no despertar da consciência biocósmica*. São Paulo, ed. Polo, 2022.

Viver com/em Harmonia é saber agir ou saber fazer os ritos sociais, praticar a espiritualidade para que haja o Equilíbrio entre seres viventes. Portanto, a consciência de uma solidariedade participativa leva para a ética do cuidado para com outro Ser-Ntu. (MALOMALO, 2022, p.48)

Quando se fala em estudos dos meios sociais da RDC, significa falar em culturas e línguas faladas nas diversas comunidades. Observando os 8 volumes da história geral da África, encontramos várias informações sobre a RDC e seu povo, dentro do contexto geral. Por isso, para ter esclarecimento sobre a história e as línguas – sobretudo o swahili – faladas neste país do centro da África, consultamos também o capítulo 10 do mesmo volume, parte I que tem como o título: "*História e linguística*" escrito por P. Diagne<sup>93</sup>, do Senegal (2010, p.247). Na classificação geográfica das línguas faladas na África, este autor alerta que:

Uma classificação rigorosa das línguas africanas requer procedimentos que demonstrem que as formas, o vocabulário e as estruturas linguísticas propostas como elementos de comparação são não apenas representativos, mas fazem parte do patrimônio original das línguas comparadas. A semelhança não deve ser, portanto, resultado de empréstimos ou de contatos antigos ou recentes. Sabemos que, por motivos históricos, o árabe e as línguas semitas, como também o francês, o português, o africâner e o inglês depositaram, por vários séculos e mesmo alguns milênios, uma quantidade considerável de vocabulário em muitas línguas africanas. Algumas variantes do kiswahili, que é uma língua banto, contêm mais de 60% de empréstimos lexicais do árabe. Daí a concluir – por paixão religiosa ou falta de precaução científica – que o kiswahili pertence ao grupo semito-árabe, há apenas um passo. Algumas vezes, chegou-se realmente a essa conclusão. (DIAGNE, 2010, p. 250)

Efetivamente, na língua swahili de Lubumbashi (que é a minha língua nativa), temos palavras que foram emprestadas de várias línguas dos colonizadores tais como indica este quadro:

Quadro 5 - Palavras emprestadas

Nr.	Palavra em swahili de Lubumbashi	Origem	Significado em português	Língua de origem
01	Komponi	Camp one	Acampamentos de trabalhadores da empresa de mineração "GECAMINES" que se transformou em bairro hoje com o mesmo nome.	Inglês
02	Mesa	Mesa	Até hoje, os homens têm direito de comer na mesa, mas as mulheres e as crianças comem no chão, pois a mesa é para pessoas ditas "civilizadas"	Português
03	Salamu	Salam	Cumprimentos	Árabe
04	Bulangete	Blanket	Cobertor	Inglês
05	Binti	Bint	Filha, moça	Árabe
06	Ntaliana	Italiano	Houve uma época em que os portugueses e italianos tinham	Português

<sup>93</sup> Diagne (Senegal). Linguista; Doutor em Ciências Políticas e Econômicas; autor de duas obras sobre o poder político africano e a gramática wolof; professor assistente na Universidade de Dacar.

			lojas e os nativos trabalhavam para eles.	
07	Kapita	Capitaine	O “Kapita” é o responsável (líder) de uma equipe de trabalho em mineração	Francês
08	Kona	the corner	Esquina de alguma rua ou avenida	Inglês
09	Sawa	Ça va	Tudo bem,	Francês
10	Machini	Machine	Máquina	Francês
11	Kileleki	Clerc	Funcionário de cartório ou outro escritório	Francês

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Este autor esclarece também sobre a Classificação linguística e parentescos etnoculturais na África, afirmando que:

Apesar de alguns trabalhos notáveis, o problema do parentesco linguístico e étnico está longe de ser resolvido na África. Em muitas áreas, a intuição de que existe essa relação ainda sobrepõe a prova estabelecida cientificamente. A ideia e a noção de uma comunidade banto reunindo a grande maioria dos povos da África central e meridional nasceram no século XIX com os trabalhos de W. Bleek. Numa obra célebre publicada em 1862, ele estabeleceu o parentesco das línguas e das variantes dialetais faladas numa área muito vasta, habitada por numerosos grupos étnicos, usando falares com maior ou menor grau de intercompreensão. Evidentemente, o parentesco de língua e de cultura é muito mais perceptível à primeira vista para as etnias que vivem lado a lado. É o que ocorre com os Banto. (DIAGNE, 2010, p. 250)

A minha avó materna era da etnia “sanga” e o meu avô que foi o marido dela da etnia “luba” do Katanga. Este fato permite que eu transite nas duas línguas que são, como afirma o autor, muito parecidas, além disso, as famílias de etnias diferentes vivem próximas por causa da empregabilidade nos meios urbanos e cada uma traz as suas culturas e suas línguas. Isso faz com que nós falamos ou entendemos quase todas as línguas até mesmo longe das nossas de origem. No meu caso, por exemplo, falo e escrevo um pouco o sanga, falo e escrevo um pouco o luba/kat, entendo o luba/kas, por ter convivido com vizinhos e amigas daquela etnia, falo muito bem o swahili de Lubumbashi que é uma variante oral do swahili como é explicado acima; escrevo o swahili Standart (variante do swahili falada no leste da RDC é usada nas escolas do país), falo e escrevo bem o lingala, por ter passado 4 anos na capital do país onde se usa esta língua.

Neste quadro apresento um exemplo de expressões ou palavras usadas nestas línguas que eu falo :

Quadro 6 - Palavras entre línguas que domino

01	<b>Português</b>	<b>Cumprimentos</b>	<b>Agradecimento</b>	<b>Despedida</b>
02	<i>Swahili de Lubumbashi</i>	<i>Yambo</i>	<i>Aksanti/Merci</i>	<i>Bakia muzuri/ minenda</i>
03	<b>Swahili standart</b>	<b>Jambo</b>	<b>Aksanti</b>	<b>Kwa heri/ naenda</b>
04	<i>Sanga</i>	<i>Twa imunayi</i>	<i>Twasanta</i>	<i>Shalaipoyi/ twaya</i>

05	<b>Luba/katanga</b>	<b>Tuba imuna</b>	<b>Ubafuko/wafwako</b>	<b>Shalapo/tubaenda</b>
06	<i>Luba/kasai</i>	<i>Moyo wenuayi</i>	<i>Twasakidila</i>	<i>Shala bimpa</i>
07	<b>Lingala</b>	<b>Mbote</b>	<b>Matondi</b>	<b>Botikala malamu/tokeyi</b>

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

O autor ainda alerta sobre a ocorrência de fenômenos de imbricação, que faz com que grandes línguas de unificação por vários motivos (políticos, econômicos, culturais, e outros), continuam dando suporte à integração de diferentes etnias, apagando por meio de pressão social e do peso histórico, falares e culturas dos quais restam na maior parte, apenas alguns vestígios. É o caso do lingala e do swahili na RDC, uma é falada na capital do país onde por razões de empregabilidade acolheu e continua acolhendo várias etnias que se misturam e acabam ter o lingala como língua banto de comunicação entre eles além do francês. (DIAGNE, 2010, pp. 254-255).

## 2.9 LÍNGUAS E CULTURAS DOS BANTOS

Na sua obra *Camões com dendê, o português do Brasil e os falares afro-brasileiros*, publicada em 2022 pela editora Topbooks, Rio de Janeiro, Yeda Pessoa de Castro reservou um capítulo onde expõe sobre as línguas faladas na África. Ela explica:

Dentre todos os grupos etnolinguísticos da África Subsaariana, o banto foi o primeiro a despertar a curiosidade dos pesquisadores e a ser estudado relativamente cedo. O que motivou esse interesse foi o caráter homogêneo de um grupo amplo, que compreende cerca de 500 línguas muito semelhantes por serem geneticamente relacionadas, cuja principal característica é o sistema de classes que funciona por meio de prefixos que se ordenam em pares para exprimir a oposição singular e plural dos nomes, o aumentativo, o diminutivo, o infinitivo dos verbos, o locativo, permitindo ainda delinear o sentido desse mesmo nome.

Por exemplo, os prefixos um- (singular)/ba – (plural) da classe ½ são usados especificamente para designar seres humanos e se encontram no termo BANTO, escrito BANTO em português, plural de MUNTU, do radical – ntu, que quer dizer pessoa humana, intelecto, racionalidade. O termo foi proposto em 1862, pelo linguista alemão Wilhelm Bleek, para nomear uma família linguística composta de várias línguas oriundas de um tronco linguístico comum denominado de protobanto, segundo os bantologistas, falado há quatro milênios (MEEUSSEN, 1980). Só mais tarde, o termo banto passou a ser usado por estudiosos de outras áreas para designar também os seus falantes, cerca de 400.000.000 de indivíduos que habitam territórios compreendidos ao longo da extensão sul, abaixo da linha do Equador, correspondente a uma área de 9.000000km<sup>2</sup> que engloba 21 países situados na África central, oriental e Austral ou meridional. (CASTRO, 2022, p. 37).

A Profa. Dra. Yeda Antonita Pessoa de Castro, tem um longo Currículo, como é expresso neste resumo:

Etnolinguista, Doutora (Ph.D) em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire, República Democrática do Congo, Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo, Membro da Academia de Letras da Bahia e consultora técnica na Pró-reitora de Extensão (PROEX) na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Pertence ao GT de Literatura Oral e Popular



da ANPOLL, ao Comitê Científico Brasileiro do Projeto Rota do Escravo da UNESCO e ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN em Línguas e Culturas Africanas. Condecorada pelo Itamaraty no Grau de Comendadora da Ordem do Rio Branco e com a Comenda Maria Quitéria pela Câmara de Vereadores da Cidade do Salvador por serviços prestados ao País na política de aproximação cultural Brasil-Africa de que foi pioneira, tendo sido o primeiro brasileiro a defender tese de pós-graduação em uma universidade africana e o único até agora em sua especialidade. Foi Professora Visitante em universidades da África e do Caribe, onde atuou também como Adida Cultural da Embaixada do Brasil em Trinidad-Tobago. Na Bahia, foi Diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, fundou o Museu Afro-Brasileiro em Salvador. Professora Convidada de universidades na Alemanha desde 2000, é líder e fundadora do Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas (GEAALC) da Universidade do Estado da Bahia, hoje transformado em Núcleo (NGEALC) foi Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade-PPGEDuC, lecionando línguas e culturas africanas. A importância das suas pesquisas, resultado de mais de trinta anos de investigação participante nos dois lados do Atlântico, mereceu reconhecimento internacional. Tem proferido conferências em congressos internacionais em vários países, a convite da ONU, da UNESCO e de instituições acadêmicas onde os estudos africanos são encarados com seriedade. Com vários trabalhos publicados sobre relações culturais e linguísticas Brasil-Africa, o conjunto de sua obra, é considerado, em todas as partes, como uma renovação nos estudos afrobrasileiros por redescobrir a extensão da influência banto no Brasil e introduzir a participação de falantes africanos na formação do português brasileiro. Autora dos livros *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (Academia Brasileira de Letras / Topbooks Editora, 2001, 2a. ed.2005), aceito pela crítica como a obra mais completa já escrita sobre línguas africanas no Brasil, um livro que já se tornou um clássico na matéria, e *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do séc. XVIII* (Fundação João Pinheiro, Secretaria de Cultura de Minas Gerais, 2002, Coleção Mineirinha), também pioneiro no estudo das línguas ewe-fon no Brasil, além de inúmeros artigos e conferências, publicados em revistas científicas, anais de congressos etc. no Brasil e no exterior. (CURRÍCULO LATTES, 2023)

Tive a honra de conhecer a querida Professora Yeda Pessoa em 2013, por recomendação do reitor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), quando, como presidente da Câmara de comércio e indústria Brasil/RDC-2007, fui junto com meu marido procurar o acolhimento de artistas plásticos congolezes que pretendiam fazer uma exposição na Bahia. O reitor ficou muito feliz de nos recomendar ao Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em línguas e Culturas (NGEALC) dirigido pela profa. Yeda. Assim que nos encontramos, nunca mais ficamos afastadas, pois temos laços em comuns tais como o Prof. Kabengele, a cidade de Lubumbashi onde ela fez o doutoramento assim como as línguas swahili de Lubumbashi e lingala. Foi assim que meu marido e eu participamos do V SIALA (Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas, em Salvador-BA (2014).

Voltando ao prefácio do livro *Camões com dendê, o português do Brasil e os falares afro-brasileiros*, efetivamente “pessoa”, “ser” é traduzido em swahili, língua falada em Lubumbashi onde a professora defendeu a sua tese, como “muntu” . Culturalmente, quando a pessoa é muito acolhedora e com espírito de liderança, é chamada de “muntu” carinhosamente. Coincidentemente, podemos dizer que “Yeda ni muntu!” (Yeda é A pessoa), ao mesmo tempo ela é a “Yeda Pessoa”!

Em suas explicações sobre as línguas faladas na África, Yeda relata sobre a tese de Joseph Greenberg na publicação de *Studies in Africa Linguistic Classification* (1955):

Custaram-lhe quase quinze anos para estabelecer uma classificação realmente válida das mais de duas mil línguas locais africanas, o que representa aproximadamente um terço das línguas faladas no mundo. Baseada em modelos que refletem o processo histórico de línguas derivadas da fragmentação de uma protolíngua em famílias, subfamílias, grupo de línguas, línguas e dialetos, sua classificação genealógica foi feita sobre o conjunto das línguas locais faladas no continente africano. A partir dos resultados obtidos, ele afirmou que as línguas do grupo banto e as línguas oeste-africanas ou “sudanesas ocidentais” não são apenas tipologicamente aparentadas. Elas formam uma única e grande família à qual deu o nome de Niger—Congo, constituída por quatro troncos linguísticos, cada um subdividido em famílias, grupos e subgrupos. Dentre eles, o *banto* se coloca no subgrupo *bantoídeo*, do ramo Benue-Congo, pertencente à família Niger-Congo ou Nigero-Congolesa. (CASTRO, 2022, p. 38).

Em seguida, ela informa que do trabalho de Greenberg chega-se a uma conclusão importante sobre o movimento migratório do povo banto no século I d.C. Conclusão que seria contrária à da tese anterior de Malcom Güthrie, de 1948. Pois, a autora afirma que:

Para Güthrie, as semelhanças são bantoismos, provenientes da incorporação de traços tomados de uma ou de várias línguas do tipo banto, cujo aparecimento na África Ocidental data do período pré-banto, quando uma comunidade falando pré-banto devia viver nas regiões das savanas ao norte da floresta equatorial, entre o rio Ubangui, afluente do rio Congo, e o lago Chade. Em seguida, alguns membros dessa comunidade emigraram para o oeste, onde foram absorvido por outras comunidades e perderam sua língua própria, deixando dela apenas alguns traços, os bantoismos. Já um outro grupo, provavelmente ribeirinho, escapou seguindo o curso dos rios na floresta equatorial, chegando, enfim, ao sul desta floresta, onde se instalou num centro que corresponde provavelmente ao atual Norte da região de Shaba (Katanga), no Congo-Kinshasa. É este núcleo que constitui, segundo Güthrie, o centro do *protobanto*. A partir daí, o povo banto iria se dispersar para o Norte e para o Sul. (CASTRO, 2022, p. 39).

Na descrição das línguas faladas na África, Yeda Muntu explica ainda que:

A classificação mais usada para as línguas do grupo banto é a de Malcom Güthrie, que teve sua primeira versão em 1948. Sua “classificação prática”, como ele a denominou, repousa em base tipológico-geográfica, no sentido de que as unidades são constituídas por traços linguísticos comuns e pela proximidade geográfica.

Assim ele reúne:

1. *línguas* diferentes em *grupos*, ou seja, conjunto de línguas com falares regionais que têm um dado número de traços linguísticos comuns e que estão geograficamente próximas, representadas por *números* (1,2,3...)
2. *grupos*, em 16 *zonas*, ou seja, conjunto de línguas que têm um dado número de traços linguísticos comuns e que estão próximas geograficamente, designadas por uma letra maiúscula (A,B,C...)
3. em cada *zona* (A,B,C...), um número variado de *grupos* (1,2,3) conhecidos pelo nome de uma ou de duas línguas locais.

Ex. : as línguas angolanas que mais foram faladas no Brasil Colônia.

ZONA	GRUPO	LÍNGUA	PAÍSES
H	16	KIKONGO	Congo, Angola
H	20	KIMBUNDU	Angola
R	11	UMBUNDO	Angola

(CASTRO, 2022, pp. 49-50).

O segundo capítulo da obra tem como título: “Línguas e povos africanos no Brasil”. Neste capítulo, a autora reservou um espaço para se debruçar sobre África banto, suas línguas assim como suas principais características:

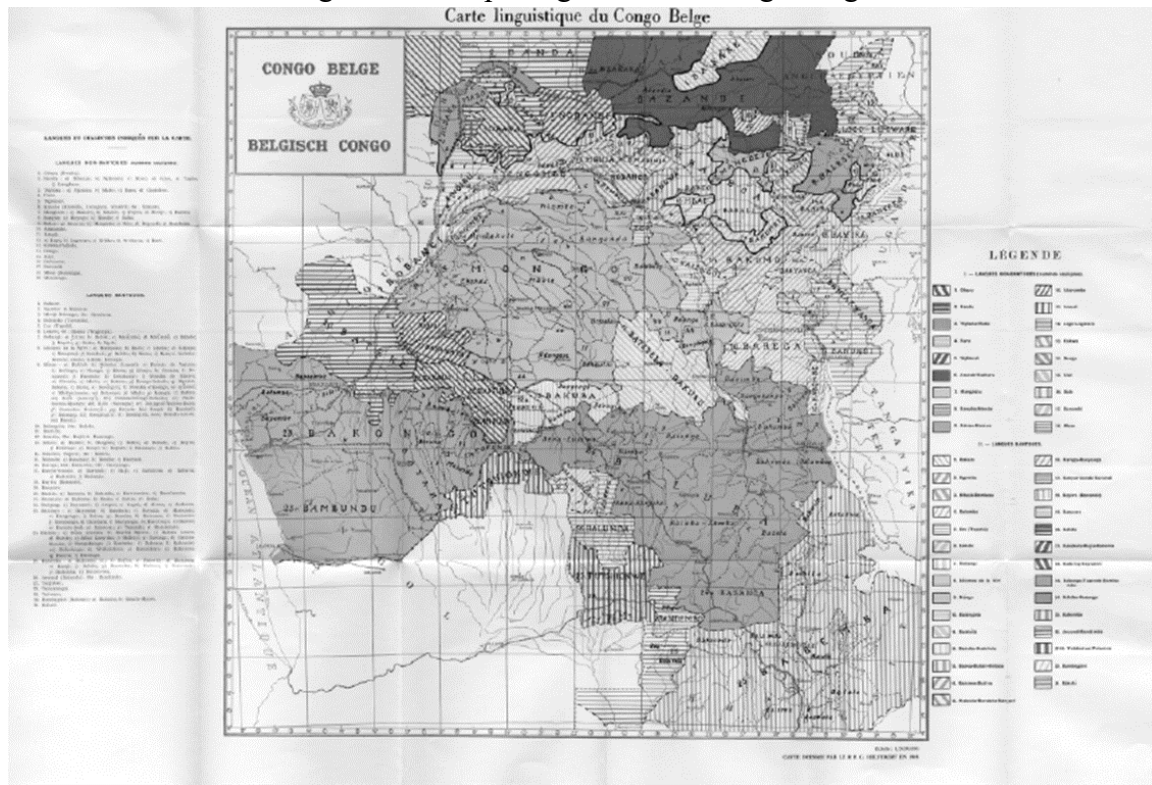
Na sua escrita original, o termo BANTO, significando povos, pessoas, foi proposto pelo linguista alemão Wilhelm Bleek em sua obra *Comparative Grammar of South African Languages*, publicada em Londres, em dois volumes, 1862 e 1896, para denominar sul-africanas e avançou a hipótese de que esse enorme número de línguas, com características comuns, teria origem no PROTO-BANTO, numa língua única e antiga, falada há quatro milênios. Só mais tarde, o termo banto, que originalmente é um termo linguístico, passou a ser usado pelos estudiosos de outras áreas para denominar um território com mais de 300.000.000 indivíduos e um número estimado em torno de 500 línguas tipologicamente aparentadas, faladas em 21 países localizados ao longo de 9.000.000 Km<sup>2</sup> na extensão sul do continente africano, abaixo da linha do Equador: África do Sul, Botsuana, Burundi, Camarões, Gabão, Guiné Equatorial, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, República Centro Africana, República do Congo, República Democrática do Congo, Quênia, Ruanda, Suazilândia, Uganda, São Tomé e Príncipe, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue. [...] Convém observar que a denominação BANTO só passou a ser conhecida e utilizada na própria História da África a partir do século XIX, após a denominação proposta por Bleek. Logo, é um termo relativamente recente que não faz parte da nossa história colonial, tanto que nunca foi usado para identificar qualquer uma “nação cultural” de matriz africana no Brasil, o que sempre se fez pela denominação congo-angola. (CASTRO, 2022, pp. 66 - 67).

Depois de ler as informações contidas no *Camões com Dendê* de Yeda Castro (2022), observamos que no mesmo período em que Güthrie elaborava a sua classificação das línguas do grupo banto, outros pesquisadores trabalhavam com as particularidades de cada *zona, grupo, língua e país* é o caso do mapa linguístico do Congo Belga.

## 2.10 MAPA LINGUÍSTICO DO CONGO BELGA

É importante entender a realidade linguística da República Democrática do Congo e como ela se construiu em toda a sua diversidade.

Figura 62 - Mapa linguístico do Congo Belga



Fonte: HULSTAERT, In-8° - XIX, 1950.

Na nossa apresentação no Seminário de Pesquisa em Andamento de 2020 com o título: “A língua swahili falada na República Democrática do Congo” (LUMBWE, COSTA E BANZA, 2020), falamos do linguista belga G. Hulstaert, que no seu trabalho final do curso de Ciências Morais e Política, apresentado na sessão de 20 de junho de 1949 no Institut Royal Colonial Belge, apresentou um mapa linguístico do Congo Belga, país que era colônia belga, se transformou em Zaire depois da sua independência e hoje é a República Democrática do Congo. Depois de observar que o país tinha várias línguas e dialetos, Hulstaert (1950) achou interessante fazer um mapa localizando cada língua falada no espaço geográfico. Como para ele era difícil distinguir as línguas dos dialetos e separar certas línguas que têm falas parecidas, Hulstaert (1950) considerou para seu mapa apenas as línguas mais faladas e não os dialetos ou as línguas em extinção. Ele afirma que no Congo Belga frequentemente se dizia que havia línguas francas, como o lingala e outras. O autor fala ainda sobre “língua comum”, sendo que entende esse termo a partir do ponto de vista da linguística. A “língua comum” para Hulstaert (1949, p. 194) é a língua geral de relações, de cultura, de ensino, de literatura para os diversos dialetos. Hulstaert cita ainda a língua Kinguana como uma forma inferior do swahili que é originária de Zanzibar e da costa vizinha. A maioria de missões religiosas a utilizavam igualmente nas instruções religiosas e no ensino. Hulstaert (1950) afirma que os colonos que tinham vivido no Leste aprenderam o Kinguana e o preferiram em lugar de outras línguas interétnica por ser uma língua muito rica. A comparação se estabelece com outras línguas de uso, e não com as línguas tribais que os europeus não conhecem.

Essa preferência atingiu instituições culturais. Assim, no Institut Royal Colonial Belge, a maioria dos membros se interessavam pela questão e se declaravam favoráveis à língua kinguana, considerando a sua riqueza e comparando com outras línguas intertribais. Preferiam não se ligarem a uma língua de grande difusão como é o swahili. Hulstaert (1950) aumenta seu relato dizendo que os meios coloniais não são favoráveis a nenhuma língua tribal por mais rica, bela, ou difundida que seja. (LUMBWE, COSTA, BANZA, 2020)

O artigo de Maeline Le Lay (2013),<sup>94</sup> que tem como título: "De la rumeur de la ville à la voix de l'Autorité: les écrits en swahili à Lubumbashi (RDC)", trata do assunto. Encontramos nesse artigo uma possível razão para não se ver muitas publicações em kinguana antigo ou swahili de Lubumbashi hoje. Le Lay (2013, p.14) explica no seu artigo que o swahili de Lubumbashi se caracteriza por uma forte influência francesa no léxico, sendo igualmente influenciado por línguas bantanas faladas na região (kiluba, ciluba, kibemba e kisanga, sobretudo). A própria sintaxe é marcada por uma forte mistura de códigos e o discurso por uma troca constante de códigos. Por isso os professores e escritores a quem ela perguntou o porquê de não publicarem naquela língua responderam que a língua não está adaptada à escrita e muito menos à escrita literária. A pesquisa de Maeline foi publicada em 2013, o que significa que as normas das línguas e literatura continuam baseadas nos critérios europeus. Esse fato justifica não haver tantas publicações em swahili de Lubumbashi. Agora foi possível entender o porquê de o swahili do corpus deste trabalho ser o swahili padrão, vindo de Zanzibar, segundo Hulstaert (1950)<sup>95</sup>.

Depois da independência, o mapa linguístico da República do Congo ficou organizado em 4 línguas principais em cada região.

## 2.11 A LÍNGUA SWAHILI NA RDC

A língua traduzida para o português brasileiro neste trabalho é o swahili, especificamente o situado geograficamente na parte leste e sul da RDC.

Para descrever a língua swahili falada no local da escrita do corpus, escolhemos A. Ferrari, M. Kalunga e G. Mulumbwa autores do livro *Le swahili de Lubumbashi*, de 2014<sup>96</sup>, na qual explicam que, em uma perspectiva global, deve-se saber que na África as línguas urbanas emergentes são criadas ou a partir da língua majoritária do povo ou a partir da língua oficial europeia do país. O swahili é portador de uma literatura oral (epopeias, mitos, fábulas, cantos, contos, lendas) e numerosas criações culturais e artísticas, notadamente as teatrais (FERRARI, KALUNGA e MULUMBWA, 2014, p.9). Ferrari, Kalunga e Mulumbwa (2014, p.5) ainda

<sup>94</sup> Disponível em: <https://doi.org/10.4000/africanistes.3506>

<sup>95</sup> HULSTAERT, M.S.C. G. Carte linguistique du Congo Belge. Membre associé de l'Institut royal Colonial Belge, Bruxelles, 1950.

<sup>96</sup> Ferrari, Aurélia; Kalunga, Marcel; Mulumbwa Georges. *Le swahili de Lubumbashi: Grammaire, Textes, Lexique*. Ed. Karthala, Paris, 2014

afirmam que os europeus favoreceram a língua swahili como sendo língua de trabalho no lugar de outras línguas africanas para facilitar a comunicação entre os europeus e os africanos. Assim, como entre o povo africano entre se. O estranho é que quando os colonizadores chegaram na África, encontraram uma certa comunicação entre as diferentes etnias, então eles não facilitaram a comunicação entre os africanos escolhendo a língua swahili como língua de comunicação. Eles acrescentam que os europeus não procuravam promover um sentimento de nacionalismo dentro da população congoleza, pois o objetivo primordial deles era unir seus súditos para que pudessem servir melhor aos interesses dos belgas. É um ponto de vista ainda estranho, pois o colonizador sempre aplicou a política de separar para reinar. Ferrari, Kalunga e Mulumbwa (2014, p.5) explicam também que a promoção da língua swahili era um meio de controlar a comunicação entre os africanos e facilitar a evangelização feita pelos missionários católicos nas províncias de Kivu e Katanga na parte norte do Congo. Portanto, os belgas usaram o swahili como língua de instrução nas escolas, igrejas e em toda relação com os congolezes daquela parte do país. O livro *Swahili de Lubumbashi* (FERRARI, KALUNGA e MULUMBWA, 2014, p. 5) refere-se ao swahili falado na antiga província de Katanga (hoje separada em quatro: Haut Katanga, cuja capital é Lubumbashi; Lualaba, cuja capital é Kolwezi, Haut Lomami, cuja capital é Kamina e Tanganica, cuja capital é Manono) e não à língua swahili específica da cidade de Lubumbashi. Os autores advertem sobre a importância desse ponto, pois existem muitas variedades de swahili na RDC, como o swahili standard (pouco usado); o swahili do Congo (próximo ao swahili standard) e o swahili de Lubumbashi. No objeto desta pesquisa, foi usado o swahili do Congo, pois o público-alvo do livro é o povo da República Democrática do Congo. O autor não usou o swahili de Lubumbashi por ser esse percebido por muitos como uma variedade linguística autônoma da cidade, não sendo a língua de nenhuma das etnias congolezas, mas oriunda da Tanzânia e que se tornou a primeira língua para uma parte da população da província do Katanga. (FERRARI, KALUNGA e MULUMBWA, 2014, p.5).

Procuramos durante a nossa pesquisa de campo a entrevistar um dos autores do livro “Swahili de Lubumbashi” infelizmente não fomos atendidos. Por isso nos limitamos a descrever o que os autores afirmaram na obra “Swahili de Lubumbashi”, pois não conseguimos falar com nenhum dos autores, apesar de termos nos esforçados a procurar marcação de entrevista pela secretaria acadêmica da universidade de Lubumbashi várias vezes.

A ideologia do ditador Mobutu levou à valorização das línguas nacionais e colocou em questão o monopólio do francês, sobretudo na área do ensino. Depois de terem sido excluídas desde 1962, as quatro línguas nacionais foram reintegradas oficialmente no ensino primário, mas ficaram confinadas aos dois primeiros anos do ensino fundamental. Na época, eu era adolescente, então, posso testemunhar que tivemos que abandonar os nomes cristãos que tínhamos recebido no batismo. Eu fui obrigada a retirar da minha identidade o nome “Augustine”, que recebi no batismo,

e deixar só Mwewa Lumbwe. 1985 marca o declínio da chamada autenticidade. Durante um colóquio sobre o tema “Linguística e sociedade”, juristas, políticos, pedem a volta das línguas nacionais. Mas, um mês depois, uma circular do Ministério da Educação reforça a presença da língua francesa (COLLÈS 2008, p. 11). Este autor declarou isso num artigo que fez parte de uma comunicação ao coloquio de Arras, em 8 de novembro de 2007, e está nos Documentos para a história do francês língua estrangeira ou segunda, Collès (2008, p.25) cita Bertin Makolo Muswaswa, que optou por uma cronologia política, propondo dividir a história literária do Congo-Kinshasa em três fases: a fase Colonial (1908-1960), a fase da Primeira República (1960-1965) e a fase da Segunda República (1965-1990). Seguindo essa proposta, haveria então uma quarta fase, que seria a da Terceira República, que compreende o período pós-Mobutu.

Ainda no mesmo artigo, Collès (2008, p.25) cita Mukala Kadima-Nzuji (1984), que somente distingue duas eras na produção literária congoleza: de 1945 a 1965 (da *Voz do Congolês* à publicação do romance *Sans rancune*, de Thomas Kanza); depois o período de 1990, que vai da implantação pelos poderes públicos das edições “Belles-Lettres”, à eclosão da imprensa, ambos fatos ligados às exigências da democratização do Zaire. Collès (2008, p. 26) afirma também que as primeiras obras publicadas depois da independência ainda refletem o peso da herança colonial, tanto nas escolhas narrativas (romances realistas articulados em torno de um só herói) quanto nos temas (literatura de testemunho). Algumas companhias de teatro, dentre as mais importantes do Congo independente foram fundadas em Kinshasa naquela época. A poesia foi também particularmente fértil, a arte de ensaio (políticos, filosóficos, literários, sociais, religiosos) se afirmou, chegando a constituir uma das principais contribuições do Congo para o pensamento africano e mundial.

Em 1969, as edições “Congolia” publicaram uma antologia intitulada *Les écrivains congolais*, consagrada aos escritores ganhadores do concurso literário Leopold Sédar Senghor. A influência de grandes autores africanos francófonos se fez sentir em muitos congolezes da época (COLLÈS, 2008, p. 27).

Destacamos, que o swahili encontrado na obra de Asani (2015) é diferente do swahili oral usual de Lubumbashi, segunda maior cidade da República Democrática do Congo. Vários escritos em swahili dito “bora” (bom) são diferentes do swahili oral de Lubumbashi. Vejamos alguns exemplos:

Figura 63 - O número 8 em swahili



Fonte: RDC, 2017.

O número oito em swahili bora se escreve como “Nane”, mas, oralmente, em Lubumbashi usa-se “Munane” para indicar o número oito.

Figura 64 - A palavra “estrada de ferro” em



Fonte: RDC, 2017.

A estrada de ferro em swahili bora se escreve “Reli”, mas em swahili oral de Lubumbashi usamos “Njanja”.

Figura 65 - A palavra “aranha” em



Fonte: RDC, 2017.

A aranha em swahili bora é chama de “buibui”, mas em swahili oral de Lubumbashi chama-se “ntandakumbiri”. Esta palavra “Ntanda kumbiri” vem da língua kiluba, que é diferente da língua tshiluba.



Figura 66 - A palavra “vassoura” em swahili



Fonte: RDC, 2017.

A vassoura é chamada de “ufagio” na escrita de swahili bora e no suaili de Lubumbashi é chamado de “kifuakiyo”.

Figura 67 - A expressão “lavar roupa” em swahili



Fonte: RDC, 2017.

Lavar roupa em swahili bora se diz “fua” ou “kufua”. Não se pode confundir com “kufwa”, que significa morrer no swahili oral de Lubumbashi e “kufariki” no swahili escrito bora.

Figura 68 - A palavra “cadeira” em swahili



Fonte: RDC, 2017.

Cadeiras (plural) em swahili bora se diz “viti”, enquanto no swahili oral de Lubumbashi se diz “viti”, mas no singular as duas versões são “kiti”.

Figura 69 - A palavra “sapato” em swahili



Fonte: RDC, 2017.

Sapato em swahili bora se escreve “viatu”, mas no swahili oral de Lubumbashi se diz “bilato”.

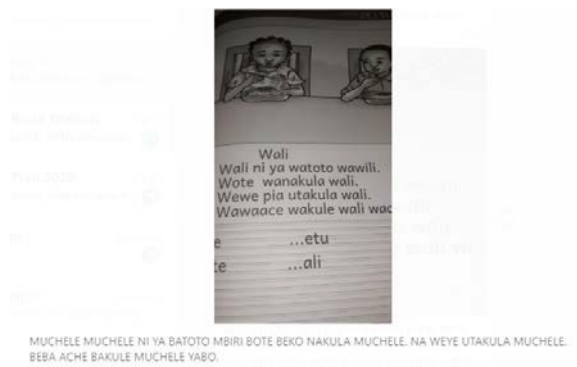
Figura 70 - As frases “É um ovo, aquele é um ovo. É um ovo de pato. Não é ovo de galinha” em swahili



Fonte: RDC, 2017.

A frase que está na imagem, escrita em swahili standard diz: “É um ovo, aquele é um ovo. É um ovo de pato. Não é ovo de galinha.” No swahili oral de Lubumbashi se diz: “Ni riyai, ile ni riyai. Ni riyai ya Mbata. Aina riyai ya Nkuku”.

Figura 71 - As frases “Arroz, Arroz é para duas crianças. Os dois estão comendo arroz, você também vai comer arroz. Deixem-nos comerem o seu arroz.” em swahili.



Fonte: RDC, 2017.

A frase da imagem escrita em swahili standard diz: “Arroz, Arroz é para duas crianças. Os dois estão comendo arroz, você também vai comer arroz. Deixem-nos comerem o seu arroz”. No swahili de Lubumbashi: “Muchele. Muchele ni ya batoto mbiri, bote beko nakula muchele. Na weye utakula muchele. Beba ache bakule muchele yabo.”.

## 2.12 ALGUNS AUTORES QUE ESCREVERAM SOBRE AS LÍNGUAS BANTOS DA RDC

Para terminar este capítulo, vamos apresentar alguns autores que nos deram a oportunidade de saber mais sobre a cultura e as línguas bantos. A nossa última etapa da pesquisa era encontrar alguns autores e algumas autoras que escrevem ou trabalham com essa perspectiva para colher algumas entrevistas. A pandemia de Covid-19 nos impediu de viajar, por isso tentamos contato pela internet e conseguimos uma entrevista com o professor emérito Crispin Maalu-Bungi, diretor do Centro Congolês de Terminologia e Lexicografia “CECOTEL”, na Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Kinshasa na RDC.

**Prof. Dr. CRISPIN MAALU-BUNGI** é conhecido como especialista em literaturas em idiomas africanos. Ele publicou poesia oral em Chiluba<sup>97</sup>, que se tornou um livro de referência, padrão também fora da RDC. Ele também publicou sobre a literatura escrita em línguas congolêsas em uma obra única que fornece a primeira visão geral da literatura escrita nas quatro línguas nacionais africanas da RDC, a saber: Chiluba, kikongo, kiswahili e lingala. A seguir está a transcrição da entrevista que nos concedeu em 2020 e sua tradução. MW indica as perguntas (feitas por Mwewa Lumbwe) e MB indica as respostas (de Maalu-Bungi):

Quadro 7 - Entrevista Maalu-Bungi

Nº	<u>TEXTO-FONTE EM FRANCÊS</u>	<u>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS</u>
1	<p><b>MW:</b> <i>Quel est l'espace du Kiswahili dans le curriculum du Département des Lettres en RDC?</i></p> <p><b>MB:</b> Le kiswahili figure parmi les matières prévues au programme de cours des Facultés des Lettres &amp; Sciences Humaines des Universités et Instituts Supérieurs Pédagogiques de la RD Congo, au même titre que les 3 autres langues nationales congolaises (lingala, ciluba et kikongo). Dans les départements de Lettres et Civilisation africaines, il est enseigné en G1, G2 et G3 tandis que dans les autres</p>	<p><b>MW:</b> <i>Qual é o espaço do swahili no currículo do Departamento de Letras na RDC?</i></p> <p><b>MB:</b> O swahili é uma das disciplinas previstas no currículo das Faculdades de Letras e Ciências Humanas das Universidades e Institutos de Ensino Superior da RD Congo juntamente com as outras 3 línguas nacionais congolêsas (lingala, ciluba e quicongo). Nos departamentos de Letras e Civilização Africana, é ministrado no G1, G2 e G3, enquanto nos demais departamentos é</p>

<sup>97</sup> Língua banto da RDC.

	départements, c'est seulement en G1, au choix des étudiants.	apenas no G1, à escolha dos alunos.
2	<p><b>MW:</b> <i>Est-ce-qu'il existe des oeuvres écrites en kiswahili (à part la Bible) ou des auteurs littéraires écrivant en kiswahili ou travaillant sur cette langue?</i></p> <p><b>MB :</b> Des titres existent certainement en dehors de la littérature chrétienne, il faut en faire l'inventaire. Moi-même j'ai fait par exemple traduire en kiswahili en même temps que dans les 3 autres langues, quelques documents pour la Ligue Nationale pour les Elections Libres et Transparentes (LINELIT) dont la Constitution de la Transition et divers textes de l'UNICEF, des Associations syndicales, etc. Le CEPAS des Jésuites à Kinshasa a fait un travail semblable pour les 4 langues nationales congolaises.</p> <p>Il y a très peu d'auteurs d'œuvres littéraires en kiswahili, étonnamment. Actuellement, les rares écrivains en activité sont Charles Djungu-Simba (Université Nationale Pédagogique de Kinshasa), Huit Mulongo Kalonda (Unilu), P. Mudekereza et Sumba Maly, hommes de culture vivant à Lubumbashi. J.R. Kasele qui, à mes yeux, est le premier poète connu de cette langue, est décédé en 2003 ; il était professeur à l'Upn. Parmi les personnes travaillant sur le kiswahili, il y a les professeurs M. Kalunga et Mulumbwa à l'Unilu, A. Rettova à l'Université de Bayreuth et sans doute d'autres que je ne connais pas. Personnellement j'ai, dans mon cours de Littératures écrites en langues congolaises (G2 Lettres et Civilisation Africaines), un chapitre sur la littérature swahili et j'ai aussi un article sous presse chez l'Harmattan sur la poésie de cette langue.</p>	<p><b>MW:</b> <i>Existem obras escritas em swahili (além da Bíblia) ou autores literários escrevendo em swahili ou trabalhando neste idioma?</i></p> <p><b>MB:</b> Certamente há títulos fora da literatura cristã, eles precisam ser levados em consideração. Eu, por exemplo, mandei traduzir alguns documentos para o swahili ao mesmo tempo que nas outras 3 línguas da Liga Nacional para Eleições Livres e Transparentes (LINELIT), incluindo a Constituição da Transição e vários textos da UNICEF, de sindicatos, associações etc. O CEPAS dos Jesuítas em Kinshasa fez um trabalho semelhante para as 4 línguas nacionais congolosas.</p> <p>Surpreendentemente, há muito poucos autores de obras literárias em swahili. Atualmente, os poucos escritores ativos são Charles Djungu-Simba (Universidade Pedagógica Nacional de Kinshasa), Huit Mulongo Kalonda (Unilu), P. Mudekereza e Sumba Maly, homens de cultura que vivem em Lubumbashi. J.R. Kasele, que, a meu ver é o primeiro poeta conhecido dessa língua, morreu em 2003, era professor na Upn. Entre as pessoas que trabalham em swahili estão os professores M. Kalunga e Mulumbwa da Unilu, A. Rettova da Universidade de Bayreuth e provavelmente outros que não conheço. Pessoalmente, tenho no meu curso Literatura Escrita em Línguas Congolosas (Letras G2 e Civilização Africana), um capítulo sobre literatura swahili e tenho um artigo no prelo, pela editora L'Harmattan sobre a poesia dessa língua.</p>

3	<p><b>MW:</b> <i>La bibliothèque de l'Université de Lubumbashi a-t-il un espace virtuel et comment y accéder ?</i></p> <p><b>MB:</b> Je n'en sais rien, mais je crois qu'il n'en existe pas pour le moment, connaissant le niveau de développement des universités congolaises. Cependant, vous pouvez vous renseigner auprès des professeurs de cette université.</p>	<p><b>MW:</b> <i>A biblioteca da Universidade de Lubumbashi tem espaço virtual? Se sim, como acessar?</i></p> <p><b>MB:</b> Não tenho a menor ideia, mas acredito que não existe no momento, considerando o nível de desenvolvimento das universidades congolases. Mas você pode obter informações com os professores da própria universidade de Lubumbashi.</p>
4	<p><b>MW:</b> <i>Dans la littérature congolaise, y a-t-il une œuvre qui expose 3 ou 2 de nos langues avec le français ?</i></p> <p><b>MB:</b> Les œuvres littéraires de Kasele, Mulongo et Samba Maly contiennent des textes bilingues français- kiswahili, celle de Djungu-Simba kiswahili-lingala et bien avant tous ceux-ci Faik-Nzuji a publié un recueil de poèmes français-ciluba. Par ailleurs, dans l'œuvre en français de P. Ngandu Nkashama, P. Tshibanda et B. Sene Mongaba, on trouve des textes littéraires en langues congolaises, ciluba et lingala.</p>	<p><b>MW:</b> <i>Na literatura congolosa há obras que expõem 3 ou 2 de nossas línguas junto com o francês?</i></p> <p><b>MB:</b> As obras literárias de Kasele, Mulongo e Samba Maly contém textos bilingues francês-swahili, a de Djungu-Simba swahili- lingala, e bem antes deles, Faik-Nzuji publicou uma coleção de poemas francês- ciluba. Além disso, na obra em francês de P. Ngandu Nkashama, P. Tshibanda e B. Sene Mongaba, encontram-se textos literários em línguas congolases, ciluba e lingala.</p>
5	<p><b>MW:</b> <i>Le Dpt des Lettres a-t-il un espace spécifique qui valorise les œuvres écrites dans nos langues, spécifiquement en swahili, langue parlée couramment dans la province ?</i></p> <p><b>MB:</b> Oui, à travers les cours de Langues congolaises et Littérature écrites en langues congolaises, comme je l'ai indiqué ci-dessus.</p>	<p><b>MW:</b> <i>O Departamento de letras tem um espaço para línguas congolases e literatura escrita em línguas congolases, especificamente em língua swahili?</i></p> <p><b>MB:</b> Sim, nos cursos de línguas congolases e literatura escrita em línguas congolases, como já mencionado.</p>
6	<p><b>MW:</b> <i>Il y-a-t-il des cours de portugais à l'Université de Kinshasa?</i></p> <p><b>MB:</b> Cette langue est enseignée dans les Ecoles de langues rattachées aux Facultés des Lettres, parmi les cours à choisir. C'est un enseignement pratique.</p>	<p><b>MW:</b> <i>Tem aulas de português na Universidade de Kinshasa?</i></p> <p><b>MB:</b> Esta língua é ensinada nas escolas de línguas ligadas às faculdades de letras, dentro dos cursos optativos. É um ensino prático.</p>

Em 2012, Aurélia Ferrari foi formadora em língua swahili no ministério francês de negócios estrangeiros. Suas pesquisas são baseadas na descrição linguística e sociolinguística de variedades da língua swahili: o sheng e o swahili de Lubumbashi. Ela se baseou também na didática das línguas. (site Karthala, maio 2013). Publicou : *Le swahili de Lubumbashi: grammaire, texte, lexique* (2014)<sup>98</sup> e várias outras obras e artigos, tais como: "J'apprends le swahili Bongoland II. Nyumbani ni nyumbani (Rien ne vaut son chez soi)", em 2012.

**KALUNGA MWELA UBI** é professor de linguística banto e de swahili nas universidades de Lubumbashi e de Kalemie. De nacionalidade congoleza, ele publicou várias obras, tais como: *Njia fupi kwa kujua Kiswahili* (2016)<sup>99</sup>; *Le swahili de Lubumbashi: grammaire, textes, lexique* (2014)<sup>100</sup> e *Tukinge mazingira/Protegeons l'environnement* (2008)<sup>101</sup>.

**KABENGELE MUNANGA** nasceu na RDC e é naturalizado brasileiro; ele se graduou em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Oficial do Congo (1964-1969). Foi professor assistente na mesma universidade (1969-1975). Foi bolsista de pós-graduação na Universidade Católica de Louvain (1969-1971). Ele também foi pesquisador no Museu Real da África Central em Tervuren, onde se especializou no estudo das artes africanas tradicionais. Kabengele, com bolsa da USP, concluiu seu doutorado em Ciências Humanas (área de concentração em Antropologia Social). (1975-1977). Ele trabalhou como professor visitante na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1977), na Universidade Candido Mendes (1977), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal (1979-1980), na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique (1999). Kabengele foi Professor Associado na Universidade de Montreal, Canadá (2005-2010), onde ministrou seminários, além de orientar dissertações de mestrado e teses de doutorado na Faculdade da Ciência das religiões. Fez a maior parte de sua carreira acadêmica como professor efetivo na Universidade de São Paulo, de 1980 a 2012, onde se aposentou como professor titular. Ele atuou principalmente nas áreas de Antropologia da África e da População Afro-brasileira, com enfoque nos seguintes temas: racismo, políticas e discursos antirracistas, negritude, identidade negra versus identidade nacional, multiculturalismo e educação das relações étnico-raciais. Organizou o livro *Superando o racismo na escola*, que foi o primeiro a introduzir a questão racial nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), livro cujas primeira e segunda

<sup>98</sup> Ferrari, Aurélia; Kalunga, Marcel; Mulumbwa Georges. *Le swahili de Lubumbashi: Grammaire, Textes, Lexique*. Ed. Karthala, Paris, 2014.

<sup>99</sup> Caminho muito fácil para aprender o swahili.

<sup>100</sup> O swahili de Lubumbashi, gramática, texto e léxico.

<sup>101</sup> Protegemos o meio ambiente.

edições foram prefaciadas respectivamente pelo ministro da Educação Nacional Paulo Renato e pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Ocupou cargos de Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (1983-1989), vice-diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (2002-2006), diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (2006-2010). É autor de mais de 150 publicações, entre livros, capítulos de livros e artigos científicos. Recebeu vários prêmios e títulos honoríficos, entre os quais: a Comenda da Ordem do Mérito Cultural, pela residência da República Federativa do Brasil (2002), grau de oficial da Ordem do Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores (2013), Prêmio Benedito Galvão, da Ordem dos Advogados do Estado de São Paulo (2012), troféu Raça Negra 2012, pelo Afro-Brás e Faculdade Zumbi dos Palmares (2011), homenagem como decano em Estudos Antropológicos, pelo Departamento de Antropologia da USP (2008), homenagem da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo, ADUSP, em 2012, entre outros. Foi um dos protagonistas intelectuais negros no debate nacional em defesa das cotas e políticas afirmativas. Em setembro de 2016 recebeu o título de cidadania baiana pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Atualmente é professor visitante sênior da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, através de uma bolsa da CAPES. Em 29 de junho de 2018, recebeu o Prêmio de Direitos Humanos USP/2017.

Kabengele publicou: *Os basanga de Shaba: um grupo étnico do Zaire (RDC)* pela EDUSP, São Paulo, 1986.

**HUIT MULONGO KALONDA-BA-MPETA** nasceu em 1955, em Lubumbashi, e estudou na Universidade Paris VIII-Saint Denis e na Escola Superior de Jornalismo em Saint-Germain-des-Près, Paris. É escritor, filósofo, jornalista de formação, crítico, ensaísta, político e professor ordinário na Universidade de Lubumbashi. Ele é também um dos grandes defensores da literatura congoleza. Foi fundador do Departamento de Letras e Civilização Congolesas no programa em vigor do ensino superior e universitário da RDC, contribuindo bastante para o conhecimento das letras e civilização congoleza no plano internacional. Ele publicou *Pluies noires (poésie)*, pela editora Saint-Germain-des-Prés (1981); *Utenzi (poésie)*, pela editora Uhuru, de Paris (1990).

**YEDA PESSOA DE CASTRO**, cujo resumo do currículo já apresentamos acima. No seu livro *Camões com dendê*, que já citamos, Yeda dedica à Profa. Amélia Arlete Mingas, linguista angolana que escreveu muito sobre as culturas bantos de Angola. Efetivamente, Amélia Arlete Dias Rodrigues Mingas era doutora em Ciências da linguagem, na Universidade René Descartes, Paris.

O sumário de *Camões com dendê* apresenta 7 capítulos além do vocabulário Afro-Brasileiro e das referências bibliográfica. No capítulo 1, *As línguas faladas na África*, Yeda começa por esclarecer que a África é um continente com 54 países independentes. O capítulo 2 tem como título “Línguas e povos africanos no Brasil”, o capítulo 3 apresenta os falares afro-brasileiros nos tempos coloniais, a categoria dos aportes são apresentadas no capítulo 4, no capítulo 5 está apresentada a língua e religiosidade, binômio de resistência, o capítulo 6 espana sobre os precursores aos contemporâneos e no capítulo 7 ela termina falando do Português do Brasil: Ancianidade.

**NEI LOPES** nasceu em 1942, em Irajá, no Rio de Janeiro. É compositor, cantor, escritor e estudioso das culturas africanas. Esteve ligado às escolas de samba Acadêmicos do Salgueiro, como compositor e membro da velha-guarda, e Vila Isabel, como dirigente. Nei compõe desde 1972. Publicou várias obras, entre outras, o *Novo Dicionário Banto do Brasil*, em segunda edição pela editora Pallas, Rio de Janeiro, 2012.

**PHINÉES YUMBA MUSOYA BANZA WALOLO** nasceu em 1972, em Mulongo, cidade da província do Haut Lomami que faz parte das quatro divisões da província do antigo Katanga. É doutor em linguística africana desde 2008 pela Universidade de Lubumbashi e é professor associado da Universidade de Kamina desde 2010. Ele também é coorientador deste trabalho. Em 2013, publicou *La Zoonymie du Kiluba. Essai de zoosémiotique*, onde confirma que os nomes dos animais são sinais reais que veiculam informações preciosas sobre os seres que os usam. Nessa obra, ele publica uma lista de nomes de animais na língua kiluba do Katanga. Ainda em 2013, ele publicará *La Sémiotique de la publicitaire. Théorie et illustrations* pela Presses Universitaires de Kamina; em 2014, um ano depois, publicou *Introduction à la Recherche Scientifique. De l'exploration du sujet à la soutenance* pela editora Presse Universitaires de Malemba, cidade da mesma província. Atualmente, é também diretor geral do Instituto Superior Pedagógico de Kamina.

**NICODEME BONDO MULUNDA** é nascido em 1953, em Lubudi, cidade da província de Lualaba, que também faz parte da antiga Katanga. Mulunda é doutor em língua e literatura francesa, professor na Universidade de Kamina e diretor geral do Instituto Superior das Técnicas Médicas de Kamina. Também ensina em várias instituições do país. Ele participou de alguns colóquios internacionais com textos publicados em diversas áreas, tais como linguística, pragmática, semiologia e didática do francês. Em 2019 publicou *De la brachylogie dans les proverbes du kilúba: contribution de la pragmatique à la parémiologie* pela editora Edilivre em Saint-Denis, na França.



SUMBA MALY é congolês e membro de vários círculos literários e culturais, especialmente da sociedade de escritores de Katanga (RDC) e Niambo na Bélgica.

No próximo capítulo, vamos rever a literatura que nos ajudou na escrita desta tese.

### 3. DA TRADUÇÃO AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos em um primeiro momento, uma revisão da literatura sobre alguns conceitos, tais como tradução, tradução comentada, adaptação, auto tradução, Estudos da tradução e interpretação, concluindo com a nossa compreensão sobre os termos definidos por diversos autores. Em seguida, apresentamos alguns teóricos da tradução e estudos da tradução. Por fim apresentamos alguns teóricos que se debruçaram sobre traços da história da tradução e dos estudos da tradução e como evoluem a tradução e os estudos da tradução entre as línguas bantas da RDC e as línguas ocidentais, bem como entre elas mesmas.

#### 2.13 3.1 CONCEITOS DE TRADUÇÃO

Neste subcapítulo, estão descritos alguns dos conceitos utilizados neste trabalho.

##### 3.1.1 Tradução

O dicionário Houaiss define "tradução" como sendo um substantivo feminino, ato **ou efeito** de traduzir, a versão de uma língua para outra, a operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (**língua-fonte**) para o equivalente em outra língua (língua-alvo), ambas conhecidas pelo tradutor; assim, o termo ou **discurso original** torna-se compreensível para alguém **que desconhece** a língua de origem. Este dicionário define também "tradução" como sendo uma obra traduzida, ou como um ato de tornar claro o significado de algo; interpretação, compreensão, explicação e como sendo um processo por meio do qual se converte uma linguagem em outra.<sup>102</sup>

Peter Burke, no capítulo "Culturas da tradução nos primórdios da Europa moderna" do livro *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*, organizado por ele e R. Po-chia Hsia, afirma que a expressão "tradução cultural" foi usada pela primeira vez por antropólogos do grupo de Edward Evans-Pritchard na descrição das consequências dos encontros culturais quando há procura de compreensão das ações de cada lado.

Atuando, como frequentemente fazem, em situações nas quais a distância cultural entre eles próprios e seus informantes é insolitamente grande, os antropólogos são muito cientes do problema dos termos intraduzíveis (alguns dos quais, como "totem" e "tabu", introduziram nas línguas europeias), bem

---

<sup>102</sup>TRADUÇÃO. In: *Dicionário Houaiss* ([https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1)).

como do problema mais geral da comunicação entre nativos de culturas diversas. (BURKE 2009, p. 14 -15)<sup>103</sup>.

Efetivamente, existem grandes diferenças culturais, como por exemplo entre os nilóticos descritos no livro *Os Nuer*, de Evans-Pritchard<sup>104</sup> e os bantos descritos no livro *Moeurs et coutumes bantous*, de Henri Junod<sup>105</sup>. São todos povos africanos, mas de culturas diferentes, pois os seus modos de vida influenciam a forma de usar e entender certas expressões. Conseqüentemente, a tarefa do tradutor começará pelo estudo de suas culturas para conseguir transmitir qualquer expressão vinda de outras culturas e línguas. Cada cultura tem suas formas comportamentais de se comunicar sem usar a oralidade nem a escrita. Os intervalos de silêncio têm significado a ser interpretado e traduzido para o interlocutor de uma outra cultura. A exemplo das culturas bantos, quando a palma da mão está colocada na bochecha, significa tristeza ou luto. Enquanto na cultura ocidental as pessoas batem os copos para brindar, os bantos da comunidade Luba/Katanga, derramam cada um pouco da bebida de seu copo na terra para saudar os ancestrais como um agradecimento que estes devem encaminhar ao criador e benfeitor que providenciou essa alegria.

Geir Campos, no livro *O que é tradução*, publicado na coleção Primeiros Passos, da editora Brasiliense diz:

Cada língua funciona como um código. O conjunto dos signos de uma língua constitui combinações dos signos de uma língua constitui a sua sintaxe; os modos pelos quais podem criar-se signos de uma língua constitui a sua morfologia. A sintaxe e a morfologia de uma língua compõem a sua gramática. A tradução, enquanto passagem de um texto de uma língua para outra, tem a ver ora com o léxico, ora com a sintaxe, ora com a morfologia, da língua da qual se traduz, língua-fonte, e da língua para a qual se traduz, língua-meta. (CAMPOS, 1986, p. 8).

A explicação que ele nos dá de “tradução” está de acordo com a definição do dicionário Houaiss, que considera a tradução como sendo um ato de “tornar claro o significado de algo; interpretação, compreensão, explicação e como sendo um processo por meio do qual se converte uma linguagem em outra”. No caso da tradução de *Vraiment Congo une tribu!* do swahili da RDC para o português brasileiro, traduzimos também a cultura daquele país para a cultura brasileira.

<sup>103</sup> BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, Ronnie (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp 14-15.

<sup>104</sup> EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer*. Tradução de Ana M. Goldberger Coelho. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

<sup>105</sup> JUNOD, A Henri. *Moeurs et coutumes bantoues : la vie d'une tribu sud-africaine*. Tome 1. Vie sociale. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75297c.texteImage>. [Modos e costumes bantos: a vida de uma tribo sul-africana. Tomo 1. Vida social].

### 3.1.2 Tradução comentada

Para entender melhor o conceito de tradução comentada, recorreremos ao texto de Marie-Hélène Torres “Por que e como pesquisar a tradução comentada?” *In: Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução* (2017, p. 15-35). Nesse texto, Torres sugere que:

Os principais objetivos da filosofia da tradução literária são proceder à crítica de tradução, proceder à avaliação do papel da tradução na esfera internacional, discutir e estabelecer a epistemologia da tradução – ligada à lógica e à ciência da tradução – e à deontologia da tradução – referente aos valores éticos – e estabelecer critérios para uma história da tradução. Pensar sobre a tradução é a essência da filosofia da tradução. (TORRES, 2017, p. 15)

Torres prossegue:

Pode-se considerar a tradução de textos sagrados como fundadora da tradução comentada que é cada vez mais estudada e pesquisada na academia, pois além de partir do exercício da tradução em si, trabalha com a crítica e a história da tradução e promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário. (TORRES, 2017, p. 15)

Falando da tradução de textos sagrados, Geir Campos afirma: “O processo de tradução carrega consigo a sombra da confusão - a Torre de Babel, por exemplo, teria sido a matriz da prática da tradução, ao menos segundo o mito bíblico.” (CAMPOS, 1986, p. 9). Observamos, durante a pesquisa, que a Bíblia, assim como os textos de estudos bíblicos de várias religiões europeias, é publicada em várias línguas bantos da RDC, como swahili, tshiluba, quiluba, lingala, quicongo, quissanga, quibemba. A igreja Testemunhas de Jeová publica regularmente nessas línguas. Este fato nos leva a verificar a natureza das traduções da bíblia e dos textos de orientação bíblicas divulgadas em muitas línguas bantos da RDC como no mundo.

Jacobus Naudé (pp .285 – 293) apresenta num artigo publicado no Manual de Estudos de Tradução de Yves Gambier e Luc Van Doorslaer 5 elementos que deve ser considerado na tradução religiosa, que ele considera problemática no sentido de procurar saber se este gênero de textos, considerados como sagrados, podem ser traduzidos ou não. Em primeiro lugar analisamos os pressupostos das traduções da bíblia e outros textos cristãos distribuídos em várias línguas e acreditamos que são traduções normais, como abertura de uma cultura estrangeira, para os fins específicos de reforçar a fé dos crentes; em segundo lugar analisamos as dimensões e observamos que atualmente seria a dimensão 4, pois quem é o cristão que lê a bíblia sem se apropriar dela e por isso a guarda na cabeceira, na mesa de trabalho, e faz a sua leitura identificando sempre o momento da vida que está a passando? Este fato confirma a

conclusão de que, a história da religião mostra que há exigência das massas de obter traduções vernáculas de textos sagrados.

Para demonstrar que o comentário consiste fundamentalmente na análise da tradução de um texto original, Torres (2017) ilustrou suas reflexões teóricas com um exemplo que é a tradução que ela fez do conto “O Cônego ou Metafísica do Estilo”, de Machado de Assis, para o francês. Seguimos esse exemplo para cumprirmos o objetivo principal deste trabalho, que é traduzir a versão swahili do livro *Vraiment Congo une Tribu!* para o português brasileiro e comentar o original que nesse caso é, segundo Torres (2017, p. 15), o texto traduzido por nós mesmos. No entanto, questionamos se o comentário sobre o nosso original é uma crítica, um simples comentário ou uma retradução do nosso próprio trabalho.

Berman no seu texto “Crítica, comentário e tradução: algumas reflexões a partir de Benjamin e de Blanchot”<sup>106</sup> observa:

[...] Parece que a abordagem que os une é baseada em homologias puramente formais: todos os três são "metatextos" cuja finalidade é comunicar: críticas e comentários procurariam comunicar o significado das obras, enquanto a tradução transmitiria este significado em áreas linguísticas diferentes das suas. Deste parente de essência surgiria a possibilidade de uma definição reversível: a tradução é crítica das obras (esta é o *criticism by translation*, de Pound), crítica e comentário também são bem, atos de tradução. Tal é o círculo que reúne no mesmo espaço fechado os três metatextos, e que gira em torno do conceito de reformulação: qualquer reformulação é tradução, e vice-versa. (BERMAN, 1986, p. 88)<sup>107</sup>

Berman acrescenta:

Há ainda outro ponto de vista que parece aproximá-los: toda obra é suscetível de uma infinidade de resenhas, comentários e traduções. A sua proliferação não conhece interrupção. A incompletude é, portanto, uma característica dos três metatextos. Todas essas considerações têm sua parcela de verdade. Vou começar a partir desta proposta: comentário, crítica e tradução são três destinos das obras. Ao procurar caracterizá-los como "destinos", me coloco em outra dimensão, que deveria evitar os inevitáveis chavões das análises comparativas dos três "metatextos", e questionar suas suposições implícitas. (BERMAN, 1986, p. 88)<sup>108</sup>

<sup>106</sup> “Critique, commentaire et traduction : quelques réflexions à partir de Benjamin et de Blanchot.” (BERMAN, 1986, p. 88).

<sup>107</sup> Tradução nossa do texto: « [...] Il semblerait que l’approche qui les réunit soit fondée sur des homologies purement formelles : tous trois sont des « métatextes » dont la finalité est de « communiquer » : critique et commentaire chercheraient à communiquer le « sens » des œuvres, tandis que la traduction transmettrait ce « sens » dans d’autres aires langagières que les leurs. De cette parente d’essence surgirait la possibilité d’une définition réversible : la traduction est critique des œuvres (c’est le *criticism by translation* de Pound), critique et commentaire sont, aussi bien, des actes de traduction. Tel est le cercle qui rassemble dans le même espace clos les trois métatextes, et qui tourne autour du concept de reformulation : toute reformulation est traduction, et vice-versa. » (BERMAN, 1986, p. 88).

<sup>108</sup> Tradução nossa do texto: « Il est encore un autre point de vue qui paraît les rapprocher : toute œuvre est susceptible d’une infinité de critiques, de commentaires et de traductions. Leur prolifération ne saurait connaître aucun point d’arrêt. L’inachèvement est donc une caractéristique des trois métatextes. Toutes ces considérations possèdent leur part de vérité. Je partirai quant à moi de cette proposition : commentaire, critique et traduction sont trois destins des œuvres. En cherchant à les caractériser comme des « destins », je me place dans une autre

Essa caracterização de Berman sobre a crítica, o comentário e a tradução, nos permitiu comentar alguns pontos que identificamos como crítica cultural, observando alguns fatos incomuns que aconteceram na RDC relatados pelo autor do corpus, os traduzimos de uma forma que o afro-brasileiro que também passou por situações de ditadura pudesse compreender. Em uma outra oportunidade, comentaremos outros fatos que aparecem na nossa tradução do texto swahili que versa sobre “histórias incomuns e intensas” sobre a República Democrática do Congo, pois criaremos outros destinos para essa obra, que já foi traduzida para o inglês. O presente trabalho pode ser considerado o primeiro destino em português brasileiro.

### 3.1.3 Autotradução

Na introdução ao livro *Self-Translation: Brokering Originality in Hybrid Culture* [Autotradução: intermediando a originalidade na cultura híbrida], intitulada “Self-translation, going global” [A autotradução torna-se global], Anthony Cordingley afirma:

[...]Escrevendo no nexos de pelo menos duas línguas, duas culturas e para pelo menos dois públicos leitores diferentes, o auto tradutor é um tipo particular de interlocutor transcultural. [...]o autotradutor é um intermediário que facilita comunicação entre dois partidos linguísticos ou culturais diferentes. Ainda o autotradutor é o intermediário de e para um texto ‘original’ e, em algumas interpretações do termo, também para o seu próprio ‘eu’. (CORDINGLEY, 2013, p. 1)<sup>109</sup>

Os argumentos de Cordingley nos levam a entender a situação do autor do nosso corpus, pois podemos dizer que ele escreveu em três línguas, em três culturas, para três públicos diferentes, sendo o francês para os congoleses em geral e outras pessoas e culturas de língua francesa; o swahili para os congoleses do leste da RDC e o lingala para os congoleses da capital Kinshasa e outras regiões do país, pois o lingala foi considerada a língua banto mais importante durante os 30 anos de ditadura. Este fato justifica a resposta dele quando perguntamos sobre as auto traduções da obra: ele disse e insistiu em dizer que só escreveu! Entendendo melhor, ele como interlocutor transcultural e intermediário na comunicação entre três línguas e culturas que não são tão diferentes para ele, pois ele cresceu com os três partidos linguísticos, provavelmente ele não queria transparecer o texto original até para ele mesmo, por se sentir ao mesmo tempo intermediário e receptor das três culturas

---

dimension, qui devrait nous soustraire aux inévitables platitudes des analyses comparatives des trois « métatextes », et mettre en question leurs présupposés implicites » (BERMAN, 1986, p. 88).

<sup>109</sup> Tradução nossa do texto: “[...] Writing at the nexus of at least two languages, two cultures and for at least two different reading publics, the self-translator is a particular kind of cross-cultural interlocutor. [...]the self-translator is an intermediary who facilitates communication between two different linguistic or cultural parties. Yet the self-translator is the intermediary of and for an ‘original’ text and, in some interpretations of the term, also for his or her own ‘self’”. (CORDINGLEY, 2013, p. 1)

linguísticas utilizadas na obra publicada.

Ainda sobre autotradução, Cordingley alerta:

Em inglês, as conotações e ecos gerados por este termo – cujo equivalente nas línguas românicas e em algumas outras línguas europeias é o termo habitual para autotradução – são inteiramente diferentes daquelas do ‘eu’ na autotradução. Em inglês, o ‘auto’ de autotradução pode até sugerir o processo oposto à negação do eu como se um texto estivesse no piloto automático, realizando a tradução, transportando-se para outro código linguístico. Usando o termo ‘autotradução’ concentra a atenção na presença do tradutor, e, como muitas contribuições para este volume demonstram, nas várias transformações do *self* que ocorrem não apenas no ato da tradução, mas durante a composição de seu “original”. (CORDINGLEY, 2013, pp. 1-2)<sup>110</sup>

Podemos dizer que, no português do Brasil, o prefixo "auto" denota várias vezes algo que implica uma ação ou processo de um ‘eu’ para consigo; de maneira que o termo autotradução seria naturalmente uma boa tradução para a noção de *self-translation* proposta pelo autor. Contudo, a fim de reforçar a proposição de que este ‘eu’ que traduz esteja produzindo seu próprio conteúdo original podemos também optar pelo uso do termo “autor-tradução” (para *self-translation*) em oposição a autotradução (*auto-translation*). Sabe-se que no caso do português do Brasil termos como autoadministração, autocentrado e autonomia implicam uma ação em que sujeito e objeto são o mesmo.

### 3.1.4 Adaptação

No seu texto “Adaptation : une ambiguïté à interroger” [Adaptação: uma ambiguidade a ser questionada], publicado na revista *Meta* (421-425), Yves Gambier (1992) afirma:

Nas referências que tratam da tradução, é difícil encontrar definições precisas, pois os conceitos parecem oscilar de acordo com os pontos de vista, os implícitos sobre a linguagem, a comunicação, os signos, o intercultural... Assim, parece que a noção de "adaptação" não deu lugar a nenhuma análise rigorosa e sistemática; encontra-se vestígios, explicações parciais, sobretudo nas reflexões sobre tradução literária.(GAMBIER, 1992, pp. 421-425)<sup>111</sup>

<sup>110</sup> Tradução nossa do texto: “In English the connotations and echoes generated by this term – whose equivalent in Romance and some other European languages is the habitual term for self-translation – are entirely different from those of the self in self-translation. In English, the ‘auto’ of auto-translation may even suggest the very opposite process – the negation of the self – as if a text was on autopilot, performing automatic or machine translation, transporting itself into another language code. Using the term ‘self-translation’ concentrates attention on the presence of the translator, and, as many contributions to this volume demonstrate, on the various morphing of the self which occurs not only in the act of translation but during the composition of its ‘original’.” (CORDINGLEY, 2013, pp. 1-2).

<sup>111</sup> Tradução nossa do texto: « Dans les références traitant de traduction, on a du mal à trouver des définitions précises, tant les concepts semblent flotter au gré des points de vue, des implicites concernant la langue, la communication, les signes, l'interculturel... Ainsi la notion d'"adaptation" : elle n'a donné lieu, semble-t-il, à aucune analyse rigoureuse, systématique ; on en trouve des traces, des explications parcellaires, surtout dans les réflexions sur la traduction littéraire... » (GAMBIER, 1992, p. 421)

Nas suas indagações sobre “adaptação” e “tradução”, Gambier (1992, p. 421) afirma que não haveria diferença entre as duas práticas, mas a adaptação daria ao tradutor a liberdade de manejar o texto para satisfazer seu público-alvo:

Qual a relevância dos dois termos, "tradução" e "adaptação"? Embora muitas vezes copresentes, eles não são claramente autodelimitados : eles são reunidos, mas sem especificar sua fronteira e sua relação. Ligada a certos tipos textos (peças de teatro, publicidade, por exemplo), a adaptação parece implicar uma certa liberdade do tradutor - a quem, então, seriam permitidos modificações, acréscimos, ajustes, omissões..., ao texto de partida, para melhor adaptá-lo aos receptores (espectadores, consumidores), aos seus hábitos e seus padrões de recepção. (GAMBIER, 1992, p.421)<sup>112</sup>

Gambier conclui (p. 424):

A adaptação está na própria base do processo de comunicação, entendido como um conjunto de estratégias, de processos de construção e troca de sentido. Os dois significados de "adaptação" não são inconciliáveis: a comunicação como ajuste a vários parâmetros situacionais, extralinguísticos e linguísticos pressupõe uma liberdade de escolha nos seus meios.( GAMBIER, 1992, p. 424)<sup>113</sup>

Partindo das preocupações expostas por Gambier (1992) sobre a adaptação, escrevemos um texto que foi apresentado no XII Seminário de Pesquisas em Andamento com o título “O desafio da noção de original e tradução/adaptação no livro de Yaya Asani: *Vraiment: Congo une tribu!- Histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo*”. Efetivamente, o autor do corpus desta tese afirmou que ele escreveu nas três línguas sem precisar traduzir em nenhuma das línguas e que, só depois que ele adaptou os textos traduzidos para as duas línguas bantos, o swahili e o lingala, e encaminhou-os a duas revisoras que são citadas no prefácio como adaptadoras, conforme demonstrado na figura a seguir:

Figura 72 - Prefácio do livro *Vraiment Congo une*

*Denise MAHEHO a réalisé l'adaptation swahilie.*

*Ernestine SUNGU Yabili a adapté en lingala vérifiée par le professeur IPO ABELELA Edouard.*

*Yann MANDEY a réalisé avec talent les cartes géographiques et historiques inédites.*

**YaYa Asani, l'auteur<sup>2</sup>**

<sup>112</sup>Tradução nossa do texto: « [...] Quelle est la pertinence des deux termes traduction et adaptation ? Bien que souvent co-présents, ils ne s'auto délimitent pas clairement : on les rapproche mais sans préciser leur frontière, sinon leur relation. Rattachée à certains types de texte (pièces de théâtre, publicité par exemple), l'"adaptation" semble impliquer une certaine liberté du traducteur - à qui il serait alors permis des modifications, des ajouts, des ajustements, des omissions... au texte de départ, pour mieux le plier aux récepteurs visés (spectateurs, consommateurs), à leurs habitudes et à leurs normes de réception. » (GAMBIER, 1992, p. 421)

<sup>113</sup> Tradução nossa do texto: « L'Adaptation est à la base même du processus de communication, compris comme ensemble de stratégies, de procédés pour construire, échanger du sens. Les deux significations " d'adaptation" ne sont pas inconciliables : la communication comme ajustement à divers paramètres situationnels, extralinguistiques et linguistiques présuppose une liberté de choix dans ses moyens. » (GAMBIER, 1992, p. 424)



Fonte: ASANI, 2015.<sup>114</sup>

Quando questionado sobre o porquê de as duas revisoras terem sido citadas como adaptadoras no prefácio do livro, o autor responde: “É uma forma de dizer que elas revisaram e melhoraram o meu swahili e meu lingala.” (ASANI, 2021)<sup>115</sup>. Podemos, então, entender a afirmação de Gambier (1992, p. 424) de que “a adaptação está na própria base do processo de comunicação, entendido como um conjunto de estratégias, de processos de construção e troca de sentido”. No entanto, indagamos se as adaptadoras/ajustadoras dos textos de Yaya Asani (2015) tiveram a liberdade de modificar, acrescentar, ajustar e omitir alguns elementos. Se for o caso, onde estará o lugar da autotradução nesta obra escrita em três línguas?

Observamos que o primeiro desafio do autor foi escrever os três textos sem identificação do original. Na nossa análise inicial, acreditamos que o “original” era o francês, já que este texto ocupa mais espaço e usa a parte esquerda do livro e porque a língua é usada em explicações de imagens ao longo da obra. O segundo desafio foi enfrentado pelas revisoras/adaptadoras, pois elas tinham que guardar a fidelidade aos escritos. Amorim (2013) alerta que o conceito de fidelidade é por si só extremamente problemático e questionável. Acreditamos que, nesse caso, podemos falar de adaptação intercultural a partir do momento em que as duas culturas bantos são diferentes nas formas de compreensão de certos termos e certas práticas. No nosso trabalho, expressamos a preocupação de saber até onde e em qual das línguas de chegada ele ou as revisoras foram mais fiéis ao original. Depois de citar vários autores sobre a fidelidade, Amorim (2013) menciona que:

[...]Aceitar a fidelidade como uma categoria crítica seria, portanto, essencializar a relação entre as duas mídias, assumindo que o romance – ou quaisquer outras formas de obras de partida – contém uma espécie de espírito que deveria ser captado pela adaptação, independentemente de suas especificidades. (AMORIM, 2013, p. 21)

Depois de receber uma resposta do autor em janeiro de 2021 para a pergunta sobre escrever em paralelo, pudemos entender a explicação de Amorim (2013, p. 21) e deduzir que o autor enxergou suas adaptações ou as das revisoras/adaptadoras, não como subordinadas à obra de partida, mas sim como uma nova obra, produto de outro ato criativo, com as especificações de cada cultura, seja lingala ou swahili. A cada capítulo, o título é o mesmo, traduzido literalmente, mas os textos não são traduzidos literalmente, eles são adaptados seguindo as

<sup>114</sup> Tradução: Denise MAHEHO realizou a adaptação em swahili. Ernestine SUNGU Yabili adaptou para o lingala revisado pelo prof. IPO ABELELE Edouard. Yann MANDEY realizou com talento os mapas geográficos e históricos inéditos. assinado: YAYA Asani, autor.

<sup>115</sup> No original : « C’est une façon de dire qu’elles m’ont relu et amélioré mon swahili et lingala. » (ASANI, Entrevistado por mim, 2021)

culturas de chegada. Pensando na escrita paralela, indagamos onde está o original nas três línguas. Como dito acima, voltamos a afirmar que os únicos elementos que nos levam a identificar a versão francesa como original são o uso de maior espaço no livro, assim como as legendas de imagens e explicações sobre a elaboração do livro. Por isso podemos nos basear na narrativa do autor explicando que ele adaptou os escritos para as duas línguas bantos, para confirmarmos que o original é o texto em francês.

Na nossa apresentação, (LUMBWE; COSTA, 2019) afirmamos que o autor da obra considerou os contextos nos quais as adaptações foram recebidas, observando as tradições e as condições sociais que envolvem os atos de se ler um texto. Por essa razão, ele usou uma

linguagem simples e aceitável em cada uma das línguas adaptadas, pois se a linguagem fosse complicada nas duas línguas bantos, as pessoas se afastariam ainda mais dos livros, sendo, de seu objetivo. É nesse ponto que nasce o desafio da noção de original e da adaptação. Escrevendo em paralelo, a adaptação não dependeu muito do original, que, suponhamos, foi a escrita em francês, se preocupando mais com a criação de uma linguagem mais simples nas supostas línguas de chegada.

Na mesma apresentação do SPA 2019, mencionamos *Translation and Adaptation*, de M.A Johnson. Johnson (1984, p. 421) afirma que, ainda que as traduções e adaptações dificilmente sejam reproduções perfeitas dos textos-fonte, é necessário certo grau de fidelidade.

Embora as traduções e adaptações quase nunca sejam reproduções perfeitas dos textos originais, é necessário certo grau de fidelidade. Mas, enquanto a ênfase está na fidelidade tanto ao conteúdo quanto à forma na tradução, está mais no conteúdo na adaptação. Em outras palavras, a concessão pela perda de informação é maior na adaptação do que na tradução. Essa concessão torna a adaptação mais flexível, com espaço para modificações, acréscimos e subtrações ditados pelo formato de chegada, embora a suposição possa não se confirmar em alguns casos.<sup>116</sup> (JOHNSON, 1984, p. 421).

Nos capítulos de Yaya Asani, observamos que houve concessão por perda de informações detalhadas, valorizando-se o tema principal de cada capítulo. Essa observação é visível pelo uso do próprio espaço na escrita, como explicamos acima. Para o mesmo tema do capítulo, é usada uma página inteira na língua de partida e a outra página é dividida para acolher as duas outras línguas que são as supostas línguas de chegada. Sem informações detalhadas sobre a estratégia da escrita, tradução/adaptação e revisão, fica a impressão de que foram

---

<sup>116</sup> Tradução nossa para o texto: “Although translations and adaptations are hardly ever flawless rendering of the original texts, a certain degree of fidelity is required. But while emphasis is on fidelity to both content and form in translation, it is more on the content in adaptation. In other words, the concession for loss of information is greater in adaptation than in translation. This concession makes adaptation more flexible, with room for modifications, additions and subtractions as dictated by the target format, although the assumption may not hold in certain cases.” (JOHNSON, 1984, p. 421)

omitidos detalhes nas traduções/adaptações, como por exemplo nas páginas 30 e 31 do livro impresso. O título é “Terra ignota”, na página 30 inteira, a estrutura usa todo o espaço com explicações detalhadas da viagem do pesquisador britânico Stanley da cidade de Boma para Zanzibar, de onde ele partiu em 1874. Na página 31, as mesmas informações sobre essa viagem do britânico são dadas de forma mais resumida. No entanto, seguindo a estrutura do livro, na parte da língua lingala, o fato foi resumido em uma só frase: “A viagem de Stanley demonstrou o quanto o Congo é grande”.<sup>117</sup>

Pascal Nicklas e Olivier Lindner (2012) observam:

A natureza interdisciplinar dos estudos de adaptação convida ao diálogo além das fronteiras das tradições e terminologias de pesquisa, que às vezes têm sido guardadas como tesouros preciosos no tesouro das disciplinas individuais. Isso se torna mais visível à medida que mais domínios de expressão artística ou cultural são escrutinados pelo olhar focado da pesquisa em arte adaptativa.<sup>118</sup> (NICKLAS e LINDNER, 2012, p. 1).

Assim, observamos que, na estrutura do livro de Yaya Asani (2015), o formato Kindle oferece acesso aos áudios nas três línguas com gravações que seguem a estrutura da escrita: o francês usa mais tempo de áudio, o swahili um tempo médio e o lingala pouco tempo. Observamos também que, depois da apresentação do livro, o autor publica algumas opiniões de personalidades que já leram o romance e que valorizam a construção do trabalho, sobretudo o fato de o autor ter escrito nas línguas do país e ter adaptado a cada uma das culturas representadas pelas três línguas. Em seguida, ele explica como usar o livro eletrônico para ler ou para ouvir. (LUMBWE; COSTA, 2019). Observamos também que, no decorrer do livro, nas três línguas, é difícil perceber onde o autor adapta ou se apropria da cultura de recepção para expressar ou transmitir o que está no suposto texto de partida.

Terminamos o trabalho de 2019 mencionando estes fatos:

O desafio da noção de original e tradução neste corpus é observado pelo uso de espaço grande em uma brochura para três línguas diferentes. Perguntando ao autor, por que língua que ele começou ou qual o original que foi adaptado ou traduzido, ele responde: “Escrevi nas três línguas...” (ASANI, 2019). Esta resposta nos leva a procurar as respostas do desafio de GoT a nossa noção de original e tradução/adaptação? Se, se pode adaptar algo que não existe ainda? Qual é o original e quais são as adaptações deste livro em três línguas? Como falar de fidelidade neste contexto?

<sup>117</sup>Tradução nossa para o texto: “Mobembo ya Stanlee elakisi monene ya etando ya mboka Kongo.” (ASANI, 2015, p. 31)

<sup>118</sup>Tradução nossa para o texto: “The interdisciplinary nature of adaptation studies invites dialogue across the borders of research traditions and terminologies, which have at times enviously been guarded as precious hoards in the treasury of individual disciplines. This becomes more visible as more domains of artistic or cultural expression are scrutinized by the focused gaze of research into adaptive artifact.” (NICKLAS; LINDNER, 2012, p. 1).

- Se pode adaptar algo que não existe ainda? Para o autor de: “Vraiment Congo une tribu”, todas as descrições escritas por ele em três línguas, existiam nele como pessoa que transita, desde a sua infância, nas três culturas francesa, swahili e Lingala, como várias outras línguas bantos da República Democrática do Congo, sendo a língua francesa a que ajuda na comunicação entre as várias culturas bantos deste país. Isto é, ele adaptou suas ideias às culturas das línguas francesa, swahili e lingala, antes delas existirem em nenhuma outra cultura, isso cria uma ambiguidade entre original e tradução/adaptação.
- Qual é o original e quais são as adaptações deste livro escrito em três línguas? Com base no espaço usado em cada capítulo e na ordem das páginas, podemos concluir que o original seja o francês, que foi adaptado para as duas outras línguas, mas surge, então, a pergunta, “Por que não o contrário?”.
- Como falar de fidelidade neste contexto? Neste contexto, podemos falar de fidelidade aos temas abordados em cada capítulo, mas não aos textos. (MWEWA; COSTA, 2019).

Neste trabalho, nos baseamos na proposta de Hutcheon, traduzida por André Cechinel (2013); para definir a adaptação das duas línguas bantos do corpus da nossa pesquisa como sendo uma prática envolvendo as três percepções de Hutcheon:

De acordo com sua ocorrência no dicionário, “adaptar” quer dizer ajustar, alterar, tornar adequado. Isso pode ser feito de diversos modos. Conforme a próxima seção abordará em maior profundidade, o fenômeno da adaptação pode ser definido a partir de três perspectivas distintas, porém inter-relacionadas, pois não considero acidental o uso da mesma palavra - “adaptação” - em referência tanto ao produto quanto ao processo. (HUTCHEON, 2013, p. 29)

1 – “Em primeiro lugar, vista como uma entidade ou produto formal, a adaptação é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular.” (HUTCHEON, 2013, p.29). Como o autor declara ter feito textos paralelos, então cada um é uma entidade diferente do original, com qual somente divide o mesmo título;

2 – “Em segundo, como um processo de criação, a adaptação sempre envolve tanto uma (re)interpretação quanto uma (re-) criação; [...]” ((HUTCHEON, 2013, p.29). Nas páginas 30 e 31 observamos as (re-) criações nas duas línguas no sentido de facilitar a compreensão nas línguas e cultura de chegada como;

3 – “Em terceiro, vista a partir da perspectiva do seu processo de recepção, a adaptação é uma forma de intertextualidade; observamos este fato nas duas traduções ou textos da obra.” ((HUTCHEON, 2013, p.30).

### 3.1.5 Estudos da tradução

Para me debruçar sobre os Estudos da tradução, escolhi o volume *Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI*, organizado por Andréia Guerini, Marie-Hélène

Catherine Torres e Walter Carlos Costa (2013). O livro tem 236 páginas, onde, além da apresentação, os organizadores escreveram o capítulo “Um pioneirismo inesperado: breve história da PGET/UFSC”. Este título atraiu a minha atenção particular, pois se hoje estou escrevendo esta tese, é porque o programa começou também com um pioneirismo inesperado do meu orientador Walter Carlos Costa e das minhas professoras Andréia Guerini e Marie-Hélène Catherine Torres que participam do meu aprendizado nesta caminhada de conhecimentos.

Segundo os autores, a PGET/UFSC foi fundada em 2003 e começou as atividades em 2004, quando se formou a primeira turma.

O curso em nível de pós-graduação *stricto sensu* foi o primeiro do Brasil e, em nível de doutorado específico, o primeiro da América Latina. Neste artigo tentamos explicar esse inesperado pioneirismo, já que a pesquisa em tradução na UFSC surgiu depois de outras universidades como UnB, USP, UNESP, UNICAMP, PUC-Rio, UFRGS e UFC." (GUERINI; TORRES; COSTA, 2013, p. 13).

Os autores oferecem mais detalhes sobre o grupo:

Salvo o trabalho pioneiro da Profa. Rosa Weingold Konder, na PGI (Pós-Graduação em Inglês) da UFSC, o grupo inicial de pesquisadores em tradução, Walter Costa, Marie Helene Torres e Mauri Furlan, se reuniu primeiro não, como é hábito, em um programa de pós-graduação, mas em torno de uma revista, os *Cadernos de Tradução* (<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao>), e, em seguida (graças a um convite de Maria Paula Frota), em um Núcleo de Tradução ligado ao GT de Tradução da ANPOLL, depois em linhas de pesquisa nas pós-graduações de Literatura, Linguística e Inglês da UFSC, e só mais tarde em uma pós-graduação específica, a PGET. (GUERINI; TORRES; COSTA, 2013, p. 13).

Explorando a obra, seguimos pelo próximo capítulo que, fala dos Estudos da Tradução no Brasil, com o título do próprio livro: “Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI: ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução?” (2013, pp. 33-50). Na sua introdução, Maria Lúcia Vasconcellos diz:

A proposta de organização de um volume dedicado ao tema “Os Estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI” evidencia o fato de que, após um período de estabelecimento e consolidação do campo disciplinar, instala-se um tempo de reflexão sobre a narrativa conceitual e acadêmica que vem construindo os Estudos da Tradução nas últimas décadas, no contexto nacional. (VASCONCELLOS, 2013, p. 33)

Em sua leitura, Vasconcellos afirma buscar um diálogo com indagações formuladas no I Encontro Intermediário do GTTRAD/Identidade na Diversidade da Pesquisa nos Estudos da Tradução, que foi organizado no X ENTRAD.

O Grupo de Trabalho nacional de Tradução (GTTRAD) começa em 1986, ano que foi proveitoso para a área da tradução, como é relatado no seu site <http://letra.lettras.ufmg.br/gttrad/>

O ano de 1986 foi auspicioso para a área de tradução. Primeiro, porque a sua presença entre os vinte e um grupos de trabalho da ANPOLL veio a contribuir para seu reconhecimento institucional, além de proporcionar um espaço para o intercâmbio entre seus pesquisadores. Segundo, porque foi criada, em nível de pós-graduação, a primeira área de concentração em tradução do país, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP. Esses dois fatos foram fundamentais para o enfrentamento de um poderoso obstáculo ao avanço dos estudos sobre tradução: a inexistência de um lugar claramente demarcado nas instituições acadêmicas, levando-os a realizarem-se às margens da pesquisa que se desenvolve nas áreas de Letras e de Linguística. (RODRIGUES e CARDOZO, 2023)<sup>119</sup>

O mesmo site informa sobre a formação efetiva deste grupo de pesquisa, que, pelos relatos, acreditamos ser o promotor dos Estudos da Tradução no Brasil.

A formação do GT de Tradução da ANPOLL foi sugerida pelo Professor Edson Rosa da Silva, da UFRJ, no I Encontro Nacional da ANPOLL. Sua primeira reunião foi em 1987, no II Encontro Nacional, na UFRJ, graças aos vários contatos feitos pelo Prof. Edson com professores de diferentes instituições do país. Nesse ano, a Professora Maria Candida Bordenave da PUC-RJ assumiu a coordenação do GT, e este voltou a se reunir no Encontro Nacional seguinte, em 1988, novamente na UFRJ. Em 1989 o GT se reuniu no IV Encontro da ANPOLL, realizado na PUC-SP. Nesses encontros, pesquisadores da área e convidados discutiram algumas questões gerais e apresentaram comunicações, publicadas nos Anais da ANPOLL (RODRIGUES e CARDOZO, 2023)

Partindo do texto de Vasconcellos (2013, p. 33), presumimos que dentro do GTTRAD do X ENTRAD, houve o I Encontro Intermediário do GTTRAD com foco na “Identidade na Diversidade da Pesquisa nos Estudos da Tradução”, como explica o texto do histórico do grupo no site citado acima:

O intercâmbio entre pesquisadores, professores e pós-graduandos ficava restrito aos Encontros da ANPOLL, não havendo articulação efetiva entre os membros. Foi essa sistemática, entretanto, que permitiu a reunião de pessoas de todo o país interessadas em trocar informações que pudessem contribuir para os estudos tradução. O espaço proporcionado pelo GT foi fundamental para que pesquisadores dispersos em várias instituições se conhecessem e passassem a pensar em esboçar propostas que viessem reverter a condição de marginalidade em que a área se encontrava. Os primeiros passos nesse sentido haviam sido dados (VASCONCELLOS, 2013 p. 33).

Vasconcellos (2013, p. 35) cita questões apresentadas no “I Encontro Intermediário do GTTRAD/Identidade na Diversidade da Pesquisa nos Estudos da Tradução”, com as quais ela dialoga:

[...] (i) O que éramos ontem, o que somos hoje, o que queremos ser amanhã? (ii) O que nos une como área? (iii) O que nos separa em cada uma de nossas subáreas? (iv) Qual o ônus e o bônus desse esforço para manter uma unidade?

<sup>119</sup> FROTA, Maria Paula, MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto, RODRIGUES, Cristina Carneiro. Um breve histórico do GT de Tradução e a sua importância para o desenvolvimento da área em nosso país. *Revista da ANPOLL*. FFLCH/USP, São Paulo, n. 1, p. 67-70, 1994.

(v) Quais os custos e benefícios de uma política de centramento disciplinar num campo de vocação interdisciplinar? (VASCONCELLOS, 2003, p. 35).

Depois da análise dos textos publicados nos anais deste evento, Vasconcellos apresenta suas conclusões em resposta a cada uma das perguntas citadas acima. Ela divide a primeira pergunta em 3 segmentos: “O que éramos ontem?”; “O que somos hoje?” e “O que queremos ser amanhã?”, concluindo o seguinte:

[...] ‘o que éramos’ foi informado pela necessidade histórica de criação de identidade do campo disciplinar e por uma tendência centrípeta para garantir a unidade na luta por visibilidade institucional. [...] O que somos hoje, o que queremos ser amanhã – manifestam, ao contrário do primeiro segmento, uma tendência centrífuga, uma vez que apontam para a configuração mutante dos pesquisadores que constituem os Estudos da Tradução no Brasil e que desenvolvem novas formas de conhecimento experto, para a configuração da tecnologia que move em alta velocidade em direção ao diálogo com disciplinas afins, para a configuração das novas capacidades eletrônicas de produzir e disseminar conhecimento. [...] apenas saliento que ‘o que somos’ não tem caráter fixo, mas ‘fixa’ temporariamente o estado atual de nossa configuração. O que me leva a considerar que somos, atualmente, um Grupo de Pesquisadores em Estudos da Tradução que estão caminhando em direção a interfaces com disciplinas afins, o que configura, a meu ver, um movimento de expansão, posterior ao bem documentado momento identitário da fase inicial. (VASCONCELLOS, 2003, pp. 41-42).

Para Vasconcellos, os estudos da tradução no passado existiam como um complemento que criou uma necessidade de criar uma identidade própria institucionalmente. Este fato justifica o pioneirismo dos/as pesquisadores/as que começaram esta luta para obter o reconhecimento dos Estudos da Tradução institucionalmente. Quanto ao momento presente, a autora conclui que esses estudos têm uma tendência não centralizada que aproveita o conhecimento de pesquisadores de várias áreas, assim como a velocidade da tecnologia para expandir-se em várias áreas, disseminando novas formas de conhecimento. Em relação ao futuro, a autora diz:

Com relação a ‘o que queremos ser amanhã’ (aqui entendido como uma narrativa pessoal que faz uma projeção para o futuro do GT), observo dois pontos. O primeiro diz respeito ao diálogo interno do grupo de trabalho, e o segundo diz respeito ao diálogo externo do GTTRAD.

No que diz respeito ao diálogo interno, percebo ausências na configuração atual do GT que, potencialmente – considerando-se o tipo de expertise presente em nossos programas de pós-graduação – poderiam se fazer presentes.

[...] O segundo ponto que desejo destacar diz respeito ao *externo* do GTTRAD. Percebo a necessidade de tentativas de interação com outras instâncias internacionais, para o estabelecimento de diálogo com fóruns que compartilham nossas preocupações. (VASCONCELLOS, 2003, p. 41-42).

Para a autora, o futuro será melhor com o estabelecimento de diálogo interno no GTTRAD e externo com colegas e instâncias internacionais. O momento atual, 20232, representa certo futuro em relação a 2013, ano em que a autora publicou seu texto. Isso nos levou a observar que hoje temos na PGET diálogos tanto internos como externos com instâncias internacionais, a exemplo de:

Figura 73 - Eventos PGET

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
Comunicações Coordenadas 1  
16/11  
14:00h (GMT -3)  
Comunicações 1: Traduzir para aproximar: pesquisas e experiências em literatura e crítica  
Rebeca Errázuriz (Chile/UAI), Mary Anne Warken (Brasil/UFSC), Mary Estupiñán (Chile/UMCE), Mónica González (Chile/PUCV)  
14:00h Horário de Brasília  
<https://sig.ufsb.edu.br/evento/SILTANL2021>  
Logos: UNEB, PGET, UFSC, UEA, UFSB

**AULA INAUGURAL PGET 2021/1**  
Título: A tradução literária e a divulgação da literatura brasileira na China  
Palestrante: Profa. Dra. Xuefei Min Universidade de Pequim  
Dia: 24 de maio de 2021 às 09h30  
Mediação: Profa. Dra. Andréia Guerini UFSC/Capes/Print  
Logos: Print, PGET, UFSC

**PALESTRA**  
**TRANSLATION STUDIES AND LINGUISTICS IN MULTILINGUAL INDIA**  
UMARANI PAPPUSWAMY  
CENTRAL INSTITUTE OF INDIAN LANGUAGES, MYSURU, INDIA  
TERÇA-FEIRA 26/07/22  
HORÁRIO 17:00  
SALA 307, PRÉDIO B CCE/UFSC, Florianópolis  
Logos: PGET, UFSC, CAPES

**Anne Frank e seus/suas tradutor@s**  
Data: 10 de março de 2022 às 10:00  
Transmissão pelo Canal do YouTube da PGET  
Prof. Dr. Arvi Sepp (Vrije Universiteit Brussel (Bélgica)), Prof. Dr. Philippe Humblé (Vrije Universiteit Brussel (Bélgica))  
ORGANIZAÇÃO E MEDIAÇÃO: DRA. ANDRÉIA GUERINI E DRA. MARIE HÉLÈNE CATHERINE TORRES  
Logos: Print UFSC, PGET, POET, CAPES

**Traduzir é conviver?**  
CURT MEYER-CLASON COMO TRADUTOR DE LITERATURA BRASILEIRA  
Prof. Orlando Grossegeese  
Universidade do Minho - Portugal  
02/09 16h30  
Local: Sala Machado de Assis, Bloco B/CCE/UFSC  
Logos: PGET, CAPES, Print UFSC

**Aula Inaugural PGET 2022/2**  
**Tradução Interseccional**  
21/09/2022 às 14h  
Canal do YouTube da PGET  
¿La autotraducción como política de resistencia? Narradoras gallegas contemporáneas en la encrucijada género-nación  
Dra. Olga Castro (Universidad de Warwick/Gran Bretaña), Dra. María Laura Spoturno (Universidad Nacional de La Plata (UNLP)/Argentina)  
Mujeres, exilio y traducción: experiencias de la palabra solidaria  
Logos: PGET, UFSC, CAPES, Print UFSC

Fonte: PGET, 2022.



Com o aumento da interação remota, houve muito diálogo entre docentes e discentes e vice-versa, pois usufruímos de palestras, mesas-redondas, aulas, seminários, reuniões e outros encontros sobre a tradução e culturas diversas da Europa, América, Oriente, como demonstram os cartazes acima coletados na página da PGET. Seguindo o pensamento de Vasconcellos, esperamos que, no futuro, esse intercâmbio se estenda ao pesquisadores africanos, em geral, e da República Democrática do Congo, meu país, em especial.

Considerando que o livro *Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI* esclareceu a situação desses estudos no Brasil, passaremos a observar seus teóricos universalmente.

## 2.14 3.2 ALGUNS TEÓRICOS DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Além dos teóricos já citados acima, escolhemos alguns outros cujos certos conceitos nos ajudaram na elaboração deste trabalho. A seguir, breves biografias e obras publicadas que nos interessaram de: Anthony Pym, Edwin Gentzler, George Steiner, Haroldo de Campos, José Lambert e Lawrence Venuti.

### 3.1.1 Anthony Pym

Anthony David Pym, nasceu em 1956 em Perth, Austrália e é um dos estudiosos mais conhecido por seu trabalho em Estudos de Tradução; ele tem as cidadanias australiana e francesa; formou-se na “Murdoch University” (Austrália) e na “École des Hautes Études en Sciences” (França); é professor nas universidades Rovira e Virgili (Espanha) e Stellenbosch (África do Sul); é também presidente da “European Society for Translations Studies” (Sociedade dos Estudos de Tradução Europeia), é associado do Icrea (Institució Catalana de Recerca i Estudis Avançats) e pesquisador visitante do Monterey Institute of International Studies, na Califórnia. Suas publicações incluem *The Status of the Translation Profession in the European Union - O Estatuto da Profissão de Tradutor na União Europeia - (2013)* e *On Translation Ethics - Sobre a Ética da Tradução - (2012)*.

Para Pym:

Os tradutores são “autores” que podem selecionar os pensamentos e emoções a serem expressos, em vez de “animadores”, que apenas apresentam as palavras de outras pessoas. Ele vê o tradutor trabalhando com o autor para criar significado, portanto, ambos contribuem para o significado da tradução. Segundo ele, o desenvolvimento do campo da tradução no ocidente tem sido essencialmente uma “história da teoria da tradução”, uma limitação que ele propôs abordar focando nos próprios tradutores e nos contextos em que operam. (WOLF, 2007, p. 14).

Efetivamente, quando se trata de um tradutor humano, é importante considerar a sua capacidade de observação e de criação baseada na sua própria cultura, nas culturas de partida e de chegada do texto traduzido. No entanto, quando se trata de um tradutor automático, esse sim, poderia ser considerado como um “animador” que traduz as palavras ditadas numa língua para outra. Antes era fácil detectar uma tradução eletrônica, mas nos tradutores automáticos mais recentes, isso é menos fácil.

Das várias publicações em livros e artigos do autor, escolhemos o livro *Explorando Teorias da Tradução* traduzido para o português por: Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri e Juliana Steil, e publicado pela editora Perspectiva em 2017. Neste livro, Anthony Pym apresenta uma:

Pesquisa minuciosa e abrangente dos paradigmas da tradução moderna em suas várias modalidades e princípios, o livro traz análises, informações, exercícios e estudos de caso, um verdadeiro guia de aprendizado e atualização. Ao perceber limites para o que o autor chama de ‘forma de tradução do Ocidente’, forjada pelo olhar ocidental que se disseminou pelo mundo, direcionando o olhar do leitor moderno a uma técnica que ofusca outras possibilidades de versão, Anthony Pym elaborou um modelo de análise que amplia a percepção dos recursos tradutórios, não se limitando apenas à noção de equivalência, mas admitindo a instabilidade do termo e tomando-o como fenômeno aberto (PYM, 2017).

No capítulo 1, ele responde à pergunta feita por ele mesmo: “O que é tradução?”. No capítulo 8, ele trata da tradução cultural. São os capítulos que nos interessam observar a fim de extrairmos algum embasamento para a análise de *Vraiment Congo une Tribu!* focando a tradução do texto em língua banto, no caso o swahili, para o português brasileiro.

Neste capítulo, Pym (2017) explica o seu entendimento dos termos "teoria" e "paradigma". Em seguida, ele descreve como a teorização pode ser relacionada à prática da tradução. Ele também enuncia os capítulos que compõem o volume, justificando porque este livro pode fazer parte de aprendizagem.

Ele explica o termo “teoria” na tradução:

O termo "teoria" deriva, provavelmente, do grego *theã*, significando "vista"+ o sufixo - *horan*, "ver" ou "observar". Assim, teorizar seria "voltar-se para uma determinada perspectiva" (a palavra "teatro" tem a mesma origem). uma teoria apresenta uma cena em que os processos de geração e seleção acontecem. Os tradutores estão, desse modo, não apenas constantemente teorizando, mas também fazendo- o em vários tipos de cenas conceituais. (PYM, 2017, p.18)

Daí, "traduzir ", para Pym (2017, p.18) além de ser um resultado de teorizações que se transformaram em teorias e que por sua vez se transformaram em paradigmas, seria então, um conjunto de processos que conduziriam à passagem de um texto, de língua ou da cultura de um lado para o outro de língua e cultura diferentes. Essa definição nos leva a considerar as onze

tarefas dos estudos da tradução formuladas por Berman (1989), como fazendo parte do nosso processo de levar a língua e a cultura bantos da RDC, através do swahili, para a cultura brasileira e para a língua portuguesa do Brasil.

Sobre os paradigmas, Pym afirma:

Quando a teorização torna-se teoria, algumas delas desenvolvem denominações para vários aspectos da tradução (incluindo caracterizações para supostas impropriedades em outras teorias). Quando esse estágio é alcançado, faz sentido nos referirmos a paradigmas, entendidos como conjuntos de princípios que subjazem grupos diferentes de teorias (Kuhn, 1962). Isso acontece, particularmente, quando descobrimos ideias gerais, relações e princípios para os quais há coerência interna e um ponto de partida compartilhado. (PYM, 2017, p. 21)

Desta forma, quando um grupo de tradutores junta suas teorias depois de teorizar internamente e que chegam a um entendimento sobre certas formas ou princípios a serem seguidos para a tradução de alguns textos ou culturas, um paradigma se formaria como resultado?

O autor explica como organizou o livro:

Este livro é organizado em termos de paradigmas em vez de teorias individuais, teóricos ou escolas. Trataremos de paradigmas baseados na equivalência, propósitos, descrições, incerteza, localização e tradução cultural. (PYM, 2017, p. 22)

Depois de enunciar os capítulos do livro, Pym (2017) justifica a importância de se estudar teorias da tradução.

[...] O conhecimento teórico pode propor questionamentos produtivos e algumas vezes, sugerir respostas bem-sucedidas. As teorias podem ainda servir como valiosos agentes de mudança, em especial quando transportadas de uma cultura profissional para outra, ou, então, quando elas desafiam o pensamento local (por exemplo, a ideia de tradução como “dizer depois” presente no sânscrito. (PYM, 2017, p. 24).

Para finalizar o primeiro capítulo, Pym diz como deveriam ser estudadas as teorias da tradução: “Já que os tradutores estão sempre teorizando, não podem separar a teoria da prática” (PYM 2017, p. 25). Ele conclui: “Os principais usos da teoria ocorrem nos debates a respeito das diferentes maneiras de resolver problemas de tradução.”

Lendo esse capítulo da obra de Pym, acreditamos que se houver mais tradutores de línguas bantos da RDC, em geral, e do swahili, em particular, para a língua portuguesa e cultura brasileira, surgirão reflexões que permitirão a criação de novas teorias, constituindo novos paradigmas nos processos de tradução entre as línguas bantos e a língua portuguesa brasileira. Ai, poderemos falar de Teorias da Tradução de línguas bantos com suas especificidades. Por exemplo: na página 21 do corpus (ASANI, 2015), cujo título em francês está na página 20, as duas primeiras frases dizem o seguinte: “Hadisi ya msafiri Henri Morton Stanley ni tamu.

Alisafiri kutafuta Docta Livingstone” (ASANI, 2018, p. 21). Dessa versão original, há várias formas de interpretar o que o autor quis dizer com as duas frases, entre elas:

1. A história do viajante Henri Morton Stanley é muito doce. Ele viajou para procurar o Doutor Livingston.
2. A história do jornalista Henri Morton Stanley no Congo é muito interessante. Ele explica sua viagem à procura do explorador Livingston.
3. A história do Henri Morton Stanley é agradável. Ele viajou para encontrar o doutor Livingstone.

Partindo da ideia de que o autor focou sua escrita para o público da RDC, que sabe quem era Henri Morton Stanley por este fazer parte das aulas de história do país, pode-se presumir que poucos leitores brasileiros poderão entender quem é Henri Morton Stanley e, mesmo se soubessem, teriam dificuldade para encontrar na sua imaginação o local da história. Por isso, resolvemos explicar a função de Henri Morton Stanley e o espaço em que aconteceu essa viagem. Descrevemos a função de Livingston na segunda opção de tradução, explicando o que ele foi fazer naquele país africano. Podemos dizer que este processo de especificação passou pela teorização, pela elaboração da teoria proposta por mim, Mwewa, que seria baseada na especificação social de sujeito, e o conhecimento geográfico do local na tradução de uma língua banto da RDC para outras línguas, como acabamos de fazer com a especificação de Stanley e de Livingston. Outro tradutor poderá rever as três traduções e criar uma outra teoria. Assim, as duas teorias juntas formarão um paradigma sobre as traduções das línguas bantos da RDC.

O capítulo 8 do mesmo livro de Antony Pym, *Explorando as Teorias da Tradução* (2017), atraiu o nosso interesse, pois ele tem como título “Tradução Cultural” e nos levou a entender que a comunicação entre as comunidades de culturas e línguas bantos diferentes sempre foi fluente, considerando os processos culturais, como nos casos de casamento entre duas pessoas de comunidades bantos diferentes. (PYM, 2017, p. 265).

Sobre isso, o autor afirma:

Este capítulo examina uma série de abordagens que utilizam a palavra “tradução”, porém, não se referem a traduções como textos finitos. A tradução é vista, então, como atividade geral de comunicação entre grupos culturais. Esse conceito amplo de “tradução cultural” pode, assim, ser utilizado para discutir questões de sociologia pós-moderna, pós-colonialismo, imigração, hibridismo cultural, entre várias outras questões. (PYM, 2017, p. 265)

Do nosso ponto de vista, se para praticar uma atividade geral de comunicação entre grupos é preciso usar a reflexão e a experiência, podemos, então, nos permitir observar que as ideias de Pym sobre as teorias da tradução se parecem com as ideias de Berman, considerando os processos de teorização como sendo reflexões sobre as traduções feitas a partir da sua natureza

de experiência. Podemos dizer que a tradutologia permite uma tradução mais abrangente, que consegue atingir todas as culturas universais, independentemente de espaço geográfico ou cultural. Voltando ao exemplo acima sobre a teorização da tradução das três primeiras frases, concordamos que para teorizar da primeira a segunda e terceira tradução foi preciso refletir sobre o que a falta de especificação causaria como dano na tradução para o receptor de outra cultura. Portanto, foi preciso ter a experiência da elaboração da primeira tradução para, assim, comparar as duas culturas, a de partida e a de chegada, e chegar à teoria com uma maior especificação do papel social dos sujeitos e do local.

### 3.1.2 Edwin Gentzler

Edwin Gentzler é americano e nasceu em 1951, tendo estudado na Universidade Livre de Berlim e no Vanderbilt Kenyon College. É professor emérito de literatura comparada e ex-diretor do Centro de Tradução da Universidade de Massachusetts, Amherst. Em 1993, publicou *Contemporary Translation Theories* [Teorias contemporâneas da tradução] pela editora Routledge, de Londres e Nova Iorque. Em 1998, a obra foi publicada em italiano, no volume *Teoria della traduzione: tendenze contemporanee*, organizado por Margherita Ulrych e traduzido por Maria Teresa Musacchio. Em 2008, publicou o livro *Translation and Identity in the Americas: New directions in Translation Theory* [Tradução e Identidade nas Américas: Novos rumos em Teoria da Tradução] e, em 2016, publica *Translation and Rewriting in the Age of Post-Translation Studies* [Tradução e Reescrita na Era dos Pós-Estudos da Tradução].

Dentre as suas obras, nos interessamos pelo livro *Teorias contemporâneas da tradução*, traduzido por Marcos Malvezzi e publicado pela editora Madras em 2009. Nessa obra, Edwin Gentzler analisa cinco abordagens contemporâneas. A primeira (capítulo 2) é a “Oficina Norte- Americana de Tradução”, no qual ele explica a situação da tradução literária nos Estados Unidos:

No início da década de 1960, não havia oficinas de tradução em instituições de aprendizado superior nos Estados Unidos. A tradução era, na melhor das hipóteses, uma atividade marginal, não considerada pelo meio acadêmico uma área devida de estudo no sistema universitário. (GENTZLER, 2009, p. 27)

Nas culturas bantos da RDC, podemos dizer que sempre existiram traduções informais, sem necessidade da escrita, muito menos de teorias. A oralidade, os traços culturais e as posturas das pessoas permitem o entendimento entre duas línguas e culturas bem diferentes, o que acabou fazendo com que se encontrem palavras semelhantes em várias línguas bantos. Como exemplo, podemos citar “ntu” que é o singular de “banto” (pessoa), e que acaba sendo se repetindo em

variantes como “mutu, muntu” em swahili, kiluba, kisanga, lingala, ou em kikongo etc.; “mutu” significa cabeça em lingala, em kikongo e outras línguas bantos; “moto” significa fogo em swahili, lingala e outras línguas bantos.

O que poderemos chamar de oficina de tradução de línguas bantos seria o exercício diário de traduzir o que os idosos da família querem expressar para os visitantes, para o médico, até para o pai ou a mãe quando são de diferentes etnias. Quanto aos traços culturais, as culturas ou etnias têm como expressar-se pelas tatuagens do corpo masculino ou feminino. As formas de se vestir e pentear indicam a localização da etnia de uma mulher, seu estado civil e até mesmo suas intenções. Por exemplo, na etnia luba e em algumas outras, quando a mulher está com o cabelo trançado em pé, significa que ela é solteira e pode ser cortejada. Esse aprendizado é feito nas iniciações de mulheres e de homens. Cada etnia tem sua forma de iniciar seus jovens. Esta “oficina” se abre para as meninas logo que fizer a primeira menstruação e para os meninos quando chega a hora de circuncisão quando se está falando da cultura luba do Katanga.

No mesmo capítulo, o autor descreve algumas teorias e autores sobre a tradução e culturas. "A premissa da oficina de tradução", citando Jonas Zdanys em : "Teaching Translation: Some Notes Toward a Course Structure, 1987 (p. 31); I. A. Richards : "Nova crítica e tradução" em "Practical Criticism, 1929 (p. 32); Ezra Pound: "Teoria dos detalhes luminosos"(p. 38); Frederic Will: " O paradoxo da tradução" (p. 48), "O processo de tradução literária"(p. 56); Lawrence Venuti: “Repensando a tradução” (p. 62).

Gentzler (2009) também fala sobre a “Ciência da Tradução”, “Os estudos da tradução”, “A teoria dos polisistemas” e “A desconstrução”. Essas abordagens são contemporâneas por terem começado em 1960 e continuarem influentes até hoje.

No capítulo 4, o autor se debruça sobre os primeiros estudos de tradução onde ele afirma que dois modos predominavam na década de 1970.

Ambos os lados limitavam os tipos de textos tratados para mostrar que suas metodologias tinham a maior vantagem, vendo o trabalho e as realizações do outro com ceticismo: os tradutores literários descartavam qualquer análise linguística científica; os linguistas dispensavam a análise literária não científica (GENTZLER, 2009).

Durante a pesquisa de campo na RDC, observei que o país tem poucos tradutores que se formaram em tradução, a maioria são linguistas e literários e no grupo de discussão sobre tradução, há ainda essas procuras de demonstrar que uma das ciências é mais adequada no uso de tradução das línguas bantos para o francês. E, também observei que ambos se dão a obrigação de traduzir primeiro para a língua europeia antes de passar para a outra língua banto.

### 3.1.3 Haroldo de Campos

Em *Metalinguagem & outras metas*, publicado em 2006 pela Editora Perspectiva, nos interessou o segundo capítulo: “Da Tradução como Criação e como Crítica.”, no qual Haroldo de Campos explica a gênese da tradução criativa no Brasil, do seu ponto de vista:

No Brasil, não nos parece que se possa falar no problema da tradução criativa sem invocar os manes daquele que, entre nós, foi o primeiro a propor e a praticar com empenho aquilo que se poderia chamar uma verdadeira teoria da tradução. Referimo-nos ao pré-romântico maranhense Manuel Odorico Mendes (1799-1864). (CAMPOS, 2006, p. 38)

Entendemos que, para Campos, o que no tempo de Odorico Mendes (1799-1864) era considerado como erro, hoje pode ser chamado de “tradução criativa”. Na pesquisa de campo em Kamina, Lubumbashi, Likasi, Kolwezi e Kinshasa (RDC), percebi que há ainda dificuldades de se trabalhar com a tradução criativa nas publicações oficiais, mas na maioria do tempo, mesmo durante as aulas na universidade, alguns professores de línguas explicam conteúdos de contos congolezes em várias línguas bantos da RDC para criar um clima na imaginação de cada aluno ouvinte. Mas, até hoje há um grande distanciamento entre contadores de contos e professores de estudos linguísticos e literários. Este fato inibe os jovens para se lançarem a uma atividade de estudos da tradução de línguas bantos da RDC. Para a cultura atual, que é herdada do colonizador, trabalhar com línguas bantos não é um trabalho intelectual de valor, pois qualquer pessoa pode cumprir essa tarefa. Isso nos leva às observações de Campos nesta mesma obra:

O problema da tradução criativa só se resolve, em casos ideais, a nosso ver, com o trabalho de equipe, juntando para um alvo comum linguistas e poetas iniciados na língua a ser traduzida. É preciso que a barreira entre artistas e professores de língua seja substituída por uma cooperação fértil, mas para esse fim é necessário que o artista (poeta ou prosador) tenha da tradução uma ideia correta, como labor altamente especializado, que requer uma dedicação amorosa e pertinaz, e que, de sua parte, o professor de língua tenha aquilo que Eliot chamou de “olho criativo”, isto é, não esteja bitolado por preconceitos acadêmicos, mas sim encontre na colaboração para a recriação de uma obra de arte verbal aquele júbilo particular que vem de uma beleza não para a contemplação, mas de uma beleza para a ação ou em ação. (CAMPOS, 2006, pp. 46-47)

Essas observações, vistas como pertinentes por muitos poetas e professores brasileiros, poderia nos ajudar a começar um trabalho muito importante nas comunidades da RDC, que começará primeiramente por criar a consciência artística de vários contadores de contos e poetas congolezes, que ainda não se consideram artistas, mas como pessoas a serviço de autoridades ou famílias que, de vez em quando, se apropriam de suas exposições orais ou escritas. Pois,

enquanto esses “artistas” não se valorizarem, estarão sempre à mercê da comunidade professoral que os tratam como subalternos, enquanto se aproveitam para usar suas artes da cultura oral em seus estudos, sem nenhum crédito ou citação.

Contrariamente a isso, observei que um trabalho de equipe na cultura luba do Katanga se produz quando se trata de compreensão de provérbios. Podemos dizer que a explicação dos significados de provérbios luba do Katanga é uma tradução de uma linguagem sábia/comum para a linguagem científica. Tivemos a oportunidade de ler alguns trabalhos resultando de pesquisas aprofundadas sobre os “Kindi” (provérbios kiluba de Katanga) dos professores:

Phinnées Yumba Musoya Banza, linguista africano, em *Administration de la justice coutumière chez les Baluba* [Administração da justiça de hábito locais baluba], nota:

O código só existente no direito positivo escreve, os provérbios servem, na verdade, como adágios que devem ser evocados pelas partes comparecentes, por um lado, para fundamentar as suas súplicas com vista à persuasão; e pelos juízes, por outro lado, para solicitar esclarecimentos, examinar a complexidade de um caso, provar inocência ou culpa etc. A linguagem consagra a autenticidade interpretativa. E a linguagem jurídica de Baluba foi formalizada em seus Nkindi, que constitui os princípios gerais do direito, que existiam antes da colonização.<sup>120</sup> (BANZA, 2019, capa do livro)

YUMBA Musoya Banza Phinnées nasceu na província de Haut Lomami/RDC em 1972, é doutor em linguística africana pela universidade de Lubumbashi/RDC desde 2008 e é professor na universidade de Kamina desde 2015. Desde 2016, ele assume as funções de Diretor Geral do Instituto Superior Pedagógico (ISP) de Kamina, de acordo com seu *site* pessoal. Este fato nos levou a convidar o Professor Yumba para ser nosso coorientador, missão que ele vem cumprindo com muita competência nos ajudando a acessar vários conhecimentos sobre as culturas e línguas bantos da RDC, sobretudo a língua swahili que estamos traduzindo para o português brasileiro.

Bondo Mulunda (professor de estudos literários), autor de *“De la brachylogie dans les proverbes du kílúba: Contribution de la pragmatique à la parémiologie”* (Da braquilogia nos provérbios kílúba: contribuição da pragmática à paremiologia) publicado em 2019 pela editora EDILIVRE, de Saint Denis, França.

---

<sup>120</sup> Le code inexistant qu'en droit positif écrit, les nkindi (proverbes) serve, en effet, des adages que doivent évoquer les comparants, d'une part, pour appuyer leurs plaidoiries en vue de la persuasion ; et les juges, d'autre part, pour solliciter les éclaircissements, examinateurs de la complexité d'une affaire, prouver l'innocence ou la culpabilité, etc. le langage consacre l'authenticité interprétative. Et le langage juridique des Baluba a été formalisé dans ses proverbes qui constituent les principes généraux du droit, qui existaient avant la colonisation. (YUMBA : *Administration de la justice coutumière chez les Baluba*, EUE, 2019, capa do livro).



Este autor nasceu em Lubudi, província de Lualaba/RDC, em 1953. Ele é doutor em línguas et literaturas francesas, professor na universidade de Kamina e diretor geral do Instituto Superior de Técnicas Médicas de Kamina. Mulunda é também professor visitante em várias outras universidades do país e participou de colóquios internacionais com textos publicados em várias áreas (linguística, pragmática, semiologia e didática do francês). Um de seus artigos, “Giambatista Vico ou o implícito de uma chamada à transculturalidade” [Giambatista Vico ou l’implicite d’un appel a la transculturalité], publicado em 2018 nos *Cahiers de langue et de littérature* [Cadernos de língua e de literatura], n. 14, 2018, pp. 81-92, foi traduzido por mim e pelas colegas Brenda B. Thomé e Ana Carolina de Freitas e publicado na revista *Qorpus*, vol. 12, n. 3, agosto de 2022.

Falando do nosso corpus, podemos classificar a autotradução de Yaya Asani entre as três línguas usadas (francês, swahili e lingala) como criativa, pois isso justificaria o fato de usar o mesmo título de cada capítulo, mas com conteúdo distribuído em duas páginas. O francês, que resolvemos identificar como sendo “original”, ou “língua de partida”, ocupa uma página inteira, o swahili ocupa meia página cheia e a tradução o lingala contém umas poucas palavras.

### 3.1.4 José Lambert

Para falar de José Lambert, utilizamos a entrevista que ele concedeu aos professores Andréia Guerini (hoje coordenadora da PGET) e Walter Carlos Costa (orientador deste trabalho), republicada para os 20 anos da revista *Cadernos de Tradução* (GUERINI; COSTA, 2016, pp. 131 - 136)<sup>121</sup>. Na nota de rodapé da página 131, os autores apresentam José Lambert como sendo:

Fundador, junto com James S. Holmes e Gideon Toury, da disciplina Estudos da Tradução. Professor e pesquisador aposentado da Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica), José Lambert foi professor visitante de 2009 a 2015 na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e, desde 2015, é professor visitante na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará. (GUERINI; COSTA, 2016, p. 131)

Nessa entrevista, Lambert falou do artigo "Produção, Tradução e Importação", no qual diz ter formulado regras a respeito da dinâmica das sociedades.

Formulei regras a respeito da dinâmica das sociedades em um artigo muito breve, e não ousava ir muito longe neste sentido (“Produção, Tradução e Importação”). Atualmente, iria muito além no sentido de uma interpretação sociocultural das traduções, pois é certamente disso que convém falar: a questão das línguas, das literaturas se estabelece

<sup>121</sup> *Vozes tradutórias: 20 anos de Cadernos de Tradução*. Andréia Guerini, Marie-Hélène C. Torres, Walter Carlos Costa, organizadores. Florianópolis: DLLE/UFSC, 2016. pp. 131-136.

– Frequentemente de maneira específica – dentro (e jamais fora) deste amplo quadro. (LAMBERT, 2016, p. 133)

Entendemos com isso que podemos estudar as traduções nas sociedades de cultura oral, sobretudo quando Lambert procura mostrar que qualquer sociedade está fundada em atividades centrais. No caso da RDC, essas atividades são a produção dos filhos como prioridade, e que conseqüentemente vai necessitar de produção econômica. O objetivo maior de uma família da RDC é produzir muitos filhos para que assim a família possa produzir mais economicamente. Facilmente encontra-se naquele país uma família com 20 filhos de mesma mãe e mesmo pai. A mulher pode ter filhos sendo ou não casada, sem nenhum problema, pois filhos fazem parte da produção central de uma família, e logo em seguida vem a produção econômica. Essas atividades centrais no caso da RDC são extraídas dos princípios das vivências traduzidas continuamente em cada época. A interação na RDC acontece muito frequentemente nos casamentos entre pessoas de etnias ou comunidades diferentes. Lambert observa que essas forças ou atividades centrais têm dosagem que depende de muitas coisas, e variam sempre (p. 133). Efetivamente, na RDC há muitas comunidades, cada uma com sua forma de entender a formação das atividades principais. Um exemplo é quando uma mulher tem um filho sem ser casada: o filho pertence à família dela ou do pai se este reconhecer a criança como sua e se a cultura da etnia dele for patriarcal (quando os filhos pertencem ao pai), e se ela vier a se casar, para algumas comunidades o filho passará a ser do marido, mas para família de regime matriarcal, esse filho continuará a pertencer à família da mulher. Em algumas sociedades quando o homem viaja e a mulher tem um filho com outro homem sem ter se separado oficialmente, este homem não terá direito à paternidade, pois a criança pertencerá ao marido traído. Isso para descrever que cada comunidade, por menor que seja, tem suas especificações que se traduzem na forma de vivência. A partir disso, concordamos com Lambert quando ele diz que: “Na realidade, a valorização das forças em questão dá quase sempre lugar a debates, lutas, até mesmo a guerras (civis)”. (p. 133). Quando ele explica que : “ [...] uma das estratégias seguidas em quase todas as traduções consiste em simular a tradição [...]” (p. 133). Mas, indagamos se neste caso, podemos falar também de “experiência” e “reflexão”, pois para simular uma tradição é preciso ter passado ou passar por experiência seguida de reflexão ou não?

Ao responder à pergunta dos entrevistadores: "Qual é o papel da tradução em um mundo cada vez mais globalizado?", Lambert afirma que "é verdade que a maior parte das traduções dão lugar a relações triangulares ou a interações bem mais complexas, no interior de duas ou várias culturas." (p.133). Concordamos com Lambert quando, ao responder à pergunta: “Você acha que hoje a tradução é atualmente tão ou mais importante do que foi no passado?”,

ele finaliza dizendo que : "[...], mas a tradução tradicional (do tipo binária, mais local) não desapareceu e não desaparecerá." (p.134). Pois, durante a nossa pesquisa, observamos em campo que na RDC só se fala em tradução quando se trata das línguas ocidentais, no caso o francês, inglês e outras. Quando se trata de línguas bantos entre elas, as pessoas, por mais instruídas que sejam, costumam usar os termos "falar bem", "repetir". "Falar bem" porque durante a colonização havia línguas de comunicação com os senhores, aqueles que falavam bem eram os que falavam a língua que eles entendiam. No caso do Katanga, além do francês, o falar bem é até hoje o swahili. Então não há possibilidade de se valorizar as outras línguas a partir do momento em que não são consideradas ainda como importantes pela própria população, e, sobretudo, pelos intelectuais da região. Ser instruído, para eles, é saber falar e escrever a língua dos colonizadores, que nesse caso é o francês. Da mesma forma, culturalmente, ser civilizado é saber comer à mesa usando a faca na mão direita e o garfo na mão esquerda. As crianças devem "falar" o francês desde cedo, e não a língua banto. Na pesquisa de campo, fizemos algumas visitas e percebemos que a tradução é tão desconsiderada que os mais velhos, quando falam de problemas de adultos, falam nas línguas étnicas, pois têm certeza de que as crianças nunca entenderiam o que eles falam, e mesmo se entendessem, são consideradas "coisa de adulto", que os pequenos não podem repetir, muito menos traduzir.

Concluimos que algumas culturas bantos ainda preservam suas línguas só para os nativos, para assim reforçar sua união e se proteger contra os estrangeiros. É verdade que as escolas e universidades oferecem cursos de línguas nacionais, além do francês e do inglês. Existem cursos de swahili, tshiluba (não confundir com kiluba, pois as duas línguas são de duas etnias diferentes), lingala e quicongo. Apesar disso, a tradução entre essas línguas não é valorizada, ela acontece automaticamente e as pessoas que fazem isso não são consideradas profissionais, pois há pouca gente que escolhe estas línguas para os estudos, quanto menos para publicações. O livro VCT (*Vraiment Congo une Tribu*) é um dos raros romances publicados em swahili, mas, para atingir o seu objetivo, o de levar a população a gostar da leitura, o autor usou em destaque a língua francesa para descrever os bastidores da história da RDC.

A necessidade de uma gestão em matéria de língua (p. 136), pregada por Lambert, é válida também para a RDC, pois muitas pessoas se sentem excluídas do desenvolvimento do país por simplesmente não terem acesso às línguas de comunicação oficial. As vozes dessas pessoas são caladas, ou expressas sem uma assistência profissional, para que possam se comunicar adequadamente com os interlocutores, como turistas, investidores ou outros. VCT veio na realidade para demonstrar que é possível ler ou ouvir a história nacional em sua própria língua e que essa história pode ser compartilhada mundialmente.

O livro *Literatura e Tradução*, organizado por Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Carlos Costa, foi publicado pela editora 7 Letras, do Rio de Janeiro, em 2011. Subtitulado *Textos selecionados de José Lambert*, contém 12 textos de José Lambert, dentre eles "Em busca dos mapas-múndi das literaturas", traduzido por Walter Carlos Costa (pp.19 - 37). Nesse texto, Lambert afirma:

Outra debilidade maior do conjunto da pesquisa literária é seu eurocentrismo: a tentativa de aplicar os novos modelos teóricos às literaturas e culturas de outros continentes revelam até que ponto nossos esquemas de trabalho foram influenciados pelo pensamento ocidental, que guardou a nostalgia do pensamento universalista do século XVIII. (COSTA, 2011, pp. 19-20)

Durante a nossa pesquisa de campo, entrevistando alguns professores e estudantes das universidades de Kamina e de Lubumbashi, percebemos que a literatura é ainda embasada nos valores ocidentais, como Lambert (2011, p. 19-20) descreveu. Os grandes professores de literatura escrevem em línguas ocidentais para poderem seguir as normas colhidas nos fundamentos teóricos que, como Lambert (2011, p.19-20) sublinha, continuam a utilizar "os trabalhos de síntese mais enfaticamente recriminados", tais como as histórias das literaturas a serem usadas como fonte de informação indispensáveis apesar de suas limitações, bem claras no caso da RDC.

Durante a nossa pesquisa, percebemos as inquietações de Lambert sobre a postulação da validade mais ou menos geral pelas teorias, pois dificilmente se pode encontrar uma literatura oral na RDC em línguas bantos que possa ser preservada e assim demonstrar a sua ancestralidade. No país, são poucas as pessoas de idade que podem aceitar de se sentar e contar um romance, um conto, uma poesia e, quando conhecem essas histórias, nenhum jovem quer ouvi-las, pois isso é considerado como falta de civilização e perda de tempo. Por isso, os idosos cultivadores que pagaram os estudos dos filhos com a renda de seu cultivo, hoje encontram-se negligenciados e, na sua maioria, morrem sem terem repassado suas experiências, seus sonhos, suas satisfações ou não com a vida. Por não terem a quem contar sobre uma história vivida, presenciado ou imaginado, os idosos são descartados da sociedade e morrem silenciosamente, levando consigo seus saberes. Efetivamente, na RDC, o conceito de literatura continua negligenciando a cultura oral apesar de que em muitos países ocidentais se estuda as literaturas orais, não só nacionais como as estrangeiras. Há uma bibliografia enorme sobre literaturas indígenas estado-unidenses. Por outro lado, há vários pesquisadores estrangeiros que pesquisam a literatura dos cantadores e dos cordelistas brasileiros, com destaque para pesquisadores

franceses. Nas escolas da RDC valoriza – se os contos europeus como protótipo das literaturas, abandonando a sua própria cultura oral e os valores da oralidade africana.

As universidades de Kamina e de Lubumbashi têm suas referências nas universidades ocidentais, pois é preciso muita devoção e sacrifícios para recriar uma ideologia nacional na qual nossas culturas e línguas poderão ter valores e assim criar suas próprias teorias que poderão ser introduzidas como contribuição para a literatura em geral. Detectamos durante a pesquisa alguns esforços de certos professores nos departamentos de Letras das duas universidades, mas, como dito acima, os próprios estudantes não valorizam suas línguas nativas, pois desde o berço os pais ensinaram ou mandaram ensinar-lhes o francês, que é tida como língua da civilização. Com isso, não sentem necessidade de aperfeiçoarem as línguas de origem, muito menos de estudarem a tradução destas entre elas, delas para o francês e do francês (e outras línguas europeias) para elas.

Se formos classificar as traduções na RDC, segundo Lambert, diremos que as traduções que envolvem as línguas bantos são consideradas como "particulares". Pelo que observamos, os departamentos de Letras da RDC, em geral, e, em particular, o da Universidade de Kamina, estão valorizando as línguas bantos e contribuindo para a reconstrução das literaturas dessas línguas. Essa iniciativa tem como objetivo levar as línguas bantos a interagir entre elas e com as línguas ocidentais e orientais, embasadas em suas próprias concepções. Só então poderemos tornar as traduções literárias destas línguas em universais.

Lambert (2011), fala de vários assuntos que nos interessam e que poderemos abordar nos próximos capítulos, tais como “O Mapa-múndi das Línguas”, “Mapas de línguas, nações e literaturas”, “Para Além dos livros de síntese”, “Estado de lugares e estado de trabalho”.

### **2.15 3.3 OS TRAÇOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO**

Haroldo de Campos (1992) afirma que a tradução não tem um começo na história do homem. Ela surge com a linguagem, de modo que se operássemos uma redução total do conceito, arriscaríamos dizer que todo ato comunicativo é também um ato tradutório, já que implica uma interpretação ativa por parte do receptor, que dá sentido à mensagem a partir do seu próprio universo linguístico e conceitual, segundo Steiner (1975). Ele explica que isso se dá porque, embora usemos as mesmas palavras numa dada língua, seus sentidos não são estanques, muito menos seus usos, e, assim, cada indivíduo opera na língua um pequeno desvio do que seria seu suposto padrão. Percebemos estes pequenos desvios quando da pesquisa no quilombo do Cangula em 2012. Em certos momentos, eu me sentia conversando com africanos e não com

afro-brasileiros; isso se deu por causa das formas de se expressarem, os movimentos corporais e entonações de voz. Nesse sentido, Haroldo de Campos observa que o dicionário não resolve a língua, já que não é capaz de prever usos, mas apenas atesta os usos mais correntes de cada termo no passado.

Falando de tradução, conseqüentemente deve-se falar da crítica da tradução. Sendo assim, apresento um resumo de um título muito interessante e que nos faz refletir sobre a tradução e suas crítica: "A que são fiéis tradutores e críticos de tradução?".

Na obra *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, Rosemary Arrojo apresenta 10 ensaios, que segundo ela têm como meta comum a valorização da tradução enquanto reflexão teórica e enquanto atividade profissional. Vamos resumir o primeiro ensaio que tem como título: " A que são fiéis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher Discutem John Donne". Nos preliminares, a autora traça o histórico da polêmica entre a crítica e a tradução do texto de John Donne: O Poeta do Amor, e da Morte, antologia bilíngue organizada e traduzida por Paulo Vizioli. E, indagando-se na avaliação de uma tradução, o crítico considerará o mesmo "original" que o do tradutor? No caso, se o crítico e o tradutor concordariam sobre os significados do texto de partida? Ela então afirma que o corpus do trabalho dela será sobre a reflexão que se desenvolve em torno dessa pergunta. Nas perspectivas teóricas, ela demonstra as suas preocupações quanto aos problemas teóricos da tradução que são opostos ao conceito tradicional de texto "original" e o conceito tradicional de fidelidade e à visão do ato de traduzir que eles propõem. A autora descreve as teorias emergentes da tradição intelectual ocidental de linguagem começando por Jaques Derrida e seu "significado transcendental", em seguida ela explica como a tradição considera que a melhor tradução é a que chega mais próximo do "original" se opõem a algumas correntes do pensamento contemporâneo, citando Michel Foucault e sua "arqueologia", a "semioclastia " de Roland Barthes e a "desconstrução" de Jacques Derrida" que trazem a influência do pensamento de Friedrich Nietzsche e da revolução intelectual instalada por Freud no centro da reflexão do homem sobre si mesmo. Para terminar a revisão teórica, a autora afirma que ao avaliar uma tradução, ao comparar o texto traduzido ao "original", estaria se comparando a tradução à interpretação do "original" que, por sua vez, jamais poderá ser exatamente a "mesma" do tradutor. No confronto Tradutor x Crítico, a autora descreve o embate partido da resenha publicada por Nelson Ascher com comentários sobre as traduções de Paulo Vizioli paralelamente as traduções do poeta e ensaísta Augusto de Campos e, respondido por Paulo Vizioli. E por fim, ela faz a crítica da crítica onde ela explica que, o que Ascher contrapões a Vizioli não é a "essência" da poesia de Donne, mas sua própria visão da visão crítica de Augusto

de Campos sobre o mesmo poeta. Da mesma forma, o que Augusto de Campos vê e admira em Donne, é o que vê e admira em outros poetas do passado e do presente, aos quais atribui pontos em comum com o Concretismo, movimento estético do qual é figura proeminente. Ela também afirma que enquanto a tradição na qual se inscreve Augusto de Campos valoriza "a luta com a linguagem, os jogos de palavras", a tradição à qual se filia Vizioli parece privilegiar outras características. Também, nos faz observar que enquanto Augusto de Campos privilegia o wit - o gosto pela ironia, pelo paradoxo e pelo jogo de palavras - Vizioli privilegia o que ele mesmo chama de "o terrível dualismo" da época em que viveu Donne. A autora continua explicando que segundo Ascher, apesar de Vizioli ser um tradutor "erudito", capaz de oferecer com seu trabalho o subsídio para o estudo e a apreciação da poesia de John Donne, seus esforços não conseguem "realmente" produzir um Donne em português, porque não atingem a "essência" do texto inglês; ela prossegue dizendo que portanto, a tradução de um poema, ou de qualquer outro texto, será fiel à visão que o tradutor tem desse poema e, também, aos objetivos de sua tradução. Ela termina afirmando que tanto Paulo Vizioli quanto Augusto de Campos são "fiéis" à suas concepções teóricas acerca de tradução e acerca da poesia de Donne e, desta forma, tanto as traduções de um como de outro, são legítimas e competentes. Inevitavelmente, as traduções de cada um deles agradarão aos leitores que, consciente ou inconscientemente, compartilharão de seus pressupostos, e desagradarão àqueles que, como Ascher, já foram seduzidos por pressupostos diferentes.<sup>122</sup>

Podemos dizer também que "A posição da literatura traduzida no polissistema literário" faz parte dos traços da tradução, assim fizemos o resumo deste texto de Even-Zohar, Itamar. (1999). O trabalho é dividido em 5 partes. Na primeira parte o autor explica que poucas pesquisas foram realizadas sobre a literatura traduzida no polissistema literário. As traduções são mencionadas somente quando não há escolha como no caso da Idade Média ou Renascimento. Sem ser incorporadas ao relato histórico de maneira coerente, pode encontrar-se referências esporádicas a traduções literárias específicas em outros períodos. Por isso, é difícil ter uma ideia sobre a função da literatura traduzida numa literatura ou qual é sua posição dentro dessa literatura. Não se tem consciência sobre a existência da literatura traduzida como um sistema literário específico. Usa-se como conceito, antes de "tradução" ou de "Obras traduzidas". Ele então pergunta, se há motivos para justificar uma concepção que considera a literatura traduzida como um sistema? Será que existe uma rede de relações culturais e verbais que parecem um grupo de textos traduzidos tais como propostos entre obras traduzidas da

---

<sup>122</sup> Paulo Vizioli e Nelson Ascher Discutem John Donne1 In: Arrojo, Rosemary A813t Tradução, desconstrução e psicanálise/Rosemary Arrojo. Rio de Janeiro: Imago, 1993. Pp. 15-26.

literatura original? Qual tipo de relações pode ser estabelecidas entre obras traduzidas importadas de outras literaturas, destacadas de seus contextos locais e neutralizadas na visão das lutas entre o centro e a periferia? Para ele, as obras traduzidas se relacionam entre si de duas formas possíveis: sendo que os textos-fontes são selecionados pela literatura receptora, não tendo uma ausência entre princípios de seleção e ecossistemas da literatura receptora e pela forma de adoção das normas, hábitos e critérios específicos. Essas relações não se limitam ao nível linguístico, elas aparecem em qualquer outro nível de seleção. Assim, a literatura traduzida pode ter repertório próprio e exclusivo. O autor considera a literatura traduzida como um sistema integral de qualquer poli sistema e como um dos mais ativos dentro dele. Qual é a sua posição dentro do polissistema e como ela se relaciona com a natureza de seu repertório global? pode se deduzir da posição periférica da literatura traduzida em estudos literários, que ela ocupa uma posição periférica no polissistema, mas não é o caso. Depende da ordenação específica do polissistema para saber se a literatura traduzida é central ou periférica nele. Na segunda parte, ele deduz que a literatura traduzida ocupa uma posição central no polissistema literário e que ela participa da formação do centro do polissistema, sendo assim, uma parte integrante das forças inovadoras. Através de obras estrangeiras, certos traços são introduzidos na literatura local. A dinâmica do polissistema cria momentos históricos em que os modelos estabelecidos não são mais aceitos pelas gerações mais novas. Na terceira parte ele supõe que a literatura traduzida mantendo uma posição periférica significa que ela constitui um sistema periférico dentro do polissistema e que costuma utilizar modelos secundários. Nessa circunstância, ele não influencia os processos importantes e é construído de acordo com as normas estabelecidas. Neste caso a literatura traduzida passa a ser o principal fator de conservadorismo. Na quarta parte, ele explica que a literatura traduzida não deve ser sempre um sistema central ou periférico. Como sistema, ela é estratificada. Uma seção da literatura traduzida pode assumir uma posição central, enquanto outra permanece na periferia. ele lembra que deve se ter em mente que nem todas políticas são estruturadas da mesma forma e que as culturas diferem significativamente. Na quinta parte ele faz a pergunta de saber quais consequências sobre normas, hábitos e critérios de tradução o cargo pode ocupar? Em condições estáveis os elementos que faltam a uma literatura receptora não podem ser transferidos se o estado do polissistema não permitir inovações. Quando a literatura traduzida ocupa uma posição periférica, ela se comporta de maneira completamente diferente. O principal esforço do tradutor



é encontrar os melhores modelos secundários pré-estabelecidos para o texto estrangeiro e o resultado acaba sendo uma tradução inadequada.<sup>123</sup>

Martha Pulido<sup>124</sup> escreveu sobre a tradução e os conceitos que se ancoram na cultura no caso do Brasil colonial, em um capítulo do livro *História e historiografia da tradução: Desafios para o século XXI*, organizado por Germana Henriques Pereira e Thiago André Veríssimo, percorrendo o capítulo, encontramos o título: “A transcrição da fala dos indígenas nos discursos dos cronistas franceses: um ato que abre o horizonte de tradução?” (PULIDO, 2014). Essa pergunta é a mesma que podemos fazer sobre a transcrição da fala dos bantos nos cronistas belgas. Pulido observa que no Brasil não havia só a língua portuguesa, pois houve outros visitantes além dos portugueses. Ela cita Andrea Daher (2009), que analisou a relação do Tupinambás com os franceses nos séculos XVI-XVII, comentando como a língua Tupi foi sendo transcrita e introduzida em relatos franceses de quatro viajantes daquele país.

Paul F. Bandia (2005), em seu artigo "Esquisse d'une histoire de la traduction en Afrique", publicado em agosto de 2005, na revista *Meta*, examina a história da tradução na África subsaariana em seus períodos-chave. Bandia afirma que desde a época pré-colonial, a tradução e a interpretação sempre ajudaram a facilitar a comunicação entre diversos grupos, seja entre colonizadores e colonizados, seja entre as diferentes comunidades linguísticas de uma África altamente multilinguística e multicultural. A tradução está entre todos os setores de atividade na África há séculos, nos planos político, administrativo, cultural e religioso.

Bandia nota que a tradução envolveu combinações de diferentes línguas: árabe, línguas africanas e línguas europeias, incluindo formas tradicionais de tradução intersemiótica. Traçar uma história da tradução na África seria apresentar a história rica e complexa deste continente, de todas as trocas e contatos que formaram sua identidade e definiram o seu destino. Bandia sublinha que a história da tradução como área de pesquisa e de ensino é relativamente nova nos estudos da tradução. Esse fato, entre outros, explica a dificuldade de elaborar a história geral da tradução no continente inteiro. Ele lembra que algumas pesquisas de história da tradução forneceram informações importantes sobre a história da tradução na África pré-colonial. Por outro lado, os missionários europeus e os exploradores descreveram alguns aspectos da tradição oral africana no período posterior aos primeiros contatos entre a Europa e a África. Bandia menciona que “a língua altamente esotérica que usavam os chefes tradicionais ou sábios na

---

<sup>123</sup> Even-Zohar, Itamar. 1999 "A posição da literatura traduzida no polissistema literário". Tradução de Montserrat Iglesias Santos revisada pelo autor. Em *Teoria do Polissistema*, estudo introdutório, compilação de textos e bibliografia de Montserrat Iglesias Santos. [Bibliotheca Philologica, Série Lecturas] Madrid: Arco, pp. 223-231.

<sup>124</sup> Professora titular da Universidad de Antioquia, foi professora visitante da Universidade Federal de Santa Catarina. Ver Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6362075287830106>.

África tradicional pedia a necessidade de uma mediação de um intérprete para facilitar a comunicação entre o poder e o povo” (BANDIA, 2005, p. 959). Um sistema de escrita com base em pictogramas era usado frequentemente na África pré-colonial, e os especialistas da história antiga da África se basearam várias vezes nos trabalhos de peritos que sabiam decifrar essa forma de escrita. Bandia (2005, p. 960) observa que uma grande parte da história antiga da África foi reconstruída a partir da transliteração sistemática de tais pictogramas em alfabeto árabe ou latino.

Bandia (2005, p. 960) comenta que são atribuídos aos portugueses os primeiros contatos entre a Europa e a África negra. Os marinheiros portugueses teriam chegado ao rio Senegal em 1445, quando procuravam uma passagem marítima para a Índia. Os árabes já estavam presentes no continente há vários séculos, mas a chegada dos europeus estimulou ainda mais as trocas comerciais que existiam antes. Uma vez que os portugueses estavam assentados no continente, eles começaram a ensinar a escrita (em alfabeto latino) aos africanos. Bandia (2005, p. 961) afirma que as primeiras traduções de literatura africana para a língua europeia foram para o português e que há provas de que a literatura africana traduzida para o português alcançou seu auge no século XIX.

Paul Bandia é Professor titular da universidade de Concordia na faculdade de artes e de ciências, departamento de estudos francês, Canadá. Ele é africano dos Camarões, graduado em letras modernas bilíngues, Paris/Yaoundé, mestre em tradução pela Universidade de Montréal e PhD em linguística pela mesma universidade onde ele também executou várias funções acadêmicas. As áreas de interesse em suas pesquisas são a História e teoria da tradução, pós-colonialíssimo e tradutologia, etnografia e comunicação intercultural. heteroglossia literária, interculturalidade e transnacionalismo, sociolinguística e análise do discurso e literaturas francófonas e anglófonas. Ele publicou vários livros tais como *Agents of Translation*. John Milton and Paul F. Bandia (eds.). Amsterdam: John Benjamins Press. (s. presse) ; *Le concept bermanien de l'Étranger dans le prisme de la traduction post-coloniale*. número special, TTR : Antoine Berman aujourd'hui/ Antoine Berman for our Time, Alexis Nouss, (ed), 2002, 13 (2) : 123-139. Além disso, este autor fez muitas comunicações e resenhou vários autores sobre a história e teoria da tradução observando diversos momentos e culturas africanas.

Apesar deste artigo ter sido publicado há muito tempo (2005), para mim é uma referência importante se falando da história da tradução na África. O artigo começa por uma introdução que explica os preliminares da elaboração de uma história geral da tradução na África que começaram nos anos 1990 como sendo um projeto de subvenção da UNESCO pela

Federação Internacional dos Tradutores (FIT). Ele relata sobre alguns trabalhos feitos sobre a tradução antropológica ou etnográfica que a transcrição da tradição oral ou a escritura evangélica em línguas africanas tinham sido publicadas na África. Ele então menciona a obra de Delisle e Woodsworth, onde se encontra trechos sobre a África, sem mostrar adequadamente a riqueza e a complexidade da história da tradução no continente africano. Assim, ele afirma que até então não se encontra obras sobre a história geral da tradução e interpretação na África além de artigos e trabalhos sobre casos particulares ou certas práticas específicas. Ele também menciona que a história da tradução como área de pesquisa e de ensino é relativamente nova e ainda está tentando definir seus objetivos e sua metodologia. Para ele, este fato pode ser a explicação da dificuldade de constituir a história geral de tudo um continente. Em seguida, ele explica que o artigo quer expor um esboço de uma história geral da tradução e de interpretação na África, tentando colocar esta história acima das particularidades regionais e assim marcar um ponto sobre a situação da tradução e da interpretação na África no começo do século XXI. O autor termina a introdução mencionando que a época neocolonial da história da tradução na África é marcada por um desejo de internacionalização do trabalho de tradutor que atualmente se desenvolve no mercado mundializado. Ele menciona também que a tradução teve um papel maior na sobrevivência política, econômica e cultural dos povos da África em todas as épocas de sua história.

Bandia descreve a época pré-colonial explicando que a história oral, particularmente trabalhos de Vansina (1985), Bascom (1964, 1965), Finnegan (1970) e Okpewho (1992) forneceram informações preciosas sobre a história da tradução na África pré-colonial. Ele justifica que no começo, a história antiga da África foi transmitida pela tradição oral de geração em geração. O autor afirma que naquela tradição, a pessoa chamada às vezes de "linguístico profissional" se aproxima de uma certa maneira do tradutor/intérprete de hoje. A função dele era de porta voz oficial de uma comunidade ou uma etnia. Ele era muito respeitado, por ter um talento especial de narrar a história e a cultura, daí cuidava da preservação em memória o patrimônio de seu povo. Segundo Bandi, esses linguísticos profissionais, usufruíam de uma posição privilegiada na sociedade e um certo poder político, sendo porta voz dos chefes e dos reis. Muitos trabalhavam nos reinados do Mali, do Zimbábue ou do Gana, dentro de tantos outros. Ele cita Danquah (1928:42) dizendo que este indica que o "linguista" ashanti não só repetia claramente as palavras de seu chefe numa audiência, mas ele melhorava também o discurso de um chefe que não tinha eloquência. Em nenhum caso ele podia modificar o conteúdo. Bandia explica que o "linguista" podia prorrogar ou reestruturar as frases inserindo alguns comentários ou reflexões humorísticas. O autor afirma também que nas etnias, que nos

nossos dias encontram -se na esfera francófona, esses " linguistas" eram chamados de " griots". Os "griots" eram reconhecidos pela habilidade de falar várias línguas e com o papel de intérprete, a poesia de uma cultura podia ser divulgada em um vasto território em várias línguas e culturas. Bandia relata que uma outra forma de "tradução" que se encontrava em toda África pré-colonial é associada à linguagem dos tambores africanos. Este tipo de comunicação usa o instrumento para transmitir uma mensagem no lugar da palavra. Ele explica, que os instrumentos reproduzem o tom e ritmo da palavra. É também uma forma de comunicação linguística, pois a mensagem pode "traduzir" com palavras. Isso é possível porque as línguas africanas são línguas com tons. o tambor chamado de Tam tam é usado para comunicar de longe, convocar uma assembleia da aldeia, informar grande acontecimentos, ou mesmo dialogar entre comunidades. Segundo Bandia, a África pré-colonial conheceu também uma tradição escrita, mas os pesquisadores não dividem a mesma opinião sobre isso. Para certos pesquisadores, a escritura da tradição oral somente foi possível com a chegada dos Árabes no século IX e de Europeus no século XV. Outros mantêm que muitas convenções de escritura já existiam na África bem antes da chegada de estrangeiros (p. 961). O autor afirma que estes citam culturas alfabetizadas do vale do Nilo, as civilizações nubentes, faraônicas, etiópicas e outros. Bandia narra que trata-se de um debate importante, pois isso indicaria a presença de documentos literários e científicos escritos e traduzidos na África bem antes da chegada de estrangeiros. Ele menciona que um sistema de escritura à base de pictogramas era usada na África pré-colonial, os especialistas da história antiga da África se baseiam sobre trabalhos de peritos que sabem decifrar esta forma de escrita. Depois de afirmar que uma grande parte da história da antiga África é reconstituída a partir da tradução sistemática de tais pictogramas no alfabeto árabe ou romano, Bandia cita Mwangi ( 1980;1990) que faz referência aos traços de escritura pictorial em várias comunidades do Gana, dos Camarões e da República Democrática do Congo. Assim, acredita - se que os hieróglifos no Egito e as línguas amáricas da Etiópia foram escritos bem antes da chegada dos primeiros estrangeiros na África.

Concordamos com Bandia quando ele afirma que a tradução já existia na África no período pré-colonial, pois esses povos conviviam juntos mesmo não falando a mesma língua, isso significa que havia alguma forma de tradução, seja os "griots" ou os sons de tambores.

Este autor descreve a época colonial (Século XV - metade do século XX) como tendo início no primeiro encontro dos africanos com os Europeus e termina com o movimento de descolonização nos anos 1950 que deu a independência aos países africanos. Ele relata que nessa época a história da tradução na África teria dois períodos, a chegada dos europeus no século XV e o tratado de escravos; e o período da "pré-independência" que começa no século

XIX e caracterizado pela partilha da África. A chegada dos europeus, aqui o autor descreve a chegada dos europeus e registra os países por onde entraram pela primeira vez. Ele também descreve a necessidade de tradução e interpretação para permitir as trocas entre africanos, europeus e árabes. Para ele, os portugueses, para manter a sua presença no continente africano, começaram a ensinar a escrita em alfabeto romano aos africanos. Com isso, ele deduz que as primeiras traduções da literatura africana em língua europeia foram feitas em português. Nesta parte, ele também descreve como a tradução religiosa das obras de tradição cristã, muçulmana e africana procuravam se impor.

Ele situa a partilha da África preta na conferência de Berlin entre 1884-1885 e que este fato alavancou uma colonização de grande escala na África. Ele relata sobre a história da tradução naquela época que foi ligada às políticas adotadas pelos administradores coloniais europeus. Ele afirma que a literatura em línguas vernáculas era incentivada pelos missionários protestantes cujo objetivo principal era de converter os africanos para o cristianismo. Ele menciona que nesta época houve o declínio do "linguista profissional" ou "griot" pois os ocidentais consideravam que suas transcrições baseadas na tradição oral eram indiretas e inadequadas, por não ter acesso às técnicas de gravação atuais. Segundo este autor, é somente no final da época colonial que a tradição oral africana passou a ser acessível ao público em forma autêntica graças ao trabalho de escritores bilíngues e biculturais.

A época pós-colonial segundo Bandia (p. 964) é considerada como sendo as décadas de 1950 e 1960, que viram uma nova fase na história da tradução na África. Ele descreve que se praticava três tipos de tradução sendo: a tradução religiosa, a tradução literária e a tradução administrativa para a função pública. Depois de explicar cada tipo dessas traduções com suas especificidades, o autor narra que é nessa época pós-colonial que nasceu uma nova classe de escritores africanos. Esses escritores falavam perfeitamente a língua europeia na qual escreviam e a linguagem da tradição oral africana da sua origem. Ele menciona que naquela época os esforços dos colonizadores para traduzir e transcrever relatos culturais africanos, traziam como produtos finais, versões "colonizados" da literatura oral africana. Ele afirma que a África do leste foi influenciada pela tripla herança da região: a África, o Islam e a Europa. ele cita o autor queniano Ngugi Wa Thiong'o que escreveu em inglês durante muitos anos, ficou frustrado de a incapacidade da língua inglesa expressar as realidades e a essência da sua cultura, então ele decidiu escrever na sua língua materna o Kikuyu, para depois ele mesmo traduzir suas obras em inglês como é o caso do seu romance *Devil on the Cross* (1980). Neste mesmo período o autor observou traduções entre as línguas africanas e o árabe. Ele cita o swahili como sendo essencialmente o produto do contato entre o Islam e a civilização bantu. Ele afirma também que

um número considerável de escritos em línguas africanas foram traduzidos em suaili. (p. 966). Segundo Bandia, a herança afro-islâmica em suaili foi traduzida em inglês por pesquisadores tais como Lyndon Harries, James de Vere Allen, Ibrahim Shariff, Jan Knappert e outros (Gerard 1986: 10-49). Ele declara que o swahili é importante como língua franca sobre um grande território. Ele narra que depois da independência, a tradução administrativa continuou a se tornar importante, então os governos dos Estados africanos tentavam se adaptar a uma burocracia do ocidente deixada como herança colonial. Diante da necessidade de compor com as relações internacionais e os mercados mundiais, os países africanos sentiram a urgência de se comunicar com outras nações do continente mais também com o mundo todo. É neste contexto que a tradução entre línguas europeias se desenvolve na África na área dos negócios estrangeiros, administração, economia e cultura.

Para Bandia, a época neocolonial marca o contexto atual na África, muitas décadas depois as independências. Muitas organizações econômicas e internacionais foram criadas para melhoria da cooperação entre Estados africanos, isso faz chamada a tradutores de línguas europeias. O autor menciona que a OUA, atual UA foi fundada em 1962 declarando como línguas oficiais, o francês, português, inglês, espanhol e numa pequena medida o árabe. Esta decisão de usar as línguas europeias no lugar das línguas africanas como línguas de comunicação entre os membros da OUA, hoje UA, foi muito criticada severamente pelos que achavam nisso um sinal do futuro que esperava pela África. Várias organizações entre Estados africanos, adotaram as línguas europeias para se comunicar e sem exceção precisam de tradutores e intérpretes que trabalham com as línguas europeias.

O autor aborda a questão de formação dos tradutores na África explicando que nos anos depois das independências, os governos ao poder de vários países receberam a herança das línguas coloniais sem pessoal nem infraestrutura necessária para assumir este novo contexto linguístico. Isso fez com que as vezes empregava funcionários que só tinham o primeiro grau de estudos e falavam um pouco da língua do colonizador para servir de tradutor entre o povo e o governo. Com o tempo foi entendendo que a quantidade e o volume do trabalho necessitavam de uma formação de tradutores profissionais. Nas duas primeiras décadas que seguiram a independência, os governos africanos escolhiam melhores estudantes para enviar -los estudar nas melhores escolas de tradução da Europa e da América do Norte. Depois, ele cita os Camarões como sendo um bom exemplo de formação de tradutores depois da independência. Os Camarões é o único país que optou por duas línguas oficiais, inglês e francês, ele é citado como sendo o centro da tradução entre as línguas europeias na África, comparado muitas vezes com o Canadá onde as duas línguas são também oficiais. Ele revela que durante muito tempo

os tradutores camaroneses foram formados fora do país até 1980 quando se abriu a escola superior de tradutores numa das cidades daquele país. Bandia cita também outros países africanos onde tinha traduções entre as línguas europeias e vernáculas tais como a Nigéria e África do sul que tem 11 línguas oficiais. ele menciona também que a formação de tradutores é um fenômeno bem recente em vários países africanos.

Efetivamente, no meu país a República Democrática do Congo não há formações de tradutores, pelo menos nas universidades do Estado. Verifiquei na pesquisa efetuada em 2019. Observei que tem cursos de línguas nos departamentos de letras e os graduados daqueles curso fazem as traduções, mas não consegui encontrar um tradutor formado em estudos da tradução de línguas vernáculas para outras línguas. Percebi que as pessoas que traduzem entre as línguas vernáculas e as línguas europeias, não são considerados como tradutores profissionais, muito menos respeitados. Só se é tradutor quando trabalha com as línguas europeias.

É exatamente este Estatuto dos tradutores/intérprete transformado desde a era dos griots que falta de reconhecimento e respeito como era naquele tempo. O autor narra que somente os intérpretes de palestras parecem usufruir de uma certa satisfação de seu trabalho, viajando no continente para assistir às palestras internacionais. Qualquer que seja o país onde eles trabalham, os tradutores ao contrário, se queixam do seu estatuto pouco elevado que se dá à sua profissão. Ele cita Ihenacho (1985) que cita o exemplo da Nigéria onde os cargos de tradutores e de intérpretes ao ministério dos Negócios Exteriores foram abolidos. Eles são denominados "Agentes de negócios exteriores" porque este título é mais prestigiado do que o de um "simples" tradutor ou intérprete. O autor cita também o caso da África do sul onde os tradutores e intérpretes são chamados de "Trabalhadores linguísticos" para assim serem bem-vistos. Entretanto, eles executam mais as funções de relações públicas ou de comunicadores em geral, quando é nos serviços particulares, no estados são lotados em alguns países tal como Camarões, na presidência ou na Assembleia nacional da República. Ele menciona também que vários tradutores africanos preferem trabalhar nas organizações tais como UA, ONU, UNICEF, UNESCO e outras.

Na RDC meu país, encontrei em aeroportos vários tradutores que trabalham nessas organizações internacionais e trocamos algumas informações que me mostraram que na maioria se formaram fora do país e para se manter, eles preferiam viajar em conferências dessas organizações.

Quanto a Associações profissionais, o autor menciona que a falta de reconhecimento da profissão de tradutor na África é também provocada por falta de associações profissionais. Ele menciona que há algumas associações que nasceram, mas com a tendência de se associar

com organismos internacionais de tradução e de interpretação tais como a FIT ou AIIC. Ele narra que em 1982 a FIT em colaboração com a UNESCO tinha organizado uma reunião de consulta com os profissionais da área na África em Lomé no Togo com o objetivo de analisar os problemas da profissão. Houve várias recomendações tais como por exemplo a de se criar a associação de tradutores profissionais que deveriam se associar em estruturas regionais para intensificar sua ação. Ele então cita várias associações que se criam em países tais como da Nigéria e ele então menciona um grupo que ficou famoso na Tanzânia, pois virou a central de tradução em Suaíli para o continente africano inteiro e contribuiu de uma maneira significativa ao projeto terminológico mais ambicioso na África. Ele explica que se trata de um projeto entre duas organizações "Swahili Research" Centro da universidade de Dar es Salaam e "national Swahili Council (Baraza la Kiswahili la Taifa- BAKITA)" na Tanzânia. Ele explica que este projeto era também destinado a ver as questões da gramática para fazer do Suaíli uma língua da indústria e da tecnologia.

Hoje podemos afirmar que a Tanzânia conseguiu impor a língua suaíli como língua oficial e de comunicação no país e fora do país. Pois todos os discursos do presidente da Tanzânia hoje estão feitos em suaíli e traduzidos para outras línguas, inclusive europeias.

Na RDC a Associação dos profissionais de línguas da RDC - ATIPCO, estabelecia em Kinshasa na escola de Tradução e de interpretação da universidade pedagógica nacional, podendo ser transferindo num outro lugar do país se sua Assembleia Geral decidir. Os membros pretendem instalar um espaço para reuniões no Centro de negócios da cidade de Kinshasa para facilita os contatos. As atividades da Associação se estendem em toda a RDC e pode abrir escritórios de representação no país e no exterior. A Associação é formada de membros efetivos: pessoa física, de qualquer nacionalidade, exercendo a profissão sobre as línguas e a tradução em RDC e tendo um nível de educação até segundo grau. Membros associados: qualquer pessoa física ou moral, especialista em outras disciplinas, interessada ou trabalhando em diversas áreas científicas de interesses da associação, mas sua entrada deve ser aprovada pelo comité diretor da associação e a Assembleia Geral. Membros de honra ou de apoio, pessoa física ou moral que diretamente ou indiretamente contribui de uma forma especial ao funcionamento da Associação, lhe dando apoio moral, material ou financeiro para o seu desenvolvimento. A associação tem duas formas de adesão, adesão simples que custa 100\$(600,00 Reais) mensal e adesão prémio que custa 250(1.500,00 Reais) \$ mensal. A Associação organiza formações para



reforçar as capacidades de seus membros. suas formações são práticas e visam a atualizar os membros sobre o desenvolvimento da indústria de tradução.<sup>125</sup>

Depois de relatar sobre a história da tradução na África e a Associação dos profissionais de línguas na RDC, apresento em seguida uma resenha que eu fiz no final da disciplina de Metodologia de pesquisa em estudos da tradução - 2021.1, como aluna especial na POET - Pós-graduação em estudos da tradução da Universidade federal do Ceará, ministrada pelo meu orientador, Prof. dr. Walter Carlos Costa a quem agradeço o ensino e orientação.

A obra “*A tradução da cultura no setor de turismo: uma questão de aceitabilidade*”, com o título original: “*La traducción de la cultura en el sector turístico: Una cuestión de aceptabilidad*” de Jorge Soto-Almela, possui 138 páginas, está escrita em espanhol e é classificada como gêneros: Tradução Turística, Elementos Culturais, Técnicas de Tradução, Textos Turísticos, Publicações Turísticas. Ela foi publicada em Berlim, 2019 pelas editoras Peter Lang GmbH que oferecem o livro em PDF, ePUB, MOBI, ou em papel. Essas editoras internacionais das ciências, publicam a partir de várias outras cidades também: Berna, Bruxelas, Nova Iorque, Oxford, Warszawa e Vienna.<sup>126</sup>

O site da editoras Peter Lang GmbH informa que o autor é doutor em Tradução e Interpretação pela Universidade de Murcia, onde também cursou a Licenciatura em Tradução e Interpretação e o Mestrado em Tradução Editorial. Ele é professor desde 2012 no Departamento de Línguas da Universidade Católica de Murcia (UCAM). A sua atividade de investigação centra-se na tradução, línguas especializadas e linguística contrativa. O site informa também que este volume faz parte da coleção “*Estudios sobre línguas românicas e comunicação intercultural*”, dirigida pelos professores Gerd Wotjak, José Juan Batista e Dolores García-Padrón. Esta coleção acolhe anais de conferências sobre um espectro destes tópicos, incluindo linguística contrativa, tradução e contato com o idioma.

A estrutura do livro em PDF apresenta um sumário que vai da introdução e detalhando os itens dos capítulos 1 a 6, ela termina com menção de referências bibliográficas e apêndices 1 e 2.

Na sua introdução, Almela Explica que na Espanha, a especialização turística começou no final de 1950 e teve um recorde de chegada de turistas estrangeiros em 2017 quando alcançou a segunda posição mundial em número de chegadas de turistas, perdendo apenas pela França. Ele menciona que este fato traz um peso econômico no setor turístico do país, o que cria uma necessidade de projetar produtos turísticos e a qualidade na língua dos

---

<sup>125</sup> Ver mais em: <https://www.atipco.org/fr/>.

<sup>126</sup> Ver mais em: <https://www.peterlang.com/document/1111071>.

destinatários. Mencionando que a tradução está envolvida neste processo de internacionalização, sendo uma parte fundamental do marketing turístico. Isso faz com que, um texto turístico traduzido, seja uma ferramenta promocional poderosa que deve ter como objetivo principal de trazer um destino e uma cultura para os usuários finais usando uma comunicação cuidadosa. No entanto, o autor observa um baixo investimento destinado à tradução das campanhas para outras línguas. A causa deste baixo investimento, segundo ele, é a crença popular que classifica os textos turísticos como tendo um nível geral da linguagem, sendo que os textos turísticos são especializados e caracterizados por uma heterogeneidade linguística peculiar e fortes raízes culturais que os tornam complexos e os enquadram em uma situação de comunicação específica. Assim, ele anuncia que neste livro ele vai estudar em profundidade o texto turístico como texto especializado e a tradução da cultura como característica fundamental do discurso de turismo, dando prioridade à figura do receptor e sua cooperação necessária para o aperfeiçoamento da tradução turística. Ele menciona, citando Suojanen Koskinen e Tuominen, 2015, a necessidade de o tradutor buscar a obter evidências empíricas sobre necessidades e preferências do grupo receptor que se torna um fator condicionante de suas decisões. O autor, apresenta também os três pilares que compõe o livro: O texto turístico como gênero independente e especializado, a cultura como característica lexical determinante do discurso do turista e o destinatário como figura relevante com que o tradutor deve se preocupar ao tomar suas decisões.

Efetivamente, em muitos países há um baixo investimento destinado à tradução das campanhas turísticas para outras línguas além do inglês. Na África em geral e na República Democrática do Congo especificamente, não há nenhum investimento destinado à tradução dos produtos turísticos em línguas do próprio país, isso impede o turismo interno e favorece a desvalorização desses produtos dentro do próprio país. Pouco percebemos nas traduções de produtos turísticos, a preocupação com o receptor, pois é mais exibida uma cultura local para vender aos investidores ou colecionadores e não como elemento de intercâmbio, mas como um elemento isolado que se observa sem nenhuma possibilidade de interação além de ser vendido ou observado por um preço alto e bem determinado. Observo por exemplo que muitos objetos culturais africanos encontram-se em museus europeus, pois lá tem infraestruturas que traduzem em textos turísticos cada cultura encontrada pelo colecionador. Assim os turistas que visitam por exemplo o museu de Louvre, tem mais informações sobre as máscaras africanas do que os próprios africanos mesmo depois de visitar os locais originárias das máscaras expostas no Louvre.

No capítulo um, intitulado “*O texto turístico e sua tradução: em busca de uma identidade própria*”, Almela visa, em primeiro lugar, caracterizar o texto turístico para diferentes níveis, destacando sua multifuncionalidade e hibridismo. Ele explica que se oferece, além disso, uma análise exaustiva da rede de gêneros turísticos existentes hoje, de amplas famílias de gêneros a subgêneros. Neste mesmo capítulo, ele também trata da tradução turística e de endereços dizendo que, o fato de considerar los como tradução especializada, é uma das questões mais polêmicas. Por último, neste capítulo ele descreve a realidade da tradução turística na Espanha e busca a conscientização sobre a necessidade de profissionalização nesta área, apresentando os desafios que este campo enfrenta hoje para alcançar sua posição de direito.

Procurando ser bem específico nas suas propostas, o autor dividiu o capítulo em cinco pontos essenciais, onde ele define e explica largamente os termos e situações de seus locais: Multifuncionalidade e hibridismo do texto turístico; Características linguísticas do discurso do turista; Gêneros de turismo; Tradução especial; O tradutor de textos turísticos, dentro do qual ele analisa o que seria traduções de qualidade?

Além de embasamento teórico, Almela está neste capítulo, praticamente expondo orientações para qualquer tradutor que queira trabalhar com traduções turística, ao mesmo tempo que está alertando o seu país sobre a importância de investimento neste campo para a Espanha voltar a atrair mais turistas. Este capítulo pode ser útil para muitos outros tradutores, sobretudo nós que trabalhamos com a África, um continente que oferece muito mais do que o turismo comercial.

Ainda neste primeiro capítulo, o autor descreve os gêneros turístico e suas características usando a tabela de Calvi, 2006. p. 54-55. Esta tabela apresenta gêneros como sendo:

1. As guias turísticas que podem ter um formato de difusão livre, com a função de informar, aconselhar e dirigir, com uma tipologia textual descritiva, expositiva e instrutiva;
2. Os folhetos com formato de difusão, suspensão ou livreto, com a função de informar, promover imagem e seduzir e com a tipologia textual descritiva, expositiva e argumentativa;
3. Os anúncios publicitários com formato de difusão a imprensa e outros meios de difusão, a função de persuadir, promover imagens, vender produtos, a tipologia textual é argumentativa, exortativa, coloquial;

4. Os catálogos com formato de difusão, os fascículos, cadernos, com a função de persuadir, vender produtos e informar e com uma tipologia textual descritiva, instrutiva e argumentativa;

5. Artigos e reportagens com formato de difusão, Diários, jornais, com função de Informar, aconselhar, direcionar e persuadir e com tipologia textual descritiva, expositiva, narrativa e instrutiva;

6. Documentários de viagem com formato de difusão, Cartas e folhas individuais direto, a função é de prescrever textualidade, com a tipologia textual reduzida a formulários;

7. Página web com o formato de difusão, a Internet, a função de informar, aconselhar, persuadir, promover fotos, venda de produtos, com a tipologia textual descritiva, expositiva, narrativa, instrutiva, argumentativo e coloquial.

Observei que cada gênero tem o seu formato de difusão, mesmo que parecido como outro, cada um deles tem a sua função que neste caso pode ser a mesma por alguns gêneros, assim como as tipologias textuais de cada gênero. Com isso, o autor demonstra a importância das decisões tradutórias para cada gênero turístico. (ALMELA, 2019. P.19)

Na sua dissertação de mestrado com o título “*A tradução da tradição brasileira: a representação do Brasil em textos turísticos como fonte de construção identitária*” ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, em 2008, DALBEN, Tatiany Pertel Sabaini apresentou nas suas análises, algumas características dos textos turísticos que justificam a preocupação de Almela de buscar uma identidade própria no texto turístico e sua tradução. Por exemplo, a Dalben (2008) caracteriza os textos turísticos como podendo ser do tipo publicitário descritivo, semi-técnico, persuasivo, porque, oferecem ao turista/leitor a oportunidade de visualizar os locais, povos, culturas, tradições e histórias, assinalando os traços singulares etc. Esta afirmação se confirma também na tabela de Almela quando se observa que os gêneros citados na tabela dele, podem todos serem publicitários, pois guias turísticas podem ser encontrada nos locais de publicação e vendas de produtos turísticos, os folhetos com formato de difusão, são publicitários; os anúncios publicitários em si estão em formato de difusão a imprensa e outros meios de difusão; Os catálogos estão em formato de difusão; os documentários de viagem também não deixam de ser uma forma publicitária, muito menos as páginas da web. Dalben explica que é possível comprovar que os textos turísticos podem ser do tipo publicitário, pois eles se constituem de textos curtos e repletos de imagens, usando uma linguagem simples, por serem construídos em função de uma expectativa de venda. Nestes textos, evita – se de usar

uma linguagem mais rebuçada por medo de se criar uma barreira entre o texto, sua tradução e o cliente. (Balben, 2008, p. 44)

No capítulo dois: “*Texto e cultura turística: uma relação inevitável*”, ele aponta dois aspectos que ele considera fundamentais na tradução turística:

- i) referências culturais, dado o grande número de *culturemas*<sup>127</sup> presentes em textos turísticos;
- ii) as técnicas mais utilizadas para transferir elementos culturais neste tipo de texto. Diversidade estudada terminologia existente nos Estudos de Tradução para se referir aos elementos característicos de uma cultura. Ele termina o capítulo com esclarecimento de alguns conceitos básicos que posteriormente serão aplicados no estudo que ele realizou. Também neste capítulo, ele explica as técnicas específicas que ele usa, de acordo com os resultados de seus vários estudos descritivos usados para a tradução de *culturemas* em textos turísticos.

Neste capítulo o autor ainda descreve como o discurso de turista constantemente cita as referenciais culturais do local visitado. Ele explica também como se pode traduzir “*culturemas* em textos turísticos. Esta preocupação dele nos faz entender o quanto o livro dele pode servir como material pedagógico nos estudos da tradução.

Quanto ao capítulo três, “*Aceitabilidade do destinatário: um elemento fundamental na tradução de textos turísticos.*” Ele o destaca como link fundamental no processo de tradução. Para Almela, a aceitabilidade do destinatário serve como um papel principal ao receptor, como figura capaz de condicionar as decisões do tradutor e, portanto, é necessário destacar as características socioculturais dos destinatários, seu ambiente e suas expectativas. São elementos que desempenham um papel fundamental na avaliação da qualidade de uma tradução. O destinatário ganha o destaque como avaliador de uma tradução. O autor sublinha que alguns estudos empíricos levam em consideração a aceitabilidade do usuário de uma tradução. O capítulo termina descrevendo o perfil dos destinatários potenciais de um texto turístico traduzido.

Ao mesmo tempo que o autor aponta para a Espanha, ele fala de textos turísticos de modo geral, pois ele cita várias referências que confirmam suas alegações. Ele descreve neste

---

<sup>127</sup> Segundo BERTRAN, Pamier (2007) “*culturema*” significa marcas culturais específicas de uma cultura. Ver mais em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/culturema/>.

capítulo, o destinatário como agente condicionador da tradução; o destinatário como avaliador de uma tradução; destinatários do texto turístico traduzido.

Neste capítulo percebemos que o autor citou várias referências que se confrontam no sentido de compreensão da tradução de um texto turístico, mas terminam juntos afirmando a importância do receptor, destinatário ou turista que é o destinatário da tradução turística.

No capítulo quatro Almela explica *como determinar a aceitabilidade de culturas locais traduzidas*. Neste capítulo, que é metodológico, ele descreve como ele determinou a aceitabilidade das culturas locais traduzidas neste trabalho que ele elaborou. Ele explica que usou a abordagem e o desenho de estudo de formulação de questões de pesquisa e descrição do questionamento elaborado para coleta de dados, incluindo culturas selecionadas. Ele também caracterizou a amostra e a apresentação do corpus de textos turísticos dos quais foram selecionadas as diferentes culturas locais.

O capítulo cinco apresenta a *análise da aceitabilidade das culturas locais traduzidas e os resultados obtidos*. O autor dividiu o capítulo em três seções que seguem a ordem das três perguntas de pesquisa feitas no capítulo anterior. Assim, em primeiro lugar, a aceitabilidade de cada técnica de tradução usando dados descritivos e, em seguida, a apresentação de diferenças na aceitabilidade entre visitantes e residentes, diferenciando entre os resultados relativos às culturas locais opacas e o em relação às culturas locais semitransparentes. Ele então, termina o capítulo com a análise da aceitabilidade da tradução manipulada versus a tradução publicada. O autor usa muitas tabelas para apresentação dos resultados da pesquisa e isso facilita a compreensão ou a “não compreensão” da diferença entre culturas.

No capítulo seis, o autor coleta as conclusões e implicações do estudo feito. Numa visão panorâmica das descobertas, ele oferece princípios fundamentais assim como uma interpretação fundamentada deles. Bem que se tem poucos estudos feitos anteriormente, que coincidem tanto em propósito como em metodologia com o estudo realizado, os resultados foram aferidos com os obtidos em trabalhos semelhantes, seguindo esta mesma metodologia com base na análise descritiva. Neste capítulo o autor também expõe as implicações que, serviram para o avanço da pesquisa em tradução turística como as implicações práticas para o setor do turismo. Ele também apresenta as limitações do estudo e propõem no futuro uma linha de pesquisa, intimamente relacionada com a evolução e força de gêneros turísticos. Por isso que depois das conclusões, ele relata sobre as implicações teóricas e prática; as implicações teóricas para estudos de tradução; implicações práticas para o setor de turismo e as limitações e perspectivas do estudo.

Nas referências, o autor traz muitos autores de línguas estrangeiras, dicionários, estudos da tradução, linguística, turismo e outros. Este fato reforça ainda mais a confirmação do livro como sendo pedagógico e útil para qualquer tradutor que pretende trabalhar com culturemas e tradução turística.

Nos anexos ele apresenta imagens ilustrativas de cada capítulo.

Jorge Soto Almela é também autor da obra “*The Fundamentals of bilingualism and bilingual education: Na introductory handbook*” (Os fundamentos do bilinguismo e da educação bilingual: um manual introdutório) que foi publicado pela editora e livraria Diego Marin em 2017, além de vários artigos sobre os temas de tradução, bilinguismo, cultura, turismo, culturemas.

#### 4. A TRADUÇÃO DE *REALMENTE: CONGO, UMA TRIBU!*

Como descrito na metodologia, apresentamos agora o texto em swahili e sua tradução em português brasileiro. Para isso, os textos estão escritos numa tabela com três colunas divididos em linhas numeradas em ordem crescente (1 – 31linhas) que contêm tópicos original/tradução para facilitar a sua localização nos comentários. Essa tradução foi feita usando como texto original, a versão swahili do corpus (livro impresso). Isto é, apesar do livro ter sido escrito em três línguas, as nossas decisões tradutórias foram baseadas sobre a versão swahili, que consideramos como sendo o nosso texto fonte. Observando que os títulos dos capítulos e subcapítulos da obra só aparecem em francês, os apresentamos, seguindo suas sequências, com suas fontes e suas traduções em linhas não numeradas.

**Asani, Yaya. *Vraiment : Congo, une tribu !* Marcel Yabili. Edição do Kindle.**

Quadro 8 - *Vraiment Congo Une Tribu !* (Tradução)

No Página	TEXTO FONTE: SWAHILI	TEXTO TRADUZIDO: PORTUGUÊS BRASILEIRO
	<i>Chapitre 1: Entre um frère et un ami...</i>	<i>Capítulo 1 : Entre um irmão e um amigo...</i>
	<i>Le ciel dans la main</i>	<i>O céu na mão</i>
09	<p><b>Hadisi njo !</b> Alizaliwa Lisala, muji anzungukiwa na miti mirefu sana. Naye alikomea na mawazo ya kama juu ya miti ni mawingu, na juu ya mawingu ni mbinguni nafasi Mungu anahishi kwa milele. Ni nafasi Yesu na bikira Maria walipanda. Alipopata myaka 27, Warussia walituma kyombo Sputnik juu ya mawingu pasipo kupata mbingu.</p> <p>Pia myaka 39, waamerikani watatu walisafiri mpaka mwezi. <b>Walichukua mesali ya mariaisi wa dunia nzima, na yake yeye muzaliwa wa Lisala.</b> Waamerikani waliogota majiwe ya mwezi na walirudi pa dunia. Wao watatu na wake zao wakaenda Kinshasa kutolea muzaliwa wa Lisala sehemu ndogo ya jiwe waliogota juu ya mwezi. Tangu pale, muzaliwa wa Lisala akapata kiburi kikubwa. Tangu alikamata mikononi mwake jiwe ya mwezi, aliwaza alikuwa</p>	<p><b>Era uma vez!</b> Ele Nasceu em Lisala, uma cidade cercada de árvores muito altos. Assim, ele cresceu pensando que em cima das árvores tem as nuvens, e em cima das nuvens tem o céu, espaço onde Deus vive eternamente. É no Espaço onde Jesus e a virgem Maria subiram. Ele tinha completado 27 anos quando os russos enviaram o satélite “Sputnik” em cima das nuvens, mas sem encontrar o céu.</p> <p>Quando ele completou 39 anos, três americanos viajaram até a lua. <b>Eles pegaram mensagens dos presidentes do mundo inteiro, assim como a dele, pois ele era presidente, apesar de ter nascido em Lisala.</b> Os americanos pegaram algumas pedras da lua e voltaram para a terra. Os três americanos com suas esposas foram para Kinshasa entregar um pedacinho da pedra que trouxeram da lua para o presidente, nascido em Lisala. Este ficou muito orgulhoso. A partir do momento em que segurou nas suas mãos a pedra vindo da lua, ele pensou que ele era</p>



	kama mungu anayekamata sehemu ya mbingu. Mobutu aliwaza naye alikua mungu wa dunia.	como Deus, já que estava com um pedaço do céu. Mobutu pensou que ele também era o Deus da terra.
	<i>Le plus Grand!</i>	<i>O maior!</i>
<b>13</b>	Kwa mfano wa Mungu muumbaji, Mobutu alipima kuumba Kongo na Wakongomani kwa sura ya sasa. Mwaka 1974, sifa kubwa ikawa naye. Timu ya kabumbu Leopards ikachukua kombe la Afrika hata wakaenda Ujermani kwa kombe la dunia. Mobutu akaalika Mohamed Ali na Georges Foreman. Mwaka iliotangulia, Mobutu akaenda muji New York ambako alichukua sauti mbele ya maraisi wadunia nzima walikusanika nyumbani ya umoja wa mataifa (ONI). Aliporejea Kongo, kila siku televishen ilionesha picha ya Mobutu sawa ni mu-ngu anashuka mbinguni katika mawingu. Vile vile, televishen ilitangaza hotuba yake ya New York ambako wahuzuria wa dunia nzima waliamka wote kwa kumpigia mikono sawa sultani ao mungu wa dunia.	Assim como o Deus criador, Mobutu tentou criar o Congo e os congoleses com uma nova imagem. Em 1974, o grande sucesso foi dele, quando o time de futebol “Leopards” <sup>128</sup> tinha ganho a copa da África e foi até para Alemanha disputar a copa do mundo. Mobutu convidou Mohamed Ali e Georges Foreman <sup>129</sup> . No ano anterior, Mobutu tinha ido para Nova Iorque, onde falou para os presidentes de mundo inteiro reunidos na sede das Nações Unidas (ONU). Quando ele voltou para o Congo, todos os dias a televisão estava mostrando a foto de Mobutu como se fosse um deus descendo do céu entre as nuvens. A televisão anunciou também, o seu discurso de Nova Iorque que os peregrinos do mundo inteiro aplaudiram de pé como se fosse para um rei ou um deus da terra.
	<i>Entre um frère et um ami...</i>	<i>Entre um irmão e um amigo...</i>
<b>17</b>	Joseph Desiré alipindua jina na kujitaja Mobutu Sese Seko. Pale New York, aliwaambia maraisi waliokusanyika kama yeye si rafiki tena wa nchii ya Israel, sasa ni Waarabu ndiyo wanakua ndugu wa wakongomani. Ni wale Waarabu walikamatata Wakongomani kwa kuwatia utumwa. Namna gani Waarabu waligeuka kuwa wa ndugu? Sababu Waarabu walipata utajiri kutoka petroli. Na bwana Khadafi alimutolea Mobutu ma mia ya milioni kwa ajili ya kampuni ya madini Gecamines. Tangu pale, Mobutu alikaza mafundisho ya kiislam itangazwe kwenye redio na	Joseph Desiré mudou de nome para se chamar de Mobutu Sese Seko. Em Nova Iorque, ele disse aos presidentes que que participaram do encontro, que ele não era mais amigo de Israel, agora são árabes que são irmãos dos congoleses. Os mesmos árabes que tinham escravizado os congoleses. Como estes vão se tornar irmãos? Isso porque os árabes têm a riqueza do petróleo. Também, o presidente Kadhafi <sup>130</sup> ofereceu para Mobutu alguns centenas de milhões de dólares para os negócios da “Gecamines”. <sup>131</sup> Desde então, Mobutu reforçou o aprendizado do Islam que começou a ser transmitido pela rádio e televisão congoleza. Se os árabes se

<sup>128</sup> Equipe nacional de futebol.

<sup>129</sup> Melhores boxeadores dos Estados Unidos e do mundo.

<sup>130</sup> Mohamed Kadhafi foi presidente da Líbia naquela época.

<sup>131</sup> Empresa estatal de mineração de cobre.

	<p>televishen ya Kongo. Kama Waarabu waligeuka kua ndugu wa wakongomani, Wachaina nao wataitwa wandugu ama warafiki? Hii ni mfano wa hadisi ya Yakobo na Esau katika Biblia. Wao wawili walikuwa wa ndugu. Sababu ya njaa, Esau alimuuzisha Yakobo ukubwa wake ... Kweli undugu unapita urafiki, lakini ndugu ataweza kupata ukubwa mu kizazi.</p>	<p>tornaram irmãos dos congoleses, como poderão ser chamados os chineses? de irmãos ou de amigos? Essa parece a história bíblica de Jacó e Esaú. Os dois eram irmãos. Por causa da fome, Esaú vendeu o seu direito de primogênito para Jacó... É verdade ser irmão é mais do que ser amigo, mas o irmão pode adquirir ser o mais velho da família.</p>
	<b>Chapître 2: Terra ignota</b>	<b>Capítulo 2: Terra desconhecida</b>
	<i>Puisque le Congolais lit la Bible</i>	<i>Já que o congolês lê a bíblia</i>
<b>19</b>	<p>Hadisi hii ya Biblia ni ya ajabu. Kila mmoja aliisha kuisikia mara nyingi na watu wengi wanaisoma ndani ya Biblia. Wanasoma kila siku, ijapo Biblia inaandikwa na alama ndogo sana. Wale wanasema leo kwamba wakongomani hawasomaki vitabu, hawaseme kweli. Ikiwa ni kweli...jee, wanasoma Biblia, kitabu kinene na maandiko madogo sana? Kusema kweli, wakongomani wanaweza kusoma vitabu mbalimbali sababu wanapenda hadisi mbali mbali. Sawa hadisi ya nchii Kongo na Chaina.</p>	<p>Esta história da bíblia é formidável. Cada um já ouviu ela várias vezes e outras pessoas a lê na bíblia. Eles leem todos os dias, embora a Bíblia seja escrita com letras minúsculas. Quem diz hoje que os congoleses não leem livros, não está dizendo a verdade. Se fosse verdade... Como, estariam lendo a bíblia, um livro grande com escritas minúsculas? Na verdade, os congoleses podem ler diferentes livros, pois gostam de histórias diferentes. Tal como a história do país Congo e a China.</p>
	<i>Je ne suis plus votre frère</i>	<i>Não sou mais seu irmão</i>
<b>21</b>	<p>Hadisi ya msafiri Henri Morton Stanley ni tamu. Alisafiri kutafuta Docta Livingstone. Alipita vijiji vingi na katika kila kijiji alipashwa kuomba rufusa ya sultani kusudi aendelee na safari yake. Siku mmoja akakutana na sultani mfurahivu sana. Huyu akampokea na kumutolea zawadi ya chakula kama vile kuku na mbuzi. Alisema :</p>	<p>A história do viajante Henri Morton Stanley é muito interessante. Ele viajou à procura do doutor Livingstone.<sup>132</sup> Atravessou muitas cidades e a cada uma delas ele tinha que pedir a permissão do rei para poder continuar a sua viagem. Um dia ele se encontrou com um rei muito simpático que o acolheu e ofereceu-lhe comida tal como galinha e cabra.<sup>133</sup> E exclamou : “ eh Stanley, a partir de agora</p>

<sup>132</sup> Ver história do Congo.

<sup>133</sup> No Congo, galinha e cabra são comida que se oferece para convidados muito importantes.

	<p>« eh Stanley, tangu sasa wewe unakua ndugu ». Kesho yake, sultani huyo akatuma ujumbe wake kumwambia Stanley : « hivi tuakua ndugu, unitolee sasa vyote taomba... Naomba mavazi, vikomo na vitu vingine vyako... » Stanley akakasirika na akamrudushia sultani kuku na mbuzi alimtolea mbele. Akasema hivi : « sasa, unduku kati yetu unaisha ». Kongo inapashwa kutambua kati ya nchii za kigeni, nani ni ndugu, nani ni rafiki. Ni kama Chaina ; inaweza kununua, sawa Jacobo, ukubwa wa undugu sababu ya tamaa ya wakongomani.</p>	<p>você se tornou irmão”. No dia seguinte, este rei envia um súdito dele dizer a Stanley : “ Já que agora somos irmãos, você deve me oferecer tudo que eu vou pedir... Peço roupas, braceletes e suas outras coisas...” Stanley ficou muito aborrecido e devolveu a galinha e a cabra que ele lhe deu de presente e lhe disse o seguinte: “Agora, a nossa irmandade acabou”. O Congo deveria reconhecer entre os países estrangeiros, quem é irmão e quem é amigo. É igual a China; ela é capaz de comprar o direito de ser primogênito como Jacó o fez, devido a ambição dos congoleses.</p>
	<i>Deux Lumumba camerounais</i>	<i>Dois Lumumba camaronês</i>
23	<p>Kwa kutambua nchi ya kigeni ni ndugu ao rafiki ya wakonogomani, ni sherti kujua vizuri historia ya nchii yao. Hadisi ya Kongo inafanana ma nchii mbali mbali ya dunia. India ilipata uhuru myaka 13 mbele Kongo. Vita na fujo ikatokea India ; bwana Gandhi akauwawa na waislamu wakakimbia na kujenga nchii yao mupya ya Pakistani. Fujo ilimalizika na waindia walisimama na wakatimiza maendeleo ya nchii yao hadi leo. Hapa Afrika, wananchii 5.000 wa Kamerun waliuwawa na wa Fransa mwaka 1955 sababu waliomba uhuru ; lakini wa Beleji maliuwa watu 47 waliomba uhuru mwaka 1959.... Wakamerun wawili walikuwa kama Lumumba. Wa Fransa waliuwa na sumu bwana Félix-Roland Moumié. Pia bwana Ruben Um Nyobé aliuwawa na silaha. Na kama mukongomani Lumumba, Moumié na Nyobé, walitajwa shujaa wanchii Kamerun .</p>	<p>Antes de reconhecer um país estrangeiro como irmão ou amigo dos congoleses, é importante conhecer bem a história seu país. A história do Congo é parecida com a de outros diferentes países do mundo. A Índia recebeu a independência 13 anos antes do Congo.</p> <p>A guerra e o caos começaram na Índia; o senhor Gandhi foi morto e os muçulmanos fugiram e construíram seu novo país, o Paquistão. O caos se terminou e os indianos se levantaram e conseguiram o desenvolvimento de seu país até hoje. Aqui na África, os francês mataram 5.000 camaroneses em 1955 porque eles pediram a independência; mas os belgas mataram 47 pessoas que pediram a independência em 1959....</p> <p>Dois camaroneses eram como o Lumumba<sup>134</sup>. Os franceses assassinaram por envenenamento o senhor Félix-Roland Moumié. Também assassinaram o senhor Ruben Um Nyobé com arma de fogo. E como o congoles Lumumba, Moumié e Nyobé, foram nomeados heróis dos Camarões.</p>

<sup>134</sup> Patrice Emery Lumumba, Fundador do Movimento Nacional Congolês (MNC), líder congolês que foi primeiro-ministro em 1960 durante 12 semanas antes do golpe de estado de Mobutu. Ele foi capturado e assassinado em 1961. (Ver mais em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrice\\_Lumumba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrice_Lumumba)).

	<i>Aruwimi?</i>	<i>“Aruwimi”<sup>135</sup></i>
25	<p>Historia ya Kongo inaonesha kama nchii ilipewa majina mbali mbali. Iliitwa Inchi Uhuru ya Ko-ngo, Kongo Belge, Republika ya Kongo, Republika ya kidemokrasi ya Kongo, Zaire, na mara ingine Republika ya kidemokrasi ya Kongo... Vile vile mgini Kisangani uliitwa zamani Stanleyville. Ni nafasi ile jito Kongo inaacha kuelekea kaskazini na inaelekea Mangaribi. Mbele Stanley kufika hapo, alizani kua Lualaba ni mwanzo wa jito Nil ya Misri (Egypte). Kiisha kufuata njia ya jito mangaribi, Stanley alipambana kwa vita na watu wa kabila ya Basoko. Vita ilifanyizika kandokando ya mtoni mwengine mkubwa. Naye Stanley akawauliza watu : « mtoni huyu unaitwa jee ? » Nao wakajibu mu luga yao : « Aru Himi ? », ni kusema « unauliza jina la hii mtoni » ? Stanley akaandika kama mtoni huyo unaitwa « Aruwimi ». Tangu pale, mtoni huo na migini ya kandokando inaitwa « Aruwimi », maana yake : « jina la mtoni huyu ni jina gani ? »</p>	<p>A história do Congo mostra que o país recebeu diferentes nomes. Já se Chamou, Ko-ngo Independente, Congo Belga, República do Congo, República Democrática do Congo, Zaire e, mais uma vez, República Democrática do Congo... Da mesma forma, a cidade de Kisangani chamava-se anteriormente Stanleyville. É o local onde o rio Congo deixa de ir para o norte e segue para o oeste. Stanley, antes da chegar ali, pensou que Lualaba é o começo do rio Nilo no Egito. Depois de seguir o caminho do rio para o oeste, Stanley travou uma guerra com o povo da tribo Basoko. A batalha ocorreu ao longo de outro grande rio. E Stanley perguntou ao povo: « Qual é o nome deste rio? » Eles responderam em sua língua: « Aru Himi? », o que significa: « você está perguntando o nome deste rio »? Stanley anotou que o rio se chama « Aruwimi ». A partir de então, o rio e as aldeias daquela região são chamados de "Aruwimi", que significa: "Qual é o nome deste rio?" »</p>
	<i>Le baobab de Stanley</i>	<i>O baobá de Stanley</i>
27	<p>Katika safari ya kwanza, Stanley alifika kando kando ya ziwa Tanganika. Ni huko alikutana na Docta Livingstone mgini ya Ujiji. Safari yake ya pili ilikuwa ya kutazama mtoni kubwa Lualaba na kuifwata mpaka mwisho wake mu bahari. Ilionekana kama jito Lualaba inatoka kusini na inaelekea kaskazini, inapinduka mangaribi na mwisho inaelekea kaskazini. Mito mikubwa miwili, Ubangi na Kasai, inapatia mtoni Kongo maji ya mvua kali inayonyesa mwaka nzima upande wa kaskazini na wa kusini.</p>	<p>Na primeira viagem, Stanley chegou às margens do Lago Tanganica. Foi lá que encontrou o doutor Livingstone, na aldeia Ujiji. A sua segunda missão foi de olhar o grande rio Lualaba e segui-lo até à sua foz no mar. Parecia que o rio Lualaba vem do Sul e segue para o norte, vira para o oeste e finalmente segue para o norte. Dois grandes rios, Ubangi e Kasai, fornecem ao rio Congo fortes chuvas que encharcam durante todo o ano no Norte e no Sul. A viagem de Stanley foi de 11.000 quilômetros e durou três anos. No dia 9 de agosto de 1877, chegou a Boma. Ele</p>

<sup>135</sup>Aruwimi: O rio Aruwimi é um afluente do rio Congo, no leste da RDC ([https://en.wikipedia.org/wiki/Aruwimi\\_River](https://en.wikipedia.org/wiki/Aruwimi_River))

	<p>Safari ya Stanley ilikua na urefu wa kilometa 11.000 na ikadumu myaka mitatu. Tarehe 9 mwezi wa nane mwaka 1877, alifika muji Boma. Akalala ndani muti mkubwa saana unaitwa « baobaba ». Na muti huyu upo, hadi leo. Ukifika muji Boma, utauona.</p>	<p>dormiu dentro de uma grande árvore chamada baobá. E essa árvore existe até hoje. Se você chegar a Boma, você o verá.</p>
	<i>Terra ignota</i>	<i>Terra desconhecida</i>
<b>31</b>	<p>Stanley alikuwa mungereza. Pale alitoka Boma, alielekea Luanda kwa kupanda mashua ya bahari ilimupeleka Zanzibar fasi alianzaka safari yake. Aliporudi Ulaya, alionesha inchi yake ya Ungereza kama Kongo itaweza kuwapatia faida kubwa. Wangereza hawakupenda. Ni vile Stanley alimtumikia mfalme wa Ubeleji. Mbele ya safari kubwa ya Stanley, hakuna aliejua nini ilipatikana ndani ya Afrika, nafasi ya nchii Kongo. Wataalamu wote walikua wakisema eneo ya kati ya Afrika ni « nchii isiyo julikana ». Nao wana nchii wa Chaina walizania kama Kongo, ao sehemu ya kati ya Afrika, ilikua ni ziwa kubwa.</p>	<p>Stanley era um inglês. Ao sair de Boma<sup>136</sup>, ele foi para Luanda<sup>137</sup> para embarcar num navio que o levou até Zanzibar de onde ele tinha iniciado a sua viagem. Ao voltar para a Europa, demonstrou para o seu país, a Inglaterra, como o Congo poderia lhes proporcionar grandes benefícios. Os ingleses não mostraram interesse. Foi assim que Stanley serviu ao rei da Bélgica. Antes da grande viagem de Stanley, ninguém sabia o que havia na África, nem no país do Congo. Todos os especialistas costumavam dizer que a região central da África é uma "terra desconhecida". E o povo da China pensava que o Congo, ou a parte central da África, era um grande lago.</p>
	<i>Jamais! Une guerre de l'eau</i>	<i>Nunca ! uma Guerra de água</i>
<b>33</b>	<p>Nchii ya Kongo ilipewa baraka kubwa sana. Wakati nchii zingine zitateswa na ukofu wa maji, hata myaka ijayo watagombana vita na kupigania maji. Baraka kubwa ya nchii ni jito Kongo. Hii jito nzima, tokea mwanzo mpaka mwisho na urefu wote wa kilometa 4.700 inapatikana ndani ya inchi moja ya Kongo. Tena kuna mitoni na ziwa mengi yakuweza kusafiri inchini Kongo kwa urefu wa kilometa 15.000. Mitoni yote inaelekea Kinshasa. Ndio maana Kinshasa</p>	<p>O Congo recebeu uma grande bênção. Enquanto outros países sofrem com a escassez de água, mesmo nos próximos anos eles lutarão por água. A maior bênção do país é o rio Congo. O rio todo, do começo ao fim e toda a extensão de 4.700 quilômetros, encontra-se num só país, o Congo. Existem também muitos rios e lagos podendo percorrer o Congo por uma extensão de 15.000 quilômetros. Todos os rios levam a Kinshasa. É por isso que Kinshasa se tornou capital do país. Mas de Kinshasa em direção a Matadi até o Oceano Atlântico, é necessário viajar</p>

<sup>136</sup> RDC.

<sup>137</sup> Angola.

	<p>ilifanyiziwa muji mkuu wa inchi. Lakini toka Kinshasa kuelekea Matadi hadi bahari Atlantiki, ni lazima kusafiri inchi kavu. Sababu sehemu ile ya jito Kongo ina mawe na meli haiwezi kupita. Ni kwa hiyo mwaka 1882, Stanley alisema..... « Kongo bila njia ya reli ni bure »</p>	<p>em terra firme. Porque aquela parte do rio Congo é rochosa e os navios não podem passar. É por isso que em 1882, Stanley disse... « Congo sem ferrovia é inútil »</p>
	<i>Les premiers Chinois</i>	<i>Os primeiros Chineses</i>
<b>35</b>	<p>Stanley alikuwa anafikiri. « Namna gani inchi itapata faida na maendeleo pasipo kuunganisha sehemu ya juu na sehemu ya chini ya jito Kongo ama Kinshasa na Matadi. Sababu ni lazima kusafiri na bahari na kuenda nchii zingine za dunia ! » Ni lazima kujenga njia ya reli. Pasipo reli hakuna faida wala maendeleo. Hata nchii ya America imeanza na kufuruliza maendeleo yake na njia ya reli iliunganisha migi mikubwa. Ni matimizo ya mawazo ya Stanley iliwaleta wachaina. Wa kwanza wakafika muji Boma mwaka 1893. Wakawa wafanya kazi kwa kujenga njia ya reli.</p>	<p>Stanley estava pensando. "Como o país se beneficiará e se desenvolverá sem conectar as partes superior e inferior do rio Congo ou Kinshasa e Matadi. Pois é preciso viajar por mar e ir para outros países do mundo! » É necessário construir uma ferrovia. Sem ferrovia não há lucro nem desenvolvimento. Até os Estados Unidos da América começaram e continuaram seu desenvolvimento com a ferrovia que ligava as grandes cidades. É a concretização das ideias de Stanley que trouxe os chineses. Os primeiros chegaram a Boma em 1893. Tornaram-se operários construindo a ferrovia.</p>
	<i>Le Chemin de fer congolais en Chine</i>	<i>A ferrovia congoleza na China</i>
<b>39</b>	<p>Lazima ya njia ya reli ilionekana jimbo Katanga. Shaba ya kwanza ilichukuliwa na wa ngombe kuelekea Angola. Hii safari ikadumu mwaka mmoja. Ndio maana waliunganisha muji Lubumbashi kwa reli ya Kapetauni Afrika ya kusini na reli ingine ilielekea Beira, Dar Es Salam na Lobito. Inchini Kongo, mtaalamu Jean Jadot akajenga njia ya reli ya urefu wa kilometa 1.121 kutoka Katanga ya kusini na kufika Ilebo juu ya kuchukuwa shaba hadi Kinshasa na Matadi. Mbele ya hayo, Jean Jadot alirudi Chaina kule akajenga mu jina</p>	<p>A necessidade de uma ferrovia surgiu na província de Katanga. O primeiro cobre foi levado por bois para Angola. Esta viagem durou um ano. Por isso ligaram a cidade de Lubumbashi com a ferrovia de Cap Town na África do Sul e a outra ferrovia ia para a Beira<sup>138</sup>, Dar Es Salam<sup>139</sup> e Lobito<sup>140</sup>. No Congo, o especialista Jean Jadot construiu uma ferrovia de 1.121 quilômetros do sul de Katanga, até Ilebo para levar cobre até Kinshasa e Matadi. Antes disso, Jean Jadot voltou para a China onde construiu uma ferrovia de 1.200 km em nome do Congo. Esta história é incrível: quando o Congo construiu a ferrovia na China, os</p>

<sup>138</sup> Moçambique.

<sup>139</sup> Tanzânia.

<sup>140</sup> Angola.

	ya Kongo reli ya urefu kilometa 1.200. Hadisi hii ni ya maastajabu : wakati Kongo ilijenga reli mu Chaina, wachaina walikuwa watumishi wadogo wa reli kati ya Matadi na Kinshasa, pia Boma na Tshela ambako Joseph Kasavubu amezaliwa.	chineses eram pequenos trabalhadores ferroviários entre Matadi e Kinshasa, também Boma e Tshela, onde nasceu Joseph Kasavubu <sup>141</sup> .
	<b><i>Chapître 3: La tribu kongolaise</i></b>	<b><i>Capítulo 3: A tribu “kongolesa”</i></b>
	<i>La tribu kongolaise</i>	<i>A tribu “kongolesa”</i>
41	Kwa sifa ya mtaalamu Jean Jadot aliejenga njia ya reli inchini Chaina na Kongo, muji wa pili mu Katanga ulipokea jina Jadotville. Mobutu akageuza jina hiyo na muji ukaitwa Likasi. Mobutu akabadirisha pia majina mengine. Mwaka 1971, Kongo ikawa Zaire. Tangu zamani sana, waportugezi walikuwa wanaita jito kubwa na majina mawili : Kongo, wala Zaire. Historia inaonesha kama ni jina ya jito ilipatia jina inchi Kongo, na vile vile Zaire. Kusema yote, hii jina Kongo inatoka kwa ufalme Kongo wa kabila ya Bakongo. Leo hii watu wa makabila 250 wanaosema luga 212, wote wanakubali kuitwa Wakongomani, japo jina hii ni ya kabila ya Bakongo.	Graças ao especialista Jean Jadot, que construiu a ferrovia entre a China e o Congo, a segunda cidade do Katanga recebeu o nome de Jadotville. Mobutu mudou o nome e a cidade passou a se chamar Likasi. Mobutu também mudou outros nomes. Em 1971, o Congo tornou-se Zaire. Desde tempos remotos, os portugueses chamavam o grande rio com dois nomes: Kongo e Zaire. A história mostra que é o nome de um rio, que deu nome ao Congo, assim como ao Zaire. Para dizer tudo, este nome Congo vem do reino “Kongo” da comunidade “Bakongo”. Hoje, pessoas de 250 comunidades que falam 212 idiomas concordam em ser chamadas de congoleses, embora esse nome pertença à comunidade bakongo.
	<i>Les “batoka chini”</i>	<i>Os “originários do baixo”</i>
45	Eneo ya Bakongo ni fasi jito Kongo inajitupa ndani ya bahari Atlantique. Sehemu hii ilitawaliwa na waportugeze. Kusudi kupata namna ya kuelekea bahari, nchii ya Kongo ilipashwa kuendesha mazungumuzo na Uportugali. Mwaka 1891, kukawa makubaliano na Kongo ikapewa sehemu ya inchi tangu Banana, Moanda mpaka Boma na Matadi. Ile sehemu ikagawanya Angola na Kabinda. Wakaaji hawakupewa nafasi ya	A região de bakongo é a bacia onde o rio Congo deságua no Oceano Atlântico. Esta parte era governada pelos portugueses. Para encontrar uma maneira de ir para o mar, o Congo teve que negociar com Portugal. Em 1891, houve um acordo e o Congo recebeu uma parte do país de Banana, Moanda a Boma e Matadi. Essa parte dividiu Angola e Cabinda. Os moradores não tiveram a chance de decidir se seriam governados pelos portugueses ou pelos belgas. O acordo de 1891 estabeleceu as fronteiras

<sup>141</sup> Primeiro-ministro da RDC de 1960 a 1965.

	kukusudia kama watatawaliwa na waportugeze ao na wabeleji. Makubaliano ya mwaka 1891 ilisimika mipaka ya kusini ya inchi Kongo na Angola. Nayo Angola ikajikuta na mingoti ya diamant. Lakini maji ya mtoni ya kutokea Angola ilipeleka utajiri wa diamant hadi majimbo ya Kasai na Bandundu.	meridionais entre o Congo e a Angola. Assim, a Angola viu-se com pólos de diamante. Mas as águas do rio com nascente em Angola levaram a riqueza diamantífera para as províncias de Kasai e Bandundu <sup>142</sup> .
	<i>Aimez-vous la viande?</i>	<i>Vocês gostam de carne?</i>
47	Kutoka mtoni Kasai, masikilizano na wauportugeze na wangereza ilionesha kwamba, mpaka na inchi zingine, Angola na Zambia, itakua mitoni ya jito Zambezi kufika ziwa Banguwelo. Zamani, upande wa Kongo, waliendesha uchuuzi wa watumwa. Hawa walisafirishwa wamoja sehemu ya Zanzibar, na wengine walipelekwa Angola hadi Amerika ya kusini. Katika muji Luanda, inchini Angola, kiongozi wa asilia ya kiportugeze alikua akiwauliza watu hao katika luga yake : « Nyinyi mupo watu uhuru ? Munakubali kusafiri hadi nchii za mbali ? » Nao walijibu na furaha : « Ndiyo ! Ndiyo ! ». Kusema kwa haki, wachuuzi walipinduza mauzito mu luga ya kiluba na kusema : « Munapenda kula nyama ? ». Na wote walijibu na furaha : « Ndiyo ». Ni hivyo Waluba wa Kinkondja (Katanga) walijikuta inchini Guyana Hollandaise. Huu uchuuzi wa watumwa ulimalizika mwaka 1906.	Partindo do rio Kasai, as discussões com portugueses e ingleses mostraram que as fronteiras com outros países, Angola e Zâmbia, serão as águas do rio Zambeze até o lago Banguelo. No passado, do lado do Congo, eles praticavam um comércio de escravos. Alguns escravos foram transportados para Zanzibar, e outros foram enviados para Angola e para a América do Sul. Na cidade de Luanda, em Angola, uma autoridade de origem portuguesa perguntou ao povo na sua língua: "Vocês são pessoas livres? Vocês concordam em viajar para países distantes? » E eles responderam alegremente: « Sim! Sim! ». Na verdade, os vendedores inverteram as perguntas na língua luba do Katanga e traduziram: « Vocês gostam de comer carne? ». E todos responderam com alegria: «Sim». Foi assim que as comunidades luba de Kinkondja (Katanga) <sup>143</sup> se encontraram na Guiana Holandesa. Este comércio de escravos terminou em 1906.
	<i>Un Anglais fait tuer un Tanzanien</i>	<i>Um inglês manda matar um tanzaniano</i>
	Ile mwaka 1891 wa makubaliano na nchini Uportugali sehemu ya Angola, ilifaa	Naquele ano de 1891 do acordo com Portugal por uma parte de Angola, era necessário ter um entendimento com a

<sup>142</sup> Províncias da República Democrática do Congo.

<sup>143</sup> "Kinkondja" é uma cidade que se encontra na província de Haut Lomami, considerando o desmembramento do Katanga em 4 províncias confirmado na constituição de 2006.



51	<p>kusikilizana na Ungereza mipaka ya Kongo na nchii Zambia. Mtoka Tanzania moja alikuwa natawala sehemu ya Katanga ya kusini tangu muda ya myaka makumi mawili. Mungereza Stairs alituma mubeleji Bodson kuuwa M'siri. Na upande wa Katanga ya kusini ulipita ngambo ya Kongo. Ni vile watoka Tanzania waliingia vile vile katika jamaa ya wakongomani. Mipaka ya Katanga ya kusini ina hadisi ingine. Ofisa wajibeleji, bwana Fernand Gendarme, alilewisha Wangereza na pombe ili upande wa Kipushi na mali nyingi ya shaba ipite ngambo ya nchii Kongo. Walevi, wangereza waliitika kua mpaka nafasi ya Kipushi utafwata njia ya wakaaji wa muji.</p>	<p>Inglaterra sobre as fronteiras do Congo e da Zâmbia. Um nativo da Tanzânia estava governando a parte sul do “Katanga” havia vinte anos. O inglês Stairs enviou o belga Bodson para matar M'siri<sup>144</sup>. E a parte sul de Katanga foi incluída no Congo. É assim que as pessoas da Tanzânia entraram na família dos congoleses. As fronteiras do sul de Katanga têm outra história. O oficial militar belga, Sr. Fernand Gendarme, embebedou os britânicos com álcool para que a área de “Kipushi”<sup>145</sup> e muita riqueza de cobre passassem pelo lado do Congo. Bêbados, os britânicos responderam que a fronteira de Kipushi seguirá o caminho dos habitantes da cidade.</p>
	<p><i>Le roi d'Italie trace la frontière</i></p>	<p><i>O rei da Itália desenha a fronteira</i></p>
53	<p>Usiku kati, Fernand Gendarme na watu wake wakakata mbiombio majani na wakafungua njia mupya yakuzunguuka muji. Na Kipushi ikatiwa upande wa Kongo. Asubui, wangereza wakaitika njia hii mupya kama vile ni njia ya zamani, na mpaka wa inchi Kongo na Zambia. Mwaka 1959, wangereza waliomba wabeleji kipande cha kusini ya Katanga juu ya kuunganisha sehemu ya Zambia ya mashariki na ya mangaribi bila kupita njia ndefu ya kuzunguuka Kongo. Uhuru wa 1960 haukutimiza ile ombi. Leo hii, wana Zambia wana njia ya kupitia Kongo tokea Copperbelt kufika Luapula kwa gari. Masikilizano kati ya wabeleji na wangereza ilimalizika tarehe 12/05/1894 kuhusu pande tatu ya Kongo : kusini, mashariki na</p>	<p>No meio da noite, Fernand Gendarme e seus homens limpavam rapidamente o mato e abriram um novo caminho que cercou a cidade. Assim, Kipushi foi colocado do lado do Congo. Pela manhã, os britânicos aceitaram esta nova rota pensando que era a rota antiga, e assim foi considerada como a fronteira entre o Congo e a Zâmbia. Em 1959, os britânicos pediram aos belgas a parte sul de Katanga para conectar as partes leste e oeste da Zâmbia sem passar pelo longo caminho ao redor do Congo. A independência em 1960 não atendeu a esse pedido. Hoje, os zambianos atravessam o Congo de Copperbelt até Luapula<sup>146</sup> de carro. As negociações entre os belgas e os britânicos terminaram em 05/12/1894 sobre as três partes do Congo: sul, leste e norte. É uma data importante, pois o Congo atingiu as fronteiras de todo o país. São essas fronteiras que não podem</p>

<sup>144</sup> Ver História do Congo.

<sup>145</sup> “Kipushi” é uma cidade mineira na província do Katanga.

<sup>146</sup> Cidades da Zâmbia.

	kaskazini. Ni tarehe kubwa sababu Kongo alitimiza mipaka ya inchi nzima. Mipaka hii yasipoweza kubadirishwa tena, ndiyo inaifanya Kongo.	mais ser movidas, isso é o que faz o Congo ou seja, a República Democrática do Congo hoje.
	<i>L'os d'Ishango</i>	<i>O osso de Ishango</i>
55	Upane wa mashariki, mipaka ya Kongo inatoka kusini na inaenda kaskazini kandokando ya mitoni na ziwa ya Tanganika, Kivu, Edouard na Albert. Pale kaskazini, wangereza walitawala muji Rejaf kandokando ya mtoni Nil inayoteka tangu Sudan mpaka Misri na bahari Mediterranea. Ni pale ma-shariki ya Kongo, Mungu aliumba Mtu. Leo hii, kunapita miaka 68.000, wabinadamu walienda kuzaana dunia mzima. Ni hivyo watu wa kabila na rangi mbalimbali, wote walitoka Afrika. Nao mfupa Ishango ulivumbuliwa Kongo, na unaonesha mwanzo wa akili ya mtu ya kuhesabia. Ni kwa hiyo Kongo inapatikana katikati ya historia ya dunia. Na siku Jemadari Jili Sezari alichomwa visu na akafariki muji Roma, alikuwa tayari kusafiri muji Rejaf kuongoza majeshi kwa kuingia Kongo. Kama Sezari angeuwawa, historia ya dunia ingebadirika.	No lado oriental, as fronteiras do Congo vêm do Sul e vão para o Norte ao longo dos rios e lagos de “Tanganika”, “Kivu”, “Edouard e Albert”. No Norte, os britânicos governaram a cidade de Rejaf <sup>147</sup> ao longo do rio Nilo, que flui do Sudão até o Egito e no mar Mediterrâneo. É lá no leste do Congo, que Deus criou o Homem. Hoje, depois de 68.000 anos, os humanos foram se reproduzir em todo o mundo. É assim, todas as pessoas de diferentes comunidades e raças, vieram da África. E o osso do Ishango foi descoberto no Congo, e mostra o começo da mente de uma pessoa para fazer cálculos. É por isso que o Congo se encontra no centro da história mundial. No dia que o general Júlio Cesar foi esfaqueado e morreu em Roma, ele estava pronto para viajar para Rejaf e liderar o exército para entrar no Congo. Se César tivesse sido morto, a história do mundo teria mudado. <sup>148</sup>
	<i>Rejaf: si César n'avait pas été poignardé</i>	<i>« Rejaf » : se César não tivesse sido esfaqueado</i>
59	Mwaka 1894, wangereza walipatia Kongo ile muji Rejaf pamoja na jimbo ya Lado, sababu Kongo ipate njia ya mtoni Nil mpaka Misri na Ulaya. Kiisha kifo cha mfalme wa ubeleji, wangereza wakarudilia eneo ya Lado ; sehemu mmoja ikaunganishwa na Uganda na sehemu ingine pamoja na muji Rejaf ikawa ndani ya inchi kubwa ya Sudan. Mwaka 2011, Sudan	Em 1894, os britânicos deram ao Congo a cidade de Rejaf e o estado de Lado, para dar ao Congo o acesso ao Egito e à Europa pelo rio Nilo. Após a morte do rei belga , os britânicos voltaram para a área de Lado; uma parte foi ligada a Uganda e a outra parte junto com a cidade de Rejaf ficou como parte do Sudão, grande país da África. Em 2011, o Sudão foi dividido. E a capital do Sudão do Sul é Juba, perto de Rejaf. Desde então, o

<sup>147</sup> Sudão do Sul.

<sup>148</sup> Correção do autor :“Kama Sezari asinge uwawa, história ya dunia ingebadirika” (Se César não tivesse sido assassinado, a história do mundo teria mudada).

	<p>iligawanyika. Na mji mkuu wa Sudan ya kusini ni Juba, karibu ya Rejaf. Tangu hapo, Kongo ikaonekana kuwa nchii kubwa ya pili barani Afrika baada ya Algeria. Na jito Kongo ni ya pili kwa urefu na ukubwa barani Afrika; wakati jito Nil ni ya kwanza. Kwa alama ya shukrani, barabara muji Lubumbasi ikaitwa Rejaf. Kandokando kulikuwa ma barabara ya majina Tombeur, Tabora, Saio, Gambela, Kibati, Usoke, Mahenge, Kigali, Nyanza na Shangungu. Majina hayo inaonesha pia shukrani kwa wakongomani. wakongomani. Ni majina ya mgini kule wajeshi wakongomani walipata ushindi juu ya wajeshi wanyarwanda.</p>	<p>Congo tornou-se o segundo maior país da África depois da Argélia. E o rio Congo é o segundo em comprimento e tamanho na África; enquanto o rio Nilo é o primeiro. Como sinal de gratidão, uma avenida em Lubumbashi recebeu o nome de Rejaf. Aos lado havia avenidas :Tombeur, Tabora, Saio, Gambela, Kibati, Usoke, Mahenge, Kigali, Nyanza e Shangungu. Esses nomes também demonstram gratidão aos congoleses. São muitos nomes os soldados congoleses que venceram os soldados ruandeses.</p>
	<p><b>Chapître 4: Victoire congolaise sur le Rwanda</b></p>	<p><b>Capítulo 4: Vitória congolesa sobre Ruanda</b></p>
	<p><i>Mimi et Toutou</i></p>	<p><i>Mimi e Tutú</i></p>
<p><b>63</b></p>	<p>Zamani, Rwanda, Burundi, Uganda na Tanzania walikuwa makoloni ya wa wajermani. Mwaka 1914, wajermani walichokoza vita ya kwanza ya dunia pale Ulaya. Hapa Afrika, wajermani waliotawala mji Kigali, wakashambulia nchii ya Kongo. Wakapiga mabomu juu ya muji Kalemie. Wajermani walikua na nia ya kuunganisha bahari India na bahari Atlantike, Tanzania na Kamerun; kwa hiyo walipima kuchukua Kongo. Wakongomani wakapigana vita na wajermani upande wa Namibia na Kamerun. Vita ikawa kali upande wa mashariki ya Kongo. Wangereza wakapatia Kongo mashua mbili ya mayi ya kutokea ulaya. Meli Mimi na Tutu ikasafirishwa mu bahari toka Ungereza, ikapandishwa juu ya treni tangu Kapetauni hadi</p>	<p>No passado, Ruanda, Burundi, Uganda e Tanzânia foram colônias alemãs. Em 1914, os alemães provocaram a primeira guerra mundial na Europa. Aqui na África, os alemães governaram a cidade de Kigali, atacaram o Congo. Eles bombardearam a cidade de Kalemie. Os alemães queriam conectar o Oceano Índico com o Oceano Atlântico, Tanzânia e Camarões; então eles tentaram tomar o Congo. Os congoleses travaram uma guerra com os alemães perto da Namíbia e dos Camarões. A guerra tornou-se feroz na parte oriental do Congo. Os britânicos deram ao Congo dois navios/barcos vindos da Europa. Os navios/barcos Mimi e Tutu foram transportados por mar saindo da Inglaterra e colocados em cima de um trem saindo da Cidade do Cabo<sup>149</sup> até Lubumbashi<sup>150</sup>. Saindo de Fungurume<sup>151</sup>, foram empurrados pela floresta e pelas montanhas até a cidade de Bukama<sup>152</sup>. Chegando em Bukama, os barcos</p>

<sup>149</sup> África do sul.

<sup>150</sup> RDC, hoje capital da província do “Haut Katanga” (alto Katanga).

<sup>151</sup> RDC, cidade da província do “Lualaba” (nome de uma parte do rio Congo).

<sup>152</sup> RDC, cidade da província do “Haut Lomami” (alto Lomami).

	Lubumbashi. Toka Fungurume ikasukumiwa kati ya pori na vilima mpaka muji Bukama. Pale Bukama, meli ikasafiri juu ya jito Lualaba hadi kufika Kabalo tarehe 22/10/1915. Ikatiwa juu ya treni mpaka Kalemie. Hapo, Mimi na Tutu wakapigana vita na wajermani katika ziwa Tanganika.	viajaram pelo rio Lualaba até chegar a Kabalo <sup>153</sup> em 22/10/1915. Foram então colocados em cima do trem até Kalemie <sup>154</sup> . Lá, Mimi e Tutu combateram contra os alemães no Lago Tanganica.
	<i>Victoire congolaise sur le Rwanda</i>	<i>Vitória congolosa sobre Ruanda</i>
65	Mwaka 1915 jeshi la Kongo ikakusanya waaskari 15.000 pia wabebaji mizigo 260.000 kwa kuendesha vita na wajermani. Upande wa mashariki, jeshi iliongozwa na liwali wa jimbo la Katanga bwana Tombeur. Vita kali ilianza mwaka 1916. Wajermani wakakimbia kijiji Ijwi. Wajeshi wa Kongo wakachukua muji mkuu Kigali pia muji Nyanza ambao ni makao ya sultani mkuu wa Rwanda. Vita na wajermani iliendelea hadi kuwanyanganya miji ya Burundi, na ya Uganda mpaka ziwa Victoria pia miji ya sehemu ya mashariki inchini Tanzania. Sababu ya ukoloni, wakongomani walikuwa wabeleji na wanyarwanda walikuwa wajermani. Na pale wajermani wakapoteza vita ilikuwa wanyarwanda walipigiwa na wakongomani ! Pale vita ya dunia 14-18 ilimalizika, Ujermania ulipoteza makoloni yote ya Afrika. Ni vile walipoteza Rwanda, Burundi, Tanzania, Namibia, Kamerun na Togo.	Em 1915, o exército congolês reuniu 15.000 soldados e 260.000 munições para combater os alemães. No Leste, o exército era liderado pelo governador da província de Katanga, Sr. Tombeur. Uma guerra feroz começou em 1916. Os alemães fugiram da cidade de Ijwi <sup>155</sup> . O exército congolês tomou a capital Kigali e a cidade de Nyanza, onde reside o grande rei de Ruanda. A guerra com os alemães continuou até pegar deles as cidades do Burundi e de Uganda chegando até lago Vitória, como também as cidades da parte Leste da Tanzânia. Por causa do colonialismo, os congolezes eram belgas e os ruandeses eram alemães. E quando os alemães perderam a guerra, foram os ruandeses que foram derrotados pelos congolezes! Quando a guerra mundial 14-18 terminou, a Alemanha perdeu todas as suas colônias africanas. É assim que perderam Ruanda, Burundi, Tanzânia, Namíbia, Camarões e Togo.
	<i>Le seul État non colonisé en 1885</i>	<i>O único Estado não colonizado em 1885</i>
67	Mwaka 1914 ilioanza vita ya kwanza ya dunia, sehemu ya kaskazini na ya kusini ya Nigeria iliungwa na kuwa nchii mmoja. Mbele ya hapo, nchii hiyo iliitwa	A primeira guerra mundial começou em 1914, as partes norte e sul da Nigéria foram unidas para se tornar um só país. Antes disso, este país era chamado de nomes diferentes. É uma jornalista, a Sra.

<sup>153</sup> RDC, cidade da província de Tanganica.

<sup>154</sup> RDC, cidade da província de Tanganica.

<sup>155</sup> RDC, Ilha situada no meio do lago Kivu.

	<p>majina mbali mbali. Ni muandika wa habari, bibi Flora Louisa Shaw, akaomba nchii ipewe jina fupi ya «NIGERIA». Mwaka 2014, wananchii wa Nigeria walisherekea myaka mia mmoja ya kuundwa kwa nchii yao. Pasipo haya ao chuki sababu jina na masehemu yao ilitokea ku wakoloni. Ni kama wakongomani wakianza kusherekea uhuru wao kila siku ya kwanza ya mwezi julai sababu tarehe 01/07/1885 waliunda Inchi Uhuru ya Kongo ; ao wakianza kushangilia tarehe ya kumi na mbili ya mwezi wa tano sababu tarehe hiyo 12/05/1894 mgini ilitimiza mipaka ya inchi Kongo. Pasipo haya wala chuki, Kongo inaonekana kama ni taifa ya tatu kwa kupata uhuru mu Afrika, baada ya Ethiopia (mwaka 800 mbele ya kuzaliwa kwa Yesu) na Liberia (mwaka 1847). Pasipo haya wala chuki, Kongo pekee haikuwekwa ukoloni mwaka 1885...</p>	<p>Flora Louisa Shaw, que pediu ao país que recebesse o nome curto e simples de "NIGÉRIA". Em 2014, os nigerianos comemoraram o centenário da criação de seu país. Sem constrangimento nem ódio sendo que seus nomes e suas localizações vieram dos colonizadores . É como se os congoleses começassem a comemorar sua independência todo primeiro dia de julho porque em 01/07/1885 criaram o estado independente do Congo; ou se começassem a comemorar no dia doze do quinto mês porque aquela data 12/05/1894 muitas aldeias traçavam suas fronteiras do país do Congo. Sem vergonha nem ódio, o Congo parece ser o terceiro país a conquistar a independência na África, depois da Etiópia (800 anos antes do nascimento de Jesus) e da Libéria (em 1847). Sem vergonha ou preconceito, só o Congo não foi colonizado em 1885...</p>
	<p><i>1960 a restitué l'indépendance</i></p>	<p><i>1960 restituiu a independência</i></p>
<p>69</p>	<p>Mawazo ya wanijeria ni pamoja na ya wachaina. Wachaina wanasema nchii yao ni ya zamani saana dunia nzima. Wanahesabu myaka 5.000 tangu kuundwa kwake. Wachaina hawasikii haya ya myaka 4.117 ya utawalo wa wafalme waliofukuzwa mwaka 1911. Sababu historia nzuri ao mbaya ni historia ya mgini. Eta Endepanda ya Kongo ya mwaka 1885 ilikua nchii kama nchii zingine ya uhuru, na wakaaji wakitamani kusafiri nchii za kigeni, walipewa paspoti ya Kongo. Ni mwaka 1908 wabeleji walianza ukoloni wa Kongo. Ilikuwa ni masikilizano kati ya inchi mbili uhuru. Kwa hiyo ni Kongo ilipatia Ubeleji uwongozi wa inchi kama ukoloni. Kwa hiyo, mwaka 1960 Ubeleji hakupatia wakongomani uhuru. Mwaka 1960, Ubeleji</p>	<p>Os pensamentos dos nigerianos são iguais aos dos chineses. Os chineses dizem que seu país é mais antigo do que o resto do mundo. Eles calculam 5.000 anos desde a sua criação. Os chineses não se envergonham dos 4.117 anos de governo dos imperadores expulsos em 1911. A história, que seja boa ou ruim, é história dos países. O estado independente do Congo em 1885 era um país como outros países independentes, e os residentes que desejavam viajar para países estrangeiros recebiam um passaporte congolês. Foi em 1908 que os belgas começaram a colonizar o Congo. Foi um convênio entre dois países independentes. De fato, foi o Congo que deu à Bélgica a liderança do país como colônia. Portanto, em 1960, a Bélgica não concedeu a independência aos congoleses. Em 1960, a Bélgica devolveu a antiga independência ao Congo.</p>

	ulirudishiya wakongomani uhuru wa zamani wa inchi Kongo.	
	<i>Rwanda: um Congo de 800 millions d'habitants</i>	<i>Ruanda: um Congo de 800 milhões de habitantes</i>
71	<p>Mafundisho ya historia inaleta akili mingi. Ndio maana kuna uwongo katika hadisi ya zamani. Ni vile mwezi Oktoba mwaka 1996, vyongozi vya Rwanda vilisema kwamba, kabla ya ukoloni, nchii yao ya Rwanda ilikuwa na majimbo ya Kivu. Siku iliyofata, mwezi Novemba 1996, wajeshi wa Rwa-nda wakaingia Kongo wakisindikiza wakongomani kwa nia ya kumfukuza Mobutu. Kwa muda, Rwanda alikuwa ndugu na rafiki kubwa. Ku-sema kweli, ile nia ya kipande ya Kongo inaonesha kwamba Rwanda pekee ni nchii ndogo ya umaskini. Kufuata uwingi wa wakaaji wa Rwanda, Kongo ilipashwa kuwa na wakaaji milioni 800! Na pia wakaaji wote wa Rwanda wanaweza kupanga mu muji Kinshasa. Kusema kweli, ni Wabeleji waliu-nganisha historia ya Kongo na ya Rwanda mwisho wa vita na wajermani. Siku hizi, katiba ya taifa ya mwaka 2006, likakusudia kwamba, wanyarwanda waliopatikana inchini Kongo kabla ya mwaka 1960, wapo vile vile wakongomani.</p>	<p>O ensino de história faz muito sentido. É por isso que existem mentiras na história antiga. Assim, no mês de outubro de 1996, os líderes ruandeses declararam que, antes da colonização, seu país, Ruanda, tinha a província do Kivu<sup>156</sup>. Depois de alguns dias, em novembro de 1996, soldados ruandeses entraram no Congo acompanhando os congoleses com o objetivo de expulsar o ditador Mobutu. Por um tempo, Ruanda foi um irmão e um grande amigo do Congo. Na verdade, essa intenção de pegar um pedaço do Congo demonstra que Ruanda é um pequeno país de pobre. Considerando a população de Ruanda, o Congo deveria ter 800 milhões de habitantes! Também, todos os habitantes de Ruanda podem caber na cidade de Kinshasa. Na verdade, foram os belgas que conectaram a história do Congo e a do Ruanda no final da guerra com os alemães. Hoje em dia, a constituição nacional congolesa de 2006 prevê que os ruandeses que foram encontrados no Congo antes de 1960 também são congoleses.</p>
	<i>La frontière de l'Est « ab absurdo »</i>	<i>A fronteira do Leste "ab absurdo"</i>
75	<p>Kwa sasa, Rwanda inabadirisha masemo yake. Anaonesha nafasi ya wasema luga ya kinyarwanda wanaopatikana inchini Kongo. Kusema haki, mipaka kati ya Kongo na Rwanda ilifanyiziwa mwaka 1884, mbele ya kuundwa Kongo mwaka 1885. Toka kusini hadi kaskazini, mupaka ulipita katika ziwa Tanganika, ukaendelea hadi ziwa Kivu ukifuata</p>	<p>Agora, Ruanda está mudando suas palavras, apresentando os lugares onde tem pessoas que falam a línguas ruandesas encontradas no Congo como sendo seus territórios. Na verdade, as fronteiras entre Congo e Ruanda foram estabelecidas em 1884, antes da criação do Congo em 1885. Do sul ao norte, a fronteira passava pelo lago Tanganica e continuava até o lago Kivu seguindo o rio Ruzizi. A parte ocidental, a fronteira</p>

	<p>mtoni Ruzizi. Sehemu ya mangaribi, mupaka ukaachia Kongo kisanga cha Iwinaza, Nyamaronga, Ijwi na Kitanga. Upane wa mashariki, mupaka ukaachia Rwanda kisanga cha Kikaya, Gombo, Kumenie na Wau Wahu. Pa inchi kavu mupaka una urefu ya kilometa 115. Unapita kati ya Goma na Gisenyi hadi kufika mlima Sabindo. Mwaka 1911, ni wajermani waliitika kupanda vizingiti 21 vya mawe kama alama ya mupaka ya mainchi hii mbili. Kusema kweli, muji gani walikabua mipaka ya Afrika mwaka 1885? Ilikuwa mgini Berlin. Wanani walitawala mjini Berlin? Ni wajermani. Wanani walitawala inchi Rwanda? Ni wajermani pia. Kwa hivi, hakuna mawazo wala neno ya kama wajermani walionguvu kupita wabeleji walipatia Kongo kipande ya inchi Rwanda. Sababu mwaka 1885 na 1911, udongo wa Banyarwanda ulikua udongo ya wajermani.</p>	<p>deixou o Congo com as cidades Iwinaza, Nyamaronga, Ijwi e Kitanga. Do lado leste, a fronteira deixou Ruanda com as cidades Kikaya, Gombo, Kumenie e Wahu Wahu. Em terra firme, a fronteira tem 115 quilômetros de extensão, estendendo-se entre Goma e Gisenyi até chegar ao Monte Sabindo. Em 1911, os alemães aceitaram de plantar 21 limites com pedras como um marcador de fronteira entre esses dois países. Na verdade, qual a cidade que distribuiu as fronteiras da África em 1885? Foi Berlin. Quem governou Berlin na época? Foram os alemães. Quem governou Ruanda na época? Também foram os alemães. Sendo assim, não há pensamento ou palavra sobre o poder dos alemães, que era mais forte que o do belgas, que deram ao Congo um pedaço de Ruanda. Porque nos anos 1885 e 1911, o solo dos ruandeses pertencia aos alemães.</p>
	<p><b><i>Chapître 5: Une barbarie universelle</i></b></p>	<p><b><i>Capítulo 5: Uma barbárie universal</i></b></p>
	<p><i>Masala, le roi du Congo</i></p>	<p><i>Masala, o rei do Congo</i></p>
<p>77</p>	<p>Mwaka 1885, wakongomani waliitwa vile vile kama ni « wakongoliyeni ». Wakati huo, wasultani walikuwa kama wafalme wa nchii zao na uwezo wa kutimiza mipango ya kila namna. Ni vile tarehe 28/09/1879, Stanley alikubaliana na masultani Vivi Mavungu, Vivi Nku, Nguvu Mpanda, Mbenza Ne-Kongo na Kapita. Wote tano waliuzisha utawalo wa nchii zao kwa Wazungu. Kila moja ali-tolewa koti ya kijeshi, kofia, bushanga na kisu... Pia kila mwezi, walipashwa kupokea kikwembe kimoja. Wafalme wengine 400 walipatana vile vile na wazungu na waliuzisha Kongo nzima. Masiki-lizano ya Vivi ilifanya mgini Vivi kama muji mkuu</p>	<p>Em 1885, o povo do Congo era também chamado de “congolês”. Naquela época, os chefes de comunidades eram como os reis de suas aldeias, com a capacidade de realizar todos os tipos de planos. Foi assim que dia 28/09/1879, Stanley fez um acordo com os chefes Vivi Mavungu, Vivi Nku, Nguvu Mpanda, Mbenza Ne-Kongo e Kapita. Todos os cinco venderam suas terras aos europeus. Cada um recebeu uma jaqueta militar, um chapéu, um colar e uma faca... Também todos os meses, eles deveriam receber um tecido. Outros 400 reis também se encontraram com os europeus e venderam o Congo todo. O acordo de Vivi fez com que a cidade Vivi seja a capital do Congo. A capital passou a ser Boma desde 1886 e Kinshasa, a partir de 1929. Foi em Vivi que o primeiro governador do país, o</p>

	<p>wa Kongo. Muji mkuu ikawa Boma tangu mwaka 1886 na Kinshasa, kutoka mwaka 1929. Ni pale Vivi, liwali wa kwanza wa inchi, mungereza bwana Francis de Winton, akatangaza, siku ya kwanza ya mwezi julai ya mwaka 1885, mgini wa sasa unayoitwa Inchi Uhuru ya Kongo. Kwa ma-staajabu, wakati ule ule mfalme wa Vivi alikua mbali kabisa. Alikuwa Ubeleji ambako alialikwa kama mfalme wa Kongo nzima. Jina lake Masala.</p>	<p>inglês Sr. Francis de Winton, anunciou, no dia primeiro de julho de 1885, o que hoje é chamado de Congo Independente. Surpreendentemente, ao mesmo tempo o rei de Vivi ficou completamente distante. Ele estava na Bélgica, onde foi nomeado rei do Congo inteiro. Massala era o nome dele.</p>
	<p><i>Des tombes conservées depuis 110 ans</i></p>	<p><i>Tumbas preservadas há mais de 110 anos</i></p>
<p>79</p>	<p>Wiki ile ile ya utangazo ya uhuru wa Kongo muji Vivi, mfalme wawabeleji alipokelea muji Brussele mfalme Masala pamoja na bibi na watu wake. Wakatolewa karamu kubwa. Kulikuweco samaki, maharagi, mchele, nyama ya kuku na pia vino ya shampanye. Masala alirejea Kongo na zawadi nyingi. Lakini akafariki myaka kumi baadaye na hakuacha kizazi cha ufalme. Mwaka 1897, kulikuwa Ubeleji sherehe kubwa ya dunia nzima. Wakongomani 267 walionyesha hali ya maisha yao. Maonesho hayo ilikuwa ya haya sababu watu walikuwa kama nyama ya kutazamiwa upango ya zoo. Lakini kwa sasa, mgini mbali mbali inaonesha wageni, pasipo haya wala chuki, makao yao ya kiasili. Mwaka 1887, kati ya wakongomani waliooneshwa, saba walifariki. Majina yao imeandikwa. Wanawake ni Sambo, Mpenda, Ngemba. Wanaume ni Ekia, Nzau, Kitukwa na Mibange. Tena walizikwa na heshima pembeni ya kanisa. Leo hii, kaburi yao ikingali pale Ubeleji.</p>	<p>Na mesma semana do anúncio da independência do Congo em Vivi, o rei belga recebeu o rei Masala em Bruxelas com sua esposa e comitiva. Eles foram recebidos com uma grande festa. Teve peixe, feijão, arroz, frango também vinho e champanhe. Masala voltou ao Congo com muitos presentes. Mas ele morreu dez anos depois e não deixou descendentes no reino. Em 1897, houve na Bélgica, um grande evento mundial. 267 congolezes apresentaram o seu modo de vida. O show foi vergonhoso porque as pessoas pareciam como animais sendo observados no zoológico. Mas, atualmente, várias cidades mostram sem constrangimento aos turistas, suas tradições e modo de vida. Em 1887, dentro dos congolezes que se apresentaram, sete morreram. Seus nomes que foram escrito são: “Sambo”, “Mpenda” e “Ngemba”, (mulheres); são: “Ekia”, “Nzau”, “Kitukwa” e “Mibange” (Homens). Eles foram enterrados com honra ao lado da igreja. Até hoje, seu túmulo ainda está na Bélgica.</p>



	<i>Des martyrs sans noms ni tombes</i>	<i>Mártires sem nomes nem sepulturas</i>
83	<p>Myaka 60 baada ya sherehe ya maonesho ya haya inchini Ubeljiji, wakongomani 47 walifariki muji Kinshasa mwaka 1959. Walipigania uhuru wa nchii. Kila mwaka tarehe 4 januari, ni sikukuu ya ukumbusho wao. Lakini hakuna anayejua majina yao ijapo ni watu walifariki inchini na walikua na majamaa. Wote walizikwa katika shamba la wafu la Ngiri Ngiri. Lakini hakuna alitambua makaburi yao. Kwa leo makaburi yote ya Ngiri ngiri ilivunjwa kwa nia ya kujenga duka kubwa. Hadi leo, duka hiyo haiyajengwa, nafasi hiyo ni mashamba ya maboga. Ni mambo ya kushangaa. Ubeleji ni mgini kidogo, lakini inaendelea kuchunga majina na kaburi ya wakongomani 7. Upane wa Kongo hakuna jina ya kujulikana wala kaburi ya wale wanainchi 47 waliokufa juu ya uhuru...</p>	<p>60 anos após a celebração dessas manifestações na Bélgica, 47 congoleses morreram em Kinshasa em 1959. Eles lutaram pela independência do país. Todos os anos, no dia 4 de janeiro, é o dia da sua memória. Mas ninguém sabe seus nomes, embora sejam pessoas que morreram no país e tinham famílias. Todos foram enterrados no cemitério do bairro Ngiri Ngiri. Mas ninguém reconheceu seus túmulos. Atualmente, todos os túmulos daquele bairro foram destruídos com a intenção de construir um supermercado. Até hoje o supermercado não está construído, no lugar, encontra-se uma plantação de abóbora.</p> <p>São coisas surpreendentes. A Bélgica é um pequeno país, mas continua cuidando dos nomes e das sepulturas dos 7 congoleses. Do lado do Congo não se encontra nem os nomes nem as sepulturas das 47 pessoas que morreram pela independência.</p>
	<i>Pas une, mais deux mains coupées</i>	<i>Não uma, mas duas mãos cortadas</i>
85	<p>Washaidi wakubwa wa Kongo ni wale waliokatwa mikono sababu ya kukazwa kazi ya kukusanya kauchu na meno ya tembo. Habari ya kukatana mikono ilileta mzozo duniani nzima. Utawalo wa mfalme wa wabeleji ulimalizika na Kongo ilitiwa ukoloni ya Ubeleji mwaka 1908. Kukatwa mikono kulia-kikishwa na picha ya Epondo, Yoka na wengine. Lakini inchini Kongo hakuna ukumbusho ao sehemu ya barabara ilipewa jina ya Epondo ao Yoka. Tena ma picha yote ilikuwa ya kukatwa mkono mmoja tuu. Bali mwaka 2011, Sammy Baloji alivumbua picha ilikamatwa mwaka 1899; ni picha ya mukongomani aliekatwa mikono yote miwili upande wa Pweto. Ni fasi hakukuwa kukazwa kazi ya kauchu ao ya meno ya tembo. Leo hii, tabia ya kukata</p>	<p>Os maiores mártires do Congo são aqueles que tiveram as mãos decepadas por causa do trabalho árduo de coletar borracha e dentes de elefante. A notícia de decepção de mãos causou um alvoroço no mundo inteiro. O governo do rei belga terminou no Congo, país que tinha sido colonizado pela Bélgica desde 1908. A decepção das mãos se confirma pelas fotos de Epondo, Yoka e outros. Mas no Congo não há memorial ou parte de uma rua com o nome de Epondo ou Yoka. Também, em todas as fotos tinha a decepção de somente uma mão. Mas em 2011, Sammy Baloji descobriu uma foto tirada em 1899; é a foto de um homem congolês que teve as duas mãos cortadas perto da cidade Pweto. É uma localidade onde não tinha nem caoutchouc nem elefantes. Hoje, o hábito de cortar as mãos das pessoas continua no país islâmico. Havia também um certo general Júlio César; para restabelecer a ordem no país</p>

	watu mikono inaendelea katika nchi ya ki-Islamu. Kulikuwa pia gemadari Jili Sezari; kwa kurejesha usalama katika nchi ya Golo alikatisha mikono ya wale waliomugomba-nisha na aliwatembeza fasi zote sababu ya kupatisha woga watu wengine.	de Gale, tinha decepado as mãos dos que se opugnavam a ele e ele os fez circular em todos os lugares para amedrontar outras pessoas.
	<i>Um holocauste au "pifomètre"</i>	<i>Um holocausto ao "pifômetro"</i>
89	Hadisi ya kukatwa mikono ni nyingi na pia mbali mbali, sababu Kongo ni nchi kubwa. Hali ya maisha ya watu siyo moja popote. Hadisi hiyo ya kukatwa mikono imetolewa na Casement aliesimamia Ungereza eneo ya Kongo ya chini, nafasi hakukuwa meno ya tembo ao miti ya kauchu. Walitumia sehemu hii kidogo kwa kuhakikisha hali ya Kongo nzima. Na mwaka 1880, sehemu hiyo ilionesha kama hesabu ya watu wa nchi nzima ilikiwa milioni 25. Si haki, sababu unene wa Kongo ulijulikana nyuma, mu mwaka 1894. Tena wingi wa watu siyo sawa sawa popote. Kwa mfano, tuki-kamata sehemu tatu ya inchi, watu wanakaa wengi katika sehemu moja tu. Mwaka 1914, walitangaza vile vile kama Kongo inahesabia watu milioni 15. Kwa kuona wingi wa watu milioni 25 ulipunguka kuwa milioni 15, wengi walisema kulikosa watu milioni 10. Ni vile wanasema wanasema kama uwingi ulikosa mu hesabu, ni uwingi wa watu walipotea. Na wale walipotea mu hesabu walikuwa wa watu waliuwawa na wakoloni.	As histórias de decepção de mãos são muitas e em várias regiões, pois o Congo é um país muito grande. As condições de vida das pessoas não são as mesmas em todos os lugares. A história de cortar mãos foi relatada por Casement, que representava a Inglaterra na região do baixo Congo, onde não havia dentes de elefante nem seringueiras. Eles usaram essa amostra para garantir a condição no Congo inteiro. E em 1880, essa amostra demonstrava que a população de todo o país era de 25 milhões. O que não é justo, pois a superfície do Congo foi conhecida somente em 1894. Também, o número de pessoas não é o mesmo em todos os lugares. Por exemplo, se consideramos somente três partes do país, muitas pessoas podem se encontrar no mesmo lugar. Em 1914, publicaram também que o Congo tinha 15 milhões de pessoas. Observando que o número de 25 milhões de pessoas foi reduzido para 15 milhões, muitos disseram que 10 milhões de pessoas estavam desaparecidas. Assim disseram que se houver diferença nos cálculos, ela representa o número das pessoas desaparecidas. E os que não apareceram nos cálculos eram pessoas que foram assassinadas pelos colonizadores.
	<i>La barbarie était universelle</i>	<i>A barbárie era universal</i>
93	Wakati wa zamani, mifano mibaya ilipatikana dunia nzima. Kiisha Kongo, bwana Casement alienda mgini Peru na hapo alikuta mateso pia ya watu kwa kazi ya kauchu. Naye Casement alikuwa wa mgini Irlande iliyokuwa koloni ya wangereza; na wangereza	Antigamente, no mundo inteiro tinha maus comportamentos. Depois do Congo, o Sr. Casement foi no Peru e lá também encontrou o sofrimento das pessoas no trabalho da borracha. Casement era um cidadão da Irlanda, que era uma colônia britânica; e os britânicos o enforcaram porque ele pediu a

	<p>walimutundika sababu aliomba uhuru. Wazungu wa Amerika waliuwa ma milioni ya wahindi na karibu wote walifariki. Wajermani nao pia waliwua ma mia elfu ya wananchi wa Tanzania. Waliuwa pia watu 70.000 wa kabila ya Herero pale Namibia. Wangereza weupe maliuwa elfu kumi ya wanawake na watoto wazungu wa Afrika ya kusini. Wafaransa waliuwa wananchi 89.000 wa Madagaska. Inchini Brazzaville, wafaransa walitumikisha watu sawa watumwa ku majengo ya njia ya reli na makumi ya maelfu walifariki. Wakati inchini Kongo walikatiwa mikono, sehemu ya Brazzaville wazungu walipika kapata wakatia mu mwili ya mtu juu ya kujifurahisha siku kuu ya uhuru ya Ufransa. Wakati wa zamani, wazungu walikuwa washenzi... Leo hii, Wachaina weko je ? Njo hadisi !</p>	<p>independência. Os brancos americanos mataram milhões de índios e quase todos morreram. Os alemães também mataram centenas de milhares de tanzanianos. Eles também mataram 70.000 pessoas da comunidade Herero na Namíbia<sup>157</sup>. Os britânicos brancos mataram dez mil mulheres e crianças brancas da África do Sul. Os franceses mataram 89.000 cidadãos de Madagascar. Em Brazzaville, os franceses fizeram trabalhar pessoas como escravos na construção de ferrovias e dezenas de milhares morreram. Enquanto no Congo cortavam as mãos das pessoas, parte de Brazzaville os brancos fabricavam bombas e faziam estourar no corpo de uma pessoa para festejar a independência da França. Antigamente os brancos eram bárbaros... O que dizer hoje dos chineses? Eis a história!</p>
--	---	---

<sup>157</sup> A BBC ( <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57292909>) confirma a informação dada pela Redação em Listas, que publicou em 03 de fevereiro de 2009 às 14:34:47 , uma lista onde consta que entre 1904 e 1908 houve genocídio efetuado pelos alemães na Namíbia o número publicado é de 40.000 a 100.000 mortos entre povos Herero e Nama.

## 5. COMENTÁRIOS ACERCA DA TRADUÇÃO

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo saber, um saber sui generis. A tradução não é nem uma sub-literatura (como acreditava-se no século xvi), nem uma sub-crítica (como acreditava-se no século XIX). Também não é uma linguística ou uma poética aplicada (como acredita-se no século XX). A tradução é sujeito e objeto de um saber próprio. Mas a tradução (quase) nunca considerou sua experiência como uma palavra inteira e autônoma, como o fez (ao menos desde o Romantismo) a literatura. (BERMAN, 2013, p. 18)

A minha experiência com *Realmente Congo, uma Tribo!* começou com a primeira leitura da obra que me levou a rever a história do meu país e assim me incluir em cada momento desta história. Esta inclusão facilitou a minha escolha da língua a ser traduzida para o português brasileiro. Por ter nascido e crescido na cultura e língua swahili da RDC e morando no Brasil há mais de 40 anos senti a capacidade de ter um certo saber que possibilitou o projeto de tradução, as decisões tradutórias e o ato de traduzir que fizeram da minha tradução um sujeito e um objeto do meu próprio saber.

A tradução comentada da versão swahili das histórias incomuns e intensas de Yaya Asani nos levou a traçar um projeto tradutório que envolveu necessariamente a observação da prática auto tradutória ou adaptação nas outras línguas, ou seja, do francês para o swahili e o lingala ou o contrário, feita pelo autor no mesmo livro. Como explicado na nossa introdução, em um primeiro momento, deduzimos que a língua de partida poderia ser o francês pelo fato que o texto escrito nesta língua ocupa uma página inteira e é nela que são enunciados os títulos dos capítulos, legendas das imagens e outras explicações da obra. Nas línguas bantos (Swahili e lingala), observamos que ele resumiu as descrições feitas em francês. Mas, a nossa dedução pode não representar a realidade, pois o fato do francês ocupar um grande espaço das páginas ou os títulos dos capítulos, não significa que foi a língua de partida

Neste ato tradutório, passamos por algumas decisões sejam de como transformar um enunciado que ficou claro na cultura da RDC para que fique claro para o leitor ou ouvinte brasileiro. Um exemplo:

Quadro 9 - Exemplo Capítulo 1

No Página	TEXTO FONTE: SWAHILI	TEXTO TRADUZIDO: PORTUGUÊS BRASILEIRO
	<i>Chapitre 1: Entre un frère et un ami...</i>	<i>Capítulo 1 : Entre um irmão e um amigo...</i>
	<i>Le ciel dans la main</i>	<i>O céu na mão</i>
09	Hadisi njo ! Alizaliwa Lisala, muji anuzungukiwa na miti mirefu sana. Naye	Eis a história!/Era uma vez!/ Aí vem a história!/Era uma vez!

	alikomea na mawazo ya kama juu ya miti ni mawingu, na juu ya mawingu ni mbinguni nafasi Mungu anahishi kwa milele.	Ele Nasceu em Lisala, uma cidade cercada de árvores muitos altos. Assim, ele cresceu pensando que em cima das árvores tem as nuvens, e em cima das nuvens tem o céu, espaço onde Deus vive eternamente.
--	--	---

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Para anunciar um conto em swahili, se diz “Hadisi njo!” a resposta dos ouvintes (maioria crianças) é: “Njo Hadisi!”. Tem várias formas de passar este enunciado: “Hadisi Njo!” para o português brasileiro. A decisão tradutória deve nos levar a conseguir passar claramente o significado de “Hadisi Njo!”, interpretando-o como anúncio de um conto na língua swahili da RDC, o que significa que a obra apresenta um conto, já que ela começa com este anúncio. Há várias formas de traduzir este enunciado:

Eis a história!

Era uma vez!

Aí vem a história!

É claro que a maneira mais simples seria de traduzir por “Eis a história!”, como se como se alguém devesse relatar o que aconteceu ou que provocou uma situação, pois se anunciar assim, o leitor brasileiro vai talvez se preparar para receber uma explicação real de alguma coisa que aconteceu e deve se dar um relatório ou um relato. Daí analisamos que se falando de um conto congolês, deveria obter uma resposta dos ouvintes. Da mesma forma que em Swahili, em lingala se usa outro enunciado: “Lisapo onge” e os ouvintes respondem “onge” ( A história está chegando! E a resposta “Conte!”). Esse é o modo congolês de receber um conto. Mas no Brasil quando se quer contar um conto, usa – se “Era Uma vez”. Então decidimos a usar Era uma veze!

No quadro que representa a página 9, decidimos traduzir a frase: "Walichukua mesali ya maraisi wa dunia nzima, na yake yeye muzaliwa wa Lisala" para "Eles pegaram mensagens dos presidentes do mundo inteiro, assim como a dele, pois ele era presidente, apesar de ter nascido em Lisala" invés de " Eles pegaram mensagens dos presidentes do mundo inteiro, assim como a dele que nasceu em Lisala." porque, nesta frase há uma forma de descrever uma situação inacreditável. Pois, Lisala é uma cidade pequena na grande província do equador. Com uma superfície de 18.417 Km2, hoje com 848.033 habitantes, o que significa que na época de Mobutu, Lisala era uma aldeia no meio da floresta equatoriana. Partindo deste preconceito, não se podia imaginar que um dia um morador de Lisala pudesse enviar mensagem para a Lua, daí a especificação de que já que ele no momento era presidente, então a mensagem dele também será levada à Lua, apesar de ele ser de Lisala, cidade longínqua!

Quadro 10 - Exemplo página 13

13	<p>Kwa mfano wa Mungu muumbaji, Mobutu alipima kuumba Kongo na Wakongomani kwa sura ya sasa. <b>Mwaka 1974, sifa kubwa ikawa naye. Timu ya kabumbu Leopards ikachukua kombe la Afrika hata wakaenda Ujermani kwa kombe la dunia.</b> Mobutu akaalika Mohamed Ali na Georges Foreman. Mwaka iliotangulia, Mobutu akaenda muji New York ambako alichukua sauti mbele ya maraisi wadunia nzima walikusanika nyumbani ya umoja wa mataifa (ONI). Aliporejea Kongo, kila siku televishen ilionesha picha ya Mobutu sawa ni mu-ngu anashuka mbinguni katika mawingu. Vile vile, televishen ilitangaza hotuba yake ya New York ambako wahuzuria wa dunia nzima waliamka wote kwa kumpigia mikono sawa sultani ao mungu wa dunia.</p>	<p>Assim como o Deus criador, Mobutu tentou criar o Congo e os congoleses com uma nova imagem. <b>Em 1974, o grande sucesso foi dele, quando o time de futebol “Leopards”<sup>158</sup> tinha ganho a copa da África e foi até para Alemanha disputar a copa do mundo.</b> Mobutu convidou Mohamed Ali e Georges Foreman<sup>159</sup>. No ano anterior, Mobutu tinha ido para Nova Iorque, onde falou para os presidentes de mundo inteiro reunidos na sede das Nações Unidas (ONU). Quando ele voltou para o Congo, todos os dias a televisão estava mostrando a foto de Mobutu como se fosse um deus descendo do céu entre as nuvens. A televisão anunciou também, o seu discurso de Nova Iorque que os peregrinos do mundo inteiro aplaudiram de pé como se fosse para um rei ou um deus da terra.</p>
----	---	--

No quadro da página .13, demoramos para decidir se deixávamos “Leopards” para colocar “Equipe nacional da RDC”. Optamos por deixar “leopardos”, que não é onça, pois a onça vive nas Américas e o leopardo na África e na Ásia. Os dois têm quase as mesmas manchas na pele, mas a onça é mais pesada do que o leopardo.

Dizem que os jogadores da República Democrática do Congo, conhecidos como "leopardos", quiseram identificaram-se com o brasão do seu país (composto nomeadamente por uma cabeça deste felino ao centro). O leopardo "simboliza poder e força protetora", explica-se nas ruas de Kinshasa.

No entanto, de 1997 a 2006, a seleção congoleza adotou o nome de "Simba" ("Leão" em swahili). Um período que coincide aproximadamente com regime de Laurent-Desiré Kabila, que era swahili fone. Este último tinha sofrido várias

<sup>158</sup> Equipe nacional de futebol.

<sup>159</sup> Melhores boxeadores dos Estados Unidos e do mundo.

alterações. incluindo a do nome do país para "Congo" em vez de "Zaire". (Jeune Afrique, 2016)<sup>160</sup>

Quadro 11 - Capítulo2: exemplo

	<i>Chapître 2: Terra ignota</i>	<i>Capítulo 2: Terra desconhecida</i>
	<i>Puisque le Congolais lit la Bible</i>	<i>Já que o congolês lê a bíblia</i>
19	<b>Hadisi hii ya Biblia ni ya ajabu.</b> Kila mmoja aliisha kuisikia mara nyingi na watu wengi wanasoma ndani ya Biblia. Wanasoma kila siku, ijapo Biblia inaandikwa na alama ndogo sana. Wale wanasema leo kwamba wakongomani hawasomaki vitabu, hawaseme kweli. Ikiwa ni kweli...jee, wanasoma Biblia, kitabu kinene na maandiko madogo sana? Kusema kweli, wakongomani wanaweza kusoma vitabu mbalimbali sababu wanapenda hadisi mbali mbali. Sawa hadisi ya nchii Kongo na Chaina.	<b>Esta história da bíblia é estranha.</b> Cada um já ouviu ela várias vezes e outras pessoas a lê na bíblia. Eles leem todos os dias, embora a Bíblia seja escrita com letras minúsculas. Quem diz hoje que os congoleses não lê livros, não está dizendo a verdade. Se fosse verdade... Como, estariam lendo a bíblia, um livro grande com escritas minúsculas? Na verdade, os congoleses podem ler diferentes livros, pois gostam de histórias diferentes. Tal como a história do país Congo e a China.

Na página 19 tem a palavra “ajabu”, que significa “maravilhoso”, “formidável” “miraculosa”, mas há de saber que na leitura do brasileiro, ( ou mesmo congolês que eu sou) uma história de um irmão que vende o seu direito de primogênito em troca de comida, não é “formidável”, nem “maravilhosa”, muito menos “miraculosa”, é “surpreendente” ou “estranha”. Decidimos usar “estranha”.

Quadro 12 - Exemplos da tradução

31	Stanley alikuwa mungereza. Pale alitoka Boma, alielekea Luanda kwa kupanda mashua ya bahari ilimupeleka Zanzibar fasi alianzaka safari yake. Aliporudi	Stanley era um inglês. Ao sair de Boma <sup>161</sup> , ele foi para Luanda <sup>162</sup> para embarcar num navio que o levou até Zanzibar de onde ele tinha iniciado a sua viagem. Ao voltar para a Europa,
----	--	---

<sup>160</sup> On dit des joueurs de la République démocratique du Congo, connus sous le nom de « Léopards », qu'ils ont voulu s'identifier aux armoiries de leur pays (composées notamment d'une tête de ce félin au centre). Le léopard « symbolise le pouvoir et la force protectrice », explique-t-on dans les rues de Kinshasa. Néanmoins, de 1997 à 2006, la sélection congolaise avait pris le nom de « Simba » (« lion » en swahili). Une période qui coïncide à peu près au régime de Laurent-Désiré Kabila, qui était swahiliphone. Ce dernier avait entrepris plusieurs changements dont celui du nom du pays en « Congo » en lieu et place de « Zaire ». (Jeune Afrique, 2016)

<sup>161</sup> RDC.

<sup>162</sup> Angola.

	<p>Ulaya, alionesha inchi yake ya Ungereza kama Kongo itaweza kuwapatia faida kubwa. Wangereza hawakupenda. Ni vile Stanley alimtumikia mfalme wa Ubeleji. Mbele ya safari kubwa ya Stanley, hakuna aliejua nini ilipatikana ndani ya Afrika, nafasi ya nchii Kongo. Wataalamu wote walikua wakisema eneo ya kati ya Afrika ni « nchii isiyo julikana ». <b>Nao wana nchii wa Chaina walizania kama Kongo, ao sehemu ya kati ya Afrika, ilikua ni ziwa kubwa.</b></p>	<p>demonstrou para o seu país, a Inglaterra, como o Congo poderia lhes proporcionar grandes benefícios. Os ingleses não mostraram interesse. Foi assim que Stanley serviu ao rei da Bélgica. Antes da grande viagem de Stanley, ninguém sabia o que havia na África, nem no país do Congo. Todos os especialistas costumavam dizer que a região central da África é uma "terra desconhecida". <b>E o povo da China pensava que o Congo, ou a parte central da África, era um grande lago.</b></p>
--	---	---

A versão swahili da página 31, me levou a refletir sobre o fato da vantagem que se teria de traduzir as legendas das imagens, pois na página 29, tem duas imagens, com a legenda que explica essa narrativa, mas em francês : *Detalhe do mapa mundi chines Da Ming Yi Tu (1389). Ao extremo esquerdo de baixo tem um esboço de uma África central (Congo) como um enorme lago interior. Efetivamente, o Congo tem muitos lagos e rios.*<sup>163</sup>

Quadro 13 - Tradução página 41

<p><b>41</b></p>	<p>Kwa sifa ya mtaalamu Jean Jadot aliejenga njia ya reli inchini Chaina na Kongo, muji wa pili mu Katanga ulipokea jina Jadotville. Mobutu akageuza jina hiyo na muji ukaitwa <b>Likasi</b>. Mobutu akabadirisha pia majina mengine. Mwaka 1971, Kongo ikawa Zaire. Tangu zamani sana, waportugezi walikuwa wanaita jito kubwa na majina mawili : Kongo, wala Zaire. Historia inaonesha kama ni jina ya jito ilipatia jina inchi Kongo, na vile vile Zaire. Kusema yote, hii jina Kongo inatoka kwa ufalme Kongo wa kabila ya Bakongo. Leo hii watu wa makabila 250 wanaosema luga 212, wote wanakubali kuitwa Wakongomani, japo jina hii ni ya kabila ya Bakongo.</p>	<p>Graças ao especialista Jean Jadot, que construiu a ferrovia entre a China e o Congo, a segunda cidade do Katanga recebeu o nome de Jadotville. Mobutu mudou o nome e a cidade passou a se chamar <b>Likasi</b>. Mobutu também mudou outros nomes. Em 1971, o Congo tornou-se Zaire. Desde tempos remotos, os portugueses chamavam o grande rio com dois nomes: Kongo e Zaire. A história mostra que é o nome de um rio, que deu nome ao Congo, assim como ao Zaire. Para dizer tudo, este nome Congo vem do reino “Kongo” da comunidade “Bakongo”. Hoje, pessoas de 250 comunidades que falam 212 idiomas concordam em ser chamadas de congoleses, embora esse nome pertença à comunidade bakongo.</p>
------------------	---	---

<sup>163</sup> Ver no capítulo 2 na descrição do corpus, onde ao apresentar a bibliografia do autor de 2012 a 2012, traduzimos as legendas e notas escritas em francês, para o português brasileiro.



--	--	--

Likasi, ex Jadotville encontra-se a 138km de Lubumbashi com qual é ligado por ferroviária e rodovia. a Enciclopédia britânica informa que em 1892, os belgas descobriram um depósito de cobre a 24 Km no Norte/Oeste da cidade. Hoje é um dos mais importantes centros do país de tratamento de minerais, com usinas de refino de cobre e do cobalto. Encontra-se também fábricas químicas (ácido sulfúrico, glicerina) e uma fábrica de bebidas. Likasi possui um museu arqueológico e de mineração. Quando pequena, ouvia pessoas chamando Likasi de "cidade de bom cheiro". Eu passei várias vezes pela cidade e até estudei num colégio interno perto de lá mas nunca prestei atenção ao cheiro da cidade, além de gostar de muitas montanhas em volta do meu colégio interno.

Quadro 14 - Tradução página 45

45	<p>Eneo ya Bakongo ni fasi jito Kongo inajitupa ndani ya bahari Atlantique. Sehemu hii ilitawaliwa na waportugeze. Kusudi kupata namna ya kuelekea bahari, nchii ya Kongo ilipashwa kuendesha mazungumuzo na Uportugali. Mwaka 1891, kukawa makubaliano na Kongo ikapewa sehemu ya inchi tangu Banana, Moanda mpaka Boma na Matadi. Ile sehemu ikagawanya Angola na <b>Kabinda</b>. Wakaaji hawakupewa nafasi ya kukusudia kama watatawaliwa na waportugeze ao na wabeleji. Makubaliano ya mwaka 1891 ilisimika mipaka ya kusini ya inchi Kongo na Angola. Nayo Angola ikajikuta na mingoti ya diamant. Lakini maji ya mtoni ya kutokea Angola ilipeleka utajiri wa diamant hadi majimbo ya Kasai na Bandundu.</p>	<p>A região de bakongo é a bacia onde o rio Congo deságua no Oceano Atlântico. Esta parte era governada pelos portugueses. Para encontrar uma maneira de ir para o mar, o Congo teve que negociar com Portugal. Em 1891, houve um acordo e o Congo recebeu uma parte do país de Banana, Moanda a Boma e Matadi. Essa parte dividiu Angola e <b>Cabinda</b>. Os moradores não tiveram a chance de decidir se seriam governados pelos portugueses ou pelos belgas. O acordo de 1891 estabeleceu as fronteiras meridionais entre o Congo e a Angola. Assim, a Angola viu-se com pólos de diamante. Mas as águas do rio com nascente em Angola levaram a riqueza diamantífera para as províncias de Kasai e Bandundu<sup>164</sup>.</p>
----	--	---

Cabinda ou Kabinda, enclave do norte de Angola, na costa oeste (atlântica) da África, ao norte do estuário do rio Congo. Faz fronteira com a RDC ao norte e nordeste e é separado de Angola por parte da RDC ao sul e sudeste. Seu litoral se estende por 90Km e sua maior largura é de 113Km. Com as contínuas descobertas de petróleo "offshore", o petróleo bruto tornou-se o principal produto de

<sup>164</sup> Províncias da República Democrática do Congo.

exportação de Cabinda. A produção de madeira, óleo e palmiste, cacau e café diminuiu desde o surgimento da indústria petrolífera local. A capital, Cabinda, é um porto petrolífero na margem direita do rio Bele (Lulondo). (<https://www.britannica.com/place/Cabinda-province-Angola>).<sup>165</sup>

Quadro 15 - Tradução página 55

	<i>L'os d'Ishango</i>	<i>O osso de Ishango</i> <sup>166</sup>
55	<p>Upanse wa mashariki, mipaka ya Kongo inatoka kusini na inaenda kaskazini kandokando ya mitoni na ziwa ya Tanganika, Kivu, Edouard na Albert. Pale kaskazini, wangereza walitawala muji Rejaf kandokando ya mtoni Nil inayoteka tangu Sudan mpaka Misri na bahari Mediterranea. Ni pale ma-shariki ya Kongo, Mungu aliumba Mtu. Leo hii, kunapita miaka 68.000, wabinadamu walienda kuzaana dunia mzima. Ni hivyo watu wa kabila na rangi mbalimbali, wote walitoka Afrika. Nao mfupa Ishango ulivumbuliwa Kongo, na unaonesha mwanzo wa akili ya mtu ya kuhesabia. Ni kwa hiyo Kongo inapatikana katikati ya historia ya dunia. Na siku Jemadari Jili Sezari alichomwa visu na akafariki muji Roma, alikuwa tayari kusafiri muji Rejaf kuongoza majeshi kwa kuingia Kongo. <b>Kama Sezari ange uwawa, historia ya dunia ingebadirika.</b></p>	<p>No lado oriental, as fronteiras do Congo vêm do Sul e vão para o Norte ao longo dos rios e lagos de “Tanganika”, “Kivu”, “Edouard e Albert”. No Norte, os britânicos governaram a cidade de Rejaf<sup>167</sup> ao longo do rio Nilo, que flui do Sudão até o Egito e no mar Mediterrâneo. É lá no leste do Congo, que Deus criou o Homem. Hoje, depois de 68.000 anos, os humanos foram se reproduzir em todo o mundo. É assim, todas as pessoas de diferentes comunidades e raças, vieram da África. E o osso do Ishango foi descoberto no Congo, e mostra o começo da mente de uma pessoa para fazer cálculos. É por isso que o Congo se encontra no centro da história mundial. No dia que o general Júlio Cesar foi esfaqueado e morreu em Roma, ele estava pronto para viajar para Rejaf e liderar o exército para entrar no Congo. <b>Se César não tivesse sido morto, a história do mundo teria mudado.</b><sup>168</sup></p>

Na página 55 houve um erro, pois, a tradução de “ANGE UWAWA” é “Se estivesse morto”, mas por erro de digitação no original, a frase seria traduzido “Se César tivesse matado, a história do mundo teria mudado”. Acontece que mais cedo é anunciado: “No dia que o general

<sup>165</sup> Cabinda, également orthographié Kabinda, enclave nord de l'Angola, sur la côte ouest (atlantique) de l'Afrique au nord de l'estuaire du fleuve Congo. Il est bordé par la République du Congo au nord et au nord-est et est séparé de l'Angola par une partie de la République démocratique du Congo au sud et au sud-est. Son littoral s'étend sur 56 miles (90 km) et sa plus grande largeur est de 70 miles (113 km). Avec la poursuite des découvertes de pétrole offshore, le pétrole brut est devenu la principale exportation de Cabinda. La production de bois, d'huile et de palmiste, de cacao et de café a diminué depuis l'essor de l'industrie pétrolière locale. Le chef-lieu, Cabinda, est un port pétrolier sur la rive droite du fleuve Bele (Lulondo). (<https://www.britannica.com/place/Cabinda-province-Angola>).

<sup>166</sup> Ver informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Osso\\_de\\_Ishango](https://pt.wikipedia.org/wiki/Osso_de_Ishango).

<sup>167</sup> Sudão do Sul.

<sup>168</sup> Correção do autor: “Kama Sezari asinge uwawa, história ya dunia ingebadirika” (Se César não tivesse sido assassinado, a história do mundo teria mudada).

Júlio César foi esfaqueado e morreu em Roma, [...]”. Então, entrei em contato com o autor que permitiu que eu traduzisse “Se César não tivesse”, pois ele morreu mesmo naquele dia que deveria embarcar com a tropa. Mas ele não permitiu que eu mudasse a versão dele no original, pois o leitor congolês haverá de entender, e nunca fizeram esta pergunta para ele.

Quadro 16 - Tradução página 63

<p>63</p>	<p>Zamani, Rwanda, Burundi, Uganda na Tanzania walikuwa makoloni ya wa wajermani. Mwaka 1914, wajermani walichokoza vita ya kwanza ya dunia pale Ulaya. Hapa Afrika, wajermani waliotawala mji Kigali, wakashambulia nchii ya Kongo. Wakapiga mabomu juu ya muji Kalemie. Wajermani walikua na nia ya kuunganisha bahari India na bahari Atlantike, Tanzania na Kamerun; kwa hiyo walipima kuchukua Kongo. Wakongomani wakapigana vita na wajermani upande wa Namibia na Kamerun. Vita ikawa kali upande wa mashariki ya Kongo. <b>Wangereza wakapatia Kongo mashua mbili ya mayi ya kutokea ulaya. Meli Mimi na Tutu ikasafirishwa mu bahari toka Ungereza, ikapandishwa juu ya treni tangu Kapetauni hadi Lubumbashi. Toka Fungurume ikasukumiwa kati ya pori na vilima mpaka muji Bukama. Pale Bukama, meli ikasafiri juu ya jito Lualaba hadi kufika Kabalo tarehe 22/10/1915. Ikatiwa juu ya treni mpaka Kalemie. Hapo, Mimi na Tutu wakapigana vita na wajermani katika ziwa Tanganika.</b></p>	<p>No passado, Ruanda, Burundi, Uganda e Tanzânia foram colônias alemãs. Em 1914, os alemães provocaram a primeira guerra mundial na Europa. Aqui na África, os alemães governaram a cidade de Kigali, atacaram o Congo. Eles bombardearam a cidade de Kalemie. Os alemães queriam conectar o Oceano Índico com o Oceano Atlântico, Tanzânia e Camarões; então eles tentaram tomar o Congo. Os congolezes travaram uma guerra com os alemães perto da Namíbia e dos Camarões. A guerra tornou-se feroz na parte oriental do Congo. <b>Os britânicos deram ao Congo dois navios/barcos vindos da Europa. Os navios/barcos Mimi e Tutu foram transportados por mar saindo da Inglaterra e colocados em cima de um trem saindo da Cidade do Cabo<sup>169</sup> até Lubumbashi<sup>170</sup>. Saindo de Fungurume<sup>171</sup>, foram empurrados pela floresta e pelas montanhas até a cidade de Bukama<sup>172</sup>. Chegando em Bukama, os barcos viajaram pelo rio Lualaba até chegar a Kabalo<sup>173</sup> em 22/10/1915. Foram então colocados em cima do trem até Kalemie<sup>174</sup>. Lá, Mimi e Tutu combateram contra os alemães no Lago Tanganica.</b></p>
-----------	---	---

<sup>169</sup> África do sul.

<sup>170</sup> RDC, hoje capital da província do “Haut Katanga”(alto Katanga).

<sup>171</sup> RDC, cidade da província do “Lualaba” (nome de uma parte do rio Congo).

<sup>172</sup> RDC, cidade da província do “Haut Lomami” (alto Lomami).

<sup>173</sup> RDC, cidade da província de Tanganica.

<sup>174</sup> RDC, cidade da província de Tanganica.

Esta história dos barcos Mimi e Tutu, nos deu mais motivação para traduzir as legendas de imagens e notas escritas em francês. Lendo como foram transportados até o lago Tanganika, pareceria um conto imaginário, mas nas fotos é escrita a viagem de Mimi e Tutu que na realidade não foram navios, mas barquinhos. E nas imagens com legendas está claro e confirmadas todas as etapas de viagem por terra com os bois e as pessoas empurrando, viagem por rios e por trem.<sup>175</sup>

Quadro 17 - Tradução página 67

67	<p>Mwaka 1914 ilioanza vita ya kwanza ya dunia, sehemu ya kaskazini na ya kusini ya Nigeria iliungwa na kuwa nchii mmoja. Mbele ya hapo, nchii hiyo iliitwa majina mbali mbali. Ni muandika wa habari, bibi Flora Louisa Shaw, akaomba nchii ipewe jina fupi ya « NIGERIA ». Mwaka 2014, wananchii wa Nigeria walisherekea myaka mia mmoja ya kuundwa kwa nchii yao. Pasipo haya ao chuki sababu jina na masehemu yao ilitokea ku wakoloni. Ni kama wakongomani wakianza kusherekea uhuru wao kila siku ya kwanza ya mwezi julai sababu tarehe 01/07/1885 waliunda Inchi Uhuru ya Kongo ; ao wakianza kushangilia tarehe ya kumi na mbili ya mwezi wa tano sababu tarehe hiyo 12/05/1894 mgini ilitimiza mipaka ya inchi Kongo. <b>Pasipo haya wala chuki, Kongo inaonekana kama ni taifa ya tatu kwa kupata uhuru mu Afrika, baada ya Ethiopia (mwaka 800 mbele ya kuzaliwa kwa Yesu) na Liberia (mwaka 1847). Pasipo haya wala chuki, Kongo pekee haikuwekwa ukoloni mwaka 1885...</b></p>	<p>A primeira guerra mundial começou em 1914, as partes norte e sul da Nigéria foram unidas para se tornar um só país. Antes disso, este país era chamado de nomes diferentes. É uma jornalista, a Sra. Flora Louisa Shaw, que pediu ao país que recebesse o nome curto e simples de "NIGÉRIA". Em 2014, os nigerianos comemoraram o centenário da criação de seu país. Sem constrangimento nem ódio sendo que seus nomes e suas localizações vieram dos colonizadores. É como se os congoleses comessem a comemorar sua independência todo primeiro dia de julho porque em 01/07/1885 criaram o estado independente do Congo; ou se comessem a comemorar no dia doze do quinto mês porque aquela data 12/05/1894 muitas aldeias traçavam suas fronteiras do país do Congo. <b>Sem vergonha nem ódio, o Congo parece ser o terceiro país a conquistar a independência na África, depois da Etiópia (800 anos antes do nascimento de Jesus) e da Libéria (em 1847). Sem vergonha ou preconceito, só o Congo não foi colonizado em 1885...</b></p>
----	--	--

Aqui o autor afirma que o Congo só parece ser o terceiro país da África a conquistar a independência, depois da Etiópia (800 anos antes do nascimento de Jesus) e da Libéria ( em 1847). Mas, para o autor, o Congo é o único país que nunca foi colonizado. (ASANI, 2015. P.67).

<sup>175</sup> Ver as imagens e tradução das legendas no capítulo 2 desta tese.

Quadro 18 - Tradução página 93

93	<p>Wakati wa zamani, mifano mibaya ilipatikana dunia nzima. Kiisha Kongo, bwana Casement alienda mgini Peru na hapo alikuta mateso pia ya watu kwa kazi ya kauchu. Naye Casement alikuwa wa mgini Irlande iliyokuwa koloni ya wangereza ; na wangereza walimutundika sababu aliomba uhuru. Wazungu wa Amerika waliuwa ma milioni ya wahindi na karibu wote walifariki. Wajermani nao pia waliwua ma mia elfu ya wananchi wa Tanzania. Waliuwa pia watu 70.000 wa kabila ya Herero pale Namibia. Wangereza weupe maliuwa elfu kumi ya wanawake na watoto wazungu wa Afrika ya kusini. Wafaransa waliuwa wananchi 89.000 wa Madagaska. Inchini Brazzaville, wafaransa walitumikisha watu sawa watumwa ku majengo ya njia ya reli na makumi ya maelfu walifariki. <b>Wakati inchini Kongo walikatiwa mikono,</b> sehemu ya Brazzaville wazungu walipika kapata wakatia mu mwili ya mtu juu ya kujifurahisha siku kuu ya uhuru ya Ufransa. Wakati wa zamani, wazungu walikuwa washenzi... Leo hii, Wachaina weko je ? Njo hadisi !</p>	<p>Antigamente, no mundo inteiro tinha maus comportamentos. Depois do Congo, o Sr. Casement foi no Peru e lá também encontrou o sofrimento das pessoas no trabalho da borracha. Casement era uma cidadã da Irlanda, que era uma colônia britânica; e os britânicos o enforcaram porque ele pediu a independência. Os brancos americanos mataram milhões de índios e quase todos morreram. Os alemães também mataram centenas de milhares de tanzanianos. Eles também mataram 70.000 pessoas da comunidade Herero na Namíbia. Os britânicos brancos mataram dez mil mulheres e crianças brancas da África do Sul. Os franceses mataram 89.000 cidadãos de Madagascar. Em Brazzaville, os franceses fizeram trabalhar pessoas como escravos na construção de ferrovias e dezenas de milhares morreram. <b>Enquanto no Congo amputavam as mãos das pessoas,</b> parte de Brazzaville os brancos fabricavam bombas e faziam estourar no corpo de uma pessoa para festejar a independência da França. Antigamente os brancos eram bárbaros... O que dizer hoje dos chineses? Eis a história!</p>
----	--	---

Na página 93 quando o autor menciona que no congo se cortava as mãos das pessoas, um leitor brasileiro pode considerar isso como uma lenda se não tiver a oportunidade de ler as notas do final da obra assim como as fotos das vítimas com mãos amputadas.<sup>176</sup>

<sup>176</sup> Ver tradução das legendas das fotos e das notas escritas em francês, no capítulo 2 desta tese.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elaboração desta tese, que tem com objetivo geral de traduzir a versão swahili do livro “Realmente Congo, uma tribu!” , consultamos vários trabalhos de dissertações e teses disponíveis no depositório do site do PGET/UFSC e em algumas bibliotecas digitais do Brasil e bibliotecas das cidades de Lubumbashi, Kolwezi, Likasi e Kamina (RDC), além do banco de teses e dissertação disponibilizado pela CAPES, assim como várias dissertações e teses recebidas do orientador como exemplo, mas não encontramos nenhuma tradução anterior, entre as duas línguas Swahili da RDC/Português brasileiro, muito menos algum trabalho sobre o livro "Realmente Congo, uma Tribu!) de Yaya Asani (2015). Este fato nos leva a considerar como desafio a pesquisa e o trabalho de tradução sem nenhuma outra fonte comparativa que possa permitir uma análise crítica da nossa própria tradução. Voltamos então a nossa introdução onde citamos o pensamento de Berman que diz:

Aplicada às obras, a censura platônica sanciona um certo tipo de "translação", a do "sentido" considerado como um ser em si, como uma pura idealidade, como um certo "invariante" que a tradução faz passar de uma língua a outra deixando de lado sua casca sensível, seu "corpo": de sorte que o insignificante, aqui, é antes o significante. Do mesmo modo, todas as línguas são uma(s) pois nelas reina o logos, e é isso que, além das suas diferenças, funda a tradução. (BERMAN, 2013, p. 32).

Assim, passamos a considerar a nossa tradução com o olhar comparativo que criamos na releitura de *Mil Platôs I* de Gilles Deleuze e Félix Guattari explicando sobre o rizoma, na sua situação de não ter começo nem conclusão, pois encontra sempre um meio para se posicionar [...].

[...] entre as coisas inter-ser, intermezzo.[...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, capa).

No capítulo 4, apresentamos a tradução do texto que tem como língua fonte o swahili no livro *Realmente Congo, uma Tribu!* de Yaya Asani (2015) para o português brasileiro. Como explicado no quadro 4, na introdução desta tese, usamos uma tabela dividida em 3 colunas: Nr da página na obra, texto original em swahili, tradução em português brasileiro. Não há especificação de capítulos ou parágrafos que estarão incluídas numa determinada linha, além da ordem seguida pelo texto, cada linha contém o seguimento do texto como consta na obra.

No capítulo 3 fizemos uma revisão dos conceitos da tradução para facilitar a nossa atividade de traduzir a versão swahili da obra *Realmente Congo, uma Tribu!*.

Declaramos num dos parágrafos, ter consultado o dicionário português Houaiss que define "tradução" como sendo também [...] a operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (língua-fonte), no caso, o swahili, para o equivalente em outra língua (língua-alvo), o português brasileiro, ambas conhecidas por mim; assim, o termo ou discurso original torna-se compreensível para alguém que desconhece a língua de origem. Houaiss define também "tradução" como sendo uma obra traduzida, no caso, o nosso corpus que é uma obra com três línguas cuja uma é fonte (ou não) das duas outras. As definições deste dicionário que citam como significado de "tradução", ato de tornar claro um significado de algo, ou como interpretação, compreensão, explicação[...] permitiram que eu pudesse exercer no meu ato tradutório, todas essas ações. Pois sendo a língua swahili e as culturas do meu país uma novidade por aqui, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, a minha missão foi de deixar todos estes pontos citados na maior clareza para permitir a compreensão cultural que está sendo transmitida no conto de Yaya Asani.

Seguindo as definições de Houaiss, podemos esclarecer as etapas que seguimos na elaboração deste trabalho. Depois de preparar a tabela como explicado acima, fizemos a operação de passar os enunciados encontrados em 5 capítulos e 30 parágrafos na versão swahili da obra "Realmente Congo, uma Tribu!" de Yaya Asani(2015) para o português brasileiro. Para isso, além do dicionário português Houaiss, consultamos o dicionário eletrônico do google e o dicionário kiswahili-français/français-kiswahili de Georges Mertens.<sup>177</sup> Para certas expressões, consultamos o próprio autor que está sempre disponível.

Paralelamente ao ato tradutório, procuramos resolver o problema desta pesquisa que é de identificar a língua de partida de "Realmente Congo uma tribo!", obra que foi escrita em três línguas, francês, swahili e lingala. Emitimos 3 hipóteses que verificamos pela entrevista que o autor nos concedeu em 24/01/2021 por WhatsApp, sobre esta questão.

A resposta dele a esta pergunta chave, pode significar que ele admitiu que foram feitas adaptações do texto francês aos outros por ele mesmo, ao mesmo tempo que ele afirma que não são traduções, mas escritas paralelas. Voltamos então a procurar nos conceitos de auto tradução e de adaptação, apresentados no capítulo 3 desta tese, 3.2.3 onde citamos a afirmação de Anthony Cordingley:

---

<sup>177</sup> MERTENS, Georges. *Dictionnaire kiswahili-français et français-kiswahili*. Paris, Ed. Karthala, 2006.

[...]Escrevendo no nexo de pelo menos duas línguas, duas culturas e para pelo menos dois públicos leitores diferentes, o auto tradutor é um tipo particular de interlocutor transcultural. [...]o autotradutor é um intermediário que facilita comunicação entre dois partidos linguísticos ou culturais diferentes. Ainda o autotradutor é o intermediário de e para um texto ‘original’ e, em algumas interpretações do termo, também para o seu próprio ‘eu’. (CORDINGLEY, 2013, p. 1)

O nosso comentário a esta citação afirma que os argumentos deste autor nos levam a entender a situação de Asani, autor do nosso corpus, pois podemos aceitar a possibilidade de ele ter escrito nas três línguas, considerando as três culturas, conseqüentemente são três públicos diferentes, sendo os falantes do francês; do swahili e do lingala. Este fato pode justificar a resposta dele quando perguntamos sobre as auto traduções da obra. Então, entendemos que, ele como interlocutor transcultural e intermediário na comunicação entre três línguas e culturas que não são tão diferentes para ele, pois ele cresceu com os três partidos linguísticos, provavelmente ele não quer transparecer o texto original até para ele mesmo, por se sentir ao mesmo tempo intermediário e receptor das três culturas linguísticas utilizadas na obra publicada. Assim, consideramos cada uma das versões como sendo independentes e o texto que escolhemos para traduzir para o português brasileiro, no caso o escrito na língua swahili, é um original e não tradução.

Quanto a adaptação e participação de profissionais para a tarefa, no capítulo 3 desta tese quando definimos a “Adaptação”, citamos uma conclusão de Yves Gambier, que diz que: “A adaptação encontra-se no processo de comunicação, entendido como um conjunto de estratégias, de processos de construção e troca de sentido[...]” (p. 424).

Comentamos que a partir das preocupações expostas por Gambier (1992) sobre a adaptação, escrevemos um texto que foi apresentado no XII Seminário de Pesquisas em Andamento com o título “O desafio da noção de original e tradução/adaptação no livro de Yaya Asani: *Vraiment Congo, une tribu!* - Histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo”. Mencionamos também que quando questionado sobre o porquê de as duas revisoras terem sido citadas como adaptadoras no prefácio do livro, o autor responde: “*É uma forma de dizer que elas revisaram e melhoraram o meu swahili e meu lingala.*”

Não bastava a resposta do autor para verificar as nossas três hipóteses:

1. O autor escreveu em francês e depois traduziu/adaptou para as duas outras línguas;
2. O autor escreveu paralelamente as três versões baseado nos temas enunciados em francês;



3. A língua de partida é uma das línguas bantos, swahili ou lingala. Para resolver este problema.

No segundo capítulo que tem como título: O AUTOR Yaya ASANI: SUAS OBRAS E AS LÍNGUAS-CULTURAS DA RDC, apresentamos publicações do autor de 2012 a 2020, dentro das quais tem VCT. Aproveitamos do espaço para analisar, descrever e traduzir elementos essenciais que estavam escritos somente em francês. São algumas instruções de leituras das três opções da obra (impresso, Kindle e áudio livro), as legendas das imagens e as notas de final de livro. Todos esses elementos constam somente em francês. Essa análise aérea nos levou a eliminar a primeira hipótese, pois sem o francês, não faria sentido a publicação da obra somente em uma ou nas duas línguas bantos. Isso nos levou a consideração que o autor não usou nem o lingala, nem o swahili como língua de partida.

Depois da tradução dos textos em francês, fizemos uma análise quantitativa dos textos que nos trouxe os resultados a seguir:

A obra tem ao total 104 páginas. Analisamos a posição das três línguas, com relação à obra toda, ou seja, à quantidade de cada língua dentro das 104 páginas. Sendo que as duas línguas bantos estão dividindo uma página, além disso, todas as explicações incluindo prefácio e agradecimento estão em francês. Facilmente detectamos que o francês está usando 70% do espaço do livro e as duas línguas bantos unicamente 30% da obra. Traduzimos as legendas das imagens e as notas finais, pois há informações valiosas que permitirão ao leitor brasileiro de compreender não somente as histórias de bastidores da história da RDC, mas também escutar o outro lado, pois até agora são historiadores que escrevem sobre a RDC mas seguindo as normas dos antigos colonizadores. Somos dependentes apesar da dita independência de 1960. Dito isso, voltamos às duas hipóteses e consideramos que as duas são mantidas com base nas reflexões dos dois autores citados acima:

Tudo indica que o francês é a língua de partida, seja para auto- tradução, adaptação ou escrita paralela. Se não fosse, todas as inscrições e informações deveriam constados em todas as três línguas. Não constando, obriga a qualquer leitor da RDC ou outro país, a saber ler e compreender o francês para poder ler “Vraiment Congo une tribu!”.

Os nossos objetivos específicos se realizaram durante os 4 anos de estudos e vão se realizar mais depois da publicação desta tese.

Efetivamente, nossas participações e publicações nos anais dos seminários de pesquisa em andamentos (SPA) durante os 4 anos, preencheram a lacuna de traduções de línguas bantos da RDC para o português brasileiro, pois nossas apresentações sempre foram

sobre o nosso corpus “Vraiment Congo, une Tribu!). Esta tese, além de ser publicada ficará no repertório de teses da PGET/UFSC. Desde que eu comecei a fazer a pesquisa e a tradução de VCT, tenho muitos convites nas escolas e comunidades afrodescendentes onde me convidam para participar da lei 10.639/03. Os quilombos onde fiz as pesquisas anteriores, estão marcando para terem aulas de swahili.

Os comentários da nossa tradução foram baseados nas decisões tradutórias de algumas expressões culturais próprias ao povo da RDC e que tivemos que interpretar para a cultura brasileira. Para isso seguimos os passos dados na obra *Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução (2017)*

Na minha opinião, o gênero tradução comentada poder ser definido por algumas características que tento elencar aqui: O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário; O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto); O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários etc. dessas decisões; O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução. O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução. (TORRES, FREITAS e COSTA. 2017, p. 18).

Sou a autora da tradução, A minha tradução comentada está incluída na própria tradução por inteiro, O objetivo de traduzir VCT é mostrar o processo de tradução, por isso estou comentando sobre as minhas decisões tradutórias, meus comentários partem da tradução efetuada por mim mesma e observa estas diferenças culturais entre os dois países. Meus comentários explicaram cada detalhe das decisões tomadas para traduzir de alguma forma e não de uma outra.

## REFERÊNCIAS

ALMELA, Soto Jorge. **La traducción de la cultura en el sector turístico: Una cuestión de aceptabilidad**, Peter Lang GmbH Editora internacional das ciências, Berlin 2019.

AMORIM, Marcelo Álvaro. **Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural**: estado da arte e perspectivas futuras. Itinerários, Araraquara, n. 36, p. 15-33, 2013.

ASANI, Yaya. **Really? Congo, a tribe!** Lubumbashi: Mediaspaul, 2016.

ASANI, Yaya. **Vraiment: Congo, une tribu!** Com MP3 incluso (French Edition) (Locais do Kindle 4-7). Marcel Yabili. Edição do Kindle. Marcel Yabili Éditeur: Mediaspaul EAN Epub : 978-2-37162-431-3 Couverture : Parcours Africain (Percorsi africani) par Luciano Barbero. 2015.

BALIHUTA, Kajiga. Langue et culture des Banto. **Présence Africaine**, [s. l], n. 94, p. 31-52, jun. 1975.

BANDIA, Paul F.. Esquisse d'une histoire de la traduction en Afrique. **Meta**, [S.L.], v. 50, n. 3, p. 957-971, 2 nov. 2005. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/011607ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2005-v50-n3-meta979/011607ar>. Acesso em: 09 mar. 2021.

BANQUE MONDIALE (org.). **Congo, République démocratique du**. 2023. Disponível em: <https://donnees.banquemondiale.org/pays/congo-republique-democratique-du>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BANZA, Phinnées Yumba Musoya. Administration de la justice coutumière chez les Baluba, Sarbruck : Éditions universitaires européennes, 2019.

BARTH, Fredrick. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, Frederick. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 25-58. Organização de Tomke Lask. Tradução de John Cunha Comerford.

BASTIN, Georges L.. L'impact d'Antoine Berman sur la traductologie en Amérique latine : une enquête. **Ttr: traduction, terminologie, rédaction**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 181-194, 24 jul. 2003. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/000575ar>.

BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin, tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Pereira. Bauru: EDUSC, 2002.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. 2 ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. Tradução de Marie- Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178888/Antoine\\_Berman\\_-\\_Traducao\\_e\\_a\\_Letra\\_2a%20ed\\_2013.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178888/Antoine_Berman_-_Traducao_e_a_Letra_2a%20ed_2013.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 09 mar. 2021.

BERMAN, Antoine. Critique, commentaire et traduction (Quelques réflexions à partir de

Benjamin et de Blanchot). **Po&sie**, Paris, v. 1, n. 37, p. 1-19, 01 jan. 1986. Disponível em: [https://po-et-sie.fr/wp-content/uploads/2018/08/37\\_1986\\_p88\\_106.pdf](https://po-et-sie.fr/wp-content/uploads/2018/08/37_1986_p88_106.pdf). Acesso em 09 mar. 2021.

BERMAN, Antoine. La traduction et ses discours. **Meta: Journal des traducteurs**, [S.L.], v. 34, n. 4, p. 672-679, 1989. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/002062ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1989-v34-n4-meta326/002062ar/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileiro e Africana. Brasília ; MEC, 2004.

BOISSEAU, Maryvonne. Les discours de la traductologie en France (1970-2010): analyse et critique. **Revue française de linguistique appliquée**, [s. l], v. 14, n. 1, p. 11-24, 02 jun. 2009. Semestral. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2009-1.htm>. Acesso em: 09 mar. 2021.

BOAVENTURA, M. Edivaldo. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese/Edivaldo M. Boaventura. São Paulo: Atlas, 2004.

BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, Ronnie (orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: UNESP, 2009. 296 p. Tradução de Roger Maioli dos Santos.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. Brasília: Brasiliense, 1986. Disponível em: <http://groups.google.com/group/digitalsource>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CAMPOS, H. de. **Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COLLÈS, Luc. La francophonie au Congo-Kinshasa: pratiques ordinaires et littéraires (1945-1970). **Documents Pour L'Histoire Du Français Langue Étrangère Ou Seconde**, [s. l], v. 1, n. 41, p. 199-210, 01 jan. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/dhfles/127#quotation>. Acesso em: 09 mar. 2021.

CORDELL, Dennis D. *et al.* **Democratic Republic of the Congo: Additional Information**. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Democratic-Republic-of-the-Congo/additional-info#contributors>. Acesso em: 05 abr. 2023.

CORDINGLEY, Anthony. **Self-Translation: Brokering Originality in Hybrid Culture**. Londre: Bloomsbury Academic, 2013.

CROZIER, Michel; FRIEDBERG, Erhard. **L'acteur et le systeme: les contraintes de l'action collective**. Paris: Seuil, 1977.

DALBEN, Tatiany Pertel Sabaini. **A tradução da tradição brasileira: a representação do Brasil em textos turísticos como fonte de construção identitária**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.2008. <https://www.dicionarioinformal.com.br/culturema/>

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 221-247.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: rizoma. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1995. v. 1, p. 11-37. Tradução Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa.

ENCICLOPÉDIA LAROUSSE (comp.). **John Rowlands, devenuto sir Henry Morton Stanley**. Disponível em: [https://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/John\\_Rowlands\\_devenuto\\_sir\\_Henry\\_Morton\\_Stanley/145122](https://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/John_Rowlands_devenuto_sir_Henry_Morton_Stanley/145122). Acesso em: 05 abr. 2023.

ESCRITAS.ORG (org.). **Haroldo de Campos**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/bio/haroldo-de-campos>. Acesso em: 09 mar. 2021.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Os Nuer**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

Even-Zohar, Itamar. "A posição da literatura traduzida no polissistema literário". **Tradução de Montserrat Iglesias Santos revisada pelo autor. Em Teoria do Polissistema, estudo introdutório, compilação de textos e bibliografia** de Montserrat Iglesias Santos. [Bibliotheca Philologica, Série Lecturas] 1999, Madrid: Arco, pp. 223-231.

FERRARI, Aurélia; KALUNGA, Marcel; MULUMBWA, Georges. **Le swahili de Lubumbashi**: Grammaire, textes, lexique. Paris: Karthala, 2014.

FROTA, Maria Paula; MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto; RODRIGUES, Cristina Carneiro. Um breve histórico do GT de Tradução e a sua importância para o desenvolvimento da área em nosso país. **Revista da ANPOLL**. FFLCH/USP, São Paulo, n. 1, p. 67-70, 1994.

FUTURA SCIENCES (comp.). **Lithium : qu'est-ce que c'est ?** Disponível em: <https://www.futura-sciences.com/sciences/definitions/chimie-lithium-12336/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GAMBIER, Yves. Adaptation: une ambigüité à interroger. **Meta**, Montréal, v. 37, n. 3, p. 421-425, set. 1992. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1992-v37-n3-meta337/002802ar/>. Acesso em 09 mar. 2021.

GARNIER, Xavier. Traduire le swahili en français. À propos de Nagona et Mzingile d'Euphrase Kezilahabi. **Études Littéraires Africaines**, [S.L.], n. 34, p. 19-27, 2012. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/1018474ar>

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. 2 ed. São Paulo, Madras, 2009. Tradução de Marcos Malvezzi.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos. Entrevista com José Lambert. **Cadernos de Tradução**, [S.L.], v. 2, n. 22, p. 303-310, 6 fev. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2008v2n22p303>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v2n22p303/9424>. Acesso em: 09 mar. 2021.

GUERINI, Andreia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura e Tradução**: textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178897/Jose%20Lambert%20Literatura%20e%20traducao%202011.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 set. 2021.

GUERINI, A.; TORRES, M. H.; COSTA, W. C. (Org.). **Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Copiart, 2013.

HERMAN, David. **Narratologies**: new perspectives on narrative analysis. Columbus (OH): Ohio State University Press, 1999.

HULSTAERT, M.S.C. G. **Carte linguistique du Congo Belge**. Membre associé de l'Institut royal Colonial Belge, Bruxelles, 1950.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. Tradução de André Cechinel.

JOHNSON, M.A. Translation and Adaptation. **Meta**, Montréal, v. 29, n. 4, p. 421-5, 1984.

JUNOD, Henri A.. **Mœurs et coutumes des bantous**: La vie d'une tribu sud-africaine. Tome 1 : vie sociale. Paris: Payot, 1936. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75297c.texteImage>. Acesso em: 09 mar. 2021.

JUNOD, Henri. **Usos e costumes dos banto**. Campinas: Unicamp, 2009. 436 p. Tradução de Omar Ribeiro Thomaz e Paulo Gajanigo.

KALENGA, Muleka D. **Metodologia da pesquisa em comunicação**. Disciplina ministrada no curso de Pós-Graduação em gestão Estratégica da Comunicação. Vitória da Conquista: Faculdade de Tecnologia e Ciências, 2004.

KALUNGA MWELA-UBI (Marcel). **Njia fupi kwa kujua Kiswahili**. Lubumbashi: Presses Universitaires de Lubumbashi, 2016.

KUPER, Adam. Cultura, diferença e identidade. In: \_\_\_\_\_. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002. <http://pt.scribd.com/doc/100158685/Cultura-diferenca-e-identidade-Adam-Kuper>

LAMBERT, José. Em busca dos mapas-múndi das literaturas. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura e Tradução**: textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 19-37. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178897/Jose%20Lambert%20Literatura%20e%20traducao%202011.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 mar. 2021.

LAMBERT, José. Produção, tradição e importação: uma chave para a descrição da literatura e da literatura em tradução. **Cadernos de Tradução**, [S.L.], v. 35, n. 1, p. 44-55, 26 jan. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp1p44>.

LAURO, Rafael; TRINDADE, Rafael (eds.). **Deleuze – Rizoma. Razão Inadequada**. 21 set.

2013. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

LAY, Maëline Le. KADIMA-NZUJI (Mukala), Théâtre et destin national au Congo-Kinshasa. 1965-1990. Paris : L'harmattan ; Kinshasa. **Études Littéraires Africaines**, [S.L.], n. 34, p. 150-153, 2012. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/1018500ar>.

LAY, Maëline Le, « De la rumeur de la ville à la voix de l'Autorité : les écrits en swahili à Lubumbashi (RDC) », *Journal des africanistes*, 83-1 | 2013, 14-37.

LECLERC, Jacques. **Cours de swahili**. Disponível em: [http://mwanasimba.online.fr/F\\_TABLE.htm](http://mwanasimba.online.fr/F_TABLE.htm). Acesso em 09 mar. 2021.

LECLERC, Jacques. **Congo-Kinshasa** : République Démocratique du Congo. L'aménagement linguistique dans le monde. Québec, CEFAN, Université Laval. 15 abr. 2015. Disponível: <http://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/czaire.htm>. Acesso em: 15 out. 2020.

LE LAY, Maëline. De la rumeur de la ville à la voix de l'Autorité : les écrits en swahili à Lubumbashi (RDC). **Journal Des Africanistes**, [S.L.], n. 83-1, p. 14-37, 1 fev. 2013. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/africanistes.3506>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/africanistes/3506>. Acesso em: 09 mar. 2021.

LUBUMBASHI: mapa político, geográfico e turístico. Lubumbashi: Yabili, 2019. 1 mapa, color.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do NTU**: direitos e deveres no despertar da consciência biocósmica. São Paulo: Polo, 2022.

MERTENS, Georges. **Dictionnaire kiswahili-français et français-kiswahili**. Paris: Karthala, 2006.

MWABA, Marissol. Palavra mágica. Recife: REC n'play, 2018. Música. 4min56sec.

NAUDÉ, Jacobus. Religious translation. In: GAMBIER, Yves e VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translations Studies**. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/hts.1.rel3>. Acesso em 05 abr. 2023.

NICKLAS, Pascal; LINDNER, Oliver. **Adaptation and Cultural appropriation**: Literature, film, and the Arts. Berlin: De Gruyter, 2012.

Paulo Vizioli e Nelson Ascher **Discutem John Donne1 In: Arrojo, Rosemary A813t Tradução, desconstrução e psicanálise/Rosemary Arrojo**. — Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993 – pp 15 – 26.

PETULAY, Alpha. Delight tribal. Álbum de música, 2001.

PINILLA, PULIDO, et al. **A metodologia em História da Tradução**: estado da questão. *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 223-255, 2017.

POPOVIČ, Anton. **Dictionary for the Analysis of Literary Translation**. Edmonton:

Department of Comparative Literature, The University of Alberta, 1976.

PORTELLI, Alessandro. A entrevista de história oral e suas representações literárias. *In*: PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 209- 230.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2017. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri, Juliana Steil.

RDC, Ministère de l'Enseignement Primaire, Secondaire et Professionnel. **Kiswahili, Cahier de lecture 1**. Édition mars 2017.

REGO, Luiz Felipe Urbietta. Peter Burke e seu conceito de tradução cultural. **Revista Litteris**, ISSN: 1983-7429, n8, setembro 2011. Disponível em: <https://www.revistalitteris.com.br/revista8>. Acesso em 09 mar. 2021.

RODRIGUES, Cristina Carneiro; CARDOZO, Maurício Mendonça (ed.). **GTTRAD**. Disponível em: <http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

SANDERS, Julie. **Adaptation and appropriation**. Nova York/Londres: Routledge, 2006.

TRADUÇÃO. *In*: Dicionário Online de Português [Dicio]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/traducao/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

**Tribunal de Paz de Kamina**. Sessão confidencial. República Democrática do Congo, 2019. [Jun. 2019].

SANTOYO, Julio César. Autotraducciones: una perspectiva histórica. **Meta**, [S.L.], v. 50, n. 3, p. 858-867, 2 nov. 2005. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/011601ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2005-v50-n3-meta979/011601ar/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e textos etnográficos nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo: EdUSP, 2000.

SIMON, Sherry. Antoine Berman. Pour une critique des traductions : john donne. paris, éditions gallimard, « bibliothèque des idées », 1995, 278 pages.. **Ttr**: traduction, terminologie, rédaction, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 282-287, 1995. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/037207ar>.

Table ronde sur « Le Swahili comme langue de Culture, d'Enseignement et Grand Véhiculaire inter-africain » Dans *Présence Africaine* 1971/2 (N° 78), pages 49 à 117

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? *In*: TORRES, Marie-Hélène Catherine; FREITAS, Luana de; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura Traduzida tradução comentada e comentários de tradução volume dois**. Fortaleza: Substância, 2017. p. 15-35. 321p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/181534/Literatura%20traduzida.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 mar. 2021.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África**. Brasília: UNESCO/MEC, 2010. v. I: Metodologia e pré-história da África, p.



139-166.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI: ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução? *In*: GUERINI, A.; TORRES, M. H.; COSTA, W. C. (Org.). **Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Copiart, 2013.

VILLETER, Graeme (ed.). **Population Data**, 2021. Disponível em: <https://www.populationdata.net/>. Acesso em 09 mar. 2021.

WOLF, Michaela. “The emergence of a sociology of translation” *In*: WOLF, Michaela Wolf; FUKARI, Alexandra Fukari (eds). **Constructing a sociology of translation**. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 2007.

YABILI, Marcel. **175 millions en 2045**. Lubumbashi: Musée Familial Yabili, 2018. YABILI, Marcel. **50.000 taxes**. Lubumbashi: Mediaspaul, 2016.

YABILI, Marcel. **Au grand beau et riche pays**. Disponível em: <http://congograndbeautrichepays.over-blog.com/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

YABILI, Marcel. **Chine-RD Congo: chronique d’une colonisation choisie**. Paris: L'Harmattan, 2020.

YABILI, Marcel. **État de droit: les contrôles de constitutionnalité par la cour constitutionnelle, les cours et les tribunaux**. Lubumbashi: Pul, 2012.

YABILI, Marcel. **Ikyupo: une étude comparative des conditions de mariage en droit coutumier positif des balamba et des balala du congo et de la zambie**. Lubumbashi: Université Officielle Du Congo, 2019.

YABILI, Marcel. **Je connais mon visage**. RDC: Mediaspaul, 2015. YABILI, Marcel. **Je crois en droit**. Lubumbashi: Bahú-Bab, 2014.

YABILI, Marcel. **Le blog juridique au quotidien (RDC):**. Disponível em: <http://congoreading.over-blog.com>. Acesso em: 09 mar. 2021.

YABILI, Marcel. **Le géant d’Afrique, le géant d’Asie : histoire d’un combat méconnu**. Paris: L'Hartmann, 2012.

YABILI, Marcel. **Les Juridictions Judiciaires: organisation, fonctionnement, compétences en rdc en 2013**. RDC: M. Yabili, 2013.

YABILI, Marcel. **République Démocratique du Congo: deux saisons sans la troisième république**. Paris: Les Impliqués, 2017.

YABILI, Marcel. **Un arbre sur Lubumbashi**. Lubumbashi: Musée Familial Yabili, 2017.